



*A viagem como símbolo de prestígio  
na Trilogia da Vitegiatura  
de Carlo Goldoni*

CLAUDIA MARIA ASTORINO

Dissertação apresentada para a  
obtenção do título de Mestre em  
Língua e Literatura Italiana, sob a  
orientação do Prof. Andrea  
Giuseppe Lombardi

ÁREA DE LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
DEZEMBRO - 2001

*“Para julgar seus escritos  
não sabiam que medida usar  
Por último, a Natureza  
foi chamada a opinar*

*Aos críticos, aos rivais  
a Natureza assim falou:  
todo autor tem seus defeitos,  
mas Goldoni me pintou!”*

Voltaire, 1760

*Dedico o presente trabalho  
à recordação da minha mãe,  
Beatriz.*

## *Agradecimentos :*

Ao Prof. Dr. Andrea Lombardi, meu orientador, pela sua confiança, apoio e inexaurível disponibilidade.

À Profª Drª Aurora F. Bernardini por suas pertinentes críticas e sugestões para a tradução da trilogia.

À Profª Maria Sílvia Betti pelas preciosas sugestões bibliográficas sobre o teatro e a análise das peças.

Ao Prof. Paolo Bosisio, da Universidade de Milão, e consultor do *Piccolo Teatro di Milano*, pela orientação bibliográfica sobre o autor Carlo Goldoni.

Ao Prof. Sergio Ragni, da Universidade para Estrangeiros de Perugia, pelos esclarecimentos sobre a produção teatral de Goldoni e sobre a decadência de Veneza.

A Giancarlo Palmas, ator de teatro da companhia teatral florentina *Il Giglio*, por ter-me introduzido no universo do teatro italiano.

A Roberto De Luca por ter-me apresentado o teatro de Goldoni.

À minha irmã Maria Beatriz Astorino por suas leituras e comentários a respeito da tradução.

A Marcel Alvaro Guedes um especial agradecimento pela consultoria técnica e composição do layout.

À CAPES pela bolsa de estudos que me foi concedida.

## RESUMO

A viagem como símbolo de prestígio na *Trilogia da vilegiatura* de Carlo Goldoni é o objeto do presente trabalho. A análise de passagens determinantes de cada uma das três comédias aponta para a decadência da *Serenissima* e evidencia a imitação, a qualquer custo, do comportamento social da nobreza, por parte da burguesia, na sociedade veneziana do século XVIII.

A tradução da *Trilogia della villeggiatura*, um anexo à disposição dos pesquisadores, tem a intenção de contribuir a divulgar a produção do comediógrafo veneziano, cuja obra ainda não está satisfatoriamente popularizada no Brasil, conforme foi constatado no decorrer da pesquisa.

## RIASSUNTO

Il viaggio come simbolo di prestigio nella *Trilogia della villeggiatura* di Carlo Goldoni é l'oggetto di questa ricerca. L'analisi di alcuni passaggi determinanti di ciascuna delle tre commedie indica la decadenza della *Serenissima* e evidenzia l'imitazione, sempre e comunque, del comportamento sociale della nobiltà da parte della borghesia nella società veneziana del Settecento.

La traduzione della *Trilogia della villeggiatura*, che rimarrà comunque a disposizione dei ricercatori, vorrebbe contribuire a divulgare la produzione del commediografo veneziano, le cui opere non sono state ancora diffuse in maniera soddisfacente in Brasile, da quello che si è potuto riscontrare nel corso di questa ricerca.

## ABSTRACT

Travelling as a symbol of prestige in the Carlo Goldoni's "*Villeggiatura*" trilogy is the object of the present work. The analysis of some determined passages of each of the three comedies points out the decadence of the *Serenissima* and shows the continuous efforts of the bourgeois to imitate the nobility social behaviour in the Eighteenth century Venetian society.

The translation of the *Trilogia della villeggiatura*, which will be left at one's disposal, aims to popularize the Venetian dramatist production, whose works are not properly known in Brasil, as we could realize when doing our research.

## Índice :

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1: <u>GOLDONI E A COMMEDIA DELL'ARTE</u>	
1.1. O desenvolvimento da comédia italiana até a <i>commedia dell'arte</i> .....	12
1.2. Carlo Goldoni, do <i>canovaccio</i> às comédias escritas, ao “desafio das dezesseis comédias”.....	16
1.3. Arlequim e Brighela, da <i>commedia dell'arte</i> ao <i>Arlequim, servidor de dois amos</i> .....	18
1.4. Pantaleão, símbolo da transição de Goldoni, e representante da burguesia...22	
1.5. A reforma do teatro e os conflitos com Pietro Chiari e Carlo Gozzi.....	24
1.6. A língua de Carlo Goldoni.....	29
CAPÍTULO 2: <u>VENEZA, À ÉPOCA DE CARLO GOLDONI</u>	
2.1. O esplendor da <i>Serenissima</i> e o prenúncio da decadência.....	32
2.2. A excelência dos artistas e literatos.....	34
2.3. A fixação pelo prestígio e a imitação das classes superiores.....	35
2.4. A <i>vilegiatura</i> , símbolo de prestígio.....	42
2.5. Análise da peça.....	45
CAPÍTULO 3: <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	
3.1. Goldoni; um moralista?.....	62
TRADUÇÃO DA <i>TRILOGIA DELLA VILLEGGIATURA</i> .....	69
BIBLIOGRAFIA.....	262

## INTRODUÇÃO

Em 1993, em comemoração ao ano do bicentenário da morte de Carlo Goldoni, Ugo Ronfani<sup>1</sup> escreveu um artigo intitulado “Goldoni, um contemporâneo”, no qual o crítico demonstra como a produção de “comédia humana” do autor veneziano permanece atual, o que o torna um “clássico contemporâneo”. Compara-o a Molière e Marivaux, alegando que na obra de Goldoni “encontram-se em relações secretas e profundas o mundo do teatro e o teatro do mundo”, e que, se Jan Kott afirma que William Shakespeare pode ser considerado com justiça “nosso contemporâneo”, o mesmo se aplica a Carlo Goldoni que talvez mereça ainda mais esse título.

Uma das contribuições mais importantes do comediógrafo para o teatro italiano foi, sem dúvida, a reforma realizada pelo grande autor. Tal reforma consiste, principalmente, na passagem da *commedia dell'arte* - cuja característica principal é a ausência de um texto, substituído apenas por uma série de indicações a respeito do desenvolvimento da história - para a comédia cujo texto é escrito por inteiro, e pela aproximação da trama da comédia às experiências vividas pelas pessoas comuns. Não seria, portanto, leviano afirmarmos que Goldoni, antes de mais nada, é um crítico de sua sociedade. Franco Fido nos conta sobre sua preocupação centrada nos ideais humanos e nos concretos problemas da sociedade do seu tempo<sup>2</sup>. Através de suas comédias, pretende chamar a atenção dos espectadores para a decadência eminente da cidade de Veneza, representada pelo avanço de uma nova burguesia, que ansiando pela aproximação das classes superiores, termina por repetir os seus mesmos erros, ou seja, viver em função da aparência, mesmo que para isso seja necessário endividar-se e arriscar a falência<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> MESSINA, Nuccio (org.) *Carlo Goldoni. Vita, opere, attualità*. Roma: Viviani Editore, 1993.

<sup>2</sup> FIDO, Franco. *Guida a Goldoni*. Torino: Einaudi, 1977.

<sup>3</sup> BERTANI, Odoardo. *Goldoni, una drammaturgia della vita*. Garzanti, 1993.

A viagem ilustra bem esta vontade de imitar as classes mais ricas. O tema da viagem sempre fascinou os escritores da península, de Marco Polo a Boccaccio, de Calvino a Umberto Eco, e o célebre advogado, que propôs a reforma do teatro italiano, ambientou algumas de suas comédias em situações de viagem. Se analisarmos sua importante trilogia, a *Trilogia della villeggiatura* (*Trilogia da vilegiatura*), composta pelas comédias *Le smanie per la villeggiatura* (*A fixação pela vilegiatura*), *Le avventure della villeggiatura* (*As aventuras da vilegiatura*) e *Il ritorno dalla villeggiatura* (*O retorno da vilegiatura*), concluímos a importância que a viagem deve ter tido na sociedade burguesa italiana, principalmente na cidade de Veneza do século XVIII, onde muito mais do que uma saudável forma de divertimento, a viagem era uma obrigação social, um “status symbol”, como nos esclarece Odoardo Bertani<sup>4</sup>. As pessoas (nobres decadentes, médios e pequenos burgueses) eram dispostas a sacrifícios para realizar a viagem da temporada. Na primeira comédia da trilogia, *A fixação pela vilegiatura*, percebe-se que as pessoas recorriam a qualquer expediente para viajar, até mesmo contrair dívidas ou não saldar as próprias contas. No século XVIII, todos aqueles que tinham condições financeiras partiam para a vilegiatura, ou seja, viajavam para alguma localidade, geralmente não muito distante da cidade, onde conduziam uma vida frívola, repleta de compromissos sociais. E uma vez instalados nesta estância, todos *recitavam* a mesma vida da cidade, feita de competição social, prepotência, fofocas, traições, e sobretudo, de fixação por uma vida de aparências.

O tema era muito querido a Goldoni, e o mestre veneziano abordou-o em diversas ocasiões. Niccola Mangini<sup>5</sup>, em seu estudo panorâmico sobre o comediógrafo e o tema da vilegiatura contou oito comédias, um *dramma giocoso* e um *intermezzo*, que em diversas situações abordam o tema. Mas foi justamente com a *Trilogia* que Goldoni realizou uma das mais precisas críticas de costumes que teriam promovido a sua fama. Podemos aqui acrescentar que, de maneira análoga ao pintor Pietro Longhi<sup>6</sup>, seu contemporâneo, que conseguiu traçar um *retrato* da sociedade veneziana do século

---

<sup>4</sup> BERTANI, Odoardo. *Goldoni, una drammaturgia della vita*. Garzanti, 1993.

<sup>5</sup> MANGINI, Niccola. *Bibliografia goldoniana 1908-1957*. Veneza-Roma: Istituto per la Collaborazione Culturale, 1961.

<sup>6</sup> Pietro Longhi (1701 - 1785), pintor veneziano, amigo de Goldoni, especializado em cenas de gênero, que retratavam o cotidiano da sociedade veneziana, da plebe aos nobres.

XVIII com suas cenas de gênero, o comediógrafo deu-lhes vida nas representações de suas comédias.

No que diz respeito à crítica social, o próprio Goldoni declarou o seguinte: “Dirão provavelmente alguns que os Autores Cômicos devem certamente imitar a natureza; mas a natureza bela, e não aquela baixa e defeituosa. Eu digo, ao contrário, que tudo é suscetível de comédia, exceto os defeitos que entristecem, e os vícios que ofendem. Um homem que fala rápido e come as palavras enquanto fala, tem um defeito ridículo, que se torna cômico, quando é adotado com equilíbrio, como os gogos. A mesma coisa não aconteceria com um manco, um cego, ou com um paralítico: esses são defeitos que exigem compaixão, e não é adequado expô-los em cena, a não ser que essa característica particular da pessoa defeituosa pudesse tornar divertido o seu próprio defeito”<sup>7</sup>. Esta declaração traduz com muita clareza o seu propósito de utilizar determinadas características de seus contemporâneos para criticar, com certa elegância, a sua sociedade.

Voltando ao tema da viagem, o colaborador do jornal italiano *Corriere della Sera*, Beppe Severgnini<sup>8</sup> afirma que “é moda satirizar os turistas”, mas sabemos que já o era à época de Goldoni, que assim fez não somente com a *Trilogia*, cujo título da primeira comédia - *A fixação pela vilegiatura* - é, por si só, bastante ilustrativo. Mostra-nos que, assim como hoje os sociólogos contemporâneos afirmam que viajar é um *status symbol*, à época esse conceito era ainda mais verdadeiro, pois sair em vilegiatura era uma verdadeira obrigação social.

A trilogia, objeto do presente estudo, é disposta da seguinte forma: preparativos para a partida de Livorno e introdução aos envoltivos amorosos, as férias em Montenero –que será interrompida alguns dias mais tarde por um plano arquitetado por Leonardo– e os conflitos que surgem, e finalmente, a terceira comédia nos leva de volta para a cidade, onde os protagonistas devem resolver os problemas que se criaram durante o curto período que passaram em Montenero. O próprio Goldoni nos resume as três comédias da seguinte forma:

---

<sup>7</sup> In MESSINA, Nuccio (org.) *Carlo Goldoni. Vita, opere, attualità*. Roma: Viviani Editore, 1993.

<sup>8</sup> SEVERGNINI, Beppe. *Italiani con valigia*. Milano: Rizzoli, 1997.

“Eu concebi ao mesmo tempo a idéia de três comédias consecutivas [...] Na primeira observamos os insanos preparativos; na segunda o comportamento absurdo; na terceira as conseqüências amorosas que provém das férias”.<sup>9</sup>

Goldoni não era um grande amante de comédias cujas histórias são retomadas na comédia seguinte; muito pelo contrário, das aproximadamente cento e setenta comédias que escreveu, somente duas ou três prevêm esta continuação, mas acreditava, que com o tema dessa viagem, não teria podido concebê-la de outra forma.

As personagens permanecem quase as mesmas nas três comédias, exceto por algumas ausências como a da tia de Jacinta, a qual encontramos na segunda comédia, enquanto na terceira é somente mencionada.

As duas moças da trilogia – protagonista e antagonista – com os seus frenéticos preparativos para a viagem representam plenamente aquela classe não nobre, mas também não popular; “a sociedade daqueles burgueses que, privados dos meios necessários sonham em ‘aparecer’ como se fossem ricos realmente”, como bem define Sergio Torresani<sup>10</sup>. Jacinta e Vitória, muito mais do que rivais no amor pelo coração do jovem Guilherme, competem na sociedade, chegando ao ponto de deixar em segundo plano até mesmo seus projetos de casamento para ocupar-se do *mariage*, vestido da moda de inspiração francesa, que ambas querem levar consigo na viagem a Montenero. As duas moças nos recordam as preciosas ridículas da comédia homônima de Molière, onde as virtudes de uma pessoa eram medidas pelos acessórios que enfeitavam suas roupas. Na verdade, tal comparação é fundamental, uma vez que Paris exercia uma grande influência sobre os costumes italianos.

Na primeira comédia, Leonardo, irmão de Vitória, como também noivo de Jacinta, tem uma preocupação constante; impressionar seus conhecidos, mesmo que para isso seja necessário endividar-se, embora saiba que não terá como saldar suas dívidas quando voltar da temporada em Montenero. E é exatamente isto que acontece quando retorna a Livorno; encontra seus credores à porta de sua casa e sabe que não poderá contar com

---

<sup>9</sup> Prólogo (*I, autore a chi legge*) da *Trilogia da vilegiatura*.

<sup>10</sup> TORRESANI, Sergio. *Invito alla lettura di Carlo Goldoni*. Milano: Mursia, 1997.

o seu tio Bernardino que, com sarcasmo, zombará do comportamento frívolo do sobrinho em relação à sua prioridade absoluta: o prestígio social.

No entanto, apesar de tudo, Leonardo não se arrepende do seu comportamento, não obstante finja estar arrependido para convencer o tio rabugento a ajudá-lo a pagar as suas contas. O tio, embora não goze da simpatia do leitor em virtude de sua personalidade sovina, representa, no entanto, o bom senso, pois discursa sobre a falta de responsabilidade e imaturidade do sobrinho, que não mede esforços e sacrifícios para viajar a Montenero, como era de praxe.

Na outra família protagonista, Felipe, pai de Jacinta, se confessa cansado de se deixar explorar por parasitas como Ferdinando, que viaja sem nunca ter que gastar um centavo, pois tem a certeza que, em Montenero, receberá vários convites, pois as pessoas farão de tudo para conquistá-lo para evitar que o mesmo possa revelar a outras pessoas os seus segredos mais íntimos, que Ferdinando sempre consegue descobrir para usar a seu favor. Fulgêncio, sensato e sincero amigo de Felipe, não se conforma com a situação de seu amigo, que se vê forçado a ir para a vilegiatura para corresponder a uma obrigação social. Quando ouve de Felipe que o mesmo será obrigado a enfrentar mais uma vez a situação da viagem somente para satisfazer as expectativas de Jacinta, tenta convencê-lo a ignorar os caprichos da filha, mas Felipe acaba cedendo à tirania da mesma. Todavia, a protagonista não é a única a expressar tal pretensão. Vitória, sua antagonista, com receio que seu irmão não consiga juntar todo o dinheiro necessário para a vilegiatura, revolta-se contra o seu tio, culpando-o por não financiar os preparativos para a viagem, embora seja um homem de posses.

Podemos observar, portanto, que a fixação pela vilegiatura não traduz, de forma alguma, a vontade de mudar de ares, de conhecer novos lugares, ou ainda, a necessidade de repouso. É somente fruto da fixação em *ser notado* na sociedade, freqüentando as mesmas pessoas que freqüentam na cidade. Não sair de férias significaria ser excluído daquela classe, a qual pode se dar ao luxo de fazê-lo. E isso, para a pequena burguesia, representaria uma verdadeira desgraça.

Seria, afinal, Goldoni um moralista? Ou estaria somente antecipando o fenômeno do turismo de massa, cujo prestígio que resulta desta atividade é uma de suas principais motivações? Essa pesquisa tem, portanto, o objetivo de discutir tais questões e de

analisar em que medida a viagem era realmente um símbolo de prestígio na *Trilogia da vilegiatura*.

## CAPÍTULO 1: CARLO GOLDONI E A COMMEDIA DELL'ARTE

### 1.1. O desenvolvimento da comédia italiana até a *commedia dell'arte*

Já no início do século XV, como nos sugere Sergio Ragni<sup>1</sup>, surgem as primeiras comédias renascentistas. Têm como modelo as comédias de Plauto, redescobertas pelos humanistas sob forma de traduções e representações. Por esse motivo, as comédias desse período foram denominadas *Comédias eruditas*<sup>2</sup>. Na cidade de Ferrara deu-se a primeira representação de uma comédia desse gênero, que devido ao grande sucesso alcançado, serviu de modelo para muitas outras comédias, que vieram em seguida. Esse sucesso deve-se, sobretudo, à entusiasmante comicidade de Plauto, com seu gênero brincalhão e pagão da vida, o que se encontra em perfeita harmonia com o hedonismo que imperava nas cortes de então.

O autor de *Orlando Furioso*, Ludovico Ariosto, é também autor da primeira comédia de corte, *La Cassaria*. A mesma foi representada em 1508 na cidade de Ferrara, que nos primórdios do século XVI, é a cidade italiana da vanguarda do teatro, onde já vimos que tinha sido representada a primeira comédia traduzida de Plauto. Ariosto jamais escondeu que se inspirara nas comédias do grande comediógrafo latino. A paródia do título é bastante óbvia (*Cassaria* como *Asinaria* de Plauto<sup>3</sup>, porém não é a única evidência da inspiração. É sobretudo a estrutura, o elemento mais marcante que Ariosto toma emprestado de seu precursor latino:

*Um jovem ama uma donzela, quase sempre uma escrava; um servidor astuto vem em sua ajuda inventando truques e mentiras para tomar de um velho (geralmente o pai da jovem) o dinheiro necessário para resgatá-la. Nascem várias dificuldades – inclusive algumas criadas por um segundo servidor, tolo – que o empregado astuto consegue superar, até o momento do final feliz, no qual ocorre sempre uma revelação, como por exemplo, que a jovem, na verdade, é filha de algum personagem importante e que assim poderá se casar com o rapaz apaixonado sem nenhum problema.*<sup>4</sup>

Em pouco tempo, ao modelo de Plauto, junta-se também o das novelas do *Decamerão*, de Boccaccio, que, além de possuir um esquema semelhante ao que esboçamos acima, como o da

<sup>1</sup> RAGNI Sergio. *Il teatro italiano dalle origini alla Commedia dell'Arte*. (Cadernos didáticos). Perugia: Università per Stranieri di Perugia, 2000.

<sup>2</sup> idem.

<sup>3</sup> ibidem.

<sup>4</sup> ibidem.

revelação da verdadeira condição de uma das personagens<sup>5</sup>, apresentam um realismo inusitado através de uma sociedade e uma mentalidade burguesa, rica e refinada, próxima à da corte renascentista. Não é um mero acaso que, até mesmo três séculos mais tarde, algumas das cem novelas tenham sido fonte de inspiração para Molière<sup>6</sup>. Desde o início, Boccaccio apoia, essencialmente, na realidade e na temática contemporânea a sua obra, que não é mais uma epopéia como as obras de seus antecessores, mas um esquema, cuja estrutura pode ser equiparada a uma comédia; narração de homens de seu tempo e de seus problemas. “É, sobretudo, a fábula de amor, que se afasta dos tons épicos ou líricos ou romanceados, para se apresentar geralmente como uma intriga bastante popular, no triângulo essencialmente burguês e atraente dos boatos da cidade”<sup>7</sup>. Essas características constituem uma atração a mais para as novelas do *Decamerão*. Sua influência na comédia de corte é, portanto, compreensível, sobretudo porque nas novelas de Boccaccio a estrutura é bastante análoga, uma vez que a fábula muitas vezes se baseia em um amor correspondido, mas proibido. No entanto, no *Decamerão*, a mulher não é mais uma escrava, como no exemplo citado, e nem sempre é tão jovem, muitas vezes trata-se de uma mulher madura, mas sempre casada com um velho tolo. Portanto, o problema do jovem não é mais o de encontrar dinheiro para poder ficar com sua amada, mas sim, o de distanciar o marido para poder ficar com sua mulher, nem que, para isso, seja necessário raptá-la. A décima novela da segunda jornada nos exemplifica bem, como a astúcia e a juventude do amante apaixonado acabam por convencer até mesmo as esposas mais virtuosas:

*Paganino da Mônaco rouba a esposa do Senhor Ricardo de Quinzica; sabendo onde ela está, este vai até lá e se faz amigo de Paganino. Solicita-lhe que devolva a esposa, e ele, desde que ela o deseje, atende-o. Contudo, ela não deseja voltar para junto dele; morrendo o Senhor Ricardo, torna-se esposa de Paganino*<sup>8</sup>.

Esta situação é mais escandalosa e permeada de erotismo do que as precedentes, sobretudo, porque introduz o adultério, que fere uma instituição fundamental da sociedade burguesa da época, que se baseia em princípios morais: o matrimônio. Muitas são as protagonistas femininas do *Decamerão*, que cometem o adultério, sendo entre elas a Senhora Felipa, ao nosso ver, a mais bem sucedida.

<sup>5</sup> Sétima novela da quinta jornada do *Decamerão*.

<sup>6</sup> A comédia *A Escola de maridos* é inspirada na terceira novela da terceira jornada, e a comédia *Os ciúmes de Barboüillé* é inspirada na quarta novela da sétima jornada do *Decamerão*.

<sup>7</sup> BRANCA, Vittore. Saggio introduttivo. In BOCCACCIO. *Decamerão*. Torino: Einaudi, 1992.

<sup>8</sup> BOCCACCIO. (Tradução de Torrieri Guimarães). *Decamerão*. Introdução à décima novela da segunda jornada. São Paulo: Abril, 1979.

*A Senhora Felipa é encontrada, pelo seu marido, na companhia de um seu amante; chamada ao tribunal, responde de maneira espontânea e agradável; e, com isto, livra-se da pena e faz, ao mesmo tempo, com que o código seja modificado*<sup>9</sup>.

Hilário, e ao mesmo tempo, libertador, é o argumento que a Senhora Felipa usa no tribunal em sua autodefesa: “...Pergunte ao meu marido, se eu me entreguei toda, inteirinha, ou não, a ele, sempre e quantas vezes ele o desejou, sem nunca me recusar [...] se ele recebeu e tomou sempre de mim aquilo de que necessitava, e que era de seu agrado, que devo eu fazer com o que lhe sobra? Devo atirar isto aos cães? Não é muito mais acertado, pois, servir um gentil-homem [...] do que consentir em que aquela sobra se perca, ou até permitir que deteriore?”<sup>10</sup>.

É, portanto, a argúcia da senhora Felipa, aliada à sua presença de espírito, que a salvam, e não a sua argumentação esdrúxula, embora o seu discurso seja plenamente permeado de um talentoso jogo de palavras, que corresponde ao tema da sexta jornada do *Decamerão*, “na qual se discorre de quem, tentado com alguma frase elegante, consegue salvar-se por meio de resposta rápida, ou mesmo de esperteza, fugindo da perda, de perigo, ou de zombaria”<sup>11</sup>.

E é justamente o adultério que será o tema da principal comédia renascentista, *A Mandrágora* de Niccolò Machiavelli. Nela, o jovem Calímaco não dispensa as mais rocambolescas artimanhas para poder consumir o amor, que, desesperadamente, nutre por sua amada Lucrécia, virtuosa esposa do velho e tolo Messer Nícia. Também Molière deixou-se fascinar por esse tema, e não ignorou o seu precursor Boccaccio, cujo *Decamerão* serviu, certamente, de inspiração para *A escola de maridos* e para *Os ciúmes de Barbouillé*<sup>12</sup>. O adultério é o tema principal de algumas de suas comédias, como por exemplo, *George Dandin*, farsa, ou seja, gênero teatral cômico, grotesco e bufão, na qual, desde o princípio, fica evidente a traição praticada pela jovem esposa do protagonista, cujo nome foi escolhido, ironicamente, pelo comediógrafo francês, como *Angélique*, quando na verdade a mesma não demonstra, nem mesmo, vestígios angelicais.

Carlo Goldoni, por sua vez, soa mais moralista, no que diz respeito ao adultério. Na comédia *A esposa sábia (La moglie saggia)*, o conde Otávio se casa com Rosaura, filha do mercador Pantaleão de Bisognosi, e uma vez farto de sua paixão, começa a encontrar-se, com

---

<sup>9</sup> BOCCACCIO. (Tradução de Torrieri Guimarães). *Decamerão*. Introdução à sétima novela da sexta jornada. São Paulo: Abril, 1979.

<sup>10</sup> BOCCACCIO. (Tradução de Torrieri Guimarães) *Decamerão*. Sétima novela da sexta jornada. São Paulo: Abril, 1979.

<sup>11</sup> BOCCACCIO. (Tradução de Torrieri Guimarães). *Decamerão*. Introdução à sexta jornada. São Paulo: Abril, 1979.

<sup>12</sup> BOCCACCIO. *Decamerão*. Terceira novela da terceira jornada e quarta novela da sétima jornada, respectivamente.

regularidade, com a marquesa Beatriz, o que sugere uma relação extraconjugal entre os dois. Todavia, no terceiro e último ato, após ter planejado o assassinato por envenenamento da mulher, Otávio é tomado por um forte sentimentalismo, arrepende-se de todos os seus atos, e concorda em se mudar para Roma com a esposa e o sogro, para afastar-se da tentação representada por Beatriz. Esta solução resulta artificial, quase inexplicável. O adultério, portanto, de elemento somente cômico, torna-se elemento moral.

Em 1513, na cidade de Urbino, Bibbiena (pseudônimo do cardinal Bernardo Dovizi) consegue estabelecer uma fusão entre os modelos de Plauto e Boccaccio<sup>13</sup>, com a comédia *A Calandria* (*Calandr* como Calandrino, da terceira novela da quarta jornada do *Decamerão*, na qual se fala daqueles cujos amores tiveram fim infeliz, e o sufixo *ia* como o das comédias de Plauto). Até mesmo a história consegue misturar os dois modelos, embora a situação seja tomada da comédia *Menecmi* de Plauto<sup>14</sup>, onde dois irmãos gêmeos ignoram a existência um do outro, e em determinado momento, ambos se encontram na mesma cidade, dando origem a uma grande série de equívocos, pois as outras personagens não sabem que se trata de dois irmãos e não somente de um<sup>15</sup>. No entanto, na comédia de Bibbiena, como havíamos dito, o modelo *boccacesco* também está presente, principalmente porque nela os gêmeos são de sexo diferente, e em situações inusitadas, o irmão veste-se de mulher, e a irmã veste-se de homem. Situação semelhante encontraremos na comédia *Arlequim, o servidor de dois amos*, de Goldoni, onde Beatriz veste-se com roupas de homem, fingindo ser seu irmão já morto, quando vai a Veneza, à procura de seu amado Florindo.

Outra evidência da influência de Boccaccio, é o adultério praticado pela mulher do velho tolo Calandro.

Em seguida, dar-se-á o desenvolvimento da *commedia dell'arte*, gênero que com suas máscaras e crítica de costumes, em muito influenciara os maiores comediógrafos do séculos XVII e XVIII; Molière e Goldoni, respectivamente.

---

<sup>13</sup> RAGNI. Sergio. *Il teatro italiano dalle origini alla Commedia dell'Arte*. (Cadernos didáticos). Perugia: Università per Stranieri di Perugia, 2000).

<sup>14</sup> idem.

<sup>15</sup> Mais tarde, a mesma comédia será a inspiração de Shakespeare, para a sua *Comédia dos erros*, e para o próprio Goldoni, com *Os gêmeos venezianos*.

## 1.2. Carlo Goldoni, do *canovaccio* às comédias integralmente escritas, ao “desafio das dezesseis comédias”

Siro Ferrone observa que Carlo Goldoni foi um autor “prolífico” e “versátil”<sup>16</sup>. Ainda em sua juventude compôs uma série de obras distintas; comédias, *intermezzi farseschi*, tragédias, tragicomédias, textos para melodramas sérios ou divertidos, poesias, além, é claro, de um grande número de *canovacci* – esquemas de representações para situações de *commedia dell’arte*. Na maturidade, conseguiu atingir um total de mais de 170 obras, divididas entre esses variados gêneros, embora a predominância das comédias seja evidente. Este era o tipo de espetáculo que lhe permitia alcançar todo tipo de público. “Por um lado agradava ao público dos teatros mercantis habituados ao riso elementar, por outro permitia contentar os literatos, na época engajados em realizar o que se chamava a reforma dos teatros”<sup>17</sup>. De fato, sua produção, além de rica, sempre agradou às mais variadas camadas da sociedade *settecentesca*, que freqüentavam o mesmo teatro com um único objetivo: assistir a uma comédia do autor veneziano. “Não se negou jamais a nenhum público e continuou por toda a vida buscando o consenso deste e daquele ambiente: dos círculos reservados e restritos, de boa cultura, como as sociedades arcádicas, as academias, os salões aristocráticos, às platéias populares e desorganizadas dos teatros venezianos, onde povo, burguesia e patrícios expressavam uma audiência exigente e elementar, unificada por um ponto material comum, o pagamento do bilhete”<sup>18</sup>. De acordo com o que o próprio autor declarou em suas *Mémoires*<sup>19</sup>, escreveu sua primeira comédia aos nove anos, embora muitos estudiosos, atentos ao desenvolvimento da sua vida, tenham nos revelado a inexatidão dessa informação. Nessa mesma idade dedicou-se à poesia, e foi justamente através de uma poesia, *O colosso*, sátira contra as mulheres de Pavia, que se demonstravam hostis no confronto dos estudantes, que o autor conseguiu, aos dezoito anos, a sua primeira discórdia, sendo até mesmo expulso do colégio Ghislieri, onde estudava na cidade lombarda. Com vinte e três anos escreve seus primeiros *intermezzi*: *O bom pai* e *A cantora*. Três anos mais tarde, após ter queimado o drama para música *Amalasantia*, que tinha sido recusado por não ter seguido determinadas regras, escreve a bem-sucedida *As indignações amorosas (Gli sdegni amorosi-Il gondoliere veneziano)*.

<sup>16</sup> MESSINA, Nuccio (org.) *Carlo Goldoni. Vita, opere, attualità*. Roma: Viviani Editore, 1993.

<sup>17</sup> *idem*.

<sup>18</sup> *ibidem*.

<sup>19</sup> GOLDONI, Carlo. *Memorie*. Torino: Einaudi, 1993.

Após uma série de contratempos, que, de certa forma, determinaram a sua partida de Veneza, encontra em Verona, o *capocomico* Giuseppe Imer, que o convida a regressar à sua cidade natal. Assume um compromisso com o cavalheiro Michele Grimani, de escrever para o teatro San Samuele, onde permanecerá até 1745, ano em que escreverá *Arelquim, o servidor de dois anos* – primeiramente, em uma versão escrita somente parcialmente - especialmente para Sacchi, ator que interpretava sempre a máscara de *Truffaldino*. Dois anos antes, no entanto, já havia escrito a comédia *A mulher educada (La donna di garbo)*, que, embora muito criticada, constitui um marco de fundamental importância para sua carreira, e para todo o teatro cômico, que estava por vir, pois tratava-se de sua primeira comédia escrita por inteiro, deixando, dessa forma, bem pouco à improvisação dos atores, que assim estavam acostumados, como veremos mais adiante em um trecho selecionado de *O teatro cômico (Il teatro comico)*.

Na primavera de 1748, abandona, definitivamente, a carreira de advogado, que seu pai lhe havia planejado, e no teatro Santo Angelo de Veneza, apresenta com sucesso *A viúva sagaz (La vedova scaltra)*, história de uma viúva astuta que, preanunciando *Mirandolina*<sup>20</sup>, seduz seus pretendentes, sem deixar-se seduzir pelas posses e títulos dos mesmos. Um ano mais tarde, durante o carnaval, a montagem de sua mais recente peça *A moça honrada (La putta onorata)*, é bem recebida pelo público veneziano, que aguarda com crescente ansiedade o anúncio de cada nova obra do comediógrafo.

No ano seguinte, 1750, novo sucesso, *A família do antiquário (La famiglia dell'antiquario)*, comédia de costumes, que narra o conflito entre Isabela, nobre decadente e sua nora, burguesa em ascensão, enquanto seu marido permanece alheio às diferenças das protagonistas femininas, gastando, sem medidas, todo o seu dinheiro com bugigangas sem valor, que oportunistas lhe oferecem como verdadeiras peças de antiquário, que é a sua paixão.

No entanto, no mesmo ano, Goldoni conhece a frieza do público, ao qual não agrada a sua nova comédia *O herdeiro de sorte (L'erede fortunato)*, e numa tentativa de aplacar a insatisfação dos espectadores, compromete-se a escrever para a nova estação teatral (1750-1751), nada menos do que dezesseis comédias.

Mas deixemos que seja Plácida, a primeira atriz da peça *O teatro cômico (Il teatro comico)*<sup>21</sup>, a relembrar o notável empreendimento de Goldoni, que conseguiu escrever, como havia prometido, as dezesseis comédias em um ano. Sigamos o diálogo que segue:

---

<sup>20</sup> Protagonista da comédia *Mirandolina (La locandiera)*.

<sup>21</sup> Esquema de teatro dentro do teatro, mais tarde utilizado também por Pirandello em *Seis personagens em busca de autor*, embora com objetivos distintos.

PLÁCIDA: O autor que nos fornece as comédias, já escreveu, somente neste ano, dezesseis; todas novas, todas de caráter, todas integralmente escritas. Vamos encenar uma delas.

EUGÊNIO: Dezesseis comédias em um ano? Parece impossível.

HORÁCIO: Mas é verdade, ele realmente escreveu. Tinha se comprometido a escrevê-las, e assim o fez.

EUGÊNIO: Quais são os títulos das comédias escritas em um ano?

PLÁCIDA: Vou lhe dizer todos: *O teatro cômico, Os caprichos das mulheres, O café, O mentiroso, O adulator, Os poetas, A Pamela, O cavalheiro de bom gosto, O jogador, O verdadeiro amigo, A falsa doente, A mulher prudente, A incógnita perseguida pelo bravo impertinente, O aventureiro honrado, A mulher volúvel, As fofocas das mulheres.*

A bem da verdade, nem todas podem ser consideradas verdadeiras obras-primas, mas algumas conquistaram definitivamente um lugar entre as principais comédias do autor.

### 1.3. Arlequim e Briguela, da *commedia dell'arte* ao *Arlequim, servidor de dois amos*.

Reconhecida como uma das máscaras mais famosas da *commedia dell'arte*, Arlequim tem sua origem em um dos bairros pobres de Bérgamo<sup>22</sup>. Veste-se com calças aderentes e com uma túnica sem gola, presa na cintura. A roupa é feita de retalhos, cujas cores modificaram-se no decorrer dos séculos. Seu chapéu de feltro é pequeno e redondo, levantado em uma das partes com uma cauda de coelho ou de lebre, em memória de seu passado de caçador. Seus sapatos não têm salto e são aderentes aos pés. Sua túnica está sempre presa na cintura por um cinto, no qual ele leva seu *batocio* – bastão em forma de pá usado pelos bergamascos para mexer a polenta e para conduzir as vacas no pasto – e uma *scarsella*, espécie de *pochette*, onde guarda pão, dinheiro e, eventualmente, a carta do patrão que lhe cabe entregar. Sua máscara é de couro preto, com aberturas circulares para os olhos. A máscara acentua suas bochechas, lembrando, dessa forma, os diabos que povoavam as representações medievais.

Na *commedia dell'arte*, a máscara Arlequim é um *zanni*, um servo que busca, incansavelmente, a melhor maneira de sair-se bem em qualquer situação. É muito ágil, um verdadeiro acrobata, que corre, faz piruetas, anda com perna-de-pau, pula... Está sempre com fome e não mede esforços para satisfazer essa sua necessidade, mesmo que, para isso, tenha que enganar, trair, mentir ou fazer despeitos<sup>23</sup>.

Muitas foram as máscaras que se originaram em Arlequim: *Truffaldino, Pasquino, Tabarrino, Tortellino, Naccherino, Gradellino, Mezzettino, Polpettino, Nespolino, Bertolino, Fagiolino, Trappolino, Zaccagnino*<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> BABUDER, Bruna. TRECCANI, Eliana. *Maschere: la storia "segreta"*. Colognola ai Colli: Demetra, 2000.

<sup>23</sup> idem.

<sup>24</sup> ibidem.

Goldoni mantém a máscara de Arlequim em algumas de suas primeiras comédias, mas é justamente na sua obra mais célebre, *Arlequim, o servidor de dois amos*, que o encontramos como protagonista, sob o nome de *Truffaldino* - embora, como reconhece o próprio autor<sup>25</sup>, a sua participação poderia ser suprimida da peça, sem alterar a intriga principal - mantendo as características já mencionadas. É uma comédia de equívoco, pois *Truffaldino*, como sugere o título, serve, contemporaneamente, a dois patrões. O autor defende a veracidade do equívoco na introdução à comédia “Poderia parecer um absurdo para os escrupulosos, que Truffaldino conseguisse manter o equívoco dos dois empregos, até mesmo na frente dos dois amos, justamente por isso, porque nenhum deles o chama pelo nome; pois se ao menos uma vez, seja Florindo, como Beatriz, no terceiro ato, dissessem “Truffaldino”, ao invés de dizer sempre *o meu servidor*, o equívoco seria desfeito, e a comédia, então, terminaria. Mas, desses equívocos, sustentados pela arte do autor, as comédias estão cheias [...]”<sup>26</sup>. Tem razão o mestre veneziano, pois o equívoco, embora muitas vezes possa parecer inverossímil, é o elemento usado como base por muitos dos mais célebres comediógrafos: de Plauto a Shakespeare, de Molière ao brasileiro Suassuna. Justamente a propósito de Molière, não podemos nos esquecer que um dos pontos mais altos de uma de suas principais comédias, *O Avaro*, é justamente o diálogo entre Harpagão e Valério, totalmente baseado em um equívoco de palavras, onde o primeiro fala de seu tesouro em sentido literário, enquanto o segundo interpreta-o como se o velho avaro se referisse à sua filha como tesouro. Célia Berrettini<sup>27</sup> nos mostra que acontece o mesmo mal-entendido, na comédia de Plauto, em diálogo semelhante entre Euclião e Licônides. A propósito de equívoco e de seu mecanismo, Bergson<sup>28</sup> nos fornece uma definição bastante clara:

*“Cada uma das personagens está inserida numa série de acontecimentos que lhe concernem, dos quais ela tem a representação exata e sobre os quais regula suas palavras e seus atos. Cada uma das séries que diz respeito a cada uma das personagens se desenvolve de maneira independente, mas num dado momento elas se encontram em condições tais que os atos e as palavras que fazem parte de uma podem bem convir à outra... O autor deve constantemente empenhar-se para trazer-nos para este duplo fato: a independência e a coincidência. Habitualmente, ele consegue isso, renovando sem repouso a falsa ameaça de uma dissolução entre as duas séries que coincidem. A cada instante tudo vai estourar e tudo se reajusta...”*

<sup>25</sup> Prefácio (*L'autore a chi legge*) de *Arlequim, servidor de dois amos*.

<sup>26</sup> *idem*.

<sup>27</sup> BERRETTINI, Célia. *O teatro ontem e hoje*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

<sup>28</sup> BERGSON, H. *Le rire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

*Truffaldino*, portanto, na tentativa desesperada de manter os dois empregos, e consequentemente, os dois salários, não tem escrúpulos em aceitar as duas ofertas de trabalho, muito pelo contrário, sente-se, por esse motivo, privilegiado. “Ah, essa é boa! Tem um monte de gente procurando um patrão, e eu achei dois”<sup>29</sup>. Mas ao mesmo tempo, dá-se conta da dificuldade que será servir a ambos, mas acaba se convencendo, quando percebe as vantagens que esse duplo serviço poderia lhe proporcionar: “Como diabos eu vou fazer? Não posso ser o servidor dos dois. Não? E por que não? Não seria uma ótima coisa trabalhar para os dois, e ganhar dois salários, e comer em dobro? Seria muito bom, se eles não perceberem, e se perceberem, o que eu tenho a perder? Nada. Se um deles me manda embora, eu fico com o outro...”<sup>30</sup>

O autor reconhece também que há uma grande distância entre as características de seu comportamento, ora demasiado tolo, ora demasiado astuto, e assim, justifica-se a respeito da personalidade de *Truffaldino*: “Tolo quando age sem pensar [...]; extremamente astuto quando age com malícia...”<sup>31</sup>.

Confirmando seu caráter de Arlequim, *Truffaldino* está sempre com fome, e queixa-se constantemente de seus dois patrões que o deixam sem comer.

*“Estou cansado de esperar, que não agüento mais. Com esse meu patrão eu como pouco, e mesmo esse pouco ele me faz esperar. Faz meia hora que já o sino tocou meio-dia, e o meio-dia da minha barriga já tocou há duas horas...”*<sup>32</sup>.

Reencontraremos Arlequim em muitas outras comédias, não raras vezes em companhia de *Brighela*, outro zanni da *commedia dell'arte*, que representa o servo astuto, enquanto Arlequim representa o servo mais tolo. *Brighela* também é bergamasco, mas, ao contrário de *Arlequim*, nasce nos bairros ricos da cidade de Bérghamo. É astuto, malicioso e engenhoso. Veste-se com amplas calças e túnica brancas, ambas decoradas com fitas verdes, às vezes, sobre a roupa, veste uma capa com as mesmas características.

Na comédia *A esposa sábia (La moglie saggia)*, *Brighela* serve ao conde Otávio e Arlequim à marquesa Beatriz, supostamente, uma amante do conde. A comédia tem início com *Brighela* e *Arlequim*, que juntamente com outros dois servos, não se poupam em comentar a vida dos patrões, introduzindo, com tal recurso, a intriga da comédia.

---

<sup>29</sup> Cena IX – I ato.

<sup>30</sup> idem.

<sup>31</sup> Prólogo (L'Autore a chi legge) de *Arlequim, o servidor de dois amos*.

<sup>32</sup> Cena IX – I ato.

BRIGHELA: É uma vergonha o fato que esse senhor conde, meu patrão, venha aqui para ficar namorando com a senhora marquesa, e deixe desesperada a pobre senhora condessa Rosaura, sua esposa, que é boa como um cordeirinho.

PISTÃO: Sabe o que acontece? O seu patrão arrependeu-se de ter se casado com a filha de um mercador. Ele o fez por amor, e agora, que já se fartou, chegou à conclusão que fez mal.

BRIGHELA: Ele deveria ter pensado antes. Afinal, o senhor Pantaleão é um mercador rico e educado.

ARLEQUIM: O seu patrão fez mal em não se casar com a minha patroa. (*Para Brighela*).

(Cena I – Ato I)

Mais tarde, com *O teatro cômico (Il teatro comico)* - cuja estória consiste no relacionamento entre o *capocomico*, Horácio, e a sua companhia teatral, que está prestes a encenar uma comédia e assim tem que se encontrar para os ensaios - Goldoni lança a sua idéia de reforma do teatro. Essa peça, embora 'reformada', ainda conserva as mais tradicionais máscaras da *commedia dell'arte veneziana*; Pantaleão, Doutor, Brighela (primeiro *zanni*) e Arlequim (segundo *zanni*). Aos poucos, o autor nos mostra, nas argumentações dos atores, habituados à improvisação da *commedia dell'arte*, a sua insegurança em atuar em uma peça escrita e premeditada, pois receiam não serem capazes de decorar o texto.

Plácida, a primeira atriz é justamente uma exceção e, portanto, defende as *novas* comédias: "...Todo mundo está cansado de ver sempre as mesmas coisas, de ouvir sempre as mesmas palavras, e a platéia já sabe o que o Arlequim vai dizer, antes mesmo que ele abra a boca... estou entusiasmada com o novo estilo, e é só disso que eu gosto". Mas essa cumplicidade com o novo estilo não encontramos em Tonho, que representa o papel de Pantaleão.

TONHO: Sabe o que eu estou sentindo? Um medo, que nem sei mais onde estou.

HORÁCIO: Você está com medo? Do quê?

TONHO: Caro Horácio, vamos deixar de rodeios e falemos o que realmente importa. As comédias de caráter foram representadas com facilidade devido à nossa experiência. Um pobre comediante, que fez seu estudo conforme a arte, e que fez uso de representar bem o mal o que era estabelecido, com a técnica da improvisação, encontrando-se com a necessidade de estudar e de ter que representar o que está premeditado, se tem uma reputação a manter, ele tem que pensar, ele tem que se cansar de estudar, e ele treme sempre, cada vez que se faz uma nova comédia, receando ou de não sabê-la o suficiente, ou de não poder representar seu papel como deve ser feito.

HORÁCIO: Eu concordo que essa nossa forma de representar exige mais trabalho e maior atenção, mas também não aumenta a reputação dos comediantes? Diga-me, sinceramente, com todas as peças da *commedia dell'arte*, você teria sido aplaudido como foi em *O homem prudente*, ou em *O advogado*, em *Os dois gêmeos*, e em tantas outras, nas quais o poeta fez o favor de privilegiar o Pantaleão?

(Cena IV – Ato I)

#### 1.4. Pantaleão, símbolo da transição de Goldoni, e representante da burguesia

*“Da vecchio rustego a uomo di ragione”*

A figura de Pantaleão na *commedia dell'arte* é bem definida. Trata-se de uma das máscaras venezianas mais antigas<sup>33</sup>. Acredita-se que seu nome derive de Pantalone, um santo muito famoso na capital vêneta. Outros defendem a teoria que o nome teria vindo do fato que os venezianos gostavam de personalizar o território conquistado com uma bandeira com o leão de São Marcos. Eram chamados, dessa forma, de *Pianta-leone*. Todavia, a teoria mais lógica justifica o nome pelo hábito que essa personagem tinha, no início das representações, de usar calças muito compridas e aderentes (“pantaloni”).

Na *commedia dell'arte*, Pantaleão é um velho mercador, rico e sovina. Assim como o Doutor, tem um comportamento pedante, falando sem parar e impondo seus conceitos. Seus servos sempre têm fome porque o patrão sempre os manda embora quando chega o momento de sentar-se à mesa. É odiado pelos jovens, cujo amor sempre tenta impedir, de uma forma ou de outra, geralmente negando o dote para que sua filha se case com algum jovem apaixonado, forçando-a, por interesse, a se casar com algum outro mercador velho como ele, mas com fortuna acumulada. Na comédia *O avarento*, de Molière, Harpagão é um típico Pantaleão, pois além de representar as características que acabamos de mencionar, quer se casar com Mariana, jovem que tem idade para ser sua filha, expondo-se ao ridículo e inspirando a antipatia de todos.

No início, o Pantaleão de Goldoni – com nome e sobrenome, Pantaleão de' Bisognosi, era bastante semelhante a essa caricatura. Se observamos suas primeiras comédias, vemos que o autor manteve suas características originais. Na terceira peça de Goldoni, respeitando a ordem cronológica, *A falência (La bancarotta)*, vemos um Pantaleão ainda representado como um velho ridículo, que fatalmente se apaixona por uma beldade bem mais jovem que ele, exatamente como acontecia nos roteiros da *commedia dell'arte*. No entanto, o autor veneziano eliminou por completo qualquer elemento de vulgaridade que, eventualmente, era atribuído ao velho. Como sugere o título da comédia, Pantaleão, por não saber administrar seus negócios com sensatez, vai à falência, e no final da peça, reconhece e arrepende-se de seus erros.

---

<sup>33</sup> BABUDER, Bruna. TRECCANI, Eliana. *Maschere: la storia “segreta”*. Colognola ai Colli: Demetra, 2000.

Portanto, seria injusto não reconhecermos nesse Pantaleão a *mão* de Goldoni, pois não é mais tão somente um velho antipático e inconseqüente, mas como afirma Torresani “é humanamente identificado, e é vivo no seu constante vaivém entre as necessidades do dever e o gosto do prazer, entre o abandono à fraqueza e o sentimento da fraqueza como tal”<sup>34</sup>.

Com o passar do tempo, entretanto, o autor veneziano começou não só a humanizá-lo cada vez mais, como também a torná-lo sábio e sensato, conquistando, assim, a simpatia do público, para que o comediógrafo expressasse, através das falas da personagem, suas idéias de teor moralista.

Já em *A moça honrada* (*La putta onorata*), vemos Pantaleão que, embora nutra um sentimento de atração por Betina, acaba se convencendo que a moça seria mais feliz com o jovem Pasqualinho, que por ironia, no terceiro e último ato, descobrimos ser o seu verdadeiro filho, ao invés de Lélío (como ele acreditava), que, na verdade, era filho do senhor Menego.

O mesmo podemos observar em *A família do antiquário* (*La famiglia dell'antiquario*), onde é justamente Pantaleão que recorda à sua filha Doralice, a sua condição de burguesa e a inutilidade de querer pertencer a uma classe (dos nobres) à qual jamais pertencerão, por mais que empenhem todos os seus bens nesta tentativa.

Em outras peças, no entanto, a personagem, embora com outros nomes, conserva as características antipáticas do Pantaleão primitivo, sem por isso perder uma leitura moralista, principalmente no que se refere à crítica aos gastos imensuráveis da burguesia, como é o caso do tio em *A casa nova* (*La casa nova*). Em outras peças, no entanto, assume um caráter que não é mais sensato, bem sim, insuportavelmente sovina, muito próximo ao Harpagão avarento de Molière. Em *Senhor Teodoro Reclamão* (*Sior Todero Brontolon*), o protagonista é um velho mesquinho, que planeja casar a sua filha com o seu empregado somente porque, dessa forma, estaria dispensado da obrigação do dote, dinheiro do qual Teodoro não quer se privar.

Já em *A casa nova*, o tio mercador, a princípio, pode parecer sovina e rabugento, mas somente porque nos é apresentado pela ótica corrompida de seus sobrinhos, que não aceitam limites na reforma da casa nova do título, para tentar, desesperadamente, comparar-se às classes mais abastecidas.

---

<sup>34</sup> TORRESANI, Sergio. *Invito alla lettura di Goldoni*. Milano: Mursia, 1994.

Quando o tio aparece em cena, fora convidado pela vizinha de Angelito, que se envolve na situação para tentar apaziguar tio e sobrinhos, pois entende que, dessa forma, o tio com a sua sabedoria, terminará por ajudar os jovens imprudentes e alertá-los definitivamente para o perigos das despesas sem limite.

E, finalmente, no que diz respeito à *Trilogia da vilegiatura*, é Bernardino, tio de Leonardo – jovem imprudente, que não mede esforços e despesas para *figurar* na sociedade – que está aqui representando a figura de Pantaleão. Bernardino é apresentado na versão mais arcaica do velho, com seu caráter intransigente. No entanto, ao contrário da impressão negativa que produz no público, representa a racionalidade e o bom senso, pois através de seu comportamento, ignorando o pedido de socorro do seu sobrinho endividado, deixa claro a sua posição em relação a esses pequenos burgueses, que não hesitam em arruinar-se para ostentar uma vida de aparências que não lhes cabem.

### 1.5. A reforma do teatro e os conflitos con Pietro Chiari e Carlo Gozzi

*Goldoni não é um revolucionário, como também não é revolucionária a burguesia veneziana da qual ele se faz porta-voz; mas revolucionário é tornar-se porta-voz desse terceiro estado, fazer da comédia a tribuna de onde ele possa celebrar a si mesmo, as próprias virtudes, os próprios interesses; e para isto, para poder fazê-lo, Goldoni deve revolucionar o velho teatro das máscaras, devolver a humana seriedade e dignidade às máscaras ridículas, despedaçar as convenções teatrais que haviam reduzido as personagens da comédia a poucos abstratos tipos fixos, e abrir o palco à incrível e variada diversidade do caráter e das condições humanas, em toda a sua gama, com todas as suas inumeráveis características<sup>35</sup>.*

“A reforma do gênero cômico e a sua reabilitação à altura da tragédia e do melodrama, são os méritos mais vistosos e historicamente mais relevantes da obra de Goldoni”<sup>36</sup>.

Veneza, à época de Carlo Goldoni, contava sete teatros: dois destinados à ópera séria, dois destinados à ópera bufa e, em número superior, três, destinados à comédia. Portanto, a comédia era certamente um gênero apreciado pelos cidadãos venezianos, que encontravam no teatro não só o local das representações teatrais, mas também ponto de encontro e cenário da vida social.

<sup>35</sup> PETRONIO, Giuseppe. *Il punto su Goldoni*. Roma-Bari: Laterza, 1986.

<sup>36</sup> FERRONE, Siro. *Carlo Goldoni. Vita, opere, critica, messinscena*. Florença: Sansoni, 1991.

Àquela época, a idéia de comédia ainda era associada à da *commedia dell'arte*. Siro Ferrone identifica, portanto, a reforma de Goldoni como uma grande contribuição para o teatro cômico.

*Os mediocres hábitos da sociedade teatral veneziana aparecem resumidos, por convenção (ou por preguiça), sob o título de commedia dell'arte. Entende-se, portanto, por reforma da commedia dell'arte nada além do gosto e dos hábitos incorporados no sistema teatral veneziano*<sup>37</sup>.

Goldoni assumiu a tarefa de superar, no âmbito do teatro, aquele abismo entre literatura e espetáculo, entre texto e cena, que tinha sido formado há dois séculos na Itália. Substituiu à *commedia dell'arte*, ou supostamente comédia da improvisação, a comédia de caráter, ou inteiramente escrita. O esquema da *commedia dell'arte*, onde arte quer significar o ofício do ator, era bastante simples. “É necessário fugir da tentação de encontrar na *arte* as antecipações e os presságios da moderna obra aberta que vai se afirmar nos anos 60 e 70 (do Living Theater, baseado na improvisação, ao Bread and Puppets, que retomaram o uso da máscara)”<sup>38</sup>. Na verdade, a comédia anterior a Goldoni seguia um esquema bastante simples, onde cada ator desempenhava sempre o mesmo papel, representando eternamente a mesma máscara. Desta forma, na prática, muito pouco continha de improvisação; a cada comédia nova cabia as máscaras recitarem as suas partes, já memorizadas. Raras vezes, algum ator era capaz de realmente improvisar uma parte sobre o texto pré-definido, o que, na verdade, fazia com que as comédias fossem somente uma repetição de um modelo saturado. Goldoni percebera muito cedo essa saturação e afirmou que todos já sabiam o que diria Arlequim antes mesmo que ele abrisse a boca. A sua peça *O teatro cômico (Il teatro comico)* figura como um manifesto da sua nova proposta, onde atores habituados a representarem uma máscara sentem-se inseguros quando se vêm obrigados a representar um texto previamente escrito. Não se sentem capazes de decorá-lo, pois não estão preparados para recitar algo que já não esteja em seu limitado repertório. “Esse é o exemplo de *metateatro* de Carlo Goldoni, ou seja, o teatro que manifesta-se no teatro; o que lhe permite aprofundar a ambígua relação entre vida e teatro, entre realidade e ficção, completando o seu ataque à *commedia dell'arte*. Algo muito semelhante será feito por Pirandello, no século XX, ainda que com objetivo distinto, pois na tentativa de transformar em teatro a história dos *seis personagens*, o velho teatro entra em

---

<sup>37</sup> idem.

<sup>38</sup> GIBELLINI, Pietro. Saggio introduttivo. In: GOLDONI, Carlo. *I rusteghi e Sior Todero Brontolon*. Milão: Mondadori, 1993.

crise, explode, e seus mecanismos mais secretos, a autor, assim, nos revela”<sup>39</sup>. A reforma de Goldoni, no entanto, não se limita em propor um modelo de modernização em oposição à *commedia dell’arte*; percorre uma estrada mais ampla. Seguindo os passos de seu precursor Molière, o comediógrafo italiano propõe comédias, cujas histórias sejam verossímeis e cujas personagens não mais sejam máscaras, mas pessoas com características psicológicas. “Em suas comédias a psicologia da personagem está determinada na ação, na relação, com as outras personagens, no contato com a ação concreta, teatral”<sup>40</sup>. Representa, assim, a sua sociedade, com suas virtudes e seus vícios, promovendo uma relação entre teatro e sociedade. Três são os autores que propõem a análise do teatro sob uma reflexão iluminista: Lessing com a *Dramaturgia de Hamburgo* (1750); Diderot com *O paradoxo sobre o autor* (1773-74), e Goldoni com *O teatro cômico*, sendo este último um verdadeiro manifesto; uma lição de teatro, de ética profissional, no qual a partir do exame que faz da *commedia dell’arte*, coloca em prática a sua reforma.

Na estação de 1750-51 também escreveu as *dezesseis comédias novas* que lhe haviam sido encomendadas; entre as quais destacam-se como as mais famosas: *O café* (*La bottega del caffè*), *O mentiroso* (*Il buggiardo*) e *As fofocas das mulheres* (*I pettegolezzi delle donne*). Dois anos mais tarde, escreverá aquela que será considerada por muitos críticos a sua comédia mais perfeita, *Mirandolina* (*La locandiera*), que marcou a definitiva passagem da *commedia dell’arte* ao teatro autônomo e independente da rigidez das máscaras.

E é justamente por essa ousadia que será criticado pelos outros homens de teatro da sua época, embora o público pareça seduzido pelo seu teatro, que Goldoni não concebe “como contemplação ou evasão, mas extraordinariamente inserido na vida”<sup>41</sup>. Todos se encantam com suas comédias que ora ridicularizavam uma classe, ora outra; ora fazia uma caricatura do pai opressor, ora criticava os filhos que, com demasiada liberdade, transformavam-se em tiranos.

O seu sucesso, entretanto, provocava a ira de seus rivais; Pietro Chiari e, sobretudo, Carlo Gozzi, cujo irmão Gaspare Gozzi, no entanto, não escondia a sua admiração por Goldoni em seus artigos publicados na *Gazzetta Veneta*, como a crítica indubitavelmente positiva que

---

<sup>39</sup> RAGNI, Sergio. *O teatro italiano, de Goldoni ao período pós-guerra*. (Cadernos didáticos). Perugia: Università per Stranieri di Perugia, 2000.

<sup>40</sup> GIBELLINI, Pietro. Saggio Introduttivo In: GOLDONI, Carlo. *I rusteghi e Sior Todero Brontolon*. Milão: Mondadori, 1993.

<sup>41</sup> DAZZI Manlio. *Carlo Goldoni e la sua poetica sociale*. Turim: Einaudi, 1957.

escreveu para *Os rústicos (I rusteghi)*. “É cheia de engenho, do início ao fim, e pertence ao gênero das comédias de costumes e populares: é impossível relatar o quanto a sua fantasia seja capaz de discorrer sobre esses assuntos”<sup>42</sup>. O ex-jesuíta Pietro Chiari tinha pretensões literárias e também se autoproclamava reformador do teatro; escrevia ações dramáticas, cujas tramas derivavam de romances franceses e ingleses, e comédias venezianas, que copiava do repertório de Goldoni, com o pretexto de corrigi-las, conseguindo realizar, no entanto, somente paródias violentas e vulgares, como fizera com *A viúva sagaz (La vedova scaltra)*, adaptando-a em *A escola das viúvas (La scuola delle vedove)*.

Surge, em seguida, na cidade de Veneza um novo adversário, muito mais perigoso porque inteligente e culto; Carlo Gozzi, o qual, em 1757 inicia uma guerra aberta e implacável contra Goldoni, e até mesmo contra Chiari, em defesa das máscaras e do passado recente da *commedia dell'arte*. Introduce na cidade um novo gênero de comédia, cujo objetivo é o de representar os mais famosos contos de fadas sob uma nova leitura, dramática, misturando, para isto, o estilo sério, fantástico, sentimental e ridículo.

Goldoni, amargurado pela volúvel inclinação do público e pela malícia de seus velhos e novos inimigos, e preocupado com o seu futuro e com a velhice não tão distante, começa a pensar em deixar Veneza, e até mesmo a Itália. Viaja a Parma (1756) a convite do infante Don Felipe, o qual lhe encomenda três comédias, em virtude das quais foi premiado e nomeado poeta da Corte, cargo pelo qual receberia uma pensão anual, e a Roma (1758) a convite do cardeal Rezzonico, parente do novo papa Clemente XIII, onde permanece por seis meses, tendo sido até mesmo recebido no gabinete privado do papa. No entanto, as esperanças dessa última viagem não passam de promessas, e Goldoni retorna depois de dez meses, desiludido a Veneza, onde escreve novas comédias de fundamental importância para sua produção, como *A casa nova (La casa nova)*, onde faz uma pungente crítica à pequena burguesia e à sua frenética preocupação em aparentar ser o que, na verdade, não tem dinheiro suficiente para sê-lo.

Voltaire não se manteve alheio à genialidade do autor veneziano, e no mês de junho de 1760 manda ao marquês Albergati de Bolonha, amigo do comediógrafo, uma poesia, na qual desenha um grande elogio a Carlo Goldoni, o que representa uma espécie de diploma de cidadania européia ao mestre italiano, que obtém um sucesso sempre crescente junto ao *Théâtre de la Comédie Italienne*. Um pouco mais tarde, Voltaire escreve ao próprio Goldoni,

---

<sup>42</sup> GOZZI, Gaspare. “La Gazzetta Veneta”, de 20 de fevereiro de 1760.

celebrando-o como “filho e pintor da natureza”<sup>43</sup> além de chamá-lo de “Molière italiano”, elogiando a simplicidade da trama, a vivacidade do diálogo e a descrição das personagens e dos costumes nas comédias de Goldoni. O mesmo reconhecimento é esboçado por Goethe, o qual durante a sua estada na capital vêneta exclamou, após ter visto a representação de *As brigas em Chioggia (Le baruffe Chiozzotte)*, que, finalmente, poderia dizer de ter assistido a uma comédia<sup>44</sup>. É justamente na nova e última estação que transcorreu em Veneza que Goldoni apresenta a *Trilogia da vilegiatura (Trilogia della villeggiatura)*, outubro-novembro de 1761); *Bom compatriota (Buon compatriotto)*, dezembro de 1761); *Senhor Teodoro Reclamão (Sior Todero Brontolon)*, janeiro de 1762); *As brigas em Chioggia (Le baruffe Chiozzotte)*, também em janeiro de 1762), e finalmente, *Uma das últimas noites de carnaval (Una delle ultime sere di carnevale)*, fevereiro de 1762), que poderia ser classificada como uma alegoria de sua despedida da cidade de Veneza. “Voici la dernière Piece que e donnai à Venise avant mon départ. *Una delle ultime sere di carnevale* (la Soirée des Jours gras), Comédie Vénitienne et allégorique, dans laquelle je faisais mês adieux à ma Patrie (Eis aqui a última peça que eu dei a Veneza antes da minha partida. *Uma das últimas noites de carnaval*, comédia veneziana e alegórica, na qual eu dei o meu adeus à minha Pátria”<sup>45</sup>.

No mês de abril de 1762 parte para Paris, a convite da *Comédie Italienne*. É uma despedida melancólica, pois o verdadeiro motivo que o leva a deixar a sua cidade natal é a situação de conflito gerada pelo seu maior inimigo, Carlo Gozzi. Permanecerá até a sua morte na capital francesa, onde persistirá em realizar a reforma do teatro, que lhe fora obstaculizada na sua cidade natal. Contudo, o ambiente parisiense, ainda muito influenciado pela *commedia dell'arte*, não lhe permitirá de colocar em prática a sua reforma, embora, nesse período Goldoni tenha escrito divertidas comédias como *O leque (Il ventaglio)*, *O ranzinza bondoso (Le bourru bienfaisant)* e *O avaro faustoso (L'avare fastueux)*, entre outras peças em língua francesa. Todavia, a obra mais importante escrita em Paris foi, indubitavelmente, as *Mémoires*, extraordinário relato de todo o seu trabalho.

---

<sup>43</sup> CALENDOLI, Giovanni. Goldoni a Parigi. In: MESSINA, Nuccio (org.) *Carlo Goldoni. Vita, opere, attualità*. Roma: Viviani Editore, 1991.

<sup>44</sup> RONFANI, Ugo. Goldoni, um contemporâneo. In: MESSINA, Nuccio (org.) *Carlo Goldoni. Vita, opere, attualità*. Roma: Viviani Ediotre, 1993.

<sup>45</sup> GOLDONI, Carlo. *Mémoires*, parte II, capítulo XLV.

## 1.6. A língua de Carlo Goldoni

A reforma teatral realizada por Goldoni não se limita à representação, mas também concerne a língua. Evidência disto é que o conflito que o comediógrafo enfrentou com Carlo Gozzi foi muito mais sério justamente porque a polêmica se estendia ao problema da língua, uma vez que o autor conservador era a favor da pureza lingüística, da qual Goldoni tinha se distanciado perseguindo o realismo de expressão.

Assim como a *commedia dell'arte* foi seu ponto de partida, também a língua do teatro de improvisação foi o primeiro degrau em busca de uma língua realista, verdadeira, falada. “Sem Pantaleão não se chega a Cristofolo, ao Senhor Teodoro Reclamão (Sior Todero Brontolon), aos Rústicos; sem a língua dos cortesões, dos patrõesinhos, não se chegaria jamais a um Angelito (Anzoletto); sem a experiência das Esmeraldinhas e das Rosauras, mulheres de honra, não se compreende o nascimento de Mirandolina”<sup>46</sup>.

A Itália unificada, no século XVIII, ainda não era uma realidade e “a ausência de uma língua vive e unitária, que será a questão crucial identificada por Manzoni, havia obstaculizado o crescimento do nosso teatro, cuja palavra acaba limitando-se à palavra-som do melodrama e à palavra-gesto das máscaras”<sup>47</sup>. Essa língua que será incansavelmente buscada por Manzoni no século posterior ao de Goldoni fez com que o autor de um vastíssimo número de composições de teatro soubesse antecipadamente adaptar-se às características e ao ambiente de cada comédia, além, é claro, de respeitar a origem de cada personagem. Dessa forma, Arlequim e Briguela jamais perderão o seu italiano regional (quase dialetal) bergamasco, e Pantaleão manterá sempre a sua *parlata veneziana*.

O comediógrafo consegue, com sucesso, locomover-se com naturalidade na sua experiência trilingüe; italiano, veneziano e francês, encontrando para cada uma destas línguas, uma versão “conversável”, como sugere Pietro Gibellini<sup>48</sup>. “O fundamental problema lingüístico para Goldoni é um problema de comunicação”<sup>49</sup>.

O dialeto aparece para Goldoni como mais um elemento na caracterização das personagens, em um ambiente onde o italiano ainda era língua desconhecida, e o comediógrafo é tão atento

<sup>46</sup> FOLENA, Gianfranco. “Il linguaggio del Goldoni dall'improvviso al concertato” In: *L'Italiano in Europa. Esperienze linguistiche del Settecento*, Turim: Einaudi, 1983.

<sup>47</sup> idem.

<sup>48</sup> GIBELLINI, Pietro. “Saggio introduttivo” In: GOLDONI, Carlo. *Trilogia della vilegiatura*. Milão: Mondadori, 1993.

<sup>49</sup> FOLENA, Gianfranco. “Il linguaggio del Goldoni dall'improvviso al concertato” In: *L'Italiano in Europa. Esperienze linguistiche del Settecento*, Turim: Einaudi, 1983.

à maneira como cada personagem se expressa que as suas comédias em dialeto destacam-se entre as que obtiveram maior sucesso, prova que o uso do dialeto servia não só para caracterizar, mas sobretudo para identificar cada personagem em relação à sua cidade ou bairro de proveniência, classe social e ocupação. É devida a essa preocupação que encontramos alternâncias até mesmo entre as formas venezianas, como, por exemplo: *abuo*, *avù* e *avudo* para o particípio passado do verbo *avere* = ter, e *fiói* e *fioli* para *figli*, *figlioli* = filhos.

Particularmente, em relação à *Trilogia*, a língua é, naturalmente, a fiorentina, uma vez que as peças são ambientadas em Livorno e Montenero. O mesmo acontece com *Mirandolina (La locandiera)*, com a diferença, porém, que nesta última a língua não é só instrumento de comunicação, mas representa um importante elemento de distinção entre as classes sociais.

Portanto, não seria exagerado concluirmos que paralelamente à sua preocupação com o teatro e com a modernização deste, Carlo Goldoni realizou uma intensa pesquisa lingüística, o que certamente abriu caminhos para os posteriores lingüistas, de Manzoni aos contemporâneos, que estudariam a evolução da língua italiana.

## CAPÍTULO 2: VENEZA, À ÉPOCA DE CARLO GOLDONI

A República de Veneza, à época de Goldoni<sup>1</sup>, permanece dominada pela aristocracia, constituída em oligarquia, tendo permanecido intacta por quase cinco séculos, algo realmente surpreendente. Entretanto, essa classe dominante é menos compacta do que as aparências sugerem. Nela, encontram-se três extratos distintos: No vértice estão os senadores, cujas riquezas provém de investimentos imobiliários, uma vez que já tinham abandonado o comércio, que fora a base de seu enriquecimento. Exercem o poder com muito cuidado, pois têm consciência do momento delicado que atravessa a República, que já não é mais a potência que, por séculos, dominara o Mediterrâneo. Imediatamente abaixo, encontram-se os patrícios de *Quarantia*, que exercem cargos e têm influência na administração pública, embora não tenham nem o poder nem a riqueza dos senadores. E, finalmente, encontram-se os *Barnaboti*, nobres decadentes que, pelo direito de nascimento, ainda fazem parte da aristocracia, mas, geralmente, em estado de miséria, sobrevivem negociando o pouco da influência que ainda lhes resta. O marquês de Forlipópoli, de *Mirandolina*, insistindo em repetir continuamente “Eu sou quem eu sou”, representa muito bem essa classe de nobres decadentes, que perdem as posses, mas não perdem a arrogância, vivendo em constante competição com os burgueses em ascensão – na peça representados pelo conde de Albafiorita.

A classe média, se assim podemos chamá-la, é constituída pelos *cidadãos originários*, que integram a poderosa máquina burocrática da República, e pelos burgueses, que, ativos na indústria e no comércio, propagam a ética do trabalho e acumulam grandes riquezas, sem, no entanto, entrar em conflito político com as classes dominantes, com as quais mantinham boas relações.

E por fim, o povo, ou seja, a maioria dos habitantes da cidade, que conduz uma vida modesta, mas digna, trabalhando para os mercadores, ou exercendo atividades de artesãos<sup>2</sup>. É importante, entretanto, ressaltarmos que o povo também freqüentava o teatro e constituía assim uma boa parcela do público, influenciando, desta maneira, a produção dos autores e a escolha das companhias teatrais. Vale lembrar que o próprio Goldoni dedicou a essa camada da população uma série de comédias de cunho popular, algumas alcançando muito sucesso como *As brigas em Chioggia* e *A pracinha*, duas das peças do repertório goldoniano mais representadas no teatro contemporâneo.

<sup>1</sup> VASCONI, Marcella. *Grande storia di Venezia*. Colognola ai Colli: Demetra, 1997.

<sup>2</sup> idem.

## 2.1. O esplendor da *Serenissima* e o prenúncio da decadência

Na sua obra *Mèmoires*, publicada em Paris, em 1787, Goldoni lembra-se com nostalgia de sua cidade natal, onde não estivera nos últimos quinze anos, desde que partira para seu *exílio* voluntário. Descreve-a como uma *veduta* de Canaletto<sup>3</sup>: “Veneza é uma cidade de tal forma extraordinária que não é possível imaginá-la sem tê-la visto [...]. Se os senhores entrarem pela parte de São Marco, através de uma quantidade surpreendente de embarcações de todas as sortes, navios de guerra, mercantis, fragatas, galeras, barcos, balsas e gôndolas, colocarão o pé em terra em uma margem chamada *a Piazzetta*, onde poderão ver de um lado o Palácio e a igreja Ducal, que proclamam a magnitude da República, e do outro a Praça de São Marco, cercada por pórticos erguidos com projetos de Palladio e de Sansovino. Se forem pelas ruas da Merceria até a ponte de Rialto, caminharão sobre chapas de mármore de Istria, talhadas com golpes de cinzel para evitar que alguém escorregue; percorrerão uma área que se parece com uma feira contínua e chegarão nessa ponte que, com uma única arcada de noventa e seis pés de largura, atravessa o Canal Grande e assegura, com a sua grande altura, a passagem de barcos e balsas até mesmo nos períodos de cheia, e oferece aos que passam a escolha de três percursos diferentes e hospeda oitenta e quatro pequenas lojas com abrigos e tetos cobertos de chumbo”.

Continua mais adiante dizendo “Já tinha visto muitas cidades, onde à noite todos passeiam no escuro. Compreendi então que as lanternas de Veneza constituem uma decoração útil e agradável, ainda mais que não são pagas pelos cidadãos, pois para financiar esta despesa todo ano é realizada uma série extra da loteria. Mas, junto a essa iluminação geral, há também a das lojas, que permanecem todas abertas até às dez e meia da noite, e muitas fecham à meia-noite, e outras ainda, nunca fecham. À meia-noite, como ao meio-dia, encontram-se comestíveis expostos, todas as cantinas abertas, e pratos prontos nas pousadas e nos hotéis [...]. No verão a Praça de São Marco e seus arredores são freqüentados à noite, como durante o dia. Os cafés são repletos de pessoas bonitas, homens e mulheres de todos os tipos. Canta-se nos campos<sup>4</sup>, nas ruas e sobre os canais. Os comerciantes cantam vendendo suas mercadorias, os empregados quando

<sup>3</sup> Canaletto (1697-1778). Pintor e cenógrafo que imortalizou a fisionomia de Veneza com imagens luminosas e perfeitas do ponto de vista da perspectiva.

<sup>4</sup> Campo significa praça em dialeto veneziano.

terminam o trabalho, os gondoleiros esperando seus patrões. A base do caráter nacional é a alegria e a base da língua veneziana é o bom humor”. Essa descrição maravilhosa é, sem dúvida, contaminada pela nostalgia que o comediógrafo sentia pela sua cidade natal. Mesmo assim, nos dá uma precisa idéia do esplendor que a cidade ainda vivia no século XVIII.

Tal esplendor, no entanto, denotava a ilusão que permeava a vida dos venezianos, quando na verdade, a decadência já estava presente e o fim se aproximava.

Desde as primeiras décadas do século XVII, as atividades econômicas em Veneza sofreram, a princípio, uma crise e, em seguida, uma total estagnação. As rotas oceânicas em direção à América e ao Oriente resultaram em uma redução das atividades mercantis no Mediterrâneo, que vira-se transformado em uma rota secundária. “A prosperidade da República veneziana, isolada do ponto de vista político, mas ainda ponto de referência cultural de notável importância para a Europa, perdurou por todo o *Seicento*. Os mercadores venezianos, na verdade, utilizaram consideráveis somas do capital, acumulado precedentemente, para adquirir poder e para beneficiar vastas áreas de pântanos. Abandonaram, pouco a pouco, as atividades às quais tinham se dedicado suas famílias, e assumiram o estilo de vida da nobreza, vivendo não raras vezes de renda”<sup>5</sup>. Mais tarde, Goldoni reconhece nessa escolha a estrada de mão única para a decadência da sociedade veneziana. Através de suas comédias, provavelmente de cunho moralista, discursa para a sociedade alertando para o perigo eminente. Muitas personagens, entre as quais destacamos Angelito de *A casa nova* e Leonardo da *Trilogia da vilegiatura*, comportam-se, ingenuamente, gastando, assim, sem medidas e sem renovação, a renda que fora acumulada por seus ancestrais. Somente quando estiverem arruinados, dar-se-ão conta de quão imprudente é a vida de quem só conhece gastos e não se preocupa com o trabalho que gera nova renda.

O comediógrafo veneziano, entretanto, nem sempre foi escutado com atenção. Assim, quarenta e cinco anos após a partida induzida de Goldoni para Paris, e dez anos após a publicação de *Mémoires*, o tratado de Campoformio, que em 1797 põe fim à República de Veneza em benefício da Áustria, torna oficial e definitiva a decadência pré anunciada por Goldoni. O mestre veneziano, no entanto, veio a falecer em 1793, sem ter tido o desprazer de comprovar seus receios quanto à sorte de sua tão adorada cidade.

## 2.2. A excelência dos artistas e literatos

*“Longhi, tu che la mia musa sorella  
chiami del tuo pennel che cerca il vero  
ecco per la tua man, pel mio pensiero  
argomento sublime, idea novella.*

*Ritrar tu puoi vergine illustre e bella  
di dolce viso e portamento allero;  
pinger puoi di Giovanni il ciglio arciero  
che il dardo scocca alla gentil donzella.*

*Io canterò di lui le glorie e il nome,  
la di lei fé, non ordinario vanto;  
e divise saran tra di noi le some.*

*Tu coi vivi colori, ed io col canto;  
io le grazie dirò, tu l'auree chiome;  
e del suo Amor godran gli sposi intanto”.*

(Carlo Goldoni a Pietro Longhi)

A cultura e a arte em Veneza no século XVIII encontram, ambas, solo fértil para o seu florescimento. Numerosos são os artistas e literatos que nela desenvolvem a sua carreira.

É cidade natal ou de adoção de artistas plásticos, escritores e compositores, expoentes das três artes, que, nesse período, – pelo menos no que diz respeito à Itália – tem na cidade vêneta a sua capital. Entre os representantes da pintura de primeira linha, podemos destacar no gênero das reproduções de paisagens da cidade; Guardi, Piazzetta e, sobretudo, Canaletto, que, como já vimos, parece pintar o que Goldoni escreveria, mais tarde, em suas memórias. Na vertente da pintura de gênero e de costumes, o maior destaque é, sem dúvida, Pietro Longhi, cujas obras reproduzem com fidelidade os mais variados extratos da sociedade veneziana. Amigo de Carlo Goldoni, que lhe dedicou a poesia que reproduzimos acima, Longhi transporta para a pintura as cenas que Goldoni leva para o palco, e vice-versa. É justamente o realismo o aspecto de sua pintura que mais impressiona o comediógrafo. “A representação da vida quotidiana encontra-se na

---

<sup>5</sup> VASCONI, Marcella. *Grande storia di Venezia*. Colognola ai Colli: Demetra, 1997.

base da reforma teatral proposta por Carlo Goldoni e, portanto, é esse o ponto que liga entre si esses dois personagens; a vontade comum de narrar, cada qual com os meios expressivos que lhes eram familiares, o verdadeiro, a realidade [...]. Basta com as máscaras da *commedia dell'arte* para Goldoni, e da mesma forma, basta com os heróis da história e da mitologia para Longhi; para ambos somente a narração dos fatos”<sup>6</sup>.

A excelência das artes na Veneza *settecentesca*, todavia, não se limita ao teatro e às artes figurativas. Entre os compositores, os de maior expressão foram certamente Benedetto Marcello, Antonio Vivaldi e Baldassare Galuppi, que, às vezes, serviram-se de textos goldonianos para suas obras. Não podemos deixar de mencionar Apostolo Zeno, que com seus libretos, renova a estrutura arcaica do melodrama e prepara o terreno para Metastasio.

Contudo, no final do século, além de Goldoni, muitos outros artistas deixam a cidade. Até mesmo o escultor Antonio Canova, que dera demonstração de seu amor incondicional recuperando os cavalos de São Marco, os quais haviam sido seqüestrados por Napoleão, parte para Paris e para outras capitais européias. Veneza não mais é a República denominada *Serenissima*.

Em 17 de outubro de 1797, com o tratado de Campoformio, o declínio não é mais uma hipótese, mas uma dura realidade, e do esplendor de Veneza restará somente a lembrança, deixada nas inúmeras obras de seus artistas excepcionais.

### 2.3. A fixação pelo prestígio e a imitação das classes superiores

*“Quando i piccoli  
vogliono figurare coi grandi”*

Esse fenômeno de imitação não é algo recente na sociedade veneziana de Carlo Goldoni. Já era bastante evidente na França do século XVII, tendo em muito inspirado o precursor do comediógrafo vêneta, Molière. De fato, em suas comédias, não poupou a burguesia dessa crítica, ridicularizando-a em sua tentativa de parecer quanto possível

<sup>6</sup> PEDROCCO, Filippo. *Longhi*. Firenze: Giunti, 1993.

aos nobres, uma vez que jamais poderiam pertencer plenamente à nobreza, e esse fato inspirou-o, em modo profícuo, a produzir muitas de suas comédias.

Quando a aristocracia abandona as guerras para se entregar plenamente aos prazeres da vida e quando a burguesia em ascensão começa a “macaquear” as camadas sociais superiores, “estava maduro o tempo para o completo desabrochar do espírito Cômico, com o qual nenhuma nação foi tão ricamente dotada quanto a França”<sup>7</sup>.

Além disso, essa é, certamente, a época do *preciosismo*, quando cavalheiros e damas da corte inventam um novo jeito de comportar-se, vestir-se e, sobretudo, expressar-se, para que assim possam se distinguir das camadas, social e intelectualmente, inferiores. Foram algumas *iniciadas* damas da nobreza parisiense que difundiram essa moda. Em suas *conversações*, às quais somente um grupo, cuidadosamente selecionado, tinha acesso, brilhava o exagero numa busca desesperada do virtuosismo intelectual. “Essa foi a época do *desperdício patente*, com os cavalheiros e damas da corte transformando numa virtude a extravagância no vestir, falar e agir, com os *salons* fervilhando devido a uma arte de amar artificial e uma linguagem ainda mais artificial [...]. O campesinato estava faminto e oprimido, guerras estrangeiras exauriam as finanças da nação, a aristocracia impunha seu tacão de ferro sobre o povo, e os Jesuítas obtinham um tal controle sobre a pesquisa intelectual, que forçavam o exílio de um pensador como Descartes. A nobreza, porém, não prestava atenção a essa situação, enquanto os nababos da classe média engordavam com lucros de operações corruptas e transformavam o instinto aquisitivo numa paixão”<sup>8</sup>.

Analisemos a seguir alguns trechos da comédia *As preciosas ridículas*, de Molière, cujo próprio título já evidencia essa busca desesperada do preciosismo.

MAROTTE: Tem um *lacché* que pergunta se as senhoras estão em casa, e diz que seu patrão gostaria de vir visitá-las.

MAGDELON: Aprenda, cretina, a expressar-se em um modo menos vulgar. Diga assim: “Há um indispensável que pergunta se as senhoras sentir-se-iam à vontade com uma visita”.

MAROTTE: Cruz credo! Eu não falo latim, e também não aprendi filosofia, como as senhoras, com o *Ciro o Grande*, de Madame de Scudéry.

MAGDELON: [...] Rápido, rápido, traga até nós o conselheiro das nossas graças.

MAROTTE: Ai meu Deus do céu! Do que é que as senhoras estão falando? Comigo tem é que falar em cristão para eu entender.

---

<sup>7</sup> GASSNER, John. “Molière e a comédia da sociedade” In: *Mestres do Teatro I*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

<sup>8</sup> *idem*.

CATHOS: Traga-nos o espelho, sua grande ignorante, e tome muito cuidado para não sujar o vidro com a comunicação da sua imagem.

(Cena VII – Ato único)

O próprio Molière, no Prefácio das *Preciosas ridículas*, enquanto se lamenta que a comédia fora impressa sem seu conhecimento, diz, ironicamente, que se tivesse sido informado da publicação, teria se precavido e tomado as devidas providências para incrementar a apresentação da comédia. “Eu teria convocado algum amigo que, para recomendar a minha comédia, não me teria recusado versos em francês ou em latim. Eu tenho amigos, que teriam me elogiado até mesmo em grego, e todos sabem que um elogio em grego é de uma eficácia maravilhosa na introdução de um livro”.

“É um engano acreditar que tal estilo (cômico) possa ser conquistado sem trabalho; na verdade, no caso de Molière, foi o produto de um processo de refinamento e atingido apenas depois de muitos ensaios na mais facilmente adquirível arte do gracejo pesado. É também um engano imaginar que se trata de um sinônimo de superficialidade. Na verdade, o sorriso do artista verdadeiramente civilizado representa *algo a ser vencido* – um triunfo do espírito sobre o erro ou o fracasso.

[...] Raramente colocava-se em terreno neutro nos casos que envolviam hipocrisia, ilogicidade ou negação do instinto sadio; não é neutro em suas comédias quando Tartufo está triunfando e quando velhotes fátuos lutam para frustrar o amor juvenil”<sup>9</sup>. John Palmer afirma “Nas comédias de Molière a Justiça é sempre feita”<sup>10</sup>.

A sociedade veneziana *settecentesca* não era muito distinta e, na comédia *A mulher educada (La donna di garbo)* vemos, na personagem de Lélío, um *precioso ridículo*, que se expressa de forma extravagante, até mesmo nas situações mais corriqueiras. Rosaura, a empregada brilhante em sua capacidade de adular quem quer que seja para conquistar sua simpatia, e desse modo, poder manipulá-lo, entra no jogo de palavras extravagantes de Lélío.

LÉLIO: Seria permitido a um reverentíssimo servo da senhora Beatriz poder avançar o seu passo permeado de saudações?

---

<sup>9</sup> ibidem.

<sup>10</sup> ibidem.

ROSAURA: A minha patroa já está vindo para ser favorecida pelas gentilezas de um cavalheiro gentilíssimo.

LÉLIO: Vossa Senhoria é a digníssima governante da esplendorosa senhora Beatriz?

ROSAURA: Pronta para servir a ilustríssima Vossa Senhoria. (*Inclinando-se*).

LÉLIO: Há quanto tempo a senhora adorna, com as suas mãos trabalhadoras, a beleza da *madame*?

ROSAURA: Hoje, para ser precisa, o sol está completando pela oitava vez o seu giro

(Cena VIII – I ato)

Embora seja somente uma empregada, Rosaura é muito competente na escolha das palavras para adaptar-se ao preciosismo de Lélío. No entanto, foi justamente essa sua engenhosa capacidade de adaptação, o argumento usado pelos críticos, que acusaram Goldoni de escrever uma peça inverossímil, pois jamais uma empregada teria tal capacidade.

Até mesmo Beatriz, nora do Doutor, um advogado bolonhês, que se deixa seduzir pelo prestígio social, julga Lélío ridículo na sua afetação.

Goldoni dedicou-se, incansavelmente, às comédias de costumes, nas quais burgueses endinheirados ou endividados têm como ambição maior aproximar-se da seleta camada da nobreza. É bem provável que uma das principais fontes que lhe serviram de inspiração tenha sido *O burguês fidalgo*, de Molière. Nela, o comediógrafo francês faz na figura do protagonista, Sr. Jourdain, uma sátira da burguesia endinheirada, que não mede esforços, nem tampouco despesas, para imitar a nobreza, acreditando que a aproximação às classes superiores fará, mais cedo ou mais tarde, por torná-lo também um nobre. Numa tentativa desesperada de comportar-se como tal, contrata para si profissionais, que no seu entendimento, acabarão por transformá-lo em um nobre: mestre de música, mestre de dança, mestre de esgrima, e até mesmo um mestre de filosofia. Mas, de acordo com Robert Jouanny<sup>11</sup>, embora esses profissionais se aproveitem da situação para lucrar com a ambição desenfreada do burguês, “não há gente má em *O burguês fidalgo*. Toda a sociedade conspira para satisfazer a vaidade do Burguês; ele gosta de títulos; dão-lhe o mais belo que se possa imaginar, e a sociedade tem muita razão de tratar com essa bonomia quem lhe bate à porta com tanta candura honesta, e esquecem-se então os dramas que a mania do Burguês, bilioso como o diabo, poderia suscitar na família”. E é justamente seguindo esse caminho que, com *O burguês fidalgo*, o comediógrafo francês faz uma excepcional comédia de costumes e de caráter.

---

<sup>11</sup> JOUANNY, Robert. Prefácio In: *Molière. Teatro escolhido*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

Abaixo apresentamos um trecho da comédia, onde destaca-se a ingenuidade do Sr. Jourdain, que acredita em tudo o que lhe digam tratar-se de um comportamento nobre:

MESTRE ALFAIATE: Não pude chegar mais cedo, apesar de ter colocado vinte ajudantes para trabalhar na roupa de Vossa Excelência.

...

MESTRE ALFAIATE: Veja, Excelência, aqui está o mais belo traje que já se viu na Corte, e o mais apropriado. Foi uma obra-prima ter inventado um traje sério que não fosse meramente preto. E eu desafio os melhores alfaiates a serem mais competentes e mais rápidos.

SR. JOURDAIN: O quê é isto? O senhor pôs as flores de cabeça para baixo.

MESTRE ALFAIATE: Vossa Excelência não me disse que as queria de cabeça para cima.

SR. JOURDAIN: Eu preciso dizer?

MESTRE ALFAIATE: Naturalmente. Os nobres usam sempre assim.

SR. JOURDAIN: Os nobres usam as flores de cabeça para baixo?

MESTRE ALFAIATE: Sim, senhor.

SR. JOURDAIN: Oh! Então está bem assim.

MESTRE ALFAIATE: Se Vossa Excelência quiser, coloco-as de cabeça para cima.

SR. JOURDAIN: Não, não.

MESTRE ALFAIATE: É só dizer.

SR. JOURDAIN: Eu já disse que não, o senhor fez bem. Crê que a roupa me assenta bem?

(Cena VIII – Ato II)

Nesta outra passagem podemos observar o quão era fácil seduzir burgueses como o Senhor Jourdain, bastando para isso chamá-los com títulos que não lhes cabiam. Os ajudantes do mestre alfaiate se dão conta disso, e com a certeza de serem recompensados com uma gorda gorjeta, passam a usar-lhe títulos de nobreza:

APRENDIZ: Senhor gentil-homem, dê, por favor, uma gorjeta a esses rapazes.

SR. JOURDAIN: Como foi que você me chamou?

APRENDIZ: Senhor gentil-homem.

SR. JOURDAIN: “Senhor gentil-homem!” Isso é o que representa vestir-se como um nobre. Vista-se sempre como burguês, e ninguém lhe dirá: “Senhor gentil-homem”. Tome, aí está pelo “Senhor gentil-homem”. (*Dá gorjetas*).

APRENDIZ: Cavalheiro, nós lhe ficamos muito agradecidos.

SR. JOURDAIN: “Cavalheiro”, oh, oh! “Cavalheiro” Espere, amigo: “Cavalheiro” merece um pouco mais, pois “Cavalheiro” é uma palavra e tanto. Tome, aí está o que lhe dá este Cavalheiro.

APRENDIZ: Cavalheiro, vamos todos beber à saúde de Vossa Excelência.

SR. JOURDAIN: “Vossa Excelência!” Oh, oh, oh! Um momento, não se vá. “Vossa Excelência” para mim! Juro que, se ele chegar a Vossa Alteza, lhe dou toda a minha bolsa. Tome, aí está pela minha ‘Excelência’.

APRENDIZ: Monsenhor, nós lhe agradecemos muito humildemente a sua generosidade.

SR. JOURDAIN: Melhor assim: eu ia lhes dar tudo o que tenho na bolsa.

(Cena IX – Ato II)

Goldoni conhece muito bem a importância de um título na sociedade veneziana do século XVIII, época na qual burgueses enriquecidos compram títulos e nobres falidos se vêem obrigados a vender os seus. A comédia *Mirandolina* alcançou um enorme sucesso não somente pelo desafio de conquista por parte da protagonista, mas também por ridicularizar a nobreza decadente na figura do marquês de Forlipópoli, além de evidenciar a necessidade de auto-afirmação da burguesia em ascensão, na figura do conde de Albafiorita. (Note-se que Goldoni, como Molière, escolhe para seus personagens nomes que, por si só, já ilustram as características das personagens, como por exemplo *Albafiorita*, que sugere a ascensão do conde).

A primeira cena do primeiro ato de *Mirandolina* tem início justamente com um confronto entre esse dois homens, que travam um duelo com palavras para estabelecer quem deve gozar de maior prestígio:

MARQUÊS: Entre eu e o senhor há uma indiscutível diferença.

CONDE: Aqui na hospedaria tanto vale o seu dinheiro como vale o meu.

MARQUÊS: Mas, se a dona da hospedaria trata-me com uma série de distinções, é evidente que são mais apropriadas a mim que ao senhor.

CONDE: É mesmo? E por qual motivo?

MARQUÊS: Eu sou o marquês de Forlipópoli.

CONDE: E eu sou o conde de Albafiorita.

MARQUÊS: Conde! Condado comprado, isso sim!

CONTE: Eu comprei o meu condado quando o senhor vendeu o seu marquesado.

MARQUÊS: Ora basta: eu sou quem eu sou, e eu exijo respeito.

(Ato I – Cena I)

A expressão “Eu sou quem eu sou” é incansavelmente repetida pelo marquês, numa alusão desesperada à sua condição superior de nobre. A mesma expressão será repetida por Isabela, na peça *A família do antiquário*, que embora seja uma condessa falida, rivaliza continuamente com o nora, filha do mercante enriquecido Pantaleão, julgando-se superior somente pela sua condição de nobre.

Nem sempre, no entanto, Goldoni nos mostra cenas cômicas em relação a essa fixação por títulos. Na comédia *A esposa sábia*, de 1752, é o próprio Pantaleão de’ Bisognosi, mercador, que como já vimos, nas comédias do mestre veneziano assume um comportamento mais racional, reconhecendo seu lugar na sociedade, quem se deixa seduzir pela aquisição de um título, influenciando a filha a se casar com um conde, para que a mesma pudesse se tornar uma condessa, o que realmente acaba por acontecer.

ROSAURA: O senhor sabe que eu me casei para obedecer às suas ordens.

PANTALONE: Ah, infelizmente é verdade. Esse é o meu remorso. Essa é a minha dor. Ver uma filha sacrificada somente por me amar. Eu me lembro, minha filha, sim, eu me lembro que foi com humildade que você me fez ver o pouco sentimento que você tinha por esse partido. Mas, como outros, eu também acabei me deixando cegar pela ambição, acreditando que o fato de torná-la uma condessa bastaria para fazer a sua e a minha felicidade, deixei-me convencer que, com o tempo, você passaria a gostar do seu marido, e eu acreditei que ele manteria aquele amor que ele lhe demonstrava então. Oh, como sou desgraçado! Eu estava errado; agora eu me dou conta disso, eu estava errado.

(Ato I – Cena XV)

Vemos nessa confissão dramática de Pantaleão, que o mesmo induziu a filha Rosaura a se casar pela possibilidade de ascensão social, a qual ingenuamente julgava que traria felicidade para ambos, pai e filha. Rosaura, ao dizer que se casou para obedecer ao seu pai, deixa claro que até o momento do casamento não nutria sentimentos de amor pelo marido, mas o fizera somente para agradar ao pai, que finalmente percebe que um matrimônio entre pessoas de classes sociais diferentes é destinado ao fracasso. “Eu deveria ter previsto que um senhor nobre, apaixonado por uma moça de classe inferior, mantém seu amor enquanto não pensar na sua condição social; e que pensa somente se está farto desse amor, e quando isso acontece, ele percebe que errou, e ele se arrepende de ter se casado com ela, e passa a odiar quem lhe levou a tomar essa decisão”.

Por outro lado, o casamento revelou-se um fracasso, pois o conde, após os primeiros meses de pura paixão pela jovem plebéia, acaba se apaixonando por outra mulher, Beatriz, uma marquesa que não perde a oportunidade de desmerecer a condição não nobre de sua rival Rosaura.

Outra comédia que representa de forma ridicularizada essa necessidade que a pequena burguesia tinha de imitar as classes superiores é *A casa nova*.

O *cittadino* Angelito – cujo nome traduzido do veneziano (*Anzoletto*) corresponde a *Anjinho* – submete-se à tirania da noiva Cecília, que está sempre querendo mudar algum detalhe na casa, onde passarão a viver depois de casados, para tentar se igualar ao gosto das classes superiores.

O próprio comediógrafo mostra-se bastante satisfeito com a crítica que essa comédia transmite: “Se eu tivesse escrito somente essa comédia, acredito que a mesma teria bastado para conseguir a reputação que eu conquistei com tantas outras peças [...] A exposição é fácil, o desenvolvimento é simples, a crítica é verdadeira, o interesse é vivo, e a moral é adequada, sem ser pedante. As personagens são todas tiradas da natureza.

Também o diálogo é bem construído. A história é verossímil em todos os seus elementos...<sup>12</sup>.

Em muitos aspectos, a comédia se assemelha à *Trilogia da vilegiatura*, principalmente no que diz respeito ao pequeno burguês, que para seguir a moda e os padrões ditados por classes superiores, mesmo não dispondo de renda para financiar seus caprichos, insiste em contrair dívidas, sabendo que, na verdade, não poderá honrá-las.

Analisemos o trecho que segue:

ESGUALDO: Meu caro senhor, se fizermos assim, não vamos terminar nem daqui a dois anos. O senhor me fez fazer e desfazer dez vezes. Dá ouvido a todas as pessoas, quer fazer como os outros dizem que tem que ser feito.

ANGELITO: Você tem razão; mas o que foi dito, já foi dito. Vamos tentar terminar logo, meu velho [...].

ESGUALDO: Mas o senhor vai ter que me pagar.

ANGELITO: Outra vez com essa história: dinheiro, sempre dinheiro. Você nunca esquece isso? Sempre dinheiro.

ESGUALDO: Sem dinheiro não se pode fazer nada.

ANGELITO: Maldito seja; não vê que eu não tenho?

ESGUALDO: E como o senhor quer que eu faça?

ANGELITO: Pode deixar que amanhã eu arranjo.

ESGUALDO: Eu tenho que pagar meus homens. É tudo gente que precisa do dinheiro para viver.

ANGELITO: Amanhã todos vão ser pagos, amanhã eu vou ter todo o dinheiro que eu lhe devo. Você está com medo que eu não pague? Não se pode pressionar um cavalheiro como eu dessa forma.

ESGUALDO: E o que eu deveria fazer para receber o meu dinheiro?

ANGELITO: Com a minha palavra não se discute. Faça o seu trabalho, e vai ver que está tratando com uma pessoa de palavra.

ESGUALDO: Está bem, vamos esperar até amanhã.

ANGELITO: Mas não perca tempo.

(Ato I – Cena X)

#### 2.4. A *vilegiatura*, símbolo de prestígio

O movimento humano não é um fenômeno moderno. Desde a pré-história o homem vê-se obrigado a deslocar-se de um ponto para outro, quer em busca de alimentos, quer na tentativa constante da sobrevivência, inerente ao homem. Na antiguidade, as viagens significavam conquistas. E na Idade Média, homens viajavam em busca de terras desconhecidas e aventuras. Boccaccio, em seu *Decamerão*, relata uma série de

---

<sup>12</sup> Prefácio (*L'autore a chi legge*) de *A casa nova*.

episódios, onde a viagem assume tamanha importância, que se confunde com as personagens das novelas.

Um exemplo bastante ilustrativo desse fenômeno é o de Marco Polo, que deixa a República de Veneza para aventurar-se em um oriente distante e misterioso. Mais tarde, Machiavelli nos mostra na comédia *A Mandrágora*, a importância das viagens para os tratamentos de saúde. A primeira alternativa elaborada por Calímaco para encontrar-se com privacidade com Lucrécia, é a de sugerir (fingindo ser médico) a seu marido que a mande para se tratar de sua imputada esterilidade nas termas próximas à Florença. Esses *banhos*, usados como tratamentos de saúde, já tinham sido mencionados por Boccaccio em uma das novelas do *Decamerão*<sup>13</sup>, embora sem o deslocamento da viagem.

Com a descoberta da América, Veneza perde sua hegemonia mercantil<sup>14</sup>, e os patrícios venezianos precisam encontrar um outro modo para manter a riqueza acumulada nos áureos tempos da *Repubblica Marinara*. Redescobrem o campo e nele investem, retomando, em certa escala, a função agrícola há muito abandonada. No entanto, essas classes superiores esperavam encontrar no campo a mesma opulência que ostentavam na cidade. Testemunhos valiosos desse luxo incomensurável são as *villas* vênetas, projetadas cuidadosamente por arquitetos que brilhavam por suas obras imponentes e singulares, entre os quais, o que mais se destacou, foi sem dúvida, Palladio, cujo estilo reinterpretava a arquitetura romana. Consequentemente, com essa nova onda de revalorização do campo, surge também a moda da *vilegiatura*.

O arcádico Sannazzaro e muitos outros panageiristas da vida campestre seduziram os homens com as delícias da tranquilidade da vida do campo; mas o enriquecimento nas cidades levou a ambição de exibir pompas e exageros também nesse retiro, contaminando, dessa forma, a vida pacata dos habitantes locais. O movimento em direção ao campo, aos poucos, perde sua função agrícola, e assume um significado de prestígio. “O inocente divertimento do campo tornou-se, nos dias de hoje, uma paixão, uma loucura.”<sup>15</sup> De fato, de acordo com o nosso comediógrafo, esse tema é tão fecundo de ridículo e de extravagâncias, que lhe forneceram material para escrever cinco comédias sobre a mesma temática.

A respeito da *Trilogia da vilegiatura* o autor afirma que “As personagens são daquele tipo de pessoa que eu quis, propositalmente, abordar; ou seja, de uma classe civil, não

---

<sup>13</sup> Sexta novela da terceira jornada.

<sup>14</sup> VASCONI, Marcella. *Grande storia di Venezia*. Colognola ai Colli: Demetra, 1997.

<sup>15</sup> GOLDONI, Carlo. *Storia del mio teatro*. Milano: Rizzoli, 1983.

nobre e não rica; pois os nobres e ricos estão autorizados pela posição e pela sorte a fazer algo a mais do que os outros. A ambição dos pequenos burgueses é a de figurar com os grandes, e é isso o ridículo que eu tentei expor, para corrigi-lo, se for possível”.<sup>16</sup>

E é justamente essa fixação de *figurare coi grandi* que será a base de nossa análise da trilogia, onde identificamos a viagem como símbolo de prestígio social.

---

<sup>16</sup> Prefácio (*L' autore a chi legge*) da *Trilogia della vilegiatura*.

## 2.5. Análise da peça

Em meados do século XVIII a cidade de Veneza vive o seu momento de magnificência das artes. “É o refinado esplendor *settecentesco*, que pode ser facilmente identificado no momento excepcionalmente feliz que a pintura vive em Veneza: das estupendas paisagens de Canaletto aos retratos de Rosalba Carriera; de Giambattista Tiepolo, que realiza os mais impressionantes afrescos, a Pietro Longhi, que com a sua pintura imortaliza cenas venezianas do quotidiano”<sup>17</sup>.

“E é justamente sob o luxo de seus edifícios, a ostentação de suas cerimônias e festas e a alegria incomensurável de seu longuíssimo carnaval, assim como sob o esplendor de sua arte e de sua cultura, que a cidade esconde uma grave crise, que é primeiramente, econômica, mas também social e política”<sup>18</sup>.

A aristocracia governara Veneza desde as suas origens, mais de mil anos antes, com grande habilidade e abertura de idéias, fazendo com que se tornasse uma das cidades européias mais ricas e poderosas. Todavia, no decorrer do século XVIII, a capital vêneta encontra-se em decadência e acaba por incorporar os vícios que sempre caracterizaram os nobres de outros países: parasitarismo, ostentação do luxo, prepotência e o não respeito às leis, e conseqüentemente, a decadência desta classe que ocupa o governo agravará a crise de Veneza.

Goldoni, já nas primeiras comédias, de 1748-49, realiza uma crítica feroz à nobreza, representando, na peça *A moça honrada (La putta onorata)*, um marquês prepotente e corrupto que chega até mesmo ao ponto de raptar uma jovem e honesta plebéia (a *moça honrada*). Na peça *A boa esposa (La buona moglie)* do ano seguinte, a sátira torna-se ainda mais ousada, pois, dessa vez, o marquês não é representado somente como um homem corrupto e prepotente, mas também falido, cheio de dívidas, conseqüência do *parasitarismo* e da ostentação do luxo.

Aproximadamente uma década mais tarde, Goldoni, que já havia representado uma nova classe social, a plebe, em duas de suas comédias em dialeto popular; *As domésticas (Le massere – 1755)* e *A pracinha (Il Campiello – 1756)*. Seus protagonistas não são mais os nobres, nem tampouco os burgueses, porque Goldoni já percebera que a burguesia veneziana, que ele havia representado positivamente nas

---

<sup>17</sup> RENDINA, Claudio. *I dogi. Storia e segreti*. Roma: Newton, 1993.

<sup>18</sup> TESSARI, Roberto e RAGNI, Sergio. *Da Goldoni a Ronconi*. Roma: Laterza, 1987.

primeiras comédias, tinha os mesmos defeitos da nobreza, que os burgueses tentavam imitar sem grande êxito. “Quando os pequenos querem aparecer como os grandes”<sup>19</sup>. O autor identificava justamente nessa imitação uma outra causa, ainda que camuflada, mas mesmo assim profunda, da crise da sociedade veneziana; e o seu relacionamento com a cidade tornar-se-á cada vez mais difícil, até que não muito mais tarde romper-se-á completamente.

Entre 1760 e 1762, Goldoni conhece uma temporada que Pietro Gibellini classificou como “mágica”<sup>20</sup>. Fazem parte desse período algumas das suas peças principais e mais críticas; *Os rústicos (I rusteghi)*, *A casa nova (La casa nova)*, *Senhor Teodoro Reclamão (Sior Todero Brontolon)* e *As brigas em Choggia. (Le baruffe chiozzotte)*.

Nessa fase Goldoni critica os dois vícios opostos, porém complementares, da burguesia de Veneza; a aversão ao “novo”, que torna-se aversão ao mundo externo, recusando qualquer relacionamento social (*Os rústicos*), e a imitação da nobreza no luxo e no desperdício, dilapidando os patrimônios das famílias. (*A casa nova e a Trilogia da vilegiatura*).

A *Trilogia* foi escrita em 1761 e no mês de outubro do mesmo ano estava em cartaz no teatro San Luca, quando foi apresentada pela primeira vez ao público. Não alcançou o sucesso esperado, embora hoje apareça como “um dos capítulos mais complexos e significativos do seu teatro... e também não suscitou o interesse e a polêmica que seria normal esperar de um texto semelhante”<sup>21</sup>. Pertence ao último período italiano do autor, que, no mês de abril do ano vindouro, iria se transferir, não muito satisfeito, para Paris para trabalhar para a *Comédie Italienne*.

O tema escolhido para as três comédias foi o da vilegiatura, já abordado anteriormente pelo autor em outras comédias (*Momolo no Brenta - Momolo su Brenta*, *A Arcádia no Brenta - L'Arcadia in Brenta*, *Os descontentes - I malcontenti*, *A empregada brilhante - La cameriera brillante* e *A vilegiatura - La villeggiatura*), cujo excesso de despesas e ostentação pode ser considerado um dos aspectos que levariam à decadência da cidade

<sup>19</sup> GOLDONI, Carlo. Prefácio (L'autore a chi legge) da *Trilogia da vilegiatura*.

<sup>20</sup> GIBELLINI, Pietro. “Saggio introduttivo” In: GOLDONI, Carlo. *I rusteghi e Sior Todero Brontolon*. Milão: Mondadori, 1993.

<sup>21</sup> LUNARI, Luigi. “Saggio introduttivo”. In: GOLDONI, Carlo. *Trilogia da vilegiatura*. Milão: Rizzoli, 2000.

natal do comediógrafo. A vilegiatura, originalmente, era a estada na “villa”, isto é, na propriedade rural onde os aristocratas transferiam-se em uma determinada época do ano para praticar atividades ao ar livre. A princípio, era fruto do amor pelo campo e da necessidade que os proprietários de terrenos rurais enfrentavam para cuidar de seus interesses no campo. Entretanto, em meados do século XVIII, essa viagem ao campo transformou-se de evasão a compromisso social, onde distintas classes sociais viam-se obrigadas a viajar, levando as classes economicamente menos favorecidas ao abuso e desperdício de dinheiro para tentar se igualar às classes superiores. “Na realidade, a vilegiatura para os venezianos do século XVIII significava passar o mês de outubro nas esplêndidas vilas no interior, em intermináveis festas, nas quais competiam com os vizinhos para ver quem gastava mais. Além disso, a mesa de jogo também contribuía para a destruição dos patrimônios. A vilegiatura tinha sido introduzida pelos nobres, mas em pouco tempo os burgueses também aderiram à moda, contraindo, assim, inúmeras dívidas que não poderiam honrar”<sup>22</sup>.

A *Trilogia* é ambientada na cidade de Livorno, de onde as personagens partem para a vilegiatura em Montenero, que dista apenas nove quilômetros da cidade. Não obstante, a trama e a descrição das personagens nos levam a identificar a cidade de Veneza e os seus cidadãos, nas entrelinhas. Nas *Mémoires*<sup>23</sup> confessa sua intenção de satirizar o costume dos venezianos, mas na edição italiana evita qualquer menção à sua cidade natal, o que parece ser um indício do receio de criar inimizades em Veneza.

Na *Trilogia* é bastante evidente que, além do fenômeno da vilegiatura, outros elementos traduziam a necessidade de alcançar prestígio social através da ostentação de tudo aquilo que o dinheiro poderia comprar: roupas, festas e jantares.

No que se refere ao vestuário, protagonista e antagonista, não medem esforços para vestir-se à última moda. Seu sonho de consumo é o vestido *mariage*, que ambas encomendam, sem saberem, para o mesmo alfaiate francês. O nome do vestido, na mesma língua do alfaiate, não é casual. Aqui convém lembrarmos que “a moda de Paris e de Londres invade a península e torna-se lei seja no vestuário como nos penteados”<sup>24</sup>. O vestido de Vitória dá margem a uma série de desencontros, determinando até mesmo o adiamento e o quase cancelamento da sua viagem, mas, uma vez em Montenero, a

<sup>22</sup> TESSARI, Roberto e RAGNI, Sergio. *Da Goldoni a Ronconi*. Roma: Laterza, 1987.

<sup>23</sup> GOLDONI, Carlo. *Mémoires*. Turim: Einaudi, 1993.

<sup>24</sup> VAUSSARD, Maurice. *La vita quotidiana in Italia nel Settecento*. Milão: Fabbri, 1998.

jovem consegue realizar o seu desejo de causar inveja nas outras mulheres, sendo provavelmente esse o verdadeiro motivo de sua viagem ao campo.

A *Trilogia da Vilegiatura* está dividida em três comédias, as quais poderiam ser encenadas individualmente, pois todas têm introdução, desenvolvimento e conclusão. Todavia, a atriz Caterina Bresciani, quando apresentou a montagem da temporada de 1762, adverte que as três comédias formaram um único pensamento. De fato, Giorgio Strehler, em sua montagem de 1954 para o *Piccolo Teatro di Milano*<sup>25</sup>, realizou alguns cortes que julgara necessário e conseguiu representá-la em uma única peça de cinco horas de duração.

Nove são as personagens da primeira comédia que integra a *Trilogia*; Felipe, sua filha Jacinta, o jovem Leonardo, que corteja Jacinta, e sua irmã Vitória, rival da namorada do irmão, de quem inveja a condição econômica (um pouco mais favorecida que a sua), e as atenções que recebe de Guilherme, com quem quer se casar. Estão presentes também Paulo e Brígida, empregados de Leonardo e Vitória, respectivamente; Ferdinando, jovem de comportamento parasita, odiado e temido por todos e Fulgêncio, único elemento sensato, o qual indaga se a vilegiatura é um bem para Felipe, e que como era de se esperar, não parte para a estação de Montenero. Na segunda comédia aparecem ainda Sabrina, velha tia de Jacinta que se apaixona por Ferdinando; Constância, esposa de um pequeno comerciante que não a acompanha na vilegiatura, e sua sobrinha Rosina; Tônico, jovem tolo, namorado de Rosina; Tita e Beltrame, servidores de Constância e do pai de Tônico, respectivamente, e um outro servidor.

Finalmente no *Retorno da vilegiatura*, não aparecem personagens desconhecidos até então, embora Bernardino que já havia sido mencionado algumas vezes só aparece, em diálogo, nesta última comédia.

No que diz respeito à nossa pesquisa a primeira comédia, *A fixação pela vilegiatura* é a mais pertinente, pois é nela que estão presentes os preparativos para a viagem, e de conseqüência, é nela que a vilegiatura mais aparece como símbolo de prestígio.

As primeiras cenas do primeiro ato nos introduz a situação econômica desfavorecida do protagonista Leonardo e de sua irmã Vitória e a sua insensata intenção de fazer uma bela figura no campo. Na primeira cena, Leonardo reconhece que Paulo tem razão quando comenta que “nos dias de hoje o campo é mais requintado do que a cidade”. Acrescenta que Montenero, onde passa a sua vilegiatura, é uma das estâncias mais freqüentadas, além de ser também uma das mais visadas no que diz respeito ao prestígio

social. Vê-se obrigado, portanto, a ir além do que gostaria, ou do que poderia, justificando-se com a frase “quem quer aparecer no mundo, tem que fazer o que os outros fazem”. Encerra essa constatação, dedicando-se, em seguida, a fazer com o seu empregado um inventário daquilo que dispõem e do que precisa ser comprado. O empregado tenta, muitas vezes, apelar para o bom senso do patrão sem, no entanto, obter bons resultados. Ainda no início, argumenta, humildemente, que o patrão não é obrigado a fazer tudo o que fazem os marqueses florentinos, que têm uma situação financeira e patrimonial bastante superior à sua. Leonardo, arrogante, responde-lhe que não precisa ter que agüentar o sermão do empregado. Justifica-se, novamente, dizendo que na situação em que se encontra, vizinho do senhor Felipe em Montenero, tem que se exceder um pouco nos preparativos, pois teme não ser à altura de comparações. Ordena, em seguida, que seu empregado compre uma série de produtos *indispensáveis* para a vilegiatura, e quando Paulo lhe pergunta mais de uma vez se pagarão por esses produtos, responde-lhe sempre que pagarão quando voltarem. O sensato empregado tenta, então, adverti-lo para o fato que haverá uma multidão de credores à sua espera quando voltarem, mas Leonardo não lhe dá ouvidos.

A cena conclui-se com um aparte de Paulo, na qual prevê as conseqüências da fixação dos padrões; “Não passará muito tempo até que as ambições da vilegiatura os reduza a miseráveis na cidade”.

Sabemos também que o pobre empregado não recebe o seu salário há seis meses, e mesmo assim, Vitória tenta convencê-lo a emprestar-lhe algum dinheiro para que ela possa levar para o campo para jogar, pois acredita que terá sorte no jogo e que, se assim acontecer, ela e o irmão poderão se recuperar da drástica situação econômica na qual se encontram.

O tio Bernardino é introduzido pela primeira vez na segunda cena do primeiro ato, onde em um aparte Leonardo reconhece que exagera em seus preparativos, esperando que a morte do tio, que culpa pela sua avareza, possa resolver os seus problemas. “Aquele avarento do meu tio poderia me ajudar, mas não quer. Mas se as minhas contas não falharem, vai morrer antes de mim, e se não quiser fazer uma injustiça ao seu próprio sangue, eu é quem serei o herdeiro de sua riqueza”. Na verdade, o tio do jovem irresponsável é apresentado como um velho sovina, despertando a antipatia do público. Essa antipatia será confirmada na terceira comédia, na qual Leonardo, deixando-se convencer por Fulgêncio, vai até a casa do tio pedir ajuda para sair da situação difícil

---

<sup>25</sup> FERRONE, Siro. *Vita, opere, critica, messinscena*. Florença: Sansoni, 1993.

em que se encontra e o tio, indignado pelo comportamento irresponsável do sobrinho, finge ignorá-lo. Gastone Geron salienta que Goldoni “não se dá ao trabalho de sugerir qualquer explicação ou indicação cênica para melhor representar o *monstro*, mas sim, limita-se ao essencial”<sup>26</sup>. Entretanto, embora aqui seja retomada a figura do rústico, Bernardino é bem mais sensato do que Leonardo, pois tem consciência das limitações de sua classe social e não vê com bons olhos (o que é compreensível) o sobrinho que se comporta como um marquesinho.

Já na terceira cena aparece a sua irmã Vitória que quer adiar a viagem, pois seu *mariage*, que descreve em detalhes e que espera ser a primeira a ter um, ainda não está pronto e não quer passar a vergonha de viajar sem ter um vestido novo para exibir à sua rival Jacinta porque a falta de um vestido pode “desmoralizar quem tem fama de ter bom gosto”.

LEONARDO: Mas não podemos adiar a viagem. Combinamos de viajar junto com o senhor Felipe e com a Jacinta, e dissemos que partiríamos hoje.

VITÓRIA: Pior ainda. Eu sei que Jacinta tem bom gosto, e não quero correr o perigo de desaparecer na presença dela.

(A fixação pela vilegiatura – Ato I – Cena III)

E Vitória, com medo de ficar sozinha em Livorno, expressa seu sentimento pelo tio Bernardino; “Se eu ficar aqui sem você, eu tenho medo que aquele asqueroso do nosso tio me obrigue a ficar em Livorno com ele...”.

Leonardo reforça, então, o seu lado irônico:

VITÓRIA: Se eu tiver que ficar sem viajar, ou aparecer em público sem o meu vestido, eu prefiro ficar doente.

LEONARDO: Que o céu lhe conceda essa graça.

VITÓRIA: De ficar doente? (Indignada).

LEONARDO: Não, de conseguir o vestido e ficar contente.

(A fixação pela vilegiatura – Ato I – Cena III)

O vestido (ou a falta dele) vai ser justamente o elemento que dará margem a Ferdinando, que presencia o desespero de Vitória frente a possibilidade de ter que renunciar à viagem se não tiver o seu, para julgar a situação financeira dos dois irmãos. Com o seu aparte: “Ah, entendi. Ela também gostaria de um vestido novo, e não tem dinheiro para fazê-lo? Na verdade todos comentam: irmão e irmã são dois loucos.

<sup>26</sup> GERON, Gastone. *Saggio introduttivo* In: GOLDONI, Carlo. *Trilogia da Vilegiatura*. Milão: Mursia,

gastam mais do que podem, e consomem em um mês em Montenero o que lhes bastaria para viver um ano em Livorno”, reforça o receio de Paulo. Ferdinando, no entanto, ao contrário de Paulo que não mede esforços para proteger os seus patrões da falência, diverte-se com a situação dos dois irmãos e provoca Vitória sabendo que “ se ela não for para o campo baterá as botas antes do final do mês”.

...

FERDINANDO: (Ela está se roendo por dentro, e eu estou me divertindo).

...

FERDINANDO: Vitória, até logo.

VITÓRIA: Até logo.

FERDINANDO: Quer algo de Montenero?

VITÓRIA: Pode ser que nos encontremos por lá.

FERDINANDO: Se você vier, nos veremos. Se não vier, faremos um brinde em sua homenagem.

(*A fixação pela vilegiatura* – Ato II – Cena V)

Provocação semelhante vai lhe fazer Jacinta na cena final do mesmo ato, quando uma fica sabendo que a outra também encomendou o seu *mariage*; “Se você for para o campo será uma ótima ocasião para usá-lo. Que pena, coitadinha de você, que não vai viajar este ano!”.

A cena do diálogo com Ferdinando termina com um monólogo de Vitória , no qual a jovem desabafa o seu temor de ter que renunciar à viagem.

VITÓRIA (sozinha): Bem, as coisas infelizmente são assim. Quando estamos à mostra, quando freqüentamos o mundo dourado, basta uma só vez que não conseguimos, estamos expostos à zombaria e à chacota. Era melhor nem ter começado. Oh! É muito duro ter que descer. Eu não tenho tanta virtude assim para isto. Estou em grande aflição, e o meu maior tormento é a inveja. Se os outros não fossem para a vilegiatura, certamente eu não estaria tão deprimida assim. Mas quem sabe se Jacinta vai mesmo ou não vai? Ela me importa mais do que as outras.

(*A fixação pela vilegiatura* – Ato II – Cena VI)

Embora nas peças de Goldoni não seja abundante, “o monólogo, em tais momentos privilegiados, ultrapassa de muito o quadro psicológico que lhe deu origem, sabendo os autores clássicos, sem que ninguém o tivesse estabelecido, que o verdadeiro interlocutor no teatro é o público”<sup>27</sup>. Serve, neste caso, para informar ao público que muito mais

---

1997.

<sup>27</sup> PRADO, Décio de Almeida. “A personagem no teatro” In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

importante para Vitória do que ir para a vilegiatura é não ficar em Livorno se sua rival viajar.

Preocupação semelhante tem Jacinta, quando, em diálogo com o pai, que lhe pergunta se não seria melhor deixar de ir para o campo para evitar os comentários maldosos que poderiam surgir, devido ao convite que fizera a Guilherme, responde-lhe: “Seria melhor por um lado, mas por outro, seria pior. Imagine! As línguas afiadas de Montenero o que não diriam sobre nós! O senhor Felipe não viaja mais, está acabado, não tem mais condições. A sua filha, coitadinha! A sua vida social acabou. O dote está em perigo: Quem vai se casar com ela? Quem vai querê-la? Eles deveriam ter comido menos, deveriam ter tido menos vida social. O que era só aparência, não tinha consistência. Parece até que eu já estou ouvindo; começo até a suar frio”.

Na *Trilogia*, ao contrário do que acontecia em outras peças, como por exemplo, em *A viúva sagaz* (*La vedova scaltra*) em *A mulher educada* (*La donna di garbo*), onde homens mais velhos eram ridicularizados por querer a companhia de moças muito mais jovens que eles, são justamente as mulheres que buscam a companhia de homens mais novos. Além de Sabrina, que faz das tripas coração para comprar o afeto de Ferdinando, é o próprio *parasita* quem menciona caso semelhante quando, em conversa com Vitória, indignado, critica o comportamento da esposa do conde Anselmo, que o trocara por um rapaz de vinte e dois anos.

FERDINANDO: É por isso que preferi a sua companhia no campo à do conde Anselmo. Além disso, aquela cafona da mulher dele é insuportável.

VITÓRIA: É verdade, quer se passar por uma juvenzinha.

FERDINANDO: No ano passado, nos primeiros dias, eu fui seu cavalheiro de companhia. Em seguida, apareceu um outro de vinte e dois anos, e ela me abandonou para ficar na companhia dele.

...

FERDINANDO: Sabe como é? É um daquelas que não têm meios, que se apoiam aqui e acolá, onde podem; e grudam a uma dessas senhoras já meio passadas, as quais lhe pagam os favores, e lhes dão, até mesmo, algum zequino para jogar.

(*A fixação pela vilegiatura* – Ato I – Cena V)

Nesse ponto, Vitória percebe que além de ser um interesseiro que se encosta nos outros para fazer a vilegiatura sem pagar um centavo de seu bolso, Ferdinando é, como já lhe havia advertido o seu irmão Leonardo, um sujeito perigoso. Comenta, em aparte, que além do mais, Ferdinando tem uma língua afiada. Tem consciência que, se não tratá-lo bem, corre o risco de cair na língua do povo.

O casamento tem importância distinta para Vitória e Jacinta. A primeira, seguindo os passos de tantas outras jovens goldonianas que almejam se casar para não mais ter que agüentar o controle do pai, como as irmãs Flaminia e Clarice do *dramma giocoso O mundo da lua (Il mondo della luna)*, quer se casar para não depender mais do irmão. “Não sou dona de mim mesma, tenho que depender do meu irmão. Não vejo a hora de me casar, nem que fosse somente para fazer ao meu modo”. Enquanto a segunda quer se casar por pura vaidade, embora não esteja apaixonada por Leonardo, com quem virá a assumir o compromisso. Nas *Mémoires*, o autor nos explica que “Jacinta não ama Leonardo com paixão, mas todavia não o despreza; encontrando-se sem inclinação por nenhum outro, não descartaria a idéia de se casar com o moço”<sup>28</sup>.

Encontraremos Felipe pela primeira vez, em sua casa, em um diálogo com Guilherme que o procura com a desculpa de desejar-lhe boa viagem, quando, na realidade, quer obter informações sobre a sua filha Jacinta por quem é apaixonado, o que fica bastante claro em seu primeiro aparte: “Ah! Se pudesse ir com ele; se pudesse me hospedar com a sua amável filha!”. Por fim, tem sucesso no seu intuito de se fazer convidar pelo pai da sua amada, e, como se não bastasse, quando o mesmo lhe pede para informar Leonardo de sua presença na carruagem, o mesmo esquiva-se dando a entender que não dispõe de tempo, e que seria melhor que Felipe mandasse um de seus empregados. Entretanto, o comportamento de Guilherme não revela arrogância, mas somente receio de encontrar o rival.

No início da conversa, porém, Felipe, “obrigado ao seu afeto”, já confessara a Guilherme: “Hoje enfim iremos para o campo. Se fosse por mim, eu já estaria lá há um mês, e nos meus tempos, quando eu era jovem, as férias eram antecipadas, e o retorno também. Uma vez feito o vinho, voltávamos à cidade; mas naquela época ia-se para o campo para fazer o vinho, hoje vai-se por divertimento, e acaba-se permanecendo no campo com o frio, enquanto as folhas secam nas árvores”.

Este comentário melancólico traduz a transformação que a vilegiatura sofreu: de retiro em busca de uma temporada na campo a veraneio obrigatório. Essa transformação fica ainda mais evidente na continuação do diálogo:

---

<sup>28</sup> Parte II – Capítulo XXVIII

GUILHERME: Mas o senhor não é o chefe? Por que não vai quando decidir, e não volta quando julgar melhor?

FELIPE: Sim, você tem razão, poderia fazer dessa forma; mas sempre fui muito sociável, sempre gostei de companhia, e na idade na qual me encontro, gosto de viver, ainda gosto de desfrutar um pouco do mundo. Se eu disser para viajarmos em setembro, ninguém vai me seguir, ninguém vai querer se sacrificar. Até mesmo a minha filha ficaria emburrada, e não tenho ninguém mais neste mundo, além de minha filha Jacinta, e desejo satisfazê-la. Vamos quando vão os outros, e eu me deixo influenciar pelos outros.

(*A fixação pela vilegiatura* – Ato I – Cena IX)

Felipe acaba admitindo que não viaja mais por prazer, mas para estar em companhia de outras pessoas e, principalmente, para satisfazer a filha, que sabe como impor suas vontades ao pai que não é capaz de negar-lhe nada. Felipe representa a antítese dos pais tiranos da comédia *Os rústicos* (*I rusteghi*), onde o velho Lunardo arranja o casamento da filha Lucinha com Felipinho, estipulando um contrato com o pai do rapaz, Maurício, com quem estabelece que os filhos não deverão se conhecer antes do casamento. A senhora Felícia (*Felice*, no original, o que já é bastante alusivo, pois significa *feliz*), tia do noivo, inconformada com tamanha tirania, desenvolve um plano para apresentar os dois jovens, que acabam se apaixonando à primeira vista. Uma vez descoberta a armação preparada pelas mulheres, os pais querem imediatamente cancelar o compromisso, mas Felícia, com toda a sua astúcia, acaba por convencer os pais rústicos a serem mais condescendentes. Nesta comédia, Goldoni coloca-se na defesa dos jovens, ridicularizando os pais opressores. Em contraposição, na *Trilogia* os jovens têm demasiada liberdade, o que os leva à ruína, seja Leonardo e a sua irmã com os gastos excessivos, seja Jacinta, que assume, precipitadamente, um compromisso com Leonardo sem amá-lo, somente para mostrar a todos que faz o que bem entende. A protagonista é apresentada como uma jovem mimada, que não admite ser contrariada e que tem o pai viúvo nas mãos. Faz a sua entrada na décima cena do primeiro ato, logo após o monólogo no qual seu pai sente-se preocupado a respeito de possíveis comentários a respeito da conduta de sua família.

A primeira fala da jovem, “Meu pai, por favor, dê-me outros seis zequinos”, já nos dá uma idéia da sua personalidade e da maneira como consegue manipular o pai. Segue-se, então, um diálogo entre Felipe e sua filha, na qual a moça tenta convencer o pai da necessidade de manter-se sempre na moda. Até mesmo Brígida, empregada de Jacinta (que também faz aqui a sua primeira aparição) ridiculariza a sensatez do pai de sua patroa, que derrotado pelos argumentos das jovens, finaliza dizendo: “Então eu tenho

que agradecer a minha filha querida, que me faz a grande gentileza de me fazer economizar imensamente”, referindo-se, em tom irônico, aos caprichos da filha.

BRÍGIDA: Eu lhe asseguro que não existe uma moça mais econômica.

JACINTA: Eu me contento com o mínimo indispensável, e mais nada.

FELIPE: Filha querida, seja indispensável ou não indispensável, saiba que eu quero que você esteja satisfeita, e os seis zequinos pode ir buscá-los no meu quarto, que lá estarão. Mas em relação à economia, estude-a um pouco mais, porque quando se casar, será difícil que encontre um marido com o caráter do seu pai.

(A fixação pela vilegiatura – Ato I – Cena X)

Não obstante a resposta sarcástica do pai da protagonista, Felipe não é, de forma alguma, mais responsável do que a filha, pois sabemos, através de um diálogo que, posteriormente, manterá com o seu amigo Fulgêncio, que este é quem lhe empresta o dinheiro para que ele possa viajar e permanecer tanto tempo na estância de Montenero. Fulgêncio, embora lhe empreste o dinheiro com prazer, não consegue compreender como um homem que tem renda suficiente para manter a si e à sua família com dignidade na cidade, sempre tem que pedir empréstimos somente para satisfazer os seus caprichos de vilegiatura, a qual, na verdade, é imposta pela sociedade.

Em seguida ao diálogo entre Jacina e o seu pai, é a empregada Brígida que faz as suas exigências, contrariada, quando é informada que deverá viajar de barco porque não lhe foi reservado um lugar na carruagem.

Por fim, Felipe cede mais uma vez aos pedidos da filha e reconhece: “...não sou capaz de dizer não, e nunca direi não”, e na cena seguinte, a sós com sua empregada, Jacinta vangloria-se dizendo “Ah! Eu tenho esta qualidade: consigo fazer com que todos façam o que eu quero”.

No mesmo diálogo, quando Brígida lhe chama a atenção para o provável ciúme de Leonardo ao saber que Guilherme irá na carruagem com Jacinta, a jovem declara que não permitirá que o moço tome conta de sua vida nem antes nem depois de casada: “...prevendo que ele possa se tornar meu marido, quero prepará-lo com antecedência para que não seja ciumento, e que não me prive da minha honesta liberdade. Se começa desde já a impor, a mandar, se consegue desde já a intimidar-me, a tornar-me submissa, tudo estará perdido, serei perpetuamente escrava”. Esse tipo de discurso não é novidade na boca de personagens femininas de Goldoni. Novamente lembrando o *dramma giocoso O mundo da lua (Il mondo della luna)*, as duas irmãs Flaminia e Clarice

discorrem sobre as vantagens e desvantagens de se casarem. A mais astuta, Clarice, diz que vai escolher para si alguém que a deixe livre e sair sozinha sempre que desejar. Por outro lado, na comédia que está sendo ensaiada dentro da comédia *O Teatro Cômico (Il teatro comico)*, a personagem Colombina interpretada por Beatriz, é cortejada contemporaneamente por Arlequim e Briguela. Ambos para conquistá-la, enumeram suas virtudes e comportamentos. Briguela, mais malicioso traça um quadro, onde detém o comando total da situação, enquanto que Arlequim, o bobo, deixaria o controle nas mãos de Colombina. A moça, por fim, diz que nenhum dos dois agrada-lhe plenamente, pois a falta de liberdade é tão ruim quanto a falta de controle. Mas aqui, Jacinta demonstra não querer prestar contas a ninguém sobre seus atos. Lembra-nos a protagonista de outra comédia, Mirandolina (*La locandiera*), que embora queira se casar com Fabrício, não permite que o jovem tenha ciúme de seus cortejadores. No entanto, diversamente da estalajadeira, Jacinta, que parece tão forte e segura de si, acaba sim prestando contas, não ao seu pai, o qual já vimos que é totalmente dominado pela filha, nem mesmo ao noivo, mas à sociedade, cuja opinião lhe é mais importante que os seus próprios sentimentos, e, no final da terceira comédia da trilogia, abdica de seu amor por Guilherme, para se casar com Leonardo, com o qual já havia assumido um compromisso perante a sociedade. Situação semelhante ocorre na comédia *A vilegiatura (La villeggiatura)*, na qual Lavinia, que não nutre verdadeiro amor pelo seu marido Gaspar, não consegue disfarçar o quanto a perturba o reencontro com o seu antigo cortejador Dom Paulinho, que acaba de retornar de uma viagem de dois anos a países estrangeiros. Lavinia “poderia ser a irmã mais velha de Jacinta” porque ambas acabam por preferir “mesmo que dolorosamente, a honra ao amor”<sup>29</sup>. Portanto, é a sociedade o verdadeiro temor de Jacinta, e é pela sociedade que a jovem faz tanta questão de viajar. Encontramos essa evidência em um diálogo entre Jacinta e Leonardo.

JACINTA: Você nunca incomoda; seja sempre bem-vindo. Você é tão gentil que me agrada sempre. (Com ironia).

LEONARDO: Não sou eu o gentil. O gentil você terá ao lado na sua carruagem.

JACINTA: Eu não decido nada. Meu pai é quem decide, e tem autonomia para levar consigo quem quiser.

...

LEONARDO: Ah! Não faltam argumentos quando queremos algo de verdade.

---

<sup>29</sup> GERON, Gastone. “Saggio introduttivo” In: GOLDONI, Carlo. *Trilogia della vilegiatura*. Milão: Mursia, 1997.

JACINTA: Por exemplo?

LEONARDO: Por exemplo, encontramos algo para adiar a partida, e assim ganhamos tempo; e quando é importante, deixamos de ir, ao invés de desagradar uma pessoa pela qual nutrimos alguma estima.

JACINTA: Sim, para fazer papel de ridícula esse é o verdadeiro caminho.

LEONARDO: Você não se importa comigo.

JACINTA: Tenho estima, tenho carinho por você; mas não quero por culpa sua fazer papel de ridícula na frente de todos.

LEONARDO: Seria um grande sacrifício passar este ano sem vilegiatura?

JACINTA: Passar este ano sem vilegiatura? O que diriam de mim em Montenero? O que diriam de mim em Livorno? Não teria coragem de olhar para mais ninguém.

(A fixação pela vilegiatura – Ato I – Cena XII)

No final deste diálogo fica claro como Leonardo encontra-se em uma verdadeira armadilha. Por um lado, gostaria que nem mesmo existisse a vilegiatura, mas por outro sabe que Jacinta jamais abdicaria a ela.

JACINTA: ...não quero despeitos, e não quero passar por ridícula para ninguém, e vou para a vilegiatura, tenho que ir, e quero ir. (Sai).

LEONARDO: Vá, que o diabo a carregue. Mas não; pode ser que você não vá. Farei de tudo para que não vá. Maldita seja a vilegiatura. Foi durante a vilegiatura que fez essa amizade. Conheceu aquele lá na vilegiatura. Vou sacrificar tudo: diga o mundo o que quiser; diga a minha irmã o que quiser dizer. Não vamos mais viajar; não vamos mais para o campo. (Sai).

(A fixação pela vilegiatura – Ato I – Cena XII)

No entanto, malgrado os brados de Leonardo nesse monólogo, o jovem não consegue não se importar com o que a sociedade iria dizer se ele não fosse para a vilegiatura, e também acaba se curvando à *necessidade da vilegiatura*. E é justamente esse vai-não-vai para a vilegiatura (Vitória, em dúvida em função do vestido e Leonardo pelo desentendimento com Jacinta) que acaba-se tornando um dos poucos trechos verdadeiramente cômicos da *Trilogia*.

VITÓRIA: Aqui estamos, meu irmão, trabalhando para você.

LEONARDO: Não tenham pressa. Pode ser que a partida seja adiada.

VITÓRIA: Não, não, prepare tudo sem hesitar. Já estou pronta, o meu marriage está pronto. Estou muito contente, não vejo a hora de partir para a vilegiatura.

LEONARDO: E eu, acreditando que lhe faria uma gentileza, mudei os planos, e hoje não se parte mais.

...

VITÓRIA: E a Jacinta vai hoje à noite?

LEONARDO: Pode até ser que ela não vá mais.

VITÓRIA: Eis aqui a grande causa. Eis aqui o grande motivo. Porque a lindinha não viaja, o namorado também não vai querer viajar. Eu não tenho nada a ver com ela, e pode-se muito bem viajar sem ela.

LEONARDO: Você vai viajar quando eu resolver viajar.

VITÓRIA: Isso é uma afronta, essa é uma injustiça que você me faz. Eu não vou ficar em Livorno, quando todos vão para o campo, e a Jacinta vai ver só, se eu ficar em Livorno por causa dela.

LEONARDO: Este não é o comportamento de uma moça educada e comportada como você. E tu, o que fazes aí, parado que nem um poste? (Para Paulo).

PAULO: Estou esperando as suas ordens. Fico aqui olhando e ouvindo. Não sei se tenho que continuar as malas, ou começar a desfazê-las.

VITÓRIA: Continue a fazê-las.

LEONARDO: Comece a desfazê-las.

PAULO: Fazer e desfazer, e eu sempre tenho que me mexer (Tirando coisas do baú).

VITÓRIA: Eu jogaria tudo isso pela janela sem pensar.

LEONARDO: Comece jogando fora o seu marriage.

VITÓRIA: É o que eu vou fazer, se não viajar, vou rasgá-lo em mil pedaços,

LEONARDO: O que tem nessa caixa? (Para Paulo).

PAULO: O café, o chocolate, o açúcar, a cera e as especiarias.

LEONARDO: Imagino que nada disso foi pago.

PAULO: Como o senhor acha que eu poderia ter pago? Saiba que para ter tudo isso a crédito eu tive que suar, e todos os comerciantes me maltrataram, como se eu tivesse roubado tudo.

LEONARDO: Devolve cada coisa a quem te vendeu e cancela a viagem.

PAULO: Sim, senhor. Ei, tem alguém aí para me ajudar? (Os servidores vêm em sua ajuda).

VITÓRIA: (Oh, coitada de mim! Lá se foi a vilegiatura).

PAULO: Muito bem, patrão. Assim é que se faz. Quanto menos dívidas melhor.

LEONARDO: Que um raio te parta. Não me venhas com sermão, que eu acabo perdendo a paciência.

PAULO: (Vamos, vamos, antes que ele se arrependa. Dá para perceber que não faz assim por economia, faz por algum outro motivo que lhe tormenta a cabeça). (Leva embora o baú, e sai).

(A fixação pela vilegiatura – Ato II – Cena II)

Paulo, em um certo momento, encontra-se entre a cruz e a espada e não sabe se dar ouvidos a Leonardo ou a Vitória. Lembra-nos a empregada de Magdelon e Cathos, as preciosas ridículas de Molière, que se perde em meio aos caprichos exagerados das patroas para parecerem *preciosas*.

A cena com Paulo, embora cômica, não subtrair nada à sua sensatez. Até aqui vimos o empregado de Leonardo sempre tentando iluminar o seu patrão para que não contraísse dívidas, as quais depois não seria capaz de honrar. Paulo, certamente, não tem o temperamento brilhante do Fígaro de Beaumarchais, mas, devido à sua superior lucidez, não seria nada surpreendente se ele tivesse repetido a célebre réplica do barbeiro na comédia *O casamento de Fígaro*: “Pelas qualidades que são exigidas de um criado,

conhece Vossa Excelência muitos senhores que seriam dignos de ser valetes?”. Por sua vez, Brígida, empregada de Vitória parece, à primeira vista, tão frívola quanto a sua patroa, mas na verdade não o é. Já em Montenero, no primeiro ato das *Aventuras da Vilegiatura*, Brígida abre a primeira cena comentando com os outros servidores os excessos que seus patrões fazem quando se transferem para o campo.

BRÍGIDA: Venham, venham, todos ainda estão dormindo.

PAULINHO: Na nossa casa também não faz muito tempo que foram se deitar.

TITA: E as minhas patroas, sem dúvida vão dormir por pelo menos três horas.

BELTRAME: Se ficam acordadas a noite toda, têm que dormir durante o dia.

PAULINHO: E você, Brígida, como conseguiu acordar assim tão cedo?

BRÍGIDA: Ah, eu dormi muito bem. Quando começaram a conversação eu fui dormir. Jogaram, jantaram, voltaram a jogar, e eu me divertia dormindo. Quando já tinha amanhecido, a patroa mandou me chamar; eu me levantei, ajudei-a a se despir, coloquei-a na cama, fechei o quarto, e aproveitei para me vestir. Já fiz uma caminhada no jardim, colhi os meus jasmims, e senti um enorme prazer.

PAULINHO: Então, no fundo, alguém consegue se divertir. Mas, e os nossos patrões, como se divertem?

BRÍGIDA: Que nada! Para eles a cidade e o campo são a mesma coisa. Fazem exatamente as mesmas coisas.

PAULINHO: Não tem nenhuma diferença, a não ser que, no campo, encontram mais pessoas e gastam muito mais.

(As aventuras da vilegiatura – Ato I – Cena I)

Como vimos, nesta passagem, ambos, Paulinho e Brígida, compartilham a mesma opinião, ou seja, que, na verdade, seus patrões acabam não se divertindo nem um pouco no campo. Além de estarem sempre exaustos em virtude dos inúmeros compromissos sociais como jogos, jantares, conversações, não fazem nada diversamente do que fazem na cidade; a única diferença é que gastam muito mais para se darem o luxo de ir para a vilegiatura. Brígida, na sua condição de empregada, consegue usufruir muito mais desse retiro do campo, aproveitando do período no qual sua patroa dorme para fazer caminhadas pelo campo, o que realmente constitui uma atividade saudável para alguém que deixa a cidade. Em suma, o que deveria ser um prazer para os patrões, como é para os empregados, no final, torna-se uma verdadeira agonia, a tal ponto que os *villeggianti*, cada um em um determinado momento, passam a amaldiçoar a vilegiatura que tanto haviam desejado.

Na segunda cena do terceiro ato das *Aventuras da vilegiatura*, o monólogo de Jacinta revela o seu conflito interior, manifestando a sua ansiedade pelo término da vilegiatura; “Vai terminar esta vilegiatura indigna”, pois acredita que, de volta a Livorno não terá

mais que suportar o perturbador assédio de Guilherme, pelo qual é ciente de ter se apaixonado, embora já esteja comprometida com Leonardo. Este também não agüenta mais a vilegiatura e arma, com a cumplicidade de Paulo, um plano para justificar o seu retorno inesperado a Livorno, e aqui mais uma vez assistimos a uma cena em que o patrão é salvo pela colaboração do seu empregado.

Até aqui demos mais atenção aos protagonistas, mas estes não são os únicos prontos a sacrifícios para não faltar ao compromisso da vilegiatura. O mesmo acontece com as personagens secundárias, como Rosina e a sua tia Constância, a qual pertence claramente à pequena burguesia, e cujo marido permanece na cidade trabalhando para que ela possa usufruir do prestígio da vilegiatura, como nos informa o seu servidor:

TITA: O meu patrão ficou em Livorno, e a patroa veio para cá aproveitar. O marido dá duro na cidade, e a mulher vem para o campo para gastar e se divertir.

PAULINHO: É... A senhora Constância impressiona a todos por aqui. Se alguém não a conhecesse, jamais diria que é a esposa de um pequeno comerciante.

BELTRAME: Impressiona mesmo! Ela foi apelidada de governadora de Montenero.

(As aventuras da vilegiatura – Ato I – Cena II)

Jacinta, todavia, assim que a visita no *Retorno da Vilegiatura*, percebe claramente como Constância conduz uma vida de aparências em Montenero, não obstante em Livorno viva de forma infinitamente mais modesta, expressando as suas considerações em um aparte para dividi-las com o público: “Tanta opulência no campo, e fica aqui neste chiqueiro”. A dona da casa, com receio que isso pudesse acontecer, já tinha proposto à sobrinha Rosina que elas fossem à casa de Jacinta para evitar que a jovem visse as condições em que vivia em Livorno.

CONSTÂNCIA: Rosina, arrume-se, que vamos fazer algumas visitas.

ROSINA: E aonde nós temos que ir assim tão cedo? Acabamos de chegar.

CONSTÂNCIA: Quero ir à casa da senhorita Jacinta e à casa da senhorita Vitória.

ROSINA: Desculpe-me, senhora tia, uma vez que nós viemos de Livorno depois delas, elas é que têm que vir nos visitar antes.

CONSTÂNCIA: É justamente isto que eu não quero que aconteça. Se elas vierem aqui, como você quer que eu as receba? Você não está vendo que casa é esta? Não tem um aposento adequado, tudo velho, tudo antigo, tudo em desordem.

ROSINA: Para dizer a verdade, tem uma grande diferença entre esta casa vagabunda e a bela propriedade do campo.

CONSTÂNCIA: A diferença é que a propriedade do campo eu decorei ao meu gosto, e esta casa foi decorada segundo o gosto avacalhado do meu marido.

ROSINA: Ah, o meu tio não liga para isso. Ele está acostumado a lidar com pequenos comerciantes e não dá muita importância à elegância.

CONSTÂNCIA: Eu não suporto esse tipo de coisa; de agora em diante quero ficar no campo dez meses por ano. Pelo menos lá eu sou respeitada.  
(O Retorno da vilegiatura – Ato III – Cena V)

E assim, chegamos à conclusão que, na *Trilogia*, todos os que não abdicam de ir para o campo em vilegiatura o fazem sobretudo pela questão do prestígio que essa viagem irá lhes proporcionar, e não em busca de um ambiente novo como deveria representar o campo em comparação à cidade.

Seria, contudo, essa situação muito distinta da realidade contemporânea na qual vivemos, onde pessoas ainda estão dispostas a endividar-se para não perderem o prazer, ou seria, o compromisso da viagem? A vilegiatura, descrita nas comédias de Carlo Goldoni, transforma-se, no decorrer dos séculos nas férias do século XX, embora no início deste ainda era atividade reservada a poucos ricos e burgueses que dispunham de tempo e dinheiro para concederem-se uma temporada nas cidades balneárias, que tomaram o lugar do campo do século XVIII. Nasceram, assim, os grandes hotéis, os estabelecimentos balneários e os cassinos no litoral. No conto *Morte em Veneza* (1912), de Thomas Mann, a ambientação é justamente essa: Nobres e burgueses bem sucedidos viajam para o Lido de Veneza onde permanecem durante a temporada, desfrutando da oferta turística desta cidade balneária, que serve, parcialmente, de cenário para o conflito erótico-existencial do escritor Gustav von Aschembach, embora a história se desenvolva principalmente na cidade de Veneza, mostrada em toda a sua decadência, que Goldoni já previra quase dois séculos antes. Algumas décadas mais tarde, já é acessível à classe, hoje denominada média; como atesta o filme de Vittorio De Sica, *As crianças nos observam* (*I bambini ci guardano*, 1943), no qual a família romana parte, em vilegiatura, para a Ligúria, região litorânea italiana. Com o passar do tempo, a viagem populariza-se cada vez mais, e hoje somos todos herdeiros do fenômeno da vilegiatura, que evoluiu com o tempo, e hoje recebe o nome de turismo de massa.

E aqui gostaríamos de lembrar novamente o que o crítico Siro Ferrone<sup>30</sup>, por ocasião do bicentenário da morte do comediógrafo veneziano afirmou; que Carlo Goldoni, como Shakespeare e outros grandes homens que escreveram a história do teatro, era e continua sendo um clássico, porém moderno, pois analisando a sua sociedade, antecipara e previra o comportamentos da sociedade contemporânea.

---

<sup>30</sup> FERRONE, Siro. *Le opere* In: MESSINA, Nuccio (org.) *Carlo Goldoni. Vita, opere, attualità*. Roma: Viviani Ediotre, 1993.

## CAPÍTULO 3: CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 3.1. Goldoni; um moralista?

Como era de praxe nas peças do autor veneziano, assim como nas comédias e farsas do seu precursor Molière, que herdara esta característica, originalmente, de Plauto, a *Trilogia* também termina em casamento; três para sermos exatos, o que, pelo número, não deixa de ser uma grande ousadia. No entanto, ao contrário de outras peças como *Arlequim, servidor de dois amos (Il servitore di due padroni)* ou *Os namorados (Gli innamorati)*, onde os casais realmente se amam e o desfecho sempre os encontra radiantes de felicidade, aqui a união representa somente uma maneira de resolver o problema das personagens perante a sociedade; não mais correspondendo aos parzinhos convencionais da tradição italiana, em moda também na França que fora retomado até mesmo no *Barbeiro de Sevilha*, cujo conflito e caracteres são tradicionais, e de consequência, também o é o matrimônio do conde de Almaviva com Rosina<sup>1</sup>.

Três noivas, todas infelizes; Rosina tem que se resignar à idéia de encontrar-se casada com Tonico, sendo este tolo e humilhado por todos pela sua total falta de inteligência e pelo seu comportamento sempre inadequado, mas é a única oportunidade para a moça, pobre e sem dote. Vitória, que se casará com Guilherme, embora saiba que este não a ama, e finalmente, a protagonista Jacinta, que jamais se deixa intimidar por ninguém, porém o faz quando está frente a frente com as convenções impostas pela sociedade.

De todos os casais que se formaram durante o desenvolvimento da comédia, somente o envolvimento de Brígida e Paulinho deu-se de maneira espontânea, durante a vilegiatura, não obstante o autor não nos forneça o desenlace. Talvez para não ser convencional, pois, dessa maneira, o único casal que realmente está apaixonado (ainda que, ao menos aparentemente, a moça está mais aflita para concluir a união do que o rapaz) e que não enfrenta nenhuma espécie de obstáculo, não terá a oportunidade de união na cena final da terceira comédia, quando os outros pares comprometem-se em matrimônio.

Ferdinando e Sabrina, no entanto, não se casam, mas a velha senhora, termina, a duras penas, oferecendo-lhe a doação tão exigida pelo jovem amante. Toma esta decisão por

---

<sup>1</sup> ARÊAS, Vilma. *Iniciação à comédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

desespero, sendo ela viúva, velha e ingênua, porém não tão tola, pois tem consciência das verdadeiras intenções do rapaz. No decorrer da comédia, Sabrina foi bastante ridicularizada por sua insistência em relacionar-se com um rapaz que entendemos ser bem mais jovem do que ela, constituindo, desta forma, um dos objetos cômicos da peça; que embora com este comportamento pareça ser uma personagem de farsa, cujo objetivo, segundo Lessing<sup>2</sup> é somente provocar o riso, aqui poderíamos classificar de “verdadeira comédia”, que seria uma união de ambas; farsa e comédia lacrimajante ou sentimental, ou seja, aquela que toca o coração<sup>3</sup>.

Quase dois séculos mais tarde, encontraremos uma velha com semelhante comportamento em um famoso ensaio de 1908 de Luigi Pirandello, cuja concepção de humorismo, derivada dos românticos alemães, pode ser definida como um aprofundamento dramático do cômico; o próprio Pirandello nos dá um exemplo muito claro, descrevendo uma velha senhora que se veste e se maquia como uma garotinha; o que desperta-nos a risada, porque temos imediatamente a “noção do contrário” (ou seja, que a velha senhora é o contrário do que deveria ser). Pirandello, todavia, sugere que não nos devemos limitar a esta conclusão, devemos procurar entender o *porquê* da velha senhora comportar-se de forma tão estranha; poderemos, então, descobrir que, tendo sido muito bela, não se resigna a perder a própria beleza, e o fato de vestir-se e maquiarse como uma garotinha, passa a ser uma metáfora da luta contra a velhice. O autor siciliano acrescenta também que a velha senhora poderia, talvez, ter um homem mais jovem do que ela, e conseqüentemente, a vontade de querer parecer mais jovem seria uma tentativa desesperada para não perdê-lo. Teremos, assim, o “sentimento do contrário”<sup>4</sup>, e a velha senhora não nos faz mais rir, pelo contrário, fará com que nos comovamos.

Aqui poderíamos estabelecer uma comparação com a ironia usada por Goldoni no diálogo entre Fulgêncio e Bernardino:

---

<sup>2</sup> idem

<sup>3</sup> ibidem

<sup>4</sup> PIRANDELLO, Luigi. “O Humorismo” (Trad. Aurora F. Bernardini) In: GUINSBURG, Jacob (Org.). *Pirandello: Do teatro no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FULGÊNCIO: Amigo, eu tenho que lhe falar do Leonardo, seu sobrinho.

BERNARDINO: Do senhor marquesinho? O que tem feito o senhor marquesinho? Como tem se comportado o senhor marquesinho?

FULGÊNCIO: Para dizer a verdade não tem sido muito responsável.

BERNARDINO: Não tem sido responsável? Ah, não acredito! Parece-me que é mais responsável do que nós, que fazemos sacrifício para viver com dificuldade; e ele aproveita a vida, dilapida o patrimônio, diverte-se, está sempre alegre; e o senhor acha que ele não tem responsabilidade?

FULGÊNCIO: Eu percebo que o senhor fala com ironia, e que, no fundo, detesta-o, condenando-o desse jeito.

BERNARDINO: Ah, eu não me atrevo a julgar a conduta do ilustríssimo senhor marquesinho Leonardo. Tenho respeito demais por ele, pelo seu talento, pelas suas belas roupas enfeitadas. *(Irônico)*.

...

FULGÊNCIO: O seu sobrinho está no chão.

BERNARDINO: No chão? Por acaso caiu da carruagem? Os cavalos, por acaso, soltaram-se da carruagem?

...

FULGÊNCIO: E se não tiver mais nada, nem crédito, como ele fará para viver?

BERNARDINO: Ah, isso não é nada. Ele pode ir cada dia à casa de uma pessoa diferente que já comeu na casa dele, e assim nunca vai ficar sem comer.

*(O retorno da vilegiatura – Ato II – Cena V)*

Temos aqui um diálogo de extrema importância, que nos causa o mesmo *sentimento do contrário* provocado por Pirandello: estamos defronte aos dois paradoxos que representam os *males* de Veneza: o jovem (sempre preocupado com o divertimento fugaz e com as aparências) e o velho (o *rustego*, o ultrapassado, o sovina), o qual, apesar de ser antipático aos olhos do público, não o deixa indiferente em sua mensagem: “Quem gasta o que não tem, cedo ou tarde, acaba sem nada e tendo que se humilhar”. Não seria esta uma mensagem codificada para os cidadãos de Veneza, e principalmente para a burguesia (notemos como repete, ironicamente, a palavra *marquesinho*), que decepcionara Goldoni, o qual, a princípio, via justamente nela, na burguesia, as qualidades da sociedade veneziana, mas que depois acabou por desapontar o comediógrafo veneziano ao imitar a nobreza, repetindo os seus erros, sem nem ao menos ter os recursos dessa?

Este diálogo é bastante representativo, diríamos até mesmo alegórico, onde Leonardo poderia ser interpretado como a sociedade frívola de Veneza, que não se dera conta dos gastos e desperdícios em excesso, e já na cena final do primeiro ato de *O retorno da vilegiatura* reconhece os seus erros e arrepende-se de seu comportamento em um monólogo, que mais se parece com uma declaração de *mea culpa*.

*..o que adiantou eu ter feito a minha figura com tanta opulência e com tanto luxo, se agora vão descobrir a minha miséria, e a minha ambição vai ser condenada? ...Quem é o meu maior inimigo além de mim mesmo? Eu sou o louco, o tonto, o meu maior inimigo.*

Analisando essa conclusão muitos poderiam acusar Goldoni de moralista. Além disso, na conclusão da *Trilogia*, o sentimento verdadeiro dá lugar a convenções impostas pela sociedade. Nenhuma outra personagem cede mais às imposições do meio quanto Jacinta, a qual abdica ao sentimento que nutre por Guilherme, pois teme a repercussão negativa do rompimento de seu compromisso com Leonardo.

O seu noivo, por sua vez, também não se casa porque loucamente apaixonado, ainda que sentisse uma inegável atração física em relação a Jacinta. Toma consciência, como bem observa Gastone Geron<sup>5</sup>, que a única solução para os seus problemas, uma vez que o seu tio lhe virara as costas irredutivelmente, seria unir-se em matrimônio a uma jovem com alguns recursos, se bem que não fosse de uma família realmente rica, pois vimos que seu pai sempre pede dinheiro emprestado ao seu amigo Fulgêncio para poder desfrutar do período de vilegiatura. Leonardo, ao contrário da irmã, não é tolo e, portanto, percebe desde o início que Guilherme e Jacinta nutrem um sentimento recíproco, e apesar de demonstrar seu ciúme em diversas ocasiões, acaba sufocando o seu orgulho masculino e fechando os olhos para as evidências para salvar o seu casamento, que, por sua vez, salvará a sua situação econômica. Além disso, a união entre Jacinta e Leonardo possibilitará também o casamento da sua irmã com Guilherme, uma vez que este, estando apaixonado pela protagonista, aguarda esperançoso até o último momento que esta desista de seu compromisso com Leonardo, e que finalmente ceda à paixão que sente por ele, agora já comprometido com a sua cunhada. Guilherme, na verdade, não é um tipo tão impulsivo quanto Jacinta, pois mesmo amando-a e tendo insistido em várias ocasiões para que ela voltasse atrás na sua decisão de casar-se com o noivo com o qual assumira o compromisso, consegue esconder os seus sentimentos até o final. Assim o descreve Goldoni em suas *Mémoires*: “jovem, de boa família, bem educado e cortês, mas bastante astuto e perspicaz, pois sabe esconder a sua paixão e as suas intenções”<sup>6</sup>, sem, no entanto, renunciar as tentativas de convencer a sua amada. (De fato, faz-se convidar por Felipe para passar a vilegiatura na casa deste, ao invés de preferir a sua propriedade nas colinas de Pisa, provocando assim a ira de Leonardo e a indignação de Fulgêncio, que se prestara a estabelecer o matrimônio entre Jacinta e este jovem). Às aproximações e declarações de Guilherme, Jacinta responde sempre com cautela, e a sua destreza chega ao auge quando, em Montenero, ao ser descoberta por

---

<sup>5</sup> GERON, Geron. “Saggio introduttivo” In: GOLDONI, Carlo. *Trilogia della villeggiatura*. Milão: Mursia, 1997.

Leonardo, sozinha no bosque (embora não estivesse fazendo nada de comprometedor) com o seu rival, Jacinta, imediatamente, inventa uma história, alegando que estava tentando convencer o jovem rapaz a assumir perante a sociedade o seu compromisso com a irmã de Leonardo. Esta habilidade de Jacinta é mais um exemplo da presença de espírito peculiar a todas as protagonistas que permeiam a obra de Carlo Goldoni. Lembremos aqui de Rosaura, empregada brilhante de *A mulher educada*, cujas artimanhas colocam todos a seu favor em sua vingança contra Lélío. Outra evidência do poder de manipulação que Jacinta exerce sobre os outros é a maneira como ela consegue descarregar no ingênuo pai toda a responsabilidade de ter convidado Guilherme para acompanhá-los à vilegiatura, quando sabemos que ela queria que o jovem fosse com a sua família, não porque já sentisse algo especial pelo moço, mas somente para mostrar a Leonardo que não se deixava condicionar pelo seu ciúme. No entanto, ela é a maior vítima de seus caprichos, pois foi justamente em função da convivência que teve com Guilherme, seu hóspede em Montenero, que acabou se apaixonando por ele, o que quase arruinou a sua reputação, mais importante para ela do que a sua própria felicidade. Podemos aqui traçar mais algumas semelhanças entre Jacinta e Mirandolina, pois esta também acaba se casando com Fabrício porque o seu pai o havia determinado antes de morrer e porque, reconhecendo a sua condição de plebéia não ousava sonhar com um casamento com um homem de outra classe social. Aliás, a mobilidade social na obra de Goldoni, quando presente, dá margem a uma série de conflitos gerados exatamente pelas diferenças de classes, como acontece nas comédias *A família do antiquário* (*La famiglia dell'Antiquario*) e em *A esposa sábia* (*La Moglie saggia*), o que poderia ser identificado com mais um aspecto moralista nas comédias do autor vêneto.

A *Trilogia* chega à sua conclusão, com uma fala de Jacinta, como nas duas comédias precedentes. Dessa vez, no entanto, a jovem não mais proclama a partida imediata para a tão desejada vilegiatura, desejando uma boa viagem aos que partem e boa permanência aos que ficam, como havia feito em *A fixação pela vilegiatura*, nem tampouco reconhece com ironia os próprios sentimentos como no desfecho de *As aventuras da vilegiatura*. Na terceira comédia não há espaço para a alegria da primeira, nem para a ironia da segunda. Há sim, novamente, um sentimento de *mea culpa*, evidente nos conselhos que a jovem dá aos cônjuges Rosina e Tónico, esperando que não se lamentem “da comodidade que a vilegiatura em liberdade lhes proporcionou”; nos desejos de “paz e tranquilidade” para a cunhada Vitória; nas advertências para que o

---

<sup>6</sup> Parte II – Capítulo XXVIII

pai “controlasse melhor os seus negócios, viajasse com juízo e gastasse com cuidado”, nos agradecimentos ao senhor Fulgêncio, reconhecendo, finalmente, “o bem resultante de toda a sua obra”; e, principalmente, nas reverências melancólicas que faz a Guilherme. Entretanto, a resignação de Guilherme pode ser apenas aparente. Geron, a este propósito, faz uma analogia com *Casa de bonecas*, propondo que assim como seria razoável pensarmos a uma segunda Nora para dar continuidade à peça de Ibsen, também seria aceitável imaginarmos que Guilherme não se dará por vencido e que poderá continuar a perturbar Jacinta até mesmo depois de sua mudança para Gênova.

No momento final Jacinta dialoga com o público, fazendo um apanhado das três comédias, o qual conclui com a frase “...se tiverem motivo para rir do comportamento errado dos outros, consolem-se consigo mesmos de sua prudência”. Esta fala soa como uma advertência que o comediógrafo insiste em fazer, usando novamente o recurso do *sentimento do contrário*, que mais tarde seria elaborado por Pirandello, como se quisesse alertar a sociedade veneziana que *eventualmente*, se alguém se reconhecer nas advertências da jovem burguesa, está se comportando de forma equivocada, mas ainda há tempo de remediar o erro e começar a comportar-se com mais prudência (nem tanto ao céu, como os *rusteghi*, nem tanto à terra, como Jacinta e seus companheiros de vilegiatura); caso contrário, a ruína não tardaria a chegar. Há, portanto, uma sutil ironia por trás da exortação de autor da *Trilogia*, pois o quadro que ele pinta é, de certa forma, uma espelho, o reflexo dos *que me escutam e me honram*, a quem Jacinta dirige as suas palavras: o público ideal de Goldoni, ou seja, a sociedade veneziana de sua época. Pelo que sabemos, a sociedade não quis escutá-lo, não quis ver as evidências; continuou vivendo na ficção, na ilusão; em outras palavras, quis viver aquela realidade que o teatro representa.


No entanto, surge, espontaneamente, a dúvida se o autor não estaria justamente, com esse desenlace, que soa moralista, mas que sendo assim melancólico acaba por identificar mais a tragédia do que a comédia, deixando espaço para uma interpretação ambígua. Não podemos deixar de lembrar que o homem Goldoni não teve sempre uma conduta imaculada. Embora em suas *Mémoires* não apareça nenhuma referência sentimental após “as felizes núpcias com a doce e compreensiva Nicoletta Connio, Goldoni provavelmente não permaneceu sempre insensível às graças das primas donas, às malícias das *soubrettes*, aos elogios das admiradoras mais ou menos importantes, às

conversações cheias de sedução nos cafés e no freqüentado teatro Ridotto”<sup>7</sup>. Contudo, com a mesma prudência que omitiu possíveis aventuras na sua biografia, também censurou situações de adultério, como até mesmo a história vivida por Jacinta e Guilherme, que nem mesmo constitui uma traição, pois além da moça ainda se encontrar solteira quando o platônico romance aconteceu, jamais houve nada entre os dois jovens.

Moralista seria uma classificação talvez excessiva para Goldoni, entretanto, o autor, indiscutivelmente, expressava uma constante propensão a ser didático, propondo sempre argumentos polêmicos, que levariam a uma suposta reflexão, relacionados ao comportamento da sociedade veneziana do século XVIII; entre os quais, o da vilegiatura como símbolo de prestígio, que certamente não deixavam indiferente o seu público, que após décadas de críticas mal digeridas, passou a preferir o teatro despreocupado e fantástico de Carlo Gozzi, elegendo-o como o seu autor favorito e abandonando aos poucos Carlo Goldoni, que, desgostoso, aceita o convite para integrar-se à *Commedie Italiènne*, e deixa a sua cidade natal, para a qual jamais retornaria.

---

<sup>7</sup> GERON, Gastone, “Saggio introduttivo” In: GOLDONI, Carlo. *Trilogia della villeggiatura*. Milão: Mursia, 1997).



# *Trilogia da Vilegiatura*

*Carlo Goldoni*

(TRADUÇÃO)

## A fixação pela vilegiatura

Comédia em três atos  
(1761)

### Personagens

Felipe, *pequeno burguês, velho porém jovial*

Jacinta, *sua filha*

Leonardo, *pretendente de Jacinta*

Vitória, *irmã de Leonardo*

Ferdinando, *interesseiro*

Guilherme, *apaixonado por Jacinta*

Fulgêncio, *sensato, amigo de Felipe*

Paulo, *empregado de Leonardo*

Brígida, *empregada de Jacinta*

Kiko e Berto, *servidores de Leonardo*

*A comédia é representada em Livorno, parte na casa de Leonardo, e parte na casa de Felipe.*

## Do autor para o seu leitor

O inocente divertimento do campo tornou-se, nos nossos dias, uma paixão, uma mania, uma desordem. Virgílio, o Sannazzaro, e tantos outros panegiristas da vida campestre, seduziram os homens com a amena tranqüilidade do retiro; mas a ambição penetrou nos bosques: os viajantes levam consigo para o campo a pompa e o tumulto da cidade, e envenenam o prazer dos camponeses e dos pastores, os quais herdaram a sua miséria da arrogância de seus patrões. Este tema é tão permeado de elementos ridículos e de extravagâncias, que me forneceram material para compor cinco comédias, as quais são todas baseadas na realidade, mas mesmo assim não se parecem. Depois de eu ter proposto ao público *Os descontentes* e *A vilegiatura*, a primeira do terceiro volume e a segunda do quarto volume do meu *Teatro Cômico* da edição de Pitteri; ainda restou algo que me daria satisfação e que eu poderia apresentar, não sei se chamá-lo de implicância ou de zelo, contra um fanatismo como este. Eu concebi ao mesmo tempo a idéia de três comédias consecutivas. A primeira intitulada: *A fixação pela vilegiatura*; a segunda: *As aventuras da vilegiatura*; a terceira: *O retorno da vilegiatura*. Na primeira vemos os insensatos preparativos; na segunda o comportamento absurdo; na terceira as conseqüências dolorosas. As personagens principais destas três peças, que são sempre as mesmas, são daquele tipo de pessoa que eu quis focalizar; ou seja, de uma classe nem nobre nem rica; pois os nobres e ricos estão autorizados pela sua posição e fortuna a fazerem algo a mais do que os outros. A ambição dos pequenos burgueses é a de querer aparecer como os grandes, e isto é o aspecto ridículo que eu procurei colocar em evidência, para corrigi-lo, se for possível.

Estas três comédias, igualmente privilegiadas pela sua união e pelo unânime sucesso de público, foram representadas separadamente com uma distância de algum tempo entre uma e outra, tendo sido compostas de tal forma, que cada uma possa ter autonomia por si só, assim como também as três estão muito bem juntas. Pelo mesmo motivo eu poderia tê-las separado nos volumes das minhas novas edições, dando-me ao luxo de apresentar uma comédia inédita para cada um, em função das expectativas. Mas eu examinei as comédias que ainda tenho e cheguei à conclusão que posso dispor das três sem que me falem comédias suficientes, e tenho o prazer de uni-las em uma única proposta, que certamente agradará.

Assim o leitor poderá seguir melhor a continuação das personagens nas três ações distintas; e se uma das dificuldades do teatro consiste na manutenção das personagens em uma única obra, será ainda mais agradável vê-las em três juntas.

## PRIMEIRO ATO

### CENA I

*Quarto na casa do Leonardo.*

*Paulo colocando vestidos e roupas de cama em um baú; em seguida, Leonardo.*

LEONARDO: Que estás fazendo aqui neste quarto? Tem mil coisas para fazer, e tu perdes tempo, e não chegas a terminar nada. *(Para Paulo).*

PAULO: Perdão, senhor. Eu pensei que preparar o baú fosse uma das coisas necessárias para fazer.

LEONARDO: Eu preciso de ti para algo mais importante. Deixa que o baú seja uma tarefa para as mulheres.

PAULO: As mulheres estão em volta da patroa; estão ocupadas com ela, e não vai dar nem sequer para vê-las.

LEONARDO: Esse é o defeito da minha irmã. Nunca está satisfeita. Ela gostaria que os criados estivessem sempre ao seu serviço. Para sair de férias não lhe basta um mês de preparativos. Duas mulheres ocupadas o mês todo para servi-la. É uma coisa insuportável.

PAULO: Considere também, que não bastando as duas mulheres, ela contratou mais outras duas para ajudá-la.

LEONARDO: E o que ela faz com tanta gente? Está fazendo algum vestido novo?

PAULO: Não, senhor. O vestido novo é o costureiro quem está fazendo. Aquelas mulheres estão aqui em casa reformando os vestidos usados. Ela mandou fazer algumas mantilhas, alguns xales, algumas toucas para usar de dia, algumas toucas para usar à noite, uma enorme quantidade de bordados, de fitas, de florzinhas, um enxoval com várias coisas; e tudo isso para ir para o campo. Nos dias de hoje, o campo é mais requintado do que a cidade.

LEONARDO: É, infelizmente, é verdade. Quem quiser impressionar, deve fazer o que fazem os outros. A nossa estação de vilegiatura, Montenero, é uma das mais freqüentadas e mais importantes do que as outras. A companhia, com a qual viajaremos, sempre presta atenção em todos os detalhes. Eu também me encontro em uma situação, na qual tenho que fazer mais do

que realmente gostaria. Porém, preciso de ti. As horas passam, temos que partir de Livorno antes do anoitecer, e quero que tudo esteja pronto, e não quero que falte nada.

PAULO: Às suas ordens; eu farei tudo o que poderei fazer.

LEONARDO: Antes de mais nada, façamos um inventário do que tem, e do que precisaremos. Eu receio que os talheres sejam poucos.

PAULO: Duas dúzias bastarão.

LEONARDO: Para uma situação de rotina, eu também acho. Mas quem me garante que não aparecerão alguns grupos de amigos? No campo é praxe manter a mesa sempre à disposição. Convém que estejamos preparados. Os talheres mudam com frequência, e dois jogos não bastam.

PAULO: Rogo que me perdoe se falo com demasiada liberdade. O senhor não é obrigado a fazer tudo aquilo que fazem os marqueses florentinos, que têm feudos e propriedades enormes e bem servidas, e despesas grandiosas.

LEONARDO: Eu não admito que o meu empregado seja pedante comigo.

PAULO: Perdoe-me, eu não vou falar mais nada.

LEONARDO: Na situação em que eu me encontro, sou obrigado a me exceder nos gastos. A minha casa no campo fica ao lado da do senhor Felipe. Ele está acostumado a um certo conforto; é um homem esplêndido, generoso. A sua vilegiatura é magnífica, e eu não vou deixar por menos, não posso ficar em desvantagem nessa comparação.

PAULO: Faça tudo o que lhe recomenda a sua prudência.

LEONARDO: Vai até o *monsieur* Gurland, e pede-lhe, da minha parte, que faça o favor de emprestar-me dois jogos de talheres, quatro porta-copos e seis candelabros de prata.

PAULO: Pronto para servi-lo, senhor.

LEONARDO: Vai, em seguida, até o armazém, e pede dez libras de café, cinquenta libras de chocolate, vinte libras de açúcar, e várias especiarias para a comida.

PAULO: Pagaremos?

LEONARDO: Não. Fala que eu pagarei quando retornar da viagem.

PAULO: Desculpe-me, mas o dono do armazém disse, antes de ontem, que esperava que o senhor saldasse a sua dívida acumulada antes de partir para a viagem.

LEONARDO: Não será necessário. Fala que eu pagarei quando retornar.

PAULO: Muito bem.

LEONARDO: Providencia tudo o que for preciso em termos de cartas de baralho para seis ou sete grupos, e sobretudo, certifica-te de que não faltarão as velas de cera.

PAULO: A vendedora de cera de Pisa também disse que, antes de aceitar uma nova conta, gostaria que o senhor pagasse a atual.

LEONARDO: Pois compra cera de Veneza. Custa mais, porém, dura mais e é mais bonita.

PAULO: Pago tudo isso com dinheiro?

LEONARDO: Ordena o que for necessário, pagaremos quando eu retornar.

PAULO: Senhor, quando voltar, haverá uma multidão de credores que vão perturbá-lo.

LEONARDO: Tu me perturbas mais do que qualquer outra pessoa. Já faz dez anos que trabalhas para mim, e a cada ano estás mais impertinente. Vou acabar perdendo a paciência.

PAULO: O senhor pode me despedir, se quiser, mas se eu falo é somente pela afeição que lhe tenho.

LEONARDO: Usa a tua afeição para me servir, e não para me importunar. Faze o que eu te disse, e chama o Kiko.

PAULO: Obedecerei. (Oh! Em pouco tempo os caprichos da viagem vão acabar por reduzi-lo a miserável na cidade). *(Sai)*.

## CENA II

*Leonardo; em seguida, Kiko.*

LEONARDO: Eu sei que faço mais do que posso, mas é assim que os outros fazem, e não quero ficar para trás. Aquele sovina do meu tio poderia me ajudar, mas não quer. Mas se minhas contas não falharem, vai morrer antes de mim, e se não quiser fazer uma injustiça ao seu sangue, serei eu o herdeiro de seus bens.

KIKO: Pois não, senhor?

LEONARDO: Vai até a casa de Felipe Ghiandinelli. Se estiver em casa, transmite-lhe as minhas saudações e dize que encomendei os cavalos para a viagem, e que por volta das vinte e duas horas vamos partir juntos. Passa, em seguida, nas dependências da senhorita Jacinta, sua filha. Dize, talvez por intermédio de sua camareira, que eu estou te mandando para prestar-lhe as minhas reverências, e para saber como repousou a noite passada, e que daqui a poucas horas estarei com ela. Presta atenção para ver se, por acaso, o senhor Guilherme não está, e procura saber, com as pessoas da casa, se esteve por lá, ou se acreditam que possa ir. Faze tudo bem feito, e volta com a resposta.

KIKO: Obedecerei. *(Sai)*.

### CENA III

*Leonardo; em seguida, Vitória.*

LEONARDO: Não posso suportar que Jacinta tenha amizade com o Guilherme. Ela diz que deve tolerá-lo para agradar ao pai; que é um amigo de casa, e que não tem nenhuma atração por ele, mas eu não tenho obrigação de acreditar em tudo, e essa relação não me agrada. Agora é melhor que eu mesmo termine o baú.

VITÓRIA: Meu irmão, é verdade que encomendou os cavalos, e que devemos partir esta noite?

LEONARDO: Sim, claro. Não combinamos desde ontem que seria assim?

VITÓRIA: Ontem eu disse que esperava poder estar pronta para partir; mas agora lhe digo que não estou, e mande suspender a encomenda dos cavalos, porque hoje não podemos partir de jeito nenhum.

LEONARDO: E por que hoje não podemos partir?

VITÓRIA: Porque o costureiro ainda não terminou o meu *mariage*.

LEONARDO: E que diabo é esse *mariage*?

VITÓRIA: É um vestido na última moda.

LEONARDO: Se não está pronto, poderá lhe mandar o vestido no campo.

VITÓRIA: Claro que não. Quero prová-lo e quero vê-lo terminado.

LEONARDO: Mas não podemos adiar a viagem. Combinamos de ir junto com o senhor Felipe e com a Jacinta, e dissemos que partiríamos hoje.

VITÓRIA: Pior ainda. Eu sei que a Jacinta tem bom gosto, e não quero correr o perigo de ficar por baixo na presença dela.

LEONARDO: Você tem muitos vestidos; não passará vergonha na frente de ninguém.

VITÓRIA: Eu só tenho trastes.

LEONARDO: Mas você não fez um vestido novo no ano passado?

VITÓRIA: De um ano para o outro, os vestidos não estão mais na moda. Mesmo tendo reformado quase todos, um vestido novo é necessário, imprescindível, e não posso ficar sem o meu

LEONARDO: Então, quer dizer que este ano está na moda o *mariage*?

VITÓRIA: Claro. Foi a madame Granon que trouxe essa moda de Turim. Até agora, em Livorno, creio que ninguém tem um, e espero ser uma das primeiras a usá-lo.

LEONARDO: Mas que vestido é esse? É muito difícil fazê-lo?

VITÓRIA: Não muito. É um vestido de seda de uma cor só, com detalhes de duas cores. O segredo está na escolha das cores; que combinem, que ressaltem o vestido, e que não estejam em conflito.

LEONARDO: Puxa, não sei o que dizer. Eu ficaria triste em não vê-la satisfeita, mas de qualquer forma, devemos partir.

VITÓRIA: Eu não vou de maneira alguma.

LEONARDO: Se não for, eu irei.

VITÓRIA: Como? Sem mim? Teria coragem de me deixar em Livorno?

LEONARDO: Virei mais tarde para pegá-la.

VITÓRIA: Não, não confio. Sabem os céus quando virá, e se eu permanecer aqui sem você, eu tenho medo que aquele asqueroso do nosso tio me obrigue a ficar em Livorno com ele; e se eu tivesse que ficar aqui, enquanto as outras vão estar viajando, eu adoeceria de raiva, de desespero.

LEONARDO: Então, decida-se a vir.

VITÓRIA: Vá até o costureiro, e obrigue-o a deixar tudo de lado, e a terminar o meu *mariage*.

LEONARDO: Eu não tenho tempo para perder. Tenho mil coisas para fazer.

VITÓRIA: Maldita seja a minha desgraça!

LEONARDO: Oh, que grande desgraça! Um vestido a menos é uma desgraça para chorar, intolerável, extrema. *(Irônico)*.

VITÓRIA: Sim senhor, a falta de um vestido da moda pode fazer quem tem fama de ter bom gosto perder a consideração.

LEONARDO: Mas você ainda é jovem, e as moças solteiras não têm que se comparar com as casadas.

VITÓRIA: A Jacinta também é jovem, e está sempre na moda, com todas as galas das casadas. E hoje não se distinguem as jovens das casadas, e uma moça que não faz o que as outras fazem, acaba fazendo papel de caipira, de cafona, e me admira que você tenha essas idéias, e que me queira abatida e maltratada a esse ponto.

LEONARDO: Tanta tragédia por um vestido?

VITÓRIA: Se eu tiver que ficar sem viajar, ou aparecer em público sem o meu vestido, eu prefiro ficar doente.

LEONARDO: Que o céu lhe conceda essa graça.

VITÓRIA: De ficar doente? *(Indignada)*.

LEONARDO: Não, de conseguir o vestido e ficar contente.

## CENA IV

*Entra Berto.*

BERTO: O senhor Ferdinando deseja vê-lo. *(Para Leonardo).*

LEONARDO: Manda entrar, ele é bem-vindo.

VITÓRIA: Escuta com atenção. Vai imediatamente até o costureiro, monsieur de la Réjouissance, e manda que termine imediatamente o meu vestido, pois eu o quero antes de minha partida para o campo, caso contrário, vai ter que me prestar contas, e não poderá mais continuar exercendo a sua profissão em Livorno.

BERTO: Pois não, senhora. *(Sai).*

LEONARDO: Fique calma agora, e não deixe que o senhor Ferdinando veja você nesse estado.

VITÓRIA: E o que me importa o senhor Ferdinando? Eu não me deixo intimidar por ele. Imagino que vai se juntar novamente a nós no campo para tirar proveito.

LEONARDO: Claro, deixou-me com a esperança de vir conosco, e pretende nos privilegiar com a sua companhia. Mas, uma vez que ele é daqueles que se intrometem em tudo, e que se tornam célebres relatando, aqui e ali, os assuntos dos outros, é melhor tomarmos cuidado e não deixá-lo saber nenhum detalhe; porque se ele soubesse da sua fixação por esse vestido, seria capaz de nos ridicularizar em todos os grupos, em todas as rodinhas.

VITÓRIA: E por qual motivo você quer levar conosco esse parasita, se já conhece o caráter dele?

LEONARDO: Veja bem: no campo é necessário que tenhamos companhia. Todos procuram ter o máximo de pessoas possível; e depois todos comentam: Fulano tem dez hóspedes, já o outro tem seis, e um outro tem oito, e quem tem mais, é mais estimado. Além disso, Ferdinando é uma pessoa que se adapta perfeitamente. Joga qualquer coisa, está sempre alegre, diz algumas palhaçadas, come bem, honra a mesa, aceita as zombarias, e não se aborrece com nada.

VITÓRIA: É verdade; no campo esses personagens são necessários. Mas o que está fazendo, que ainda não apareceu?

LEONARDO: Alí está ele, vindo da cozinha.

VITÓRIA: O que foi fazer na cozinha?

LEONARDO: Curiosidade. Quer sempre saber de tudo. Quer saber o que fazemos, o que comemos, e depois conta tudo a todos.

VITÓRIA: Ainda bem que de nós não poderá contar nenhuma miséria.

CENA V

*Entra Ferdinando.*

FERDINANDO: Minhas reverências, senhores. Todo o meu respeito para a senhorita Vitória.

VITÓRIA: Ao seu dispor, Ferdinando.

LEONARDO: Você virá conosco?

FERDINANDO: Sim, serei seu hóspede. Eu me livrei daquele enfadonho do Conde Anselmo, que me queria a força em sua companhia.

VITÓRIA: O Conde Anselmo não proporciona uma boa vilegiatura?

FERDINANDO: Sim, com conforto, e oferece uma boa mesa. Mas em sua companhia acaba-se fazendo uma vida metódica demais. Às quatro é servido o jantar e às cinco todos vão dormir.

VITÓRIA: Ah! Eu não faria essa vida por todo o ouro do mundo. Se eu for dormir antes do amanhecer, não consigo pegar no sono.

LEONARDO: Em nossa casa, o senhor sabe qual é o costume. Joga-se, dança-se; nunca jantamos antes das oito; e muitas vezes vemos o sol raiar.

VITÓRIA: Isso sim é que é viver.

FERDINANDO: É por isso que preferi a sua companhia no campo à do Conde Anselmo. Além disso, aquela cafona da mulher dele é insuportável.

VITÓRIA: É verdade, quer se passar por uma juvenzinha.

FERDINANDO: No ano passado, nos primeiros dias eu fui seu cavalheiro de companhia. Em seguida, apareceu um outro de vinte e dois anos, e ela me abandonou para ficar na companhia dele.

VITÓRIA: Oh! É impressionante. Com um rapazinho de vinte e dois anos?

FERDINANDO: Sim, e eu gosto de falar a verdade: era um loirinho, bem apessoado, corado como um bebê.

VITÓRIA: Fico surpresa que ele tenha se prestado a esse papel.

FERDINANDO: Sabe como é? É um daqueles que não têm meios, que se apoiam aqui e acolá, onde podem; e grudam a uma dessas senhoras já meio passadas, as quais lhe pagam os favores, e lhes dão, até mesmo, algum zequino para jogar.

VITÓRIA: (Além do mais ele tem uma língua afiada).

FERDINANDO: A que hora partiremos?

VITÓRIA: Ainda não sabemos. A hora não foi decidida.

FERDINANDO: Imagino que vocês irão em uma carruagem de quatro lugares.

LEONARDO: Eu encomendei uma carruagem para a minha irmã e para mim, e um cavalo para o meu empregado.

FERDINANDO: E eu, como irei?

LEONARDO: Como quiser.

VITÓRIA: Ora. O Ferdinando virá comigo, e você irá com o senhor Felipe e a Jacinta. *(Para Leonardo)*. (Será melhor para a minha imagem ir na carruagem com ele do que com o meu irmão).

LEONARDO: Então decidiu-se a partir? *(Para Vitória)*.

FERDINANDO: Como disse? Há algum problema?

VITÓRIA: Pode ser que haja um pequeno problema.

FERDINANDO: Se não tiverem certeza de partir, digam-me diretamente. Se eu não for com vocês, irei com alguma outra pessoa. Todos vão para o campo, e não quero que digam, que eu fico aqui em Livorno para tomar conta da cidade.

VITÓRIA: *(Para mim esse também seria um sofrimento terrível)*.

## CENA VI

*Entra Kiko.*

KIKO: Aqui estou, senhor... *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Vem pra cá. *(Para Kiko)*. Com licença. *(Para Ferdinando)*.

KIKO: (O senhor Felipe manda lembranças, e diz que em relação aos cavalos, deixa o assunto por sua conta. A senhora Jacinta está bem; está esperando pelo senhor, insiste em apressar as coisas, porque não gosta de viajar à noite).

LEONARDO: (E sobre Guilherme, tem alguma novidade?).

KIKO: (Garantiram que, hoje de manhã, ainda não foi visto).

LEONARDO: (Ótimo, isso me deixa contente). Vai até o responsável pelos cavalos para informar que devem estar preparados para as vinte e uma.

VITÓRIA: Mas e se aquele problema não estiver resolvido?...

LEONARDO: Esteja resolvido ou não; você vindo ou não vindo comigo, eu quero partir às vinte e uma.

FERDINANDO: E eu estarei aqui pronto às vinte e uma horas.

VITÓRIA: Eu gostaria de ver se ainda...

LEONARDO: Eu assumi este compromisso, e não vai ser por uma futilidade que eu vou faltar com a minha palavra. Se houvesse bons motivos, paciência, mas por um traste de vestido não deixaremos de ir. *(Para Vitória e parte)*.

## CENA VII

*Vitória, Ferdinando e Kiko.*

VITÓRIA: (Pobre de mim, em que condições miseráveis eu me encontro! Não sou dona de mim mesma, tenho que depender de meu irmão. Não vejo a hora de me casar, nem que fosse somente para fazer ao meu modo).

FERDINANDO: Diga-me a verdade, se for possível. O que a deixa na dúvida em relação a partir ou não?

VITÓRIA: Kiko.

KIKO: Senhora.

VITÓRIA: Estiveste na casa da senhorita Jacinta?

KIKO: Sim, senhora.

VITÓRIA: E a viste?

KIKO: Vi.

VITÓRIA: E o que estava fazendo?

KIKO: Estava experimentando um vestido.

VITÓRIA: Um vestido novo?

KIKO: Novíssimo.

VITÓRIA: (Raios! Se eu não tiver o meu, não parto de forma alguma).

FERDINANDO: (Ah, entendi. Ela também gostaria de um vestido novo, e não tem dinheiro para fazê-lo? Na verdade, todos comentam: irmão e irmã são dois loucos. Gastam mais do que podem, e consomem em um mês em Montenero o que lhes bastaria para viver um ano em Livorno).

VITÓRIA: Kiko.

KIKO: Senhora.

VITÓRIA: E como é esse vestido da senhorita Jacinta?

KIKO: Para dizer a verdade, não prestei muita atenção, mas acredito que seja um vestido de noiva.

VITÓRIA: De noiva? Você ouviu dizer que está noiva?

KIKO: Não ouvi exatamente isso. Mas ouvi uma palavra que disse o costureiro, que eu creio ter entendido.

VITÓRIA: Eu também entendo o francês. O que ele disse?

KIKO: Ele disse *mariage*.

VITÓRIA: (Ah, agora entendi tudo; ela também está fazendo um *mariage*; eu estava achando impossível que não o fizesse). Onde está Berto? Procura Berto. Se não o encontrar, vai correndo ao meu costureiro, fala que eu quero absolutamente que, dentro de três horas, traga o meu *mariage*.

KIKO: *Mariage* não quer dizer casamento?

VITÓRIA: O diabo que te carregue. Vai imediatamente, corre. Faze o que te disse, e não respostas.

KIKO: Sim, senhora, corro imediatamente. (*Parte*).

## CENA VIII

*Vitória e Ferdinando.*

FERDINANDO: Diga a verdade, Jacinta. Está em dúvida se partir pela falta do vestido?

VITÓRIA: E se fosse assim? Não acha que tenho razão?

FERDINANDO: Ah, sim. Você tem toda a razão deste mundo; é uma coisa extremamente necessária. Todas o fazem, até mesmo as que não têm condições para fazer, fazem. Conhece a senhora Aspásia?

VITÓRIA: Sim, conheço.

FERDINANDO: Ela também fez o seu vestido, e pegou o tecido a crédito, para pagá-lo com um escudo por mês. E a senhora Constância? A senhora Constância, para fazer o seu vestido novo, teve que vender dois pares de lençóis e uma toalha de Flandres e vinte e quatro guardanapos.

VITÓRIA: E por que motivo, com que intenção fizeram isso?

FERDINANDO: Para ir ao campo.

VITÓRIA: Não sei o que dizer, o campo é um grande compromisso, eu as compreendo; se eu estivesse no lugar delas, não sei o que faria. Na cidade eu não me preocupo em fazer grandes coisas, mas na viagem tenho sempre medo de não impressionar o suficiente...

Faça-me um favor, Ferdinando, venha comigo.

FERDINANDO: Onde nós devemos ir?

VITÓRIA: Ao meu costureiro, para gritar e intimidá-lo.

FERDINANDO: Não quer que eu lhe ensine a convencê-lo?

VITÓRIA: E como o senhor sugere que eu faça?

FERDINANDO: Perdoe-me, você vai pagá-lo imediatamente?

VITÓRIA: Pagarei quando retornar de viagem

FERDINANDO: Pague-o imediatamente, e você será atendida imediatamente.

VITÓRIA: Eu pago quando quiser, e quero que me sirva quando eu bem entender. *(Sai)*.

FERDINANDO: Muito bem, que belo costume! Impressionar no campo, e perder o respeito na cidade. *(Sai)*.

## CENA IX

*Quarto na casa do Felipe.*

*Felipe e Guilherme que se encontram.*

FELIPE: Oh, senhor Guilherme, que gentilezas, que finezas são essas?

GUILHERME: É minha obrigação, senhor Felipe, minha obrigação e mais nada. Sei que hoje o senhor parte para o campo, e vim para desejar-lhe boa viagem e boa estada.

FELIPE: Caro amigo, estou obrigado ao seu afeto, à sua atenção; hoje enfim iremos para o campo. Se fosse por mim, eu já estaria lá há um mês. Nos meus tempos, quando eu era jovem, as férias eram antecipadas, e o retorno também. Uma vez feito o vinho, voltávamos à cidade; mas naquela época ia-se para o campo para fazer o vinho, hoje vai-se por divertimento, acaba-se permanecendo no campo com o frio, enquanto as folhas secam nas árvores.

GUILHERME: Mas o senhor não é o chefe? Por que não vai quando decidir, e não volta quando julgar melhor?

FELIPE: Sim, você tem razão, poderia fazer dessa forma; mas sempre fui muito bem sociável, sempre gostei de companhia, e na idade na qual me encontro, gosto de viver, ainda gosto de desfrutar um pouco do mundo. Se eu disser para viajarmos em setembro, ninguém vai me seguir, ninguém vai querer se sacrificar. Até mesmo minha filha ficaria emburrada, e não tenho ninguém mais neste mundo, além da minha filha Jacinta, e desejo satisfazê-la. Vamos quando vão os outros, e eu me deixo influenciar pelos outros.

GUILHERME: Na verdade, o que a maioria das pessoas faz é considerada a melhor coisa.

FELIPE: Não sempre, não sempre, teria muito para se discutir a esse propósito. Onde você vai passar a vilegiatura?

GUILHERME: Não sei, ainda não reservei. (Ah! Se eu pudesse ir com ele; se pudesse me hospedar com a sua amável filha!).

FELIPE: O seu pai costumava se hospedar nas colinas de Pisa.

GUILHERME: É, exatamente. Lá é que estão situadas as nossas propriedades, e há uma sede razoável. Mas eu estou sozinho, e direi, como o senhor diz, ficar sozinho nas férias faz morrer de melancolia.

FELIPE: Quer vir conosco?

GUILHERME: Oh! Senhor Felipe, eu não mereço tanto, não ousaria lhe dar tanto incômodo.

FELIPE: Eu não sou um homem de cerimônias. Posso adaptar-me ao estilo moderno facilmente, com exceção do uso de cerimônias. Se quiser vir, posso lhe oferecer um bom leito, uma mesa razoável, e um coração sempre aberto aos amigos, e sempre igual com todos.

GUILHERME: Não sei o que dizer. O senhor é tão gentil que não posso recusar o seu convite.

FELIPE: Assim é que se fala. Venha e permaneça conosco quando quiser; não prejudique os seus planos, e permaneça quanto quiser.

GUILHERME: A que hora o senhor planeja partir?

FELIPE: Não sei; combine tudo com o Leonardo.

GUILHERME: O Leonardo virá com o senhor?

FELIPE: Sim, claro, decidimos ir junto com ele e com a sua irmã. As nossas casas de campo são próximas, somos amigos e iremos juntos.

GUILHERME: (Essa companhia não me agrada. Mas nem mesmo por isso quero perder a oportunidade favorável de estar na companhia da Jacinta).

FELIPE: Há algum problema?

GUILHERME: Não senhor. Eu estava pensando se é melhor contratar uma carruagem, ou estando sozinho, um cavalo selado.

FELIPE: Vamos fazer assim. Nós somos três e temos uma carruagem de quatro lugares; portanto, venha conosco.

GUILHERME: Quem é o quarto, se posso perguntar?

FELIPE: Uma minha cunhada viúva, que vem conosco para tomar conta de minha filha;

não que ela precise de alguém para tomar conta dela, pois ela é bem ajuizada, mas sabe como é o mundo, não tendo mãe, é necessário que haja uma mulher por perto dela.

GUILHERME: Muito bem. (Tentarei conseguir a simpatia da velha).

FELIPE: E assim? Gostaria de vir conosco?

GUILHERME: É uma grande honra para mim.

FELIPE: Então vá à casa do Leonardo, e diga-lhe que não ofereça o lugar a outras pessoas porque já está reservado para você.

GUILHERME: O senhor não poderia me fazer o favor de mandar alguém no meu lugar?

FELIPE: Todos os meus servidores estão ocupados. Desculpe-me, mas não me parece lhe dar tanto incômodo.

GUILHERME: Não estou dizendo o contrário. É que eu tinha que resolver um pequeno negócio. Basta, está bem assim. Eu mesmo vou avisá-lo. (Não me importa o que Leonardo dirá e nem como reagirá à notícia, não me deixo intimidar por ele). Senhor Felipe, até logo.

FELIPE: Não se atrase.

GUILHERME: Serei pontual. Tenho motivos para sê-lo. *(Sai)*.

## CENA X

*Felipe; em seguida, Jacinta e Brígida.*

FELIPE: Pensando bem, não gostaria que me criticassem, convidando um jovem a vir conosco, tendo eu uma filha que está em idade de se casar. Mas, ora essa, é uma coisa que hoje em dia é tão comum, por que deveriam criticar somente a mim? Poderiam até mesmo falar do jovem Leonardo, que vem conosco, e de mim, que vou com a sua irmã, pois mesmo sendo velho, não sou tão velho ao ponto que não possam suspeitar. Ah! Nos dias de hoje não há malícia. Parece que a inocência do campo acaba se transmitindo para os cidadãos. No campo não se usa o mesmo rigor ao qual somos habituados na cidade; e além do mais, no que diz respeito à minha casa, sei até que ponto posso me comprometer; minha filha é sábia, foi bem educada. Aqui está ela, seja bendita!

JACINTA: Meu pai, por favor dê-me outros seis zequinos.

FELIPE: Para fazer o quê, filhinha minha?

JACINTA: Para pagar a capa de seda para levar durante a viagem para proteger do pó.

FELIPE: (Puxa vida! Não termina nunca). E é necessário que seja de seda?

JACINTA: Absolutamente necessário. Seria de muito mau gosto levar uma capa de sarja; tem que ser de seda, e com capuz.

FELIPE: E qual a finalidade do capuz?

JACINTA: Para a noite, para o vento, para a umidade, porque estará frio.

FELIPE: Mas não se usam os gorros? Os gorros não protegem mais?

JACINTA: Ah, os gorros!

BRÍGIDA: Ah, ah, ah, os gorros!

JACINTA: O que tu achas, heim Brígida? Os gorros!

BRÍGIDA: Ele nos faz morrer de rir. Os gorros!

FELIPE: Será possível! Eu disse algum absurdo? Alguma tolice? Por que tanta surpresa? Não se usavam os gorros?

JACINTA: Velharias, velharias.

BRÍGIDA: Ultrapassados, ultrapassados.

FELIPE: Desde quando não se usam mais os gorros?

JACINTA: Ah! Faz dois anos, pelo menos.

FELIPE: E em dois anos transformaram-se em velharias?

BRÍGIDA: Mas o senhor não sabe que o que se usa em um ano, não se usa no outro?

FELIPE: Sim, é verdade. Eu vi em pouquíssimos anos toucas, touquinhas, gorros, chapéus; agora estão na moda os capuzes; espero que no próximo ano vocês coloquem um sapato na cabeça.

JACINTA: Mas o senhor que se espanta tanto com as mulheres, diga-me, então, se os homens não fazem ainda pior? No passado, quando viajavam para o campo, vestiam uma boa jaqueta de pano, ciroulas de lã, sapatos robustos: já agora eles também vestem a capa, sapatos com fivelas reluzentes, e montam na carruagem com meias de seda.

BRÍGIDA: E não usam mais a bengala.

JACINTA: Usam um bastão retorcido.

BRÍGIDA: E levam uma sombrinha para se proteger do sol.

JACINTA: E depois falam de nós.

BRÍGIDA: Mas se fazem pior do que nós.

FELIPE: Eu não sei nada a esse respeito. Sei como se vestiam cinquenta anos atrás, eu ainda faço do mesmo jeito.

JACINTA: Esse falatório é inútil. Por favor, dê-me seis zequinos.

FELIPE: Sim, chegamos a uma conclusão; gastar sempre estive na moda.

JACINTA: Eu acredito ser uma das mais discretas.

BRÍGIDA: O senhor não sabe de nada. Dê uma olhada no que fazem as outras no campo, e o senhor poderá me contar depois.

FELIPE: Então eu tenho que agradecer à minha filha querida, que me faz a grande gentileza de me fazer economizar imensamente.

BRÍGIDA: Eu lhe asseguro que não existe uma moça mais econômica.

JACINTA: Eu me contento com o mínimo indispensável, e mais nada.

FELIPE: Filha querida, seja indispensável ou não indispensável, saiba que eu quero que você esteja satisfeita, e os seis zequinos pode ir buscá-los no meu quarto, que lá estarão. Mas em relação à economia, estude-a um pouco mais, porque quando se casar, será difícil que encontre um marido com o mesmo caráter do seu pai.

JACINTA: A que horas vamos partir?

FELIPE: (A propósito). Eu acredito por volta das vinte e duas.

JACINTA: Ah! Pensei que pudéssemos partir antes. E quem vem na carruagem conosco?

FELIPE: Virei eu, virá a sua tia, e como quarto passageiro, um cavalheiro, um meu amigo que você já conhece.

JACINTA: Algum velho talvez?

FELIPE: Você se incomodaria se fosse um velho?

JACINTA: Oh! Não senhor. Não me interessa, basta que não seja enfadonho. Mesmo que for velho, se for bem-humorado, eu fico feliz.

FELIPE: É um jovem.

BRÍGIDA: Melhor ainda.

FELIPE: Por que melhor ainda?

BRÍGIDA: Porque a juventude, naturalmente, é mais animada, é mais bem-humorada. Será divertido; ninguém dormirá na vigem.

JACINTA: E quem é esse rapaz?

FELIPE: É o Guilherme.

JACINTA: Ah, eu conheço, é um jovem interessante.

FELIPE: O Leonardo, imagino, irá na carruagem com a irmã dele.

JACINTA: Provavelmente.

BRÍGIDA: E eu, senhor, com quem irei?

FELIPE: Irás como sempre foi: pelo mar, em um barco, com os meus empregados e com os do senhor Leonardo.

BRÍGIDA: Mas, senhor, o mar sempre me faz mal, e no ano passado eu quase me afoguei, e este ano eu não gostaria de viajar dessa forma.

FELIPE: Queres que eu encomende uma carruagem só para ti?

BRÍGIDA: Seja compreensivo, com quem vai o empregado do senhor Leonardo?

JACINTA: É verdade: ele sempre leva o seu empregado por terra. Pobre Brígida, deixe que ela vá com ele.

FELIPE: Com o servidor?

JACINTA: Sim, do que tem medo? Nós estaremos por perto, e além do mais, o senhor sabe muito bem que Brígida é uma boa moça.

BRÍGIDA: Quanto a mim, prometo que assim que me acomodar, começarei a dormir, e nem sequer vou olhar para ele.

JACINTA: É normal que eu tenha minha empregada por perto.

BRÍGIDA: Todas as senhoras levam consigo as suas empregadas.

JACINTA: Durante a viagem posso precisar de umas porção de coisas.

BRÍGIDA: Pelo menos estarei pronta para ajudar, para servir a minha patroa.

JACINTA: Querido pai.

BRÍGIDA: Querido senhor patrão.

FELIPE: Não sei o que dizer; não sei dizer não, não sou capaz de dizer não, e nunca direi não. *(Sai).*

## CENA XI

*Jacinta e Brígida.*

JACINTA: Estás satisfeita?

BRÍGIDA: A minha patroa é muito boa.

JACINTA: Ah! Eu tenho esta qualidade: consigo fazer com que todos façam o que eu quero.

BRÍGIDA: Mas, como vai ser com o senhor Leonardo?

JACINTA: Em relação a quê?

BRÍGIDA: Em relação ao senhor Guilherme; sabe quanto ele é ciumento; e se vir o moço na carruagem com a senhora...

JACINTA: Vai ter que aceitar.

BRÍGIDA: Receio que vai se aborrecer.

JACINTA: Com quem?

BRÍGIDA: Com a senhora.

JACINTA: Não vai morrer por isso. Já o fiz sofrer mais.

BRÍGIDA: Tenha compaixão, senhora patroa, o coitadinho gosta tanto da senhora.

JACINTA: E eu também gosto dele.

BRÍGIDA: E será feliz de ser sua esposa?

JACINTA: Pode ser.

BRÍGIDA: Mas se tiver essa intenção, tente deixá-lo um pouco mais satisfeito.

JACINTA: Muito pelo contrário, prevendo que ele possa se tornar meu marido, quero prepará-lo com antecedência para que não seja ciumento, e que não me prive da minha honesta liberdade. Se começa desde já a impor, a mandar, se consegue desde já a intimidar-me, a tornar-me submissa, tudo estará perdido, serei perpetuamente escrava. Ou gosta de mim, ou não gosta. Se gosta de mim, tem que confiar, se não gosta de mim, é melhor que me deixe.

BRÍGIDA: Lembre-se do provérbio: quem ama, teme; e se duvida, é por amor.

JACINTA: Esse é um amor que não me convém.

BRÍGIDA: Cá entre nós: a senhora ama muito pouco o senhor Leonardo.

JACINTA: Eu não sei quanto eu o amo; mas sei que o amo mais de quanto eu tenha amado qualquer outro, e não terei dificuldade em casar-me com ele, mas não a custo de ser atormentada.

BRÍGIDA: Mas dê-me ouvidos, isso não é verdadeiro amor.

JACINTA: Não sei o que fazer. Não conheço nenhum melhor.

BRÍGIDA: Acho que estou ouvindo alguém.

JACINTA: Vai ver quem é.

BRÍGIDA: Ai! É justamente o senhor Leonardo.

JACINTA: O que ele quer que não entra?

BRÍGIDA: Será que ficou sabendo do senhor Guilherme?

JACINTA: Saberá mais cedo ou mais tarde.

BRÍGIDA: Não entra. Tem algo errado. Quer que eu vá ver?

JACINTA: Sim, vai ver, manda entrar.

BRÍGIDA: (Raios, não é ele quem me interessa, e sim o seu servidor). *(Sai)*.

## CENA XII

*Jacinta; em seguida, Leonardo.*

JACINTA: Eu o amo, estimo e desejo, mas não posso agüentar o ciúme.

LEONARDO: Seu criado, senhora Jacinta. *(Com respeito)*.

JACINTA: Sua criada, senhor Leonardo. *(Com respeito)*.

LEONARDO: Desculpe se vim para incomodá-la.

JACINTA: Divertido, senhor cheio de cerimônias, divertido. *(Com ironia)*.

LEONARDO: Vim para desejar-lhe boa viagem.

JACINTA: Para onde?

LEONARDO: Para o campo.

JACINTA: E você, não virá?

LEONARDO: Não, senhora.

JACINTA: Por quê, se é que posso perguntar?

LEONARDO: Porque não quero incomodá-la.

JACINTA: Você nunca incomoda; seja sempre bem-vindo. Você é tão gentil que me agrada sempre. *(Com ironia)*.

LEONARDO: Não sou eu o gentil. O gentil você vai ter ao seu lado na sua carruagem.

JACINTA: Eu não decido nada. Meu pai é quem decide, e tem autonomia para levar consigo quem quiser.

LEONARDO: Mas sua filha se adapta, com prazer.

JACINTA: Com prazer, ou sem prazer, você não tem que dar palpite.

LEONARDO: Mantenha a calma, Jacinta. Aquela companhia não me agrada.

JACINTA: É inútil que me diga.

LEONARDO: E a quem devo dizê-lo.

JACINTA: Ao meu pai.

LEONARDO: Com ele não tenho liberdade para expor a situação.

JACINTA: Nem eu tenho autoridade para fazer com que ele faça ao meu modo.

LEONARDO: Mas se você apreciasse a minha amizade, encontraria uma maneira de não me desagradar.

JACINTA: Como? Diga-me você como eu deveria fazer.

LEONARDO: Ah! Não faltam argumentos, quando queremos algo de verdade.

JACINTA: Por exemplo?

LEONARDO: Por exemplo; encontramos algum motivo para adiar a partida, e assim ganhamos tempo; e quando é importante, deixamos de ir, ao invés de desagradar uma pessoa pela qual nutrimos alguma estima.

JACINTA: Sim, para fazer papel de ridícula, esse é o verdadeiro caminho.

LEONARDO: Você não se importa comigo.

JACINTA: Tenho estima, tenho carinho por você; mas não quero, por culpa sua, fazer papel de ridícula na frente de todos.

LEONARDO: Seria um grande sacrifício passar este ano sem a vilegiatura?

JACINTA: Passar este ano sem a vilegiatura? O que diriam de mim em Montenero? O que diriam de mim em Livorno? Não teria coragem de olhar para mais ninguém.

LEONARDO: Se é assim, não precisa fazer mais nada. Vá, divirta-se e faça bom proveito das férias.

JACINTA: Mas você também não vai?

LEONARDO: Não, não irei.

JACINTA: Claro que irá. (*Amorosamente*).

LEONARDO: Com aquele lá não quero ir.

JACINTA: E o que foi que ele lhe fez?

LEONARDO: Não posso nem mesmo vê-lo.

JACINTA: Então o ódio que você tem por ele é maior do que o amor que sente por mim?

LEONARDO: Eu odeio aquele sujeito justamente por sua causa.

JACINTA: Mas por qual motivo?

LEONARDO: Porque, porque... não me faça falar.

JACINTA: Por quê? Você sente ciúme dele?

LEONARDO: Sim, porque sinto ciúme.

JACINTA: Não é possível. O ciúme que tem dele, é uma ofensa que faz a mim, e não pode ter ciúme dele, sem que pense que sou uma mulher frívola, fácil, de maus costumes. Quem tem estima por uma pessoa, não pode ter este tipo de sentimento, e onde não há estima, não pode haver amor; e se não me ama, deixe-me, e se não sabe amar, aprenda. Eu o amo, e sou fiel, e sou sincera, e sei a minha obrigação, e não quero ciúme, e não quero despeitos, e não quero passar por ridícula para ninguém, e vou para a vilegiatura, tenho que ir, e quero ir. (*Sai*).

LEONARDO: Vá, que o diabo a carregue. Mas não; pode ser que você não vá. Farei de tudo para que não vá. Maldita seja a vilegiatura. Foi durante a vilegiatura que fez essa amizade. Conheceu aquele lá na vilegiatura. Vou sacrificar tudo: diga o mundo o que quiser; diga a minha irmã o que quiser dizer. Não vamos mais viajar, não vamos mais para o campo. (*Sai*).

## SEGUNDO ATO

### CENA I

*Quarto do Leonardo.  
Vitória e Paulo.*

VITÓRIA: Vamos, vamos, não percas mais tempo. Deixa que as mulheres terminem de fazer o que elas têm para fazer, eu te ajudo a terminar de preparar o baú para o meu irmão.

PAULO: Nem sei o que dizer. Somos em muitos nesta casa, e parece que eu tenho que fazer tudo sozinho.

VITÓRIA: Rápido, rápido. Vamos terminar tudo para quando o Leonardo chegar encontrar tudo pronto. Eu estou muito feliz agora, ao meio-dia o meu vestido novo já vai ter chegado.

PAULO: O costureiro já terminou?

VITÓRIA: Sim, já terminou; mas nunca mais encomendo nada para ele.

PAULO: Por quê, senhora? Não ficou bom?

VITÓRIA: Não, para dizer a verdade, ficou maravilhoso. Ficou bem em mim, é um vestido elegante, provavelmente vai chamar a atenção, e vai fazer alguém morrer de inveja.

PAULO: Então, por que a senhora está brava com o costureiro?

VITÓRIA: Porque foi mal-educado. Quis o dinheiro do tecido e da mão-de-obra.

PAULO: Perdoe-me, mas não me parece errado. Disse-me várias vezes que a conta da senhora estava muito grande e que queria ser pago por tudo.

VITÓRIA: Muito bem, era só juntar à grande conta mais esse serviço, e eu teria pago tudo.

PAULO: E quando a senhora teria pago?

VITÓRIA: Na volta da vilegiatura.

PAULO: A senhora acredita que voltará do campo com dinheiro?

VITÓRIA: É muito fácil. No campo joga-se sempre. Eu tenho muita sorte no jogo, e, provavelmente, assim poderia pagá-lo sem sacrificar o pouco que o meu irmão me dá para o meu vestido.

PAULO: O que conta agora é que esse vestido já foi pago, e não deve mais se preocupar com isto.

VITÓRIA: Sim, mas fiquei no vermelho.

PAULO: O que importa? A senhora não tem nenhuma despesa em vista.

VITÓRIA: E como vou fazer para jogar?

PAULO: Nos joguinhos não se perde muito.

VITÓRIA: Ah, eu não participo de joguinhos. Não me dá prazer, não me interessa. Na cidade jogo, às vezes, só para ser gentil, mas no campo o meu divertimento, a minha paixão, é o *faraone*.

PAULO: Este ano é melhor ter paciência.

VITÓRIA: De jeito nenhum. Jogarei porque gosto de jogar, porque preciso ganhar, e é fundamental que eu jogue, para que não seja motivo de fofoca. De qualquer forma, eu tenho confiança e conto contigo.

PAULO: Comigo?

VITÓRIA: Sim, contigo. Seria pedir muito, que me antecipasses um pouco de dinheiro para o meu guarda-roupa do ano que vem?

PAULO: Perdão, mas acho que a senhora já consumiu pelo menos metade da quantia toda.

VITÓRIA: E o que me importa? Quando eu tive, eu tive. Eu acredito que tu não te farás de difícil.

PAULO: Se fosse por mim, eu lhe emprestaria com prazer, mas não tenho. É verdade que mesmo que eu tivesse somente o título e o salário de empregado, ainda teria a honra de servir o patrão como administrador e empregado. Mas o meu orçamento é tão limitado, que não consigo nem mesmo pagar as minhas despesas de cada dia; e para dizer a verdade, tenho seis meses de salário atrasado.

VITÓRIA: Vou falar com o meu irmão, e ele vai me dar o necessário.

PAULO: Senhora, lembre-se que agora ele está como nunca em um período econômico difícil, e não se iluda, porque não vai poder lhe dar nada.

VITÓRIA: Vai ter trigo no campo.

PAULO: Não será suficiente nem mesmo para fazer o pão para o consumo.

VITÓRIA: A uva ainda está disponível.

PAULO: A uva também já foi vendida.

VITÓRIA: A uva também?

PAULO: E se continuarmos assim, senhora...

VITÓRIA: A situação do meu tio certamente é melhor.

PAULO: Ah! Aquele lá tem trigo, vinho e dinheiro.

VITÓRIA: E não podemos usufruir de uma parte de tudo isso?

PAULO: Não, senhora. As divisões já foram feitas. Cada um conhece a sua parte. As fazendas estão bem separadas. Não se pode esperar nada daquele lado.

VITÓRIA: Então, meu irmão vai cair num precipício.

PAULO: Se não puder remediar.

VITÓRIA: E como poderia remediar?

PAULO: Controlando as despesas, mudando o seu modo de vida; deixando de lado, sobretudo, a vilegiatura.

VITÓRIA: Deixando de lado a vilegiatura? Dá pra ver que não entendes nada. Pode-se controlar as despesas em casa, economizar na mesa da cidade, reduzir os empregados, dar-lhes salários menores. Vestir com menos opulência, economizar o que se gasta em Livorno, Mas a vilegiatura não se põe em questão, e tem que ser do nosso nível, grandiosa como sempre, e com a mesma elegância.

PAULO: A senhora acha que pode durar muito tempo?

VITÓRIA: Que dure enquanto eu estiver aqui. O meu dote está guardado em depósito, e espero não demorar muito para me casar.

PAULO: E enquanto isso?...

VITÓRIA: E enquanto isso vamos terminar o baú.

PAULO: Ali está o patrão.

VITÓRIA: Não vamos lhe dizer nada por enquanto. Não vamos deixá-lo deprimido. Eu quero que ele esteja bem humorado, para que viajemos com alegria. Vamos terminar o baú dele. *(Os dois se apressam para terminar o baú).*

## CENA II

*Entra Leonardo.*

LEONARDO: (Ah! Gostaria de esconder a minha paixão, mas não sei se será possível. Não consigo me conter).

VITÓRIA: Aqui estamos, meu irmão, trabalhando para você.

LEONARDO: Não tenham pressa. Pode ser que a partida seja adiada.

VITÓRIA: Não, não, prepare tudo sem hesitar. Já estou pronta, o meu *mariage* está pronto. Estou muito contente, não vejo a hora de partir para a vilegiatura.

LEONARDO: E eu, acreditando que lhe faria uma gentileza, mudei os planos, e hoje não se parte mais.

VITÓRIA: E o que precisa fazer para colocar tudo em ordem para a nossa partida?

LEONARDO: Já disse que hoje não vai ser possível.

VITÓRIA: Muito bem, hoje não, paciência. Partiremos amanhã de manhã quando ainda estiver fresco, não é assim?

LEONARDO: Não sei, não tenho certeza.

VITÓRIA: Você quer que eu me desespere?

LEONARDO: Desespere-se quanto quiser, não sei o que eu poderia fazer.

VITÓRIA: Deve ter algum motivo muito sério.

LEONARDO: Algo mais grave do que a falta de um vestido.

VITÓRIA: E a Jacinta, vai hoje à noite?

LEONARDO: Pode até ser que ela não vá mais.

VITÓRIA: Aqui a grande causa. Aqui está o grande motivo. Porque a lindinha não viaja, o namorado também não vai querer viajar. Eu não tenho nada a ver com ela, e pode-se muito bem viajar sem ela.

LEONARDO: Você vai viajar quando eu resolver viajar.

VITÓRIA: Isso é uma afronta, essa é uma injustiça que você me faz. Eu não vou ficar em Livorno, quando todos vão para o campo, e a Jacinta vai ver só, se eu ficar em Livorno por causa dela.

LEONARDO: Esse não é um comportamento de uma moça educada e comportada como você. E tu, o que fazes aí, parado que nem um poste? (*Para Paulo*).

PAULO: Estou esperando as suas ordens. Fico aqui olhando e ouvindo. Não sei se tenho que continuar as malas, ou começar a desfazê-las.

VITÓRIA: Continue a fazê-las.

LEONARDO: Comece a desfazê-las.

PAULO: Fazer e desfazer, e eu sempre tenho que me mexer. (*Tirando coisas do baú*).

VITÓRIA: Eu jogaria tudo isso pela janela, sem pensar.

LEONARDO: Comece jogando fora o seu *mariage*.

VITÓRIA: É o que eu vou fazer, se não viajar, vou rasgá-lo em mil pedaços.

LEONARDO: O que tem nessa caixa? (*Para Paulo*).

PAULO: O café, o chocolate, o açúcar, a cera e as especiarias.

LEONARDO: Imagino que nada disso foi pago.

PAULO: Com que o senhor acha que eu poderia ter pago? Saiba que para ter tudo isso a crédito, eu tive que suar, e todos os comerciantes me maltrataram, como se eu tivesse roubado tudo.

LEONARDO: Devolve cada coisa a quem te vendeu e cancela a viagem.

PAULO: Sim, senhor. Ei, tem alguém aí para me ajudar? *(Os servidores vêm em sua ajuda).*

VITÓRIA: (Oh, coitada de mim! Lá se foi a vilegiatura).

PAULO: Muito bem, patrão. Assim é que se faz. Quanto menos dívidas, melhor.

LEONARDO: Que um raio te parta. Não me venhas com sermão, que eu acabo perdendo a paciência.

PAULO: (Vamos, vamos, antes que ele se arrependa. Dá para perceber que não faz assim por economia, faz por algum outro motivo que lhe tormenta a cabeça). *(Leva embora o baú, e sai).*

### CENA III

*Vitória e Leonardo.*

VITÓRIA: Mas será que eu posso saber o motivo de todo esse desespero?

LEONARDO: Nem eu sei bem.

VITÓRIA: Você brigou com a Jacinta?

LEONARDO: A Jacinta não é digna do meu amor, não é digna da amizade da minha família, e atenção; eu lhe proíbo de ter contato com ela.

VITÓRIA: Bem que eu sabia, quando eu tenho um pressentimento não falha nunca. Bem que eu falei! A gente não vai mais viajar por culpa daquela lambisgóia, mas ela vai, e eu não poderei ir, e todos vão rir de mim.

LEONARDO: Maldição, ela também não irá. Farei de tudo para impedi-la.

VITÓRIA: Se ela não fosse, eu não ficaria tão triste em não viajar. Mas ela sim e eu não? Ela se esnobando no campo, e eu aqui na cidade? Seria motivo para bater a cabeça na parede.

LEONARDO: Aposto que ela não vai. Da minha parte, já mandei cancelar os cavalos.

VITÓRIA: Isso mesmo, vai ser pior para eles terem que ir até o posto.

LEONARDO: Eu fiz muito mais do que isso. Mande dizer umas coisinhas ao senhor Felipe, que se não for tonto, se não for um homem impassível, não deixará sua filha ir para o campo.

VITÓRIA: Isso mesmo. Ela também vai ter que desfilar o seu vestido em Livorno. Eu vou vê-la passeando por aqui mesmo. Se eu encontrá-la, ela vai ver só.

LEONARDO: Eu não quero que vocês se falem.

VITÓRIA: Não vou nem falar com ela, só me vingar, sem nem precisar falar.

#### CENA IV

*Entra Ferdinando, pronto para viajar.*

FERDINANDO: Aqui estou, prontinho para a viagem.

VITÓRIA: Isso mesmo, você fez bem em chegar com antecedência.

LEONARDO: Querido amigo, eu sinto muitíssimo, mas saiba que devido a um problema meu, não poderemos viajar hoje.

FERDINANDO: Oh, não acredito! E quando vocês vão viajar? Amanhã?

LEONARDO: Não sei, pode ser que tenhamos que adiar por alguns dias, e pode ser até mesmo que os meus negócios me impeçam de viajar.

FERDINANDO: (Pobre diabo! Deve ser por falta de recursos).

VITÓRIA: (Quando eu penso nisso sinto um suor frio).

LEONARDO: Você poderá ir com o senhor Anselmo.

FERDINANDO: O que não me falta é proposta de vilegiatura. O Conde Anselmo não me interessa mais; porém tenho certeza que irei com o senhor Felipe e com a sua filha Jacinta.

VITÓRIA: Ah! Pode ser que a Jacinta também morra de vontade de ir para a vilegiatura e não vá.

FERDINANDO: Eu estou vindo de lá nesse momento, e vi que está tudo em ordem para a viagem, e ouvi que encomendaram os cavalos para as vinte e uma horas.

VITÓRIA: Ouviu, Leonardo?

LEONARDO: (O senhor Fulgêncio ainda não deve ter falado com o senhor Felipe).

FERDINANDO: Não, não, naquela casa não há nenhum problema. O senhor Felipe vive muito bem, e não tem obstáculos em Livorno, que o impeçam de aproveitar a sua magnífica vilegiatura.

VITÓRIA: Ouviu bem, Leonardo?

LEONARDO: Ouvi, ouvi e ouvi, e já sofri o bastante. Eu já conheço o seu estilo irônico. Você já esteve na minha casa, na cidade e no campo, e nunca morreu de fome. Se eu não vou para o campo é porque tenho os meus motivos, e não tenho que prestar contas a ninguém. Vá com quem bem entender, e não se dê mais ao trabalho de vir até a minha casa. (Parasita insolente, fofoqueiro indiscreto).

## CENA V

*Vitória e Ferdinando.*

FERDINANDO: O seu irmão enlouqueceu? O que ele tem contra mim? Por acaso eu lhe fiz alguma coisa?

VITÓRIA: É que, na verdade, da maneira como você fala, parece que nós não podemos ir para o campo por falta de recursos.

FERDINANDO: Eu? Imagine! Logo eu que estaria disposto a me matar pelos amigos. Se for preciso defenderei a reputação de vocês com uma espada na mão. Se ele tem seus negócios pendentes em Livorno, quem o obriga a ir para a vilegiatura? Se eu disse que o senhor Felipe não tem nenhum negócio que o impeça, quis dizer que o senhor Felipe é um velho louco, que deixa em segundo plano seus negócios para dilapidar o seu patrimônio e viver para o divertimento; e a sua filha tem menos juízo do que ele, pois o obriga a gastar o que tem e o que não tem em mil caprichos. Eu admiro a prudência do Leonardo, e também a sua, que sabe se adaptar às conjecturas, e faz o que lhe é possível. Deixemos que se arruine quem quiser se arruinar.

VITÓRIA: Mas você é demasiado curioso. O meu irmão não ficará em Livorno por uma questão de necessidade.

FERDINANDO: Eu sei, ficará porque precisa.

VITÓRIA: Precisa do quê?

FERDINANDO: De tomar conta dos seus negócios.

VITÓRIA: E você acha que a Jacinta vai mesmo para o campo?

FERDINANDO: Sem dúvida.

VITÓRIA: Certeza?

FERDINANDO: Absoluta.

VITÓRIA: (Eu tenho medo que meu irmão esteja me enganando. Receio que ele diga que não vai e depois acabará indo, deixando-me aqui).

FERDINANDO: Eu vi o vestido da Jacinta.

VITÓRIA: É bonito?

FERDINANDO: Lindo.

VITÓRIA: Mais do que o meu?

FERDINANDO: Mais do que o seu, não, mas é bem bonito, e vai arrasar no campo.

VITÓRIA: (E eu vou ter que ficar aqui com meu lindo vestido limpando as ruas de Livorno?).

FERDINANDO: Eu acho que este ano teremos uma vilegiatura maravilhosa em Montenero.

VITÓRIA: E por quê?

FERDINANDO: Haverá mais senhoras, jovens esposas, todas magníficas, todas em trajes de gala, e as mulheres atraem os homens, e todos correm para onde está a juventude. Vai ter muitos jogos e bailes. Vamos nos divertir bastante.

VITÓRIA: (E eu vou ter que ficar em Livorno?).

FERDINANDO: (Ela está se roendo por dentro, e eu estou me divertindo).

VITÓRIA: (Não, não quero ficar, se fosse possível, tentaria me incluir na viagem de alguma amiga).

FERDINANDO: Vitória, até logo.

VITÓRIA: Até logo.

FERDINANDO: Quer algo de Montenero?

VITÓRIA: Pode ser que nos encontremos por lá.

FERDINANDO: Se você vier, nos veremos. Se não vier, faremos um brinde em sua homenagem.

VITÓRIA: Não se incomode por mim.

FERDINANDO: Viva o divertimento! Viva a alegria, viva a vilegiatura! Seu humilde criado.

VITÓRIA: Minhas devoções.

FERDINANDO: (Se ela não for para o campo, baterá as botas antes do final desse mês).  
(Sai).

## CENA VI

VITÓRIA (*sozinha*): Bem, as coisas infelizmente são assim. Quando estamos à mostra, quando freqüentamos o mundo dourado, basta uma só vez que não conseguimos, estamos expostos à zombaria e à chacota. Era melhor nem ter começado. Oh! É muito duro ter que descer. Eu não tenho tanta virtude assim para isto. Estou em grande aflição, e o meu maior tormento é a inveja. Se os outros não fossem para a vilegiatura, certamente eu não estaria tão deprimida assim. Mas quem sabe, se Jacinta vai mesmo ou não vai? Ela me importa mais do que as outras. Tenho que saber, tenho que saber de qualquer forma. Eu vou pessoalmente até ela. Que meu irmão diga o que quiser. Eu tenho que satisfazer essa curiosidade. Não importa o que acontecer, eu tenho que satisfazer a minha curiosidade. Sou mulher, sou jovem. Sempre me deixaram fazer o que eu bem entendi, e é difícil, de repente, mudar o meu jeito de ser, mudar o meu temperamento. (*Sai*).

## CENA VII

*Aposento na casa do Felipe.  
Felipe e Brígida.*

BRÍGIDA: Então quer dizer que o senhor Leonardo mandou dizer que, por enquanto, não pode partir?

FELIPE: É isso mesmo, foi o que ele mandou dizer, mas isso não é nada. Pode ser que ele tenha tido algum problema imprevisto. Não sei de nada. O que eu não gostei foi o fato dele ter ido ao posto suspender os seus cavalos e ter suspenso os meus também. Parece até que ele ficou com medo que eu não pagasse, e que ele tivesse que pagar por mim.

BRÍGIDA: (Bem que eu disse, bem que eu disse. A patroa quer fazer como ela bem entende, que o céu a proteja).

FELIPE: Eu jamais teria esperado essa grosseria dele.

BRÍGIDA: E então, senhor patrão, o que decidiu fazer?

FELIPE: Eu cheguei à conclusão que posso encomendar os cavalos sem ele, e portanto já os encomendei para hoje.

BRÍGIDA: Poderia me dizer quantos cavalos encomendou?

FELIPE: Quatro, como de costume, para a minha *carruagem*.

BRÍGIDA: E eu, coitada de mim?

FELIPE: Terás que te acostumar à idéia de ir via mar.

BRÍGIDA: Ah! Via mar eu não vou de jeito nenhum.

FELIPE: E como gostarias que eu fizesse? Que dispusesse de um lugar para ti? Enquanto tinha também o empregado do senhor Leonardo, eu teria contribuído à metade da despesa, mas arcar com tudo seria demais para mim, e muito me surpreende que tenhas tanto atrevimento de pedir-me algo parecido.

BRÍGIDA: Eu não estou pedindo, eu me adapto a tudo. Mas tente se lembrar; o senhor Ferdinando não vai vir também com o senhor?

FELIPE: É verdade, deveria ir com o senhor Leonardo, mas veio há pouco dizer-me que virá comigo.

BRÍGIDA: Será sua responsabilidade levá-lo para Montenegro.

FELIPE: Minha por quê?

BRÍGIDA: Porque ele virá para lhe fazer companhia. Porque ele sempre vai para a vilegiatura, não exatamente por divertimento, mas por profissão. Se o senhor levasse consigo o arquiteto, o pintor, o agrimensor para fazer um serviço para o senhor, não deveria lhes pagar a viagem? A mesma coisa terá que fazer para o senhor Ferdinando que vem consigo para honrar a sua mesa, e para divertir os seus convidados. E se levá-lo, não seria pedir muito levar-me também; e se não vou mais na carroça com o empregado do senhor Leonardo, posso ir na carruagem do senhor cavalheiro indispensável.

FELIPE: Muito bem, não sabia que você era tão esperta. Você fez todos esses elogios para o senhor Ferdinando. Basta assim, se eu for obrigado a pagar a viagem para o senhor indispensável, estará a disposição também da senhorita encrenqueira.

BRÍGIDA: Graças à sua gentileza, não ao meu mérito.

FELIPE: Quem está na sala?

BRÍGIDA: Alguém.

FELIPE: Alguém quem?

BRÍGIDA: É o senhor Fulgêncio. *(Depois de tê-lo visto).*

FELIPE: Veio aqui para me ver?

BRÍGIDA: Provavelmente.

FELIPE: Vai ver o que ele quer.

BRÍGIDA: Imediatamente. Pode ser que seja um novo hóspede honrado, que veio para oferecer a sua humilde companhia no campo.

FELIPE: À disposição. Os favores que eu lhe devo não são poucos, e além do mais, no campo eu não recuso a companhia de ninguém.

BRÍGIDA: Não tenha dúvida, senhor, não lhe faltará companhia. Onde há milho, há pássaros voando, e onde há uma boa mesa, os parasitas proliferam-se. *(Sai)*.

## CENA VIII

*Felipe; em seguida, Jacinta.*

JACINTA: A esta hora, meu pai, seria melhor se o poupassem de tanto incômodo. Já está ficando tarde, às vinte e uma horas vamos partir. Eu tenho que me vestir para a viagem da cabeça aos pés, e ainda temos que comer.

FELIPE: Mas eu tenho que ouvir o que o senhor Fulgêncio quer comigo.

JACINTA: Descubra o que ele quer, o que quer saber, mas que não pode...

FELIPE: Você não tem idéia do que diz, eu lhe devo um tratamento de gentileza, não posso tratá-lo grosseiramente.

JACINTA: Seja rápido, então.

FELIPE: O mais rápido que eu puder.

JACINTA: É uma chateação, não vai terminar logo.

FELIPE: Aí está ele.

JACINTA: Já vou, já vou. (Eu não o suporto. Cada vez que vem aqui, tem sempre algo para dizer sobre o modo de vida, sobre a economia, sobre os nosso hábitos. Eu vou ficar ouvindo para ver se ele vai dizer algo sobre mim). *(Sai)*.

## CENA IX

*Felipe; em seguida, Fulgêncio.*

FELIPE: Quem pode com essas moças! O dia em que elas querem viajar, não percebem nem o que fazem nem o que dizem, ficam fora de si.

FULGÊNCIO: Bom dia, Felipe.

FELIPE: Saúdo o meu querido amigo Fulgêncio. Que bons ventos o trazem aqui?

FULGÊNCIO: A boa amizade, o desejo de reencontrá-lo antes que você parta, e de poder desejar-lhe boa viagem.

FELIPE: Muito obrigado pela sua demonstração de amizade, pela sua cordialidade, e você me faria uma grande gentileza se quisesse vir comigo para Montenero.

FULGÊNCIO: Não, meu bom amigo, agradeço. Já estive no campo para a colheita do trigo, já estive para semeá-lo, voltei para a cultivo da alfafa, e irei também para o vinho. Mas costumo ir sozinho, e permaneço o tempo necessário para resolver os meus negócios, nada mais.

FELIPE: Com relação aos interesses ligados ao campo, temos mais ou menos a mesma opinião, mas eu não consigo ficar sozinho. Eu adoro um pouco de companhia, e ao mesmo tempo, tenho prazer em participar de atividades e me divertir.

FULGÊNCIO: Muito bem, ótimo. Cada um tem que fazer ao seu modo. Eu adoro ficar sozinho, mas não critico quem gosta de companhia. Desde, no entanto, que a companhia seja boa, adequada, e não seja motivo para boatos.

FELIPE: Fulgêncio, você está falando de um jeito como se quisesse me dar alguma indireta.

FULGÊNCIO: Querido Felipe, somos amigos há muito tempo. Você sabe muito bem que sempre prezei a sua amizade, assim como sempre dei provas de minha cordialidade.

FELIPE: Sim, eu me lembro muito bem, e serei agradecido enquanto eu viver. Quando eu precisei de dinheiro, você sempre me emprestou, sem nenhuma dificuldade. Eu, inclusive, já paguei, e os mil escudos que me emprestou há alguns dias, eu devolverei, como tinha prometido, daqui a três meses.

FULGÊNCIO: Eu não tenho a menor dúvida, e emprestar mil escudos para um cavalheiro, não constitui nenhum sacrifício para mim. Mas permita-me que eu diga uma coisa que notei. Eu percebo que você me pede dinheiro emprestado quase todos os anos, quando a época da viagem se aproxima, evidência que a vilegiatura lhe causa problemas; e é uma pena que um cavalheiro, de boa posição social como você é, que tem de onde tirar o seu sustento, tenha esse tipo de problema e peça dinheiro emprestado para gastar inutilmente. É isso mesmo, para gastar inutilmente, porque as próprias pessoas que comem à sua mesa, são justamente as primeiras que depois falam mal de você, e entre os que você trata com respeito, tem alguém que prejudica a sua honra e a sua reputação.

FELIPE: Céus! Você está me deixando extremamente apreensivo. Quanto a gastar algo a mais, e gastar dinheiro inutilmente, eu lhe dou razão, é verdade, mas estou acostumado assim, e além do mais eu só tenho uma filha. Posso lhe dar um bom dote, e mesmo assim terei um certo conforto enquanto viver. Espero realmente que você me diga quem é que prejudica a minha honra, a minha reputação. Como você pode dizer isso, caro Fulgêncio?

FULGÊNCIO: Eu falo tendo meus motivos, e o digo exatamente refletindo que você tem uma filha para casar. Eu sei que tem quem gostaria tomá-la como esposa, mas não tem coragem de pedir a sua mão porque você a deixa em sua juventude com liberdade demais, e não pensa duas vezes antes de aceitar mocinhos em sua casa, até o ponto de deixá-los viajar com sua filha.

FELIPE: Você está se referindo ao Guilherme?

FULGÊNCIO: Eu me refiro a todos, e ao mesmo tempo, a ninguém em especial.

FELIPE: Se por acaso você está falando do senhor Guilherme, posso lhe assegurar que é um jovem bem intencionado, o melhor do mundo.

FULGÊNCIO: Ela é jovem.

FELIPE: Minha filha é uma moça prudente.

FULGÊNCIO: É uma mulher.

FELIPE: E além do mais, a minha irmã vai estar presente, mulher de bom senso...

FULGÊNCIO: Hum, sabe que existem velhas ainda mais loucas do que as jovens.

FELIPE: No princípio, também tive alguma dúvida a respeito, mas eu pensei que, na verdade, outras pessoas também se comportam assim...

FULGÊNCIO: Querido amigo, o que os exemplos têm mostrado? Todos os que fizeram como você não se arrependeram mais tarde?

FELIPE: Para dizer a verdade, alguns sim e outros não.

FULGÊNCIO: E você tem certeza que não vai se arrepender? Não tem dúvidas?

FELIPE: Você está me colocando a pulga atrás da orelha. Não vejo a hora de me liberar dessa filha. Caro amigo, e quem é essa pessoa que você diz que quer casar com a minha filha?

FULGÊNCIO: Por enquanto eu não posso dizer.

FELIPE: Por que não?

FULGÊNCIO: Porque, por enquanto, ele não quer que seu nome seja revelado. Aja de outra maneira, e tudo será explicado nos mínimos detalhes.

FELIPE: E o que eu deveria fazer? Deixar de ir para o campo? É impossível, já estou acostumado demais.

FULGÊNCIO: E tem necessidade de levar a sua filha consigo?

FELIPE: Mas é claro! Se eu não a levasse ela faria um verdadeiro escândalo.

FULGÊNCIO: Então, a sua filha está acostumada a interferir nas decisões?

FELIPE: Sempre esteve.

FULGÊNCIO: E de quem é a culpa?

FELIPE: É minha, confesso, a culpa é minha. Mas eu tenho bom coração.

FULGÊNCIO: O coração bom demais do pai faz com que o coração das filhas não sejam tão bons.

FELIPE: E a esse ponto, o que eu posso fazer?

FULGÊNCIO: Imponha algumas regras, pelo menos, parcialmente. Afaste os jovens dela.

FELIPE: Se eu soubesse como posso fazer para me livrar do Guilherme!

FULGÊNCIO: Tome cuidado porque esse Guilherme pode ser a sua ruína. Por sua causa o cavalheiro que a deseja, não se declara. O partido é bom, e se quiser que falemos a respeito, e que façamos o acordo, tome cuidado para não permitir essa monstruosidade, que uma filha possa mandar mais do que o pai.

FELIPE: Mas ela não tem nada a ver com isso. Fui eu quem o convidou.

FULGÊNCIO: Melhor assim. Dispense-o.

FELIPE: Pior assim; não sei como dispensá-lo.

FULGÊNCIO: O senhor é um homem ou não?

FELIPE: Quando é preciso fazer alguma grosseria, eu não consigo.

FULGÊNCIO: Tome cuidado para que não façam ao senhor nenhuma grosseria que possa prejudicá-lo.

FELIPE: Muito bem, eu vou ter que tomar alguma providência.

FULGÊNCIO: Faça o que for necessário, e não se arrependerá.

FELIPE: Mas o senhor poderia me fazer a gentileza de dizer-me quem é o amigo que quer a mão de minha filha.

FULGÊNCIO: Por enquanto, não posso. Por favor, entenda. Tenho que conduzir as coisas com prudência.

FELIPE: Faça como achar melhor.

FULGÊNCIO: Desculpe-me pela liberdade que tomei.

FELIPE: Pelo contrário, eu lhe agradeço por isso.

FULGÊNCIO: Até o nosso próximo encontro.

FELIPE: Coloco-me em suas boas mãos.

FULGÊNCIO: (Creio que fiz um grande favor ao Leonardo. Mas fiz questão de vir ao encontro da verdade, do bom senso, do interesse e da honra do amigo Felipe). *(Sai)*.

## CENA X

*Felipe; em seguida, Jacinta.*

FELIPE: Fulgêncio me disse algumas verdades indubitáveis, e não sou ingênuo ao ponto de não reconhecê-las agora e até mesmo antes desse encontro. Mas não sei o que dizer, o mundo tem um certo encanto, que nos leva a fazer o que não queremos. Mas quando as coisas começam a dar na vista, é necessário ser mais prudente. E vamos lá, de qualquer modo, é melhor dispensar o Guilherme, mesmo que isso signifique não ir mais para a vilegiatura.

JACINTA: Estou feliz, meu pai, que a chateação já tenha terminado.

FELIPE: Chame um criado para mim.

JACINTA: Se for para mandar por a mesa, eu posso mandar sozinha.

FELIPE: Chame um criado. Eu tenho que mandá-lo a um lugar.

JACINTA: Onde o senhor quer mandá-lo?

FELIPE: Você é curiosa demais. Eu mando onde eu quiser.

JACINTA: Por algum motivo que o senhor Fulgêncio lhe sugeriu?

FELIPE: Você é muito arrogante com o seu pai.

JACINTA: Quem disse isso? O senhor Fulgêncio?

FELIPE: Pare com isso, e vá embora, já disse.

JACINTA: É assim que você fala com a sua filhinha? Com a sua querida Jacinta?

FELIPE: (Eu não estou acostumado a ser mau e não sei me comportar assim).

JACINTA: (Eu apostaria a minha vida que o Leonardo usou o senhor Fulgêncio para mudar a situação a seu favor, mas não conseguirá).

FELIPE: Não tem ninguém aí? Nenhum criado?

JACINTA: Já vou, já vou. Fique calmo, que eu já vou chamar alguém.

FELIPE: Vá logo.

JACINTA: Mas não posso saber o que o senhor quer com um empregado?

FELIPE: Maldita curiosidade! Eu quero mandá-lo até o Guilherme.

JACINTA: O senhor tem medo que ele não venha? Infelizmente virá. Era melhor que não viesse.

FELIPE: Como assim?

JACINTA: Sim, senhor, era melhor que não viesse. Teríamos mais liberdade e a coitada da Brígida poderia vir conosco, como ela tanto quer.

FELIPE: E você não gostaria de ter durante a viagem companhia com quem conversar e se divertir?

JACINTA: Isso não me interessa muito. Não foi o senhor quem o convidou? Eu não tinha dito nada, por que o senhor tomou a iniciativa de convidá-lo?

FELIPE: (A minha filha tem mais juízo do que eu). Ei, quem vem vindo aí? Um servidor.

JACINTA: Vou chamá-lo imediatamente. E o que o senhor quer falar para o Guilherme?

FELIPE: Que não se dê o trabalho de vir porque não podemos servi-lo.

JACINTA: Oh, linda cena! Linda, linda, maravilhosa cena. *(Com ironia)*.

FELIPE: Vou dizer com tato.

JACINTA: E qual boa razão o senhor pode lhe dar?

FELIPE: Sei lá.... Por exemplo... que na carruagem virá a nossa empregada, e que não tem lugar para ele.

JACINTA: Cada vez melhor. *(Como antes)*.

FELIPE: Está zombando de mim, mocinha?

JACINTA: Eu me espanto consigo, que tem capacidade de uma fraqueza dessa. O que o senhor espera que ele diga? O que o senhor espera que todo mundo diga? Quer ser tratado como um homem sem modos, sem educação?

FELIPE: E você acha que é correto que um jovem viaje em sua companhia?

JACINTA: Claro que não é, nada seria pior do que isso; mas era preciso pensar nisso antes. Se tivesse sido eu quem o convidou, o senhor poderia dizer “não permito”, mas foi o senhor mesmo quem o convidou.

FELIPE: Muito bem, eu fiz mal, e remediarei.

JACINTA: Basta que o remédio não seja pior do que o erro. Afinal, se ele vier comigo, a tia vai estar junto e o senhor também. Está errado, mas não é o fim do mundo. Mas se o senhor diz que não o quer conosco, se for grosseiro ao ponto de dispensá-lo, antes do amanhecer, o senhor e eu também estaremos na boca de todos; fofocas e comentários. Alguém vai dizer: estavam apaixonados, e brigaram. Outro dirá: o pai percebeu que tinha alguma coisa escondida. Algum outro vai falar mal do senhor, ou de mim; ou seja, para evitar uma coisa inocente, mancharemos a nossa reputação.

FELIPE: (Quanto eu pagaria para que Fulgêncio estivesse aqui ouvindo tudo isso!) Não seria melhor deixar de ir para o campo?

JACINTA: Seria melhor por um lado, mas por outro, seria pior. Imagine! As línguas afiadas de Montenero o que não diriam sobre nós! O senhor Felipe não viaja mais, está acabado, não tem mais condições. A sua filha, coitadinha! A sua vida social acabou. O dote está em perigo: Quem vai se casar com ela? Quem vai querê-la? Eles deveriam ter comido menos, deveriam ter tido menos vida social. O que se via era só aparência, não tinha consistência. Parece até que eu já estou ouvindo; começo até a suar frio.

FELIPE: E, então, o que devemos fazer?

JACINTA: O que o senhor quiser.

FELIPE: Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come.

JACINTA: E o bicho está com fome, e convém salvar a nossa reputação.

FELIPE: Você acha, então, que seria melhor que o Guilherme viesse conosco?

JACINTA: Dessa vez sim, já que não se pode remediar. Mas nunca mais, nunca mais. Que sirva como lição, e não faça mais isso.

FELIPE: (É uma filha muito inteligente).

JACINTA: E então? Quer que eu chame o criado, ou que não chame?

FELIPE: Vamos deixar pra lá, já que o mal está feito.

JACINTA: É melhor assim, vamos almoçar.

FELIPE: E no campo, teremos que hospedá-lo?

JACINTA: Que compromisso o senhor tinha assumido com ele?

FELIPE: Para dizer a verdade, eu o convidei.

JACINTA: E como o senhor quer fazer para dispensá-lo?

FELIPE: Vai ter que ficar conosco, então?

JACINTA: Mas atenção, nunca mais, nunca mais.

FELIPE: Nunca mais, filhinha, bendita seja você, nunca mais! (*Sai*).

## CENA XI

*Entra Brígida.*

JACINTA: Não me interessa em nada o senhor Guilherme. Mas não quero que o Leonardo possa se vangloriar de ter ganho. Tenho certeza que tudo vai passar, aposto que ele vai voltar atrás, que vai perceber que não se deve levar isso muito a sério. E se ele realmente gosta de mim, como diz, no futuro aprenderá a comportar-se com mais calma, que eu não nasci e nem quero me tornar uma escrava.

BRÍGIDA: Senhora, tem visita.

JACINTA: Quem é a esta hora?

BRÍGIDA: A senhorita Vitória.

JACINTA: Disseste a ela que estou em casa?

BRÍGIDA: O que eu deveria ter tido, que não está?

JACINTA: Agora sim que eu perco a cabeça, e onde ela está?

BRÍGIDA: Ela mandou seu servidor na frente, está a caminho.

JACINTA: Vai ao seu encontro. Vou ter que agüentá-la. Estou curiosa para saber se ela vai ou não para o campo, se tem alguma novidade. Vindo aqui a esta hora, com certeza alguma coisa aconteceu.

BRÍGIDA: Eu soube uma coisa.

JACINTA: O quê?

BRÍGIDA: Que ela também mandou fazer um vestido novo, mas o costureiro não queria entregar o vestido sem ser pago, e houve uma certa confusão, e se ela não tivesse o vestido, não queria viajar para o campo. Coisas que todo mundo vai comentar. *(Sai)*.

## CENA XII

*Jacinta; em seguida, Vitória.*

JACINTA: É ambiciosa demais. Se ela vê uma pessoa com alguma coisa nova, imediatamente quer tê-la também. Deve ter sabido que eu tinha mandado fazer um vestido novo, e também quis um. Mas não deve ter tomado conhecimento do *mariage*. Eu não disse a ninguém; ela não pode ter tido tempo de ficar sabendo.

VITÓRIA: Jacintinha, caríssima amiga.

JACINTA: Bom dia, amiga querida. *(Beijam-se)*.

VITÓRIA: Que tal? Cheguei em má hora? Estou incomodando?

JACINTA: Imagine! Incomodar-me? Quando soube que você estava vindo, meu coração bateu mais forte de tanta alegria.

VITÓRIA: Como está? Tudo bem?

JACINTA: Muito bem. E você? Mas é supérflua tal pergunta, vejo que você está forte e bem disposta; que o céu a proteja sempre assim.

VITÓRIA: E você, está com uma pele sedutora.

JACINTA: Oh, que nada! Hoje de manhã me levantei cedo, não dormi, estou com dor de estômago, estou com dor de cabeça, imagine como está a minha pele.

VITÓRIA: E eu, não sei o que eu tenho, já são vários dias que não como nada; nada, nada, pode-se dizer quase nada. Eu nem sei como estou viva, devo estar magra como um palito.

JACINTA: Até parece, um palito! Esses bracinhos não são palitos.

VITÓRIA: Ah! Você também está bem cheinha.

JACINTA: É mesmo. Graças a Deus, eu não renuncio a nada.

VITÓRIA: Ah! Querida amiga Jacinta.

JACINTA: Ah! Bendita seja a minha Vitoriazinha! (*Beijam-se*). Sente-se tesouro, sente-se.

VITÓRIA: Eu estava com tanta vontade de encontrá-la. Mas você nunca me dá o prazer de uma visita. (*Sentam-se*).

JACINTA: Ah, querida! Eu não vou a lugar nenhum. Fico sempre em casa.

VITÓRIA: E eu? Saio um pouquinho aos domingos, e depois volto para casa.

JACINTA: Eu não sei como algumas moças conseguem passear pela cidade o dia todo.

VITÓRIA: (Eu queria saber se ele vai ou não para Montenero, mas não sei o que fazer para descobrir).

JACINTA: (Está me deixando nervosa, não fala nada sobre o campo).

VITÓRIA: Tem visto o meu irmão?

JACINTA: Vi hoje de manhã.

VITÓRIA: Eu não sei o que ele tem. Está inquieto, irritado.

JACINTA: Ah, mas você não sabe? Todos nós temos os nossos bons e maus momentos.

VITÓRIA: Pensei que tivesse brigado com você.

JACINTA: Comigo? Por que deveria brigar comigo? Eu gosto dele e o respeito, mas ele ainda não tem o direito de brigar comigo. (Aposto como foi o irmão dela que a mandou aqui).

VITÓRIA: (É orgulhosa como um demônio).

JACINTA: Vitoriazinha, quer ficar para almoçar conosco?

VITÓRIA: Ah, não, meu bem, não posso. Meu irmão está me esperando.

JACINTA: Nós mandamos avisá-lo.

VITÓRIA: Não, não, realmente não posso.

JACINTA: Se quiser se juntar a nós, daqui a pouquinho estará na mesa.

VITÓRIA: (Já entendi. Quer me mandar embora). Vocês almoçam tão cedo assim?

JACINTA: Sabe o que é. Nós estamos indo para o campo, partiremos cedo, temos que apressar as coisas.

VITÓRIA: (Maldita seja a minha desgraça).

JACINTA: Eu ainda tenho que me trocar, tenho que me vestir para a viagem.

VITÓRIA: É verdade; vai ter muito poeira. Não vale a pena estragar um bom vestido. (*Desgostosa*).

JACINTA: Ah, quanto a isso não tem problema, vou colocar algo melhor do que este vestido. Não tenho medo de poeira. Eu mandei fazer um casaquinho de seda com capuz, por isso a poeira não vai me atrapalhar.

VITÓRIA: (Até mesmo um casaquinho com capuz! Eu também quero um, mesmo que para isso eu tenha que vender um dos meus vestidos).

JACINTA: Você não tem um casaquinho com capuz?

VITÓRIA: Tenho, tenho sim. Eu mandei fazer um no ano passado.

JACINTA: Eu não vi você com ele no ano passado.

VITÓRIA: Eu não precisei levá-lo porque, não sei se você se lembra, mas não tinha poeira.

JACINTA: É mesmo, não tinha poeira. (Ela é mesmo ridícula).

VITÓRIA: Esse ano eu mandei fazer um vestido.

JACINTA: Ah, eu também mandei fazer um bem bonito.

VITÓRIA: Quando você vir o meu, vai gostar.

JACINTA: Em relação ao meu, você vai ver algo especial.

VITÓRIA: No meu não tem nem ouro nem prata, mas para dizer a verdade, é maravilhoso.

JACINTA: Ah sim, é a moda, é a moda. Precisa estar na moda.

VITÓRIA: Se depender da moda, não se pode dizer que o meu não esteja na moda.

JACINTA: Ah, muito bem, deve estar na moda. (*Demonstrando desprezo*).

VITÓRIA: Você não acredita?

JACINTA: Acredito, acredito. (Quero ver a sua cara quando vir o meu *mariage*).

VITÓRIA: Bem, em matéria de moda, eu sempre fui uma das primeiras.

JACINTA: E como é esse seu vestido?

VITÓRIA: É um *mariage*.

JACINTA: *Mariage!* (Surpreendendo-se).

VITÓRIA: Sim, claro. Você acha que não está na moda?

JACINTA: Como você ficou sabendo sobre essa moda do *mariage* vinda da França?

VITÓRIA: Provavelmente da mesma maneira que você.

JACINTA: Quem fez seu *mariage*?

VITÓRIA: O alfaiate francês monsieur de la Réjouissance.

JACINTA: Ah, agora eu entendi. Desgraçado! Ele vai me pagar por isso. Fui eu quem mandou chamá-lo. Eu que lhe informei sobre a moda do *mariage*. Porque era eu que tinha o vestido da madame Granon em casa.

VITÓRIA: É mesmo? A madame Granon esteve me visitando em casa um dia depois da chegada dela em Livorno.

JACINTA: Isso mesmo, arranje uma desculpa para o alfaiate. Ele vai me pagar de qualquer jeito.

VITÓRIA: Você incomoda-se que eu tenha o *mariage*?

JACINTA: Imagine, fico contente com isso.

VITÓRIA: Você queria ser a única a ter o *mariage*?

JACINTA: Por quê? Você acha que eu sou uma moça invejosa? Você deve saber muito bem que eu não invejo ninguém. Eu me preocupo comigo mesma, faço o que eu bem entender, e deixo que os outros façam o que quiserem. Todo ano eu encomendo um vestido novo. E quero que seja feito o mais rápido possível, e que seja bem feito, porque eu pago, pago sem demora, e não deixo que o alfaiate tenha que vir me cobrar.

VITÓRIA: Todas nós pagamos.

JACINTA: Não, nem todas pagam. Nem todas têm os meios e a fineza que nós temos. Certas moças deixam o alfaiate esperando até mesmo alguns anos, e se tem algum pedido novo, o alfaiate recusa-se a ir adiante. Quer o seu dinheiro à vista, e assim surgem as desavenças. (Quero ver se agora você vai dizer que isto também está na moda).

VITÓRIA: (Não posso acreditar que ela esteja falando de mim. Se eu desconfiasse que o alfaiate andou espalhando estas coisas por aí, ele iria ver só comigo).

JACINTA: E quando você vai usar esse seu vestido?

VITÓRIA: Não sei, pode até ser que eu não o use nunca. Eu sou assim; fico já satisfeita em possuir o vestido, mas não me interessa exibi-lo por aí.

JACINTA: Se você for para o campo será uma ótima ocasião para usá-lo. Que pena, coitadinha de você, que não vai viajar este ano!

VITÓRIA: Quem foi que lhe disse que eu não vou?

JACINTA: Sei lá; o seu irmão Leonardo mandou suspender os cavalos.

VITÓRIA: E daí? Acredita que não se possa resolver de um momento para o outro? E você acha que eu não posso viajar sem ele? Você acha que eu não tenho amigas ou parentes com quem ir?

JACINTA: Quer ir comigo?

VITÓRIA: Não, não, muito obrigada.

JACINTA: Estou falando sério, seria um prazer para mim.

VITÓRIA: Não se preocupe. Se eu conseguir convencer uma prima a ir comigo para Montenero, provavelmente nos veremos por lá.

JACINTA: Ah, eu ficaria tão contente.

VITÓRIA: A que horas vocês vão viajar?

JACINTA: Às vinte e uma.

VITÓRIA: Ah, então ainda tem muito tempo. Posso ficar mais um pouquinho com você. (Eu queria ver se é possível ver o vestido dela).

JACINTA: Ah, entendi, entendi. Espere um pouco. *(Em direção aos bastidores)*.

VITÓRIA: Se tiver alguma coisa para fazer, não se prenda por minha causa.

JACINTA: Não, não é isso. É que me disseram que o almoço está pronto, e que meu pai quer jantar.

VITÓRIA: Então, eu vou embora.

JACINTA: Não, se quiser ficar, fique.

VITÓRIA: Eu não quero que o seu pai tenha que esperar.

JACINTA: Para dizer a verdade, é desagradável esperar.

VITÓRIA: Então já vou, para não atrapalhar mais. *(Levanta-se)*.

JACINTA: Se quiser ficar conosco, será um prazer para mim. *(Levanta-se)*.

VITÓRIA: (Bem que eu estou com vontade de ficar para ver esse vestido).

JACINTA: Já entendi, não percebeste? Espera um pouco. *(Virada para os bastidores)*.

VITÓRIA: Com quem você está falando?

JACINTA: Com o servidor que está me chamando. Eles não têm nem um pouco de educação.

VITÓRIA: Eu não vi ninguém.

JACINTA: Mas eu vi.

VITÓRIA: (Já entendi). Jacinta, até uma próxima.

JACINTA: Adeus, querida. Saiba que eu tenho muita estima por você e espero que você também sinta o mesmo por mim.

VITÓRIA: Fique tranqüila, que o meu sentimento é o mesmo que o seu.

JACINTA: Dê-me um beijo, pelo menos.

VITÓRIA: Claro, meu bem.

JACINTA: Ah, querida amiga.

VITÓRIA: Adeus.

JACINTA: Adeus.

VITÓRIA: (Eu estou quase morrendo de tanto ter que fingir). *(Sai)*.

JACINTA: Não suporto as mulheres invejosas. *(Sai)*.

## TERCEIRO ATO

### CENA I

*Quarto do Leonardo.  
Leonardo e Fulgêncio.*

LEONARDO: O senhor está me tranquilizando infinitamente com essa notícia. Então, quer dizer que o senhor Felipe prometeu que iria desfazer o compromisso com o Guilherme?

FULGÊNCIO: Exatamente. Prometeu-me que iria.

LEONARDO: E o senhor tem certeza que ele não vai mudar de idéia?

FULGÊNCIO: Certeza absoluta. Eu e ele temos alguns compromissos, que me tranquilizam em relação à sua promessa; e além disso, ele sempre se mostrou correto em negócios sérios. Não tenho motivos para achar que dessa vez não vai respeitar o nosso acordo.

LEONARDO: Então, Guilherme não irá para o campo com a Jacinta.

FULGÊNCIO: Com certeza, não.

LEONARDO: Isso me deixa muito feliz. Agora quem vai sou eu.

FULGÊNCIO: Eu disse uma série de coisas e fiz uma série de exemplos, que no final, aquele homem de bom senso acabou se iluminando. Ele tem um coração enorme. Não pense você que ele comete erros por malícia; na verdade, comete por excesso de bondade.

LEONARDO: E eu tenho certeza que a sua filha consegue sempre o que quer dele.

FULGÊNCIO: Não, não é uma moça má. O senhor Felipe acabou confessando que ela não tinha nada a ver com o convite feito ao Guilherme, e que tinha sido ele quem insistira para que o Guilherme fosse com eles, por causa de sua paixão por companhia e para ter sempre alguém sentado à sua mesa.

LEONARDO: Eu fico contente que a Jacinta não tenha nada a ver com isso. Estava me parecendo impossível que ela fosse responsável por isso, em função do que aconteceu entre eu e ela.

FULGÊNCIO: E o que aconteceu entre vocês?

LEONARDO: Algumas palavras que lhe asseguraram o meu amor, e que fazem com que eu acredite que ela também me ame.

FULGÊNCIO: E o pai dela não sabe de nada?

LEONARDO: Eu nunca toquei no assunto com ele.

FULGÊNCIO: É bem provável que realmente não saiba de nada, porque quando lhe disse que haveria um partido para a sua filha, não lhe veio em mente de me perguntar sobre você.

LEONARDO: Não deve realmente saber nada sobre isso.

FULGÊNCIO: Mas é preciso que ele seja comunicado a esse respeito.

LEONARDO: Um dia vamos lhe dizer tudo.

FULGÊNCIO: E por que não agora?

LEONARDO: Agora estamos indo para o campo.

FULGÊNCIO: Caro amigo, sejamos francos. Eu lhe ajudei com prazer a propósito do senhor Felipe, fazendo com que ele distanciasse de sua filha uma companhia relativamente perigosa, porque pareceu-me que fosse correto assim, e porque você me assegurou que as suas intenções eram boas, e que, assim que tivesse conseguido o afastamento de Guilherme, teria pedido a sua mão em casamento. Não gostaria que agora continuasse essa história sem nenhum desfecho, e que fosse justamente eu o causador de algo bem mais grave. Afinal, pode ser que realmente da parte do Guilherme realmente não existisse nenhuma malícia, mas o mesmo não se pode dizer de você. Você me parece acomodado, e uma vez que você me fez entrar nessa dança, não quero deixá-la desonrado. Portanto, das duas uma, ou você se declara para o senhor Felipe, ou eu vou repetir tudo aquilo que falei para ele sobre o Guilherme, mas desta vez sobre você.

LEONARDO: E o que você me aconselha?

FULGÊNICA: Peça a mão de sua filha em casamento, ou afaste-se de sua companhia.

LEONARDO: E como posso pedir a mão dela em casamento em tão pouco tempo?

FULGÊNCIO: Sem muita demora. Eu posso servir de intermediário.

LEONARDO: Não poderíamos esperar o retorno da vilegiatura?

FULGÊNCIO: Não se sabe o que pode acontecer durante uma vilegiatura. Eu também já fui jovem, graças a Deus nunca fui louco, mas já vi muitas loucuras. Sinto-me na obrigação de ser franco com o meu amigo; para pedir a mão de sua filha para você, ou para adverti-lo que tome cuidado com você.

LEONARDO: Se é assim, vamos então pedir a mão de sua filha.

FULGÊNCIO: E quais são as suas condições?

LEONARDO: Em relação ao dote, sabe-se que ele destinou para a sua filha oito mil escudos e o enxoval.

FULGÊNCIO: Está bem assim para você?

LEONARDO: Perfeito.

FULGÊNCIO: Quando você quer marcar o casamento?

LEONARDO: Daqui a quatro, seis, oito meses, como o senhor Felipe quiser.

FULGÊNCIO: Muito bem. Vou informá-lo sobre tudo.

LEONARDO: Mas lembre-se que hoje temos que partir para Montenero.

FULGÊNCIO: Não seria possível adiar alguns dias?

LEONARDO: Não tem jeito, não podemos adiar.

FULGÊNCIO: Mas o negócio em jogo merece algum sacrifício.

LEONARDO: Se o senhor Felipe adiar, eu também adio, mas tenho certeza que não será possível.

FULGÊNCIO: Por que impossível?

LEONARDO: Porque todos vão viajar, e o senhor Felipe também vai querer ir, e sem dúvida, a Jacinta vai querer partir hoje, e a minha irmã está me atormentando incrivelmente porque está impaciente para viajar, e por outros mil motivos não se pode cancelar.

FULGÊNCIO: Veja só! Até onde vai a paixão pela vilegiatura! Um dia parece um século! Tudo fica em segundo plano, está bem, vou imediatamente; vou ajudá-lo, vou satisfazer a sua vontade. Mas, querido amigo, escute mais duas palavrinhas sinceras. Case-se porque é a coisa certa a fazer, e não porque você está arruinado. Eu sei que a sua situação não está boa. Os oito mil escudos do dote podem recuperá-lo, mas não os gaste com os caprichos de sua esposa. Não desperdice em viagens. Prudência, economia, juízo. É muito mais importante dormir tranqüilo, sem preocupações causadas pelos divertimentos que estão por aí. Enquanto há divertimento, todos se divertem. Quando o divertimento termina; comentários, zombaria, fuxicos. Com licença. Vou fazer o que me pediu imediatamente. *(Sai)*.

## CENA II

*Leonardo; em seguida, Kiko.*

LEONARDO: É mesmo, ele tem razão. Vou me conter; por a cabeça no lugar. Ei, quem está aí?

KIKO: Pois não, senhor.

LEONARDO: Vai agora mesmo à casa do senhor Felipe e da senhora Jacinta. Fala para eles que eu consegui resolver os meus negócios, e que hoje terei a honra de acompanhá-los na viagem para Montenero. Acrescenta que eu teria uma companhia para ir com a minha irmã na carruagem, e que, se me permitirem, vou eu na carruagem com eles. Vai logo e volta com a resposta.

KIKO: Obedecerei.

LEONARDO: Fala para o Paulo vir aqui logo.

KIKO: Sim, senhor. (Oh, quantas mudanças num só dia!). *(Sai)*.

## CENA III

*Leonardo; em seguida, Paulo.*

LEONARDO: Agora que o Guilherme não vai na carruagem com eles, não recusarão a minha companhia; seria uma grosseria se recusassem. Além do mais, se o senhor Fulgêncio falar com o senhor Felipe, e se esse ficar feliz em me dar a mão de sua filha, o que eu não duvido, tudo correrá bem; eu é que irei na carruagem. Vou ajeitar para que o Ferdinando vá com a minha irmã. Eu sei bem como ele é, não vai se lembrar mais do que eu tinha dito.

PAULO: Aqui estou ao seu serviço.

LEONARDO: Rápido, prepara o que for necessário, e encomenda os cavalos, pois às vinte e uma horas temos que partir.

PAULO: Essa é boa!

LEONARDO: Rápido.

PAULO: E o jantar?

LEONARDO: Não me importa o jantar. O que eu quero é estar pronto para a viagem.

PAULO: Mas eu desfiz tudo o que havia preparado.

LEONARDO: Prepara novamente.

PAULO: É impossível.

LEONARDO: Tem que ser possível e tem que ser feito.

PAULO: (Maldito seja ter que trabalhar assim).

LEONARDO: E eu quero o café, a cera, o açúcar e o chocolate.

PAULO: Eu devolvi tudo aos comerciantes.

LEONARDO: Pega novamente tudo que devolveu.

PAULO: Não vão querer me dar mais nada.

LEONARDO: Não me deixes nervoso.

PAULO: Mas senhor...

LEONARDO: Não fales mais nada. Rápido

PAULO: O senhor quer saber de uma coisa? Arranje outro empregado, que eu não tenho capacidade para servi-lo.

LEONARDO: Não, Paulinho querido, não me abandones. Depois de tantos anos ao meu serviço, não me abandones. Há uma série de coisas em jogo. Vou te confessar uma coisa, não como patrão, mas como amigo. Acontece que o senhor Felipe vai me dar a mão de sua filha em casamento, com doze mil escudos de dote. Queres que eu fique desmoralizado? Queres ver a minha ruína? Não achas que tenho que fazer os últimos esforços para manter as aparências? Tens coragem de me dizer agora que não se pode fazer nada, que é impossível, que não podes me servir?

PAULO: Querido senhor patrão, eu lhe agradeço pela confiança que acabou de me fazer; vou fazer todo o possível, continuarei ao seu serviço. *(Sai)*.

#### CENA IV

*Leonardo; em seguida, Vitória.*

LEONARDO: É um bom homem, afetuoso, fiel; disse que fará tudo, achando que está gastando o seu dinheiro. Mas eu cheguei a conclusão que o que hoje é seu, um dia já foi meu. Nesse meio tempo vou preparar novamente o baú.

VITÓRIA: Preste atenção, meu irmão, eu estou aqui para lhe dizer com todas as palavras que nunca fiquei em Livorno durante as férias, e nem quero ficar, pois quero ir para o campo. A Jacinta vai, todos vão, e eu também quero ir. *(Alterada)*.

LEONARDO: Tem necessidade de você vir aqui para falar comigo alterada desse jeito?

VITÓRIA: Eu fico alterada com razão, e irei para o campo com a prima Lucrecia e com o seu marido.

LEONARDO: E por que você não quer vir comigo?

VITÓRIA: Quando?

LEONARDO: Hoje.

VITÓRIA: Para onde?

LEONARDO: Para Montenero.

VITÓRIA: Com você?

LEONARDO: Sim, comigo.

VITÓRIA: É mesmo?

LEONARDO: Dou a minha palavra.

VITÓRIA: Você está brincando?

LEONARDO: É sério.

VITÓRIA: Verdade mesmo?

LEONARDO: Você não vê que eu estou preparando o baú?

VITÓRIA: Ah, irmãozinho, como mudou de idéia?

LEONARDO: Vou lhe contar, acontece que o senhor Fulgêncio...

VITÓRIA: Está bem, está bem, depois você me conta tudo. Rápido, mulheres, onde estão todas? Mulheres, tragam minhas caixas, a roupa de cama, as toucas, os vestidos, o meu *mariage*.

## CENA V

*Leonardo; em seguida, Kiko.*

LEONARDO: Ela está fora de si de alegria. Nada seria pior para ela do que ficar aqui em Livorno. E eu? Enlouqueceria. Mas o orgulho nos faz exagerar. O amor nos faz perder a cabeça. Por orgulho, por um simples ciúme, eu quase acabei abandonando a vilegiatura.

KIKO: Aqui estou de volta.

LEONARDO: E então, o que disseram?

KIKO: Eu encontrei os dois, o pai e a filha juntos. Mandaram saudações; disseram que será um prazer a sua companhia durante a viagem, mas em relação ao seu lugar na carruagem, o senhor terá que entender, pois não será possível porque já se comprometeram com o senhor Guilherme.

LEONARDO: Com o senhor Guilherme?

KIKO: É o que me disseram.

LEONARDO: Entendeste bem? Com o senhor Guilherme?

KIKO: Com o senhor Guilherme.

LEONARDO: Não, não pode ser. Tu és um tonto, um idiota.

KIKO: Pois eu ouvi muito bem, e para provar que tenho razão, enquanto eu estava descendo as escadas, o senhor Guilherme estava subindo, com o seu empregado e a sua mala.

LEONARDO: Ai meu Deus, estou perdido. Fulgêncio me traiu, todos zombam de mim, vou perder a cabeça. Estou desesperado. *(Senta-se)*.

KIKO: Senhor.

LEONARDO: Traze água.

KIKO: Para lavar as mãos?

LEONARDO: Um copo de água, seu imbecil. *(Levanta-se)*.

KIKO: Imediatamente. (Não vai mais ter nenhuma viagem). *(Sai)*.

LEONARDO: Como é possível que aquele velho, aquele maldito velho, pôde me enganar? Ou ele deve ter sido enganado. Mas se ele me disse que o senhor Felipe tem uns débitos pendentes com ele, motivo pelo qual não podia enganá-lo. Então foi o senhor Felipe quem aprontou contra mim, mas não pode ter sido ele. Deve ter sido ela, mas também não pode ter sido ela. Deve ter sido o pai, mas se foi justamente o pai quem prometeu! Deve ter sido a filha, mas como seria possível se a filha deve obedecer ao pai! Então será que foi Fulgêncio, mas por que ele iria trair a minha confiança? Não sei de mais nada, eu é que sou a besta, o louco, o ignorante...

KIKO *(Aproxima-se com a água)*.

LEONARDO: É isso mesmo; louco, besta. *(Sozinho, não percebendo a aproximação de Kiko)*.

KIKO: Por que besta?

LEONARDO: Besta, besta e mais besta. *(Pegando a água)*.

KIKO: Senhor, eu não sou besta.

LEONARDO: Eu é que sou uma besta, eu, eu. *(Bebe a água)*.

KIKO: (De fato as bestas bebem água e eu bebo vinho).

LEONARDO: Vai correndo até a casa do senhor Fulgêncio. Vê se está em casa. Pede que faça o favor de vir até aqui, ou então, que eu irei até a sua casa.

KIKO: A casa do senhor Fulgêncio, aqui do lado?

LEONARDO: Lógico, seu burro, conheces outro senhor Fulgêncio?

KIKO: O senhor falou comigo?

LEONARDO: Claro que foi contigo.

KIKO: (Burro, besta... parece tudo a mesma coisa). *(Sai)*.

## CENA VI

*Leonardo; em seguida, Paulo.*

LEONARDO: Não vou respeitar nem mesmo a sua velhice, não vou respeitar mais ninguém.

PAULO: Ânimo, ânimo, senhor, fique alegre, que tudo vai ficar pronto.

LEONARDO: Deixa-me em paz.

PAULO: Perdoe-me senhor, eu fiz o minha obrigação, e mais ainda do que a minha obrigação.

LEONARDO: Deixa-me em paz, já disse.

PAULO: Aconteceu alguma coisa?

LEONARDO: Infelizmente sim.

PAULO: Já encomendei os cavalos.

LEONARDO: Suspende o pedido.

PAULO: Outra vez?

LEONARDO: Maldita seja a minha desgraça.

PAULO: Mas o que foi que aconteceu com o senhor?

LEONARDO: Por gentileza, deixa-me em paz.

PAULO: (Ah, coitado de mim! Vamos de mal a pior).

## CENA VII

*Vitória entra com um vestido dobrado.*

VITÓRIA: Irmãozinho, quer ver o meu *mariage*?

LEONARDO: Saia daqui!

VITÓRIA: Isso é jeito de falar?

PAULO: (É melhor deixá-lo sozinho). *(Dizendo em voz baixa para Vitória)*.

VITÓRIA: Que diabo aconteceu?

LEONARDO: É isso mesmo, eu estou com o diabo; vá embora.

VITÓRIA: E nós vamos para o campo com toda essa alegria?

LEONARDO: Não vai ter mais campo, não vai ter mais vilegiatura, não vai ter mais nada.

VITÓRIA: Você não quer mais ir para o campo?

LEONARDO: Não, e como eu não vou, você também não vai.

VITÓRIA: Você enlouqueceu de vez?

PAULO: (Não o incomode mais, pelo amor de Deus). *(Para Vitória)*.

VITÓRIA: E tu, não me amoles. *(Para Paulo)*.

## CENA VIII

*Entra Kiko.*

KIKO: O senhor Fulgêncio não está em casa. *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Onde é que ele foi parar?

KIKO: Disseram-me que ele foi à casa do senhor Felipe.

LEONARDO: Traze o meu chapéu e a minha espada. *(Para Paulo)*.

PAULO: Senhor...

LEONARDO: O chapéu e a espada. *(Para Paulo, falando mais alto)*.

PAULO: Imediatamente. *(Vai pegar o chapéu e a espada)*.

VITÓRIA: Eu posso saber o que está acontecendo? *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Você vai saber mais tarde. *(Sai)*.

VITÓRIA: O que ele tem? *(Para Paulo)*.

PAULO: Eu não sei de nada. Vou atrás dele sem que ele me veja. *(Sai)*.

VITÓRIA: E tu, sabes o que ele tem? *(Para Kiko)*.

KIKO: Eu só sei que ele me chamou de burro, não sei mais nada. *(Sai)*.

## CENA IX

*Vitória; em seguida, Ferdinando.*

VITÓRIA: Eu estou perplexa, não sei nem onde estou. Eu chego em casa, ele está todo alegre, e diz: Vamos para o campo. Eu vou para dentro, não passam nem três minutos. Grita, tem ataque. E não vamos mais para o campo. Tenho certeza que ele está ficando louco. E agora eu estou aqui, mais desesperada do que nunca. Se o que está acontecendo com o meu irmão é uma doença, adeus campo, adeus Montenero. Você também,

maldito vestido. Por pouco eu não rasgo todo esse vestido em pedacinhos. (*Joga o vestido sobre uma cadeira*).

FERDINANDO: Aqui estou, vim cumprimentá-la, Vitória..

VITÓRIA: Só faltava você para me amolar.

FERDINANDO: Como, querida? Eu venho aqui para cumprimentá-la e você me trata mal?

VITÓRIA: O que veio fazer aqui?

FERDINANDO: Dividir a alegria que você sente porque também vai para o campo.

VITÓRIA: Se não fosse porque, porque.... eu descontaria em você toda a alegria que estou sentindo.

FERDINANDO: Vitória, eu sou muito solidário. Quando se trata de levantar o ânimo de uma pessoa. Desabafe comigo, tem minha permissão para isso.

VITÓRIA: Coitado de você, se eu lhe fizesse provar um pouco do veneno que está me atormentando!

FERDINANDO: Mas o que foi? O que você tem? O que a incomoda? Abra-se comigo. Você pode falar com liberdade. Pode ter certeza que não direi nada a ninguém.

VITÓRIA: Ah, claro, devo me abrir com o fofoqueiro da cidade.

FERDINANDO: Você tem uma idéia negativa de mim, e eu acho que não o mereço.

VITÓRIA: Eu repito somente o que todos falam.

FERDINANDO: Como alguém tem coragem de dizer que eu conto os segredos dos outros por aí? Alguma vez eu lhe contei alguma coisa de alguém?

VITÓRIA: Umas mil vezes. Contou da senhora Aspásia, da senhora Flamínia e da senhora Francisca.

FERDINANDO: Eu?

VITÓRIA: Exatamente.

FERDINANDO: Pode ser que eu tenha dito alguma coisa sem perceber.

VITÓRIA: É verdade, não percebemos quando fazemos alguma coisa à qual já estamos habituados.

FERDINANDO: Afinal, então você está nervosa e não quer me dizer o motivo?

VITÓRIA: Não, não quero lhe dizer nada.

FERDINANDO: Ouça bem. Ou sou um cavalheiro ou um fofoqueiro. Se eu for um cavalheiro, confie em mim, e não tenha medo. Se eu fosse um fofoqueiro, eu poderia interpretar os seus caprichos, e tirar a conclusão que eu quisesse, por mais que me parecesse ridícula.

VITÓRIA: Quer que eu lhe diga a verdade? No fundo, você é um rapaz divertido. *(Irônica)*.

FERDINANDO: Eu sou um cavalheiro, Vitória. E quando posso falar, falo, e quando tenho que permanecer calado, permaneço.

VITÓRIA: Bem, para que não acredite em alguma inverdade, e não conclua o que bem entender, eu vou lhe dizer que eu, pessoalmente, não tenho nada, mas o meu rimão está muito inquieto, está fora de si, delirando, e por culpa dele eu fico pior ainda.

FERDINANDO: Deve estar assim nervoso por causa da Jacinta. É uma assanhada, uma namoradeira, dá conversa para todos, não se faz respeitar, fica com fama de ridícula em todos os lugares.

VITÓRIA: Já você não fala mal de ninguém.

FERDINANDO: Onde está o Leonardo?

VITÓRIA: Acho que foi na casa dela.

FERDINANDO: Com licença.

VITÓRIA: Aonde vai?

FERDINANDO: Vou procurar o meu amigo, socorrê-lo, aconselhá-lo. *(Tentar descobrir alguma coisa para contar em Montenero)*. *(Sai)*.

VITÓRIA: E eu? O que faço? Fico aqui esperando o meu irmão, ou é melhor ir à casa da minha prima? É melhor eu esperar, é melhor eu observar para ver como vai terminar essa história. Não, não, estou impaciente, quero saber agora o que está acontecendo. Vou à casa do senhor Felipe outra vez, voltar à casa de Jacinta. Quem sabe ela não está fazendo de propósito para que eu não vá para o campo? Mas não importa o que acontecer, eu quero ir, e vou mesmo que ela não queira. *(Sai)*.

## CENA X

*Quarto na casa do senhor Felipe.  
Felipe e Fulgêncio.*

FELIPE: Pessoalmente, eu estou muito feliz. O Leonardo é um bom rapaz, educado, de boa família, e tem um certo patrimônio. Reconheço que ele gosta de gastar, principalmente no campo, mas ele vai acabar se contendo.

FULGÊNCIO: Quanto a isso, você não tem moral para criticá-lo.

FELIPE: Você quer dizer que eu faço a mesma coisa que ele. Mas há alguma diferença entre nós.

FULGÊNCIO: Já é o suficiente, não tenho mais nada a dizer. Você o conhece, está a par do seu estado. Conceda-lhe a mão de sua filha, se quiser, e se não quiser, deixe de lado essa história.

FELIPE: Eu vou conceder com prazer. Só preciso saber se ela também quer.

FULGÊNCIO: Tenho motivos para acreditar que não vai recusar.

FELIPE: Você sabe alguma coisa que eu não sei?

FULGÊNCIO: Sim, sei mais do que você, e algo que deveria saber. Um pai tem que estar sempre com os olhos abertos, acompanhar o que acontece com a sua família, e quem tem somente uma filha, poderia prestar mais atenção do que os outros. Não se pode deixar que os rapazes tenham amizade com as filhas. Entende? Não podem ter amizades. Eu não lhe disse? É mulher. Ah, você dizia; é prudente. E eu dizia: é mulher. Com toda a sua sabedoria, toda a sua prudência, ela e o Leonardo estão de namorico.

FELIPE: Estão de namorico?

FULGÊNCIO: É isso mesmo, e dê graças a Deus que se trata de um cavalheiro, e o melhor que tem a fazer é conceder a mão de sua filha.

FELIPE: É isso que farei. Vou lhe dar a mão de Jacinta, e ele vai ter que aceitar, e ela vai ter que querer. Assanhada! Namorico!

FULGÊNCIO: O que o você acha? Que as moças são de ferro? Quando deixamos que elas tenham companhia...

FELIPE: Você disse para ele vir aqui?

FULGÊNCIO: Não, eu irei até a casa dele, e vou acompanhá-lo até aqui, assim poderemos realizar tudo.

FELIPE: Obrigado cada vez mais pelo seu interesse, pela sua amizade.

FULGÊNCIO: Está vendo como fiz bem em convencê-lo a afastar Guilherme de sua filha?

FELIPE: (Raios! Ele está lá em casa).

FULGÊNCIO: Leonardo não queria, e tinha razão, e se o Guilherme fosse para o campo com vocês, Leonardo acabaria desistindo.

FELIPE: (Ai, coitado de mim! Nunca estive numa emboscada pior do que essa).

FULGÊNCIO: E tome cuidado, faça com que o Guilherme não seja mais visto em companhia de sua filha.

FELIPE: (Se Jacinta não encontra nenhuma desculpa, como é que eu vou encontrar).

FULGÊNCIO: Fale com a sua filha, que nesse meio tempo eu vou encontrar o Leonardo.

FELIPE: Muito bem... Mas temos que...

FULGÊNCIO: Tem algum problema?

FELIPE: Não, não, não tem nada.

FULGÊNCIO: Então até mais. daqui a pouco eu volto. *(Faz menção de sair)*.

## CENA XI

*Entra Guilherme.*

GUILHERME: Senhor, daqui a pouco já serão vinte e uma horas. Se quiser, eu posso ir pedir os cavalos.

FULGÊNCIO: Não acredito em meus olhos. Guilherme?

FELIPE: (Maldito seja!) Não, não, não precisa, não vamos mais partir tão cedo. Tenho umas coisas para resolver... (Nem sei mais o que dizer).

FULGÊNCIO: Vai para o campo, Guilherme?

GUILHERME: Sim, senhor.

FELIPE: (Eu não tenho coragem de lhe dizer nada).

FULGÊNCIO: E com quem você vai para o campo, se é que se pode saber?

GUILHERME: Com o senhor Felipe.

FULGÊNCIO: Na carruagem com ele?

GUILHERME: Exatamente.

FULGÊNCIO: E com a senhorita Jacinta?

GUILHERME: Sim, senhor.

FULGÊNCIO: (Mas será possível!)

FELIPE: Vá, vá, vá pedir os cavalos. *(Para Guilherme)*.

GUILHERME: Mas o senhor disse que ainda tem tempo.

FELIPE: Não, não, vá, vá.

GUILHERME: Não entendo mais nada.

FELIPE: Certifique-se que eles tenham dado comida aos cavalos, e faça-me um favor; fique por lá para ter certeza que os cavalos comam, e que os empregados do estábulo não tiram a comida antes que eles tenham acabado.

GUILHERME: O senhor é quem vai pagar a comida?

FELIPE: Sim, eu pago. Vá.

GUILHERME: Ótimo, vou respeitar todas as recomendações.

CENA XII

*Fulgêncio e Felipe.*

FELIPE: (Até que enfim que ele já foi).

FULGÊNCIO: Com efeito, Felipe.

FELIPE: Com efeito, com efeito... quando damos a nossa palavra...

FULGÊNCIO: Justamente! Você tinha me dado a sua palavra, e a manteve muito bem.

FELIPE: Mas eu não tinha dado antes a ele?

FULGÊNCIO: Mas se o senhor não queira faltar com a palavra com ele, por que prometeu a mim também?

FELIPE: Porque eu tinha intenção de fazer o que você tinha me dito para fazer.

FULGÊNCIO: E por que não fez?

FELIPE: Porque... um mal menor poderia se transformar num mal muito maior; porque as pessoas teriam dito... porque as pessoas teriam julgado... oh, puxa vida! Se tivesse ouvido os motivos que minha filha me deu, você também teria se deixado convencer.

FULGÊNCIO: Entendi. Não se pode comportar dessa maneira com um cavalheiro como eu. Não sou uma marionete para me deixar manipular. Vou me justificar com o Leonardo. Estou já arrependido de ter me envolvido nesse acordo. Lavo minhas mãos, e não quero mais me envolver nisso. *(Faz menção de sair).*

FELIPE: Não, escute.

FULGÊNCIO: Não quero ouvir mais nada.

FELIPE: Pelo menos uma palavra.

FULGÊNCIO: E o que você poderia dizer?

FELIPE: Querido amigo, eu estou tão confuso, que nem sei mais onde estou.

FULGÊNCIO: Desculpe-me, mas a sua foi uma má conduta, má conduta.

FELIPE: Tenha piedade, vamos tentar remediar.

FULGÊNCIO: E como poderíamos remediar?

FELIPE: Não dá mais tempo para dispensar o Guilherme?

FULGÊNCIO: Você não acabou de mandá-lo para pedir os cavalos?

FELIPE: Uma desculpa para tirá-lo daqui, você teria um pretexto melhor?

FULGÊNCIO: E quando ele voltar com os cavalos?

FELIPE: Estou no meio de um furacão.

FULGÊNCIO: Então faça assim, renuncie à vilegiatura no campo.

FELIPE: E como eu posso fazer?

FULGÊNCIO: Finja estar doente.

FELIPE: E que doença eu posso fingir que tenho?

FULGÊNCIO: Por mim você pode até morrer. *(Indignado)*.

FELIPE: Não precisa ficar com ódio desse jeito.

### CENA XIII

*Entra Leonardo.*

LEONARDO: Fico muito feliz em encontrar os dois aqui. Quem é que está zombando de mim? Quem está rindo da minha situação? Quem me preparou esse insulto?

FULGÊNCIO: Responda-lhe você. *(Para Felipe)*.

FELIPE: Querido amigo, responda-lhe você. *(Para Fulgêncio)*.

LEONARDO: É assim que se trata um cavalheiro? É assim que se trata uma pessoa como eu? Que modos são esses? Que maneira imprópria, mal-educada é essa?

FULGÊNCIO: Responda-lhe! *(Para Felipe)*.

FELIPE: Mas eu nem sei o que dizer! *(Para Fulgêncio)*.

### CENA XIV

*Entra Jacinta.*

JACINTA: Que bagunça é essa? Que discussões são essas?

LEONARDO: Senhorita, não sou eu quem faz essas discussões. Quem as faz são justamente as pessoas que zombam dos cavalheiros, que faltam com a palavra, que traem a confiança.

JACINTA: Quem é o réu? Quem é o culpado? *(Com escárnio)*.

FULGÊNCIO: Fale você. *(Para Felipe)*.

FELIPE: Por favor, comece você. *(Para Fulgêncio)*.

FULGÊNCIO: Vamos logo com isso, eu acabei envolvido nessa estória. Já que o diabo me fez entrar nessa estória, se não esclarecermos, eu é que me comprometo, e se o senhor Felipe não sabe falar, quem fala sou eu. Sim, senhorita. O Leonardo está certo em reclamar. Depois de ter-lhe prometido que o Guilherme não iria com vocês, faltar com a palavra, convidá-lo para viajar junto, levá-lo para Montenero, não é uma boa atitude, é um comportamento grosseiro.

JACINTA: O que o senhor diz sobre isso, meu pai?

FELIPE: Ela falou com você. Responda.

JACINTA: Por gentileza, senhor Fulgêncio, com que autoridade o senhor Leonardo se dá o direito de mandar na casa dos outros?

LEONARDO: Com a autoridade de um noivo...

JACINTA: Desculpe-me, mas não estou falando com você. *(Para Leonardo)*. Perguntei para o senhor Fulgêncio. Como o Leonardo ousa exigir que eu e meu pai não tenhamos amizade com quem bem entendemos, e que não levemos conosco, para o campo, quem não lhe agrada?

LEONARDO: Você sabe muito bem...

JACINTA: Não estou falando com você; é o senhor Fulgêncio quem vai me responder.

FELIPE: *(Ah, não deve ser verdade a história do namorico, se fosse ela não falaria desse jeito)*.

FULGÊNCIO: Já que você quer que eu fale, eu falo. O Leonardo não teria dito nada, não exigiria nada se não tivesse a intenção de pedir a sua mão em casamento.

JACINTA: O que? O Leonardo tem a intenção de pedir-me em casamento? *(Para Fulgêncio)*.

LEONARDO: É novidade para você?

JACINTA: Com licença. Deixe eu falar com o senhor Fulgêncio. *(Para Leonardo)*. Responda-me senhor, o que o faz acreditar nisso? *(Para Fulgêncio)*.

FULGÊNCIO: O fato de ter sido eu mesmo quem, a pedido do Leonardo, fez a proposta ao senhor Felipe.

LEONARDO: Mas eu tenho sido tão maltratado...

JACINTA: Por gentileza, fique calado. Não é a sua vez; falará somente quando será a sua vez. *(Para Leonardo)*. O que o senhor meu pai acha disso?

FELIPE: E o que você acha disso?

JACINTA: Não, diga você primeiro o que acha. Mais tarde eu falo o que acho.

FELIPE: Eu tenho a dizer que, da minha parte, não vejo nenhum problema.

LEONARDO: Mas eu agora digo que...

JACINTA: Ainda não é a sua vez. Eu é que vou falar agora. Tenha a gentileza de me escutar, e depois, se quiser, responda. Desde quando eu conheci o Leonardo, ele não pode negar que eu senti por ele uma certa estima, e sei que ele também sentiu o mesmo por mim. A estima, com o tempo, se torna amor, e eu quero acreditar que ele me ama, uma vez que, confesso, eu não sou indiferente em relação a ele. Além disso, para que

um homem tenha autoridade sobre uma jovem, não é suficiente um afeto incerto, mas é necessária uma declaração aberta. Feita tal declaração, não deve ser a moça a única a saber, mas também quem tem autoridade sobre ela, a relação tem que se tornar pública, é preciso decidir, organizar as formalidades necessárias. Então, todas as delicadezas, todas as atenções serão voltadas para o noivo, e embora ele não tenha o direito de exigir e mandar, passa a ter direito, pelo menos, de se explicar com liberdade, e conseguir alguma coisa por conveniência. De outra maneira uma moça honesta pode relacionar-se com indiferença, e relacionar-se com todos, e conversar com todos, e comportar-se igualmente com todos; mas não pode e não deve tratar alguém de forma especial, e dar na vista, e perder o respeito. Sempre o tratei da mesma forma que tratei o Guilherme e todos os outros. Meu pai convidou-o a vir conosco, e eu fiquei contente, da mesma forma que ficaria, se tivesse convidado qualquer outra pessoa, e você se queixa injustamente, se queixa de mim e dele. Agora que você já se declarou, agora que tornou público o seu amor, que me honra pedindo-me em casamento, e que meu pai está a par e dá a sua permissão, posso dizer-lhe que isso me deixa feliz, que estou lisonjeada pelo seu amor, e que lhe agradeço pela sua bondade. No futuro toda a minha atenção será para você, é um seu direito, poderá exigí-la, que lhe será sempre concedida. Eu lhe peço somente uma coisa, e desse favor provavelmente dependerá a boa imagem que eu quero formar de você, e a felicidade de ser sua mulher. Você pode querer que eu seja sua, mas não espere que eu me transforme em uma caipira. Não transforme o primeiro sinal de seu amor em suspeitas cruéis, desconfianças injuriosas, ações baixas e plebéias. Nós já estamos de partida. Você, por acaso, quer que todos saibam, que os outros tenham as suas mesmas desconfianças, e que nós nos tornemos ridículos aos olhos de todos? Deixe para lá desta vez. Acredite em mim, e não me ofenda. É através do seu comportamento que eu vou saber se realmente me ama. Quer a minha mão e o meu coração? A minha mão está a sua disposição, quando quiser. Mas terá que fazer por merecer o meu coração, se o deseja.

FELIPE: Como lhe parece? *(Para Fulgêncio)*.

FULGÊNCIO: (Eu não me casaria com ela, nem mesmo se ela tivesse cem mil escudos de dote). *(Em voz baixa para Felipe)*.

FELIPE: (Bobo!). *(Falando consigo mesmo)*.

LEONARDO: Eu nem sei o que dizer, eu a amo, o que mais desejo é o seu coração. Você me convenceu com as suas razões. Não quero me comportar como um ingrato. Faça o que quiser, e tenha compaixão de mim.

FULGÊNCIO: (Olha só que ingênuo!).

JACINTA: (Não me importa nem um pouco que o Guilherme venha conosco. Basta-me que o Leonardo não me contradiga). (*Consigno mesma*).

#### CENA XV

*Entra Brígida.*

BRIGIDA: Senhor, a sua irmã está aqui com o seu empregado.

LEONARDO: Peço permissão pra que elas entrem.

BRÍGIDA: (Vamos ou não vamos). (*Em voz baixa para Jacinta*).

JACINTA: (Vamos sim). (*Em voz baixa para Brígida*).

BRÍGIDA: (Eu estava morrendo de medo que nós não fôssemos mais). (*Sai*).

#### CENA XVI

*Brígida volta, entrando com Vitória e Paulo.*

VITÓRIA: Com licença? (*Melancólica*).

JACINTA: Venha, meu bem, entre.

VITÓRIA: (Meu bem... até parece!). Como está, meu irmão? (*Como acima*).

LEONARDO: Muito bem, graças a Deus. Paulinho, rápido, prepare tudo para a viagem. O baú, os cavalos, e tudo o mais que for necessário. Vamos partir daqui a pouco.

VITÓRIA: É mesmo? (*Alegre*).

JACINTA: Sim, meu bem, vamos todos viajar. Está feliz?

VITÓRIA: Sim, tesouro, felicíssima.

FELIPE: Fico contente que as duas cunhadas gostem uma da outra. (*Em voz baixa para Fulgêncio*).

FULGÊNCIO: Pois eu acho que elas gostam uma da outra como o gato gosta do rato.. (*Para Felipe*).

FELIPE: (Que homem fantástico!).

PAULO: Graças a Deus o senhor está mais calmo. (*Sai*).

VITÓRIA: Vamos, meu irmão, vamos embora.

LEONARDO: Você está muito impaciente.

JACINTA: Coitadinha, não vê a hora de ir para o campo.

VITÓRIA: Um pouco mais, um pouco menos, quase tanto quanto você.

FULGÊNCIO: E vocês querem ir para o campo sem decidir nada, sem estabelecer o contrato?

VITÓRIA: Que contrato?

FELIPE: Antes de partir, podemos redigi-lo

VITÓRIA: Redigir o que?

LEONARDO: Eu estou pronto para fazê-lo.

VITÓRIA: E o que vocês tem que redigir?

JACINTA: Vamos chamar duas testemunhas?

BRÍGIDA: Não sabe o que está acontecendo? *(Para Vitória)*.

VITÓRIA: Não estou sabendo de nada.

BRÍGIDA: Se ainda não sabe, vai saber.

VITÓRIA: Meu irmão.

LEONARDO: Sim?

VITÓRIA: Ficou noivo?

LEONARDO: Exatamente.

VITÓRIA: E você não me diz nada?

LEONARDO: Se você deixar, eu lhe digo.

VITÓRIA: É ela a sua noiva?

JACINTA: Sim, meu bem, sou eu a felizarda. Você ficou contente?

VITÓRIA: Oh, quanta felicidade! Quanta alegria eu estou sentindo! Querida cunhada. *(Beijam-se)*. *(Era só essa que me faltava, essa daí vir para a nossa casa)*.

JACINTA: *(Tomara que ela vá embora de casa logo!)*.

BRÍGIDA: *(Eu acho que aqueles beijos não são de coração)*.

FELIPE: *(Olha só como elas se dão bem!)*. *(Para Fulgêncio)*.

FULGÊNCIO: Estou vendo. O senhor não conhece as mulheres). *(Para Felipe)*.

FELIPE: *(Eu estou morrendo de raiva)*.

JACINTA: Aqui estão as duas testemunhas.

LEONARDO: *(Ah não! Guilherme! Ele é o motivo do meu desespero; eu não posso nem vê-lo)*. *(Fala consigo mesmo, observando através do cenário)*.

VITÓRIA: *(Que amor, meu irmão! Casar-se antes de me arranjar um marido! Ele não perde por esperar, ele vai ver só o que eu vou falar...)*. *(Consigno mesma)*.

## CENA FINAL

*Entram Guilherme e Ferdinando.*

GUILHERME: Os cavalos estão prontos.

FERDINANDO: Vamos, vamos, que já está tarde. Como vai, meu amigo Leonardo? Já não está mais triste?

LEONARDO: E o que você sabe sobre a minha tristeza?

FERDINANDO: É que a Vitória deu a entender algo sobre você.

VITÓRIA: Não é verdade, eu não lhe disse nada.

FERDINANDO: Mentira que vem de mulher a gente perdoa.

FELIPE: Senhores, antes de viajarmos temos uma coisa a fazer. O jovem Leonardo teve a bondade de pedir a mão da minha filha em casamento, e eu lhe concedi. Portanto, eles vão se casar... Quando gostaria de realizá-lo?

LEONARDO: Sugiro que seja depois da vilegiatura.

FELIPE: Ótimo, será realizado depois da vilegiatura, mas por enquanto vamos fazer o contrato. Por esse motivo pedimos que sejam testemunhas.

GUILHERME: (Eu não esperava uma notícia dessas).

FERDINANDO: Aqui estou ao seu dispor. Vamos fazer logo o que temos que fazer, assim poderemos viajar. Mas, a propósito, senhores, qual é o lugar que foi reservado para mim?

FELIPE: Não sei dizer... O que você acha, Jacinta?

JACINTA: É você quem escolhe.

FELIPE: E o Guilherme? Sinto muito por... Como faremos?

VITÓRIA: Permita-me dizer uma coisa. *(Para Felipe)*.

FERDINANDO: O que a você tem a dizer?

VITÓRIA: Eu acho que se meu irmão está comprometido com a Jacinta, ele é quem deve ir na carruagem com ela.

FULGÊNCIO: Assim é que manda o figurino, Felipe.

FELIPE: O que você acha, Jacinta?

JACINTA: Eu não convido nem dispenso ninguém.

LEONARDO: E o que o Guilherme diz?

GUILHERME: Bem, se eu estou a mais, posso renunciar à viagem.

VITÓRIA: Não, não, pode vir na carruagem comigo.

GUILHERME: (Os bons modos dizem que eu não devo insistir). Se o senhor Leonardo me permitir, aceitarei o gentil convite da senhorita Vitória.

LEONARDO: Sim, querido amigo, eu lhe serei sempre grato pela sua compreensão.

JACINTA: (Já que quem cedeu foi ele, não me importa. Eu é que não abri mão).  
(*Consigno mesma*).

FELIPE: (Está vendo? Está tudo resolvido agora?). (*Para Fulgêncio*).

FULGÊNCIO: (Quem não está muito contente é a Vitória). (*Para Felipe*).

FELIPE: (Tolices!). (*Para Fulgêncio*).

FERDINANDO: E com quem eu vou?

JACINTA: Você se importaria de ir com a minha dama de companhia?

FERDINANDO: Na carruagem?

JACINTA: Na carruagem.

FERDINANDO: Sim, meu anjo, eu vou ter o prazer de desfrutar da sua amável companhia. (*Para Brígida*).

BRÍGIDA: Para mim será uma honra incomparável. (Eu preferiria muito mais ir com o empregado). (*Consigno mesma*).

FULGÊNCIO: Muito bem, todos estamos felizes agora.

VITÓRIA: Vamos, vamos! Já perdemos muito tempo! Vamos partir para o bendito campo.

JACINTA: Isso mesmo, vamos fazer o contrato, e viajamos imediatamente. Afinal já chegou o momento tão desejado de ir para a nossa vilegiatura. Já nos desentendemos muito pelo medo de não partir mais! Caprichos típicos dessa temporada. Sendo assim, boa viagem para quem parte, e boa permanência para quem fica.

FIM DA COMÉDIA

## As aventuras da vilegiatura

Comédia em três atos  
(1761)

Personagens  
da comédia anterior

Felipe  
Jacinta  
Leonardo  
Vitória  
Ferdinando  
Guilherme  
Brígida  
Paulinho

Novos

Sabrina, *velha, tia de Jacinta*  
Constância  
Rosina, *sua sobrinha*  
Tonico, *jovem tolo, namorado de Rosina*  
Tita, *empregado de Constância*  
Beltrame, *empregado do pai de Tonico*  
*Outro empregado de Felipe*

*A peça é representada em Montenero, estância para onde os livorneses vão em vilegiatura, a poucas milhas de distância de Livorno.*

## Do autor para o seu leitor

A ação da comédia precedente é a ida para o campo. Apareceram algumas dificuldades que atrasaram, e quase cancelaram a viagem. Quando as dificuldades foram solucionadas, todos ficaram contentes e a comédia chegou ao fim. Guilherme é uma personagem necessária, uma vez que é ele quem provoca o ciúme de Leonardo, e fornece os movimentos para a ação, ora com o atraso, ora com os estímulos para o final. Contudo, sem uma segunda comédia, o seu caráter frio e emblemático deixaria a desejar. Essa personagem se desenvolve nesta segunda comédia, e o mesmo caráter frio e emblemático produz o ponto principal das *Aventuras*, isso é, a ação principal desse segundo drama.

Essa continuação produz algum outro bom resultado. A prepotência de Jacinta é punida. A loucura de Felipe é zombada. Os prognósticos de Fulgêncio são comprovados. No final, o excesso da *vilegiatura* é provado, e as perigosas conseqüências são expostas à vista e ao julgamento dos espectadores. Essa comédia também chega ao fim. Não vou dizer aqui como termina, para não estragar a surpresa. Mas o leitor perceberá, no final da leitura, que permanece algo a ser resolvido, e ficará contente, eu espero, com a leitura da terceira comédia.

Todos os atores da primeira comédia reaparecem nesta segunda, com exceção de Fulgêncio, do qual, no entanto, outras personagens falam, e aparecerá novamente na terceira. Além dos atores já mencionados, outros quatro são introduzidos, os quais só vem a acrescentar às *Aventuras da vilegiatura*, e todos contribuem com a ação principal. A unidade da ação é um preceito indispensável a ser observado nos dramas, quando o tema refere-se a um tema em especial. Mas quando o título coletivo engloba mais pessoas, a própria unidade se encontra na multiplicidade das ações. A esse gênero pertencem (no que diz respeito às minhas comédias) *O teatro cômico*, *O café*, *As fofocas da mulheres*, além das três comédias aqui em questão. Todos as personagens agem com a mesma finalidade, e todas as suas ações servem para provar o tema.

## PRIMEIRO ATO

### CENA I

*Aposento no andar térreo da casa do Felipe, com mesinhas de jogo, cadeiras, canapés, etc. Uma porta grande aberta no fundo, por onde se vai para o jardim.  
Brígida, Paulinho, Tita e Beltrame.*

BRÍGIDA: Venham, venham, todos ainda estão dormindo.

PAULINHO: Na nossa casa também não faz muito tempo que foram se deitar.

TITA: E as minhas patroas, sem dúvida, vão dormir por pelo menos três horas.

BELTRAME: Se ficam acordados a noite toda, têm que dormir durante o dia.

PAULINHO: E você, Brígida, como conseguiu acordar assim tão cedo?

BRÍGIDA: Ah, eu dormi muito bem. Quando começaram a conversação, eu fui dormir. Jogaram, jantaram, voltaram a jogar, e eu me divertia dormindo. Quando já tinha amanhecido, a patroa mandou me chamar; eu me levantei, ajudei-a a se despir, coloquei-a na cama, fechei o quarto, e aproveitei para me vestir. Já fiz uma caminhada no jardim, colhi os meus jasmims, e senti um enorme prazer.

PAULINHO: Então, no fundo, alguém consegue se divertir. Mas, e os nossos patrões como se divertem?

BRÍGIDA: Que nada. Para eles a cidade e o campo são a mesma coisa. Fazem exatamente as mesmas coisas.

PAULO: Não tem nenhuma diferença, a não ser que, no campo, encontram mais pessoas e gastam muito mais.

BRÍGIDA: Vamos lá, hoje de manhã, eu também quero ter a honra de receber os meus cavalheiros. *(Brincando)*. O que vocês querem? Aceitam um café, um chocolate, uma garrafa de vinho? É só pedir.

PAULINHO: Eu aceito um chocolate.

TITA: Eu também.

BELTRAME: E eu, um copo de alguma bebida boa.

BRÍGIDA: Com prazer, já vou servi-los. *(Saindo)*.

TITA: Espere um pouco. Eu só tomo o chocolate com uma certa sofisticação. *(Para Brígida)*.

BRÍGIDA: Já entendi.

PAULINHO: A Brígida sabe muito bem como são essas coisas.

BRÍGIDA: Aqui está sobrando tudo, eles não consomem muito; vamos aproveitar. *(Sai)*.

## CENA II

*Paulinho, Tita, Beltrame.*

PAULINHO: Amanhã de manhã, à mesma hora, eu espero vocês para uma visita.

TITA: É isso mesmo, e um dia desses venham à minha casa.

PAULINHO: O seu patrão está no campo? *(Para Tita)*.

TITA: O meu patrão ficou em Livorno, e a patroa veio para cá para aproveitar. O marido dá duro na cidade, e a mulher vem para o campo para gastar e se divertir.

PAULINHO: É... A senhora Constância impressiona a todos por aqui. Se alguém não a conhecesse, jamais diria que é a esposa de um pequeno comerciante.

BELTRAME: Impressiona mesmo! Ela foi apelidada de governadora de Montenero.

PAULINHO: E quem é aquela jovem que, este ano, veio para a vilegiatura com ela?

TITA: É uma sobrinha dela, pobre, miserável, que não tem nada no mundo. Tudo o que ela veste, foi a minha patroa que emprestou.

PAULINHO: E por que aumentar ainda mais as despesas do seu marido? Por que trazer para o campo uma sobrinha com o peso de ter que vesti-la?

TITA: Eu vou lhe contar, tem uma razão para isso. A minha patroa, a senhora Constância, ainda é jovem, é verdade. Mas hoje em Montenero tem mulheres muito mais jovens que ela. E onde tem juventude, tem vida social; e ela, para não ficar para trás, trouxe consigo uma sobrinha de dezesseis anos.

## CENA III

*Entram Brígida e servidores, que trazem chocolate, vinho, etc.*

BRÍGIDA: Aqui estou, aqui estou, peço desculpas se os deixei esperando.

PAULINHO: Não tem problema, nos divertimos muito.

BRÍGIDA: Como?

PAULINHO: Falando bem dos outros. *(Rindo)*.

BRÍGIDA: Muito bem, já entendi. Se alguém quisesse contar... se alguém quisesse contar o que acontece durante a vilegiatura, dava para escrever vários volumes. Para que chamar os poetas para fazerem comédias? Se quiserem escrever uma comédia têm que vir aqui. Paulinho, aqui está. *(Dá-lhe o chocolate)*. Que venham aqui para ver a nossa velha, se quiserem um bom tema. Esse é o seu, Tita. *(Dá-lhe o chocolate)*. Já tem sessenta e cinco anos, e dá a entender que ainda é cortejada. *(Dá os biscoitos aos dois)*. E o senhor Ferdinando finge tão bem, que parece morrer de amor por ela, e a boa velha fica lisonjeada; mas na minha opinião aquele sem-vergonha vai explorá-la até não poder mais. Senhor Beltrame, acho que o senhor vai gostar disso. *(Coloca o vinho em um copo e o serve)*.

BELTRAME: Esse sim é que é o melhor chocolate do mundo.

BRÍGIDA: Pegue dois biscoitinhos. E essa novidade, que todos estão comentando, que o senhor Guilherme e a senhorita Vitória estão namorando, é ou não é verdade? Você, Paulinho, deveria saber.

PAULINHO: Dizem que, na carruagem, eles trocaram algumas palavras. O cocheiro, que estava atrás da carruagem, disse que a janela estava aberta, mas que depois a fecharam, mas que ele conseguiu ouvir alguma coisa.

BRÍGIDA: Já viu, né? Ficar sozinhos em uma carruagem é uma boa oportunidade para dois jovens.

BELTRAME: Boa, muito boa. *(Faz um movimento para devolver o copo)*.

BRÍGIDA: Quer outro?

BELTRAME: Não, já é o suficiente..

BRÍGIDA: Tome mais.

BELTRAME: Não, não, para mim chega.

BRÍGIDA: Tome mais um para eu ficar feliz.

BELTRAME: Está bem! Pode me dar mais um. O que eu não faço por você?

BRÍGIDA: Assim que eu gosto, que os homens façam a minha vontade.

PAULINHO: Brígida, Tita e Beltrame, eu quero convidá-los para vir à minha casa amanhã de manhã.

TITA: E depois de amanhã à minha casa.

BELTRAME: Eu não posso convidar ninguém. O meu patrão toma café e chocolate fora de casa, e em casa não tem nem o cheiro.

PAULINHO: O seu patrão não é o senhor doutor, o médico de Montenero? (*Para Beltrame*).

BELTRAME: Isso mesmo. Faz muitos anos que ele é médico aqui no interior, e nunca teve o prazer de ser médico na cidade.

PAULINHO: Ontem ele esteve na nossa casa para tomar o chocolate.

TITA: E você acredita que ele também tomou na nossa casa?

BRÍGIDA: Muito esperto o senhor doutor.

PAULINHO: Hoje de manhã, provavelmente, ele vai fazer o mesmo itinerário.

BELTRAME: Hoje de manhã, não, porque ele não está em Montenero. Ele foi fazer uma visita na região da Marema, e não vai voltar antes de amanhã.

BRÍGIDA: Isso quer dizer que você não foi com ele?

BELTRAME: Eu fui buscá-lo com os criados, mas ele me deixou aqui para tomar conta do seu filho.

BRÍGIDA: Daquele tonto do senhor Tonico?

TITA: Tonto, até parece! Ele está que nem louco namorando a senhorita Rosina.

BRÍGIDA: Com a sobrinha da senhora Constância?

BELTRAME: É verdade. Planejaram tudo muito bem. Com a desculpa que o seu pai é o doutor da senhora Constância, ele caiu em cima da sobrinha.

BRÍGIDA: É mesmo, conte-me tudo...

PAULINHO: Está chegando alguém.

TITA: Vamos embora.

BRÍGIDA: Vamos para o jardim, eu quero saber todos os detalhes.

PAULINHO: Novidades quentes. (*Sai*).

TITA: As novidades de sempre. (*Sai*).

BELTRAME: Coisas da juventude! (*Sai*).

BRÍGIDA: Aventuras do campo. (*Sai*).

#### CENA IV

*Ferdinando, vestido à vontade; em seguida, um servidor.*

FERDINANDO: Ei, tem alguém aí? Tem alguém aí? Não tem ninguém? Será que eles ainda estão dormindo? Tem alguém aí?

SERVIDOR: Pois não?

FERDINANDO: Que diabos, tem que gritar para chamar um servidor.

SERVIDOR: Desculpe-me.

FERDINANDO: Traze um chocolate para mim.

SERVIDOR: Pois não. (Parasita! Vem nos dar ordens como se estivesse na sua casa, ou como se fosse num bar). *(Sai)*.

FERDINANDO: O senhor Felipe é um excelente cavalheiro, mas não sabe como fazer para ser servido. Mesmo assim, é melhor aqui do que em qualquer outro lugar. Pode-se ter mais liberdade, come-se melhor, e tem melhores conversações. Foi uma boa coisa para mim, que eu tenha vindo na carruagem na companhia da dama de companhia da casa; com esse pretexto acabei ficando aqui, ao invés de ir com o Leonardo. Lá também não se está mal, mas aqui estou maravilhosamente hospedado. Ou seja, tudo está correndo bem, e além disso estou tendo muita sorte no jogo. Vamos fazer um balanço; vamos ver o estado do nosso cofre. *(Senta-se a uma mesinha, e tira um bloquinho do bolso)*. No jogo *minchiata*, ganhei dezoito liras. No *primiera* ganhei sessenta liras. No *trentuno*, noventa e seis liras. No *faraone*, ganhei dezesseis zequinos, que ao todo são... *(conta)* ao todo eu estou com uma vantagem de mais ou menos trinta zequinos. Tomara que continue assim... mas que diabos estão fazendo? Vocês vão me trazer esse chocolate ou não? Já estão vindo, seus malditos? *(Grita bem alto)*.

## CENA V

*Entra Felipe.*

FELIPE: Querido amigo, faça-me a gentileza de não gritar.

FERDINANDO: Mas o senhor nunca fala nada, e os servidores fazem o que querem.

FELIPE: Eu sou muito bem servido, e nunca grito.

FERDINANDO: Por mim eu não ligo. Mas o senhor tem outros hóspedes em casa, que reclamam dos servidores.

FELIPE: Ouça bem, amigo; quem paga os meus servidores sou eu, e quem não estiver contente, pode ir embora quando quiser.

FERDINANDO: O senhor já tomou o chocolate?

FELIPE: Não.

FERDINANDO: E o que está esperando?

FELIPE: Estou esperando quando eu tiver vontade, quando eu quiser, e quando eu achar que está na hora.

FERDINANDO: Já eu, tomaria de bom gosto.

FELIPE: Fique à vontade.

FERDINANDO: Faz três horas que eu pedi. Dá pra me trazerem um chocolate? *(Em voz alta, em direção aos bastidores).*

FELIPE: Mas não grite.

FERDINANDO: Se não gritar, não trazem.

FELIPE: Tenha um pouco de paciência. Eles devem estar mais ocupados do que de costume; hoje nós temos convidados para o almoço. Serão onze ou doze pessoas à mesa; os criados não podem fazer tudo de uma só vez.

FERDINANDO: *(Pelo o que eu vejo, hoje de manhã não vai ter jeito).* Está bem, senhor Felipe.

FELIPE: Aonde você vai?

FERDINANDO: Tomar um pouco de chocolate em outro lugar.

FELIPE: Querido amigo, que fique só entre nós, mas você não acha que exagera?

FERDINANDO: Quem sofre é o meu estômago. Eu não como muito à noite.

FELIPE: Parecia-me que ontem, durante o ótimo jantar do senhor Leonardo, você comeu muito bem.

FERDINANDO: Mas ontem à noite foi somente uma feliz coincidência,

FELIPE: Se eu tivesse comido o que você comeu, eu ficaria em jejum por três dias.

FERDINANDO: Aqui está o chocolate. *(O servidor traz uma xícara).*

FELIPE: Você não ia tomá-lo em outro lugar? Não se preocupe. Eu tomo esse.

FERDINANDO: O senhor ficou ofendido?

FELIPE: Não, eu não me ofendo com essas coisas. Vá tranqüilamente, que eu tomo esse chocolate.

FERDINANDO: Seja mais condescendente, senhor Felipe. Nós somos bons amigos, não quero que fique nervoso. Pode deixar que eu tomo. *(Toma o chocolate).*

FELIPE: Ótimo. Chega de cerimônias. Prepara um para mim também. *(Para o servidor).*

SERVIDOR: Se a Brígida não vier, não tem mais.

FELIPE: Ontem vocês já não deixaram em ebulição como sempre?

SERVIDOR: Sim, senhor, mas já acabou.

FELIPE: Minha filha não tomou, minha irmã não tomou, o senhor Guilherme não tomou. Onde foi parar o chocolate?

CRIADO: Eu não sei de nada, senhor, mas na chocolateira não tem mais.

FELIPE: Bem, se não tem mais, eu tenho que ficar sem. Eu já estou acostumado com essas coisas.

FERDINANDO: Muito bom. O seu chocolate é realmente perfeito.

FELIPE: Eu não faço economia na qualidade.

FERDINANDO: Com licença. Vou dar uma voltinha.

FELIPE: Venha aqui; vamos jogar um pouquinho de *picchetto*.

FERDINANDO: Assim tão cedo?

FELIPE: Sim, agora que não tem ninguém; se eu esperar a hora da conversação, começam a cortar, fazem seus jogos, e ninguém me dá bola.

FERDINANDO: Caro senhor Felipe, eu não estou com vontade de jogar agora.

FELIPE: Só um pouquinho, por favor.

FERDINANDO: Desculpe-me, eu preciso fazer uma caminhada; mais tarde, mais tarde, podemos jogar um pouco mais tarde. (Imagine só se eu vou querer ficar jogando uma bagatela com esse velho). *(Sai)*.

FELIPE: Quando sou eu que quero, nenhum me dá atenção. Todos se divertem às minhas custas, e eu, se quiser me divertir, vou ter que ir ao armazém para jogar dama com o dono. O Fulgêncio é que disse uma coisa certa. Par mim chega! Este ano eu já estou aqui mesmo. Se eu casar a minha filha, vou colocar para alugar a propriedade inteira, e não quero mais saber de vilegiatura. Mas, eu, quando não venho para o campo, sofro. Se não tenho companhia, acabo morrendo. Não sei o que fazer. Já estou acostumado assim. Nada do que é meu é para mim; todos devoram o que tenho; e eu fico sempre com a menor parte. *(Sai)*.

## CENA VI

*Salinha na casa de Constância.  
Constância e Rosina.*

CONSTÂNCIA: Muito bem, sobrinha, assim é que eu gosto. Você se arrumou perfeitamente.

ROSINA: Eu usei tudo o que já aprendi até hoje para fazer um penteado de bom gosto.

CONSTÂNCIA: E você fez muito bem, porque hoje na casa do senhor Felipe todas as beldades de Montenero estarão presentes, e vai ser um desfile de penteados estupendos.

ROSINA: Ah, sem dúvida. Vão estar lá as caricaturas de sempre. Monstros, cabeças de leões e medalhões antigos.

CONSTÂNCIA: É verdade; acabam se arruinando.

ROSINA: Elas que fiquem com os cabeleireiros delas, cujo trabalho eu não gosto nem um pouco. Eles só sabem copiar as modas que surgem; e não ligam para saber se a moda é adequada ou não ao tipo e ao rosto da pessoa.

CONSTÂNCIA: É verdade; é uma coisa monstruosa ver um rostinho delicado no meio de uma juba de cabelos, que acaba modificando até mesmo a sua própria fisionomia.

ROSINA: O que aconteceu, que o senhor Tônico ainda não deu o ar da graça? Ele me disse que viria tomar café da manhã conosco.

CONSTÂNCIA: Virá, não se preocupe. Dá para perceber que ele gosta de você.

ROSINA: Se eu quisesse, ele casaria comigo amanhã.

CONSTÂNCIA: A profissão de médico é, sem dúvida, uma profissão bem conceituada, e vocês não ficariam abaixo de quem quer que seja.

ROSINA: O único problema é que ainda falta um pouco de tempo até que ele possa exercitá-la.

CONSTÂNCIA: Não, vai ser rápido! Ele já esteve em Pisa estudando; daqui a pouco ele se forma, e em pouco tempo já vai ser médico.

ROSINA: Dizem que ele não sabe muito, e que se não estudar um pouco mais, não conseguirá nada.

CONSTÂNCIA: Não, não é bem assim. Para se tornar um doutor, não precisa de muito esforço. Um pouco de memória, conhecer as pessoas certas, e em quinze dias já está tudo resolvido. Quando ele for um doutor, não vai lhe faltar um bom cargo. Os amigos dele e os nossos vão ajudá-lo a obter um trabalho.

ROSINA: E a parte prática?

CONSTÂNCIA: Ele vai adquirir quando já estiver trabalhando.

ROSINA: Tenho pena dos primeiros pacientes que ele atender.

CONSTÂNCIA: Se ele tiver sorte, não vai ter nenhum problema.

ROSINA: E o pai dele vai ficar feliz com o noivado?

CONSTÂNCIA: Eu espero que sim. Não é para me vangloriar, mas o senhor doutor nutre uma grande simpatia por mim.

## CENA VII

*Entra Ferdinando.*

FERDINANDO: Ô de casa. Posso entrar? *(De dentro).*

CONSTÂNCIA: Venha, venha, a casa é sua. *(Em direção à cena)*. O senhor Ferdinando. *(Para Rosina)*.

ROSINA: O que esse chato quer da gente?

CONSTÂNCIA: Você não sabe? Ele está em todas; e todos são gentis com ele, porque tem uma língua venenosíssima.

ROSINA: Adula sempre aquela pobre velha, que dá até pena.

FERDINANDO: Senhoras, aqui estou eu ao seu dispor.

ROSINA: Ao seu dispor.

CONSTÂNCIA: Sempre ao seu dispor.

FERDINANDO: Puxa vida! Que beldades são essas?

ROSINA: Você está zombando de nós.

FERDINANDO: Estão sozinhas? Não têm companhia, ninguém?

CONSTÂNCIA: Agora de manhã ainda não chegou ninguém.

FERDINANDO: E o senhor doutor, ainda não chegou?

CONSTÂNCIA: Não, senhor. Ele está na região da Marema fazendo uma visita.

FERDINANDO: E o doutorzinho amador ainda não apareceu?

CONSTÂNCIA: Ainda não.

FERDINANDO: Aquele rapaz é um fenômeno. Ah, não me lembrava que ele é o ídolo da senhorita Rosina. Desculpe-me, você é uma jovem muito inteligente; não consigo acreditar que possa achá-lo interessante.

ROSINA: Não digo que seja muito interessante; mas não me parece que isso seja motivo para ridicularizá-lo.

FERDINANDO: Não, não, ele tem suas qualidades, é muito simpático. *(Não custa nada concordar com o que ela diz)*.

CONSTÂNCIA: Ferdinando, quer que eu lhe mande preparar o café?

FERDINANDO: Muito obrigado. Nunca tomo café de manhã.

CONSTÂNCIA: Você tomou chocolate?

FERDINANDO: Sim, um péssimo chocolate.

CONSTÂNCIA: E onde você tomou um chocolate tão ruim assim?

FERDINANDO: No mesmo lugar onde estou hospedado, na casa do senhor Felipe. Um homem que gasta muito, que gasta o que pode e o que não pode, e mesmo assim é sempre muito mal servido.

ROSINA: Hoje nós vamos jantar na casa dele.

FERDINANDO: As senhoras vão ver que absurdo; coisas demais: Se somos em doze pessoas, há o suficiente para vinte e quatro pessoas, mas tudo sem gosto, sem refinamento: carne de baixa qualidade, pratos exagerados, montanhas de comida mal preparada, mal temperada, toda engordurada, carregada de especiarias; comida que só de ver já enche, mas não dá nenhum prazer quando comemos.

CONSTÂNCIA: Para dizer a verdade, ontem à noite na casa do Leonardo nos serviram um jantar muito agradável.

FERDINANDO: Agradável pode até ser, mas nada de excepcional.

CONSTÂNCIA: Serviram umas aves fabulosas.

FERDINANDO: Mas quantos tinham? Eu acho que não chegavam a oito pedaços por pessoa.

ROSINA: Eu não tenho o que reclamar do atum.

FERDINANDO: Imagine! Estava temperado com óleo vagabundo. Eu não suporto quando não usam óleo de Luca, de primeira.

ROSINA: Olhe, tia, quem está chegando.

CONSTÂNCIA: Sim, estou vendo, é o Tônico.

FERDINANDO: Eu fico feliz que o senhor Tônico tenha vindo.

CONSTÂNCIA: Por favor, Ferdinando; não seja maldoso com esse pobre rapaz.

FERDINANDO: A senhora me surpreende. Eu nunca seria capaz de...

ROSINA: Mesmo porque se quiséssemos falar do senhor Ferdinando e da sua velha, poderíamos dizer um monte de coisas.

FERDINANDO: Poupem a minha velha, que é ela quem é o meu ídolo. *(Ironicamente)*.

CONSTÂNCIA: O seu ídolo... Até parece!

## CENA VIII

*Entra Tônico.*

TONICO: Olá senhoras. Dormiram bem? O que fazem de bom? Estão bem? Fico contente com isso.

ROSINA: Bom dia, Tônico.

FERDINANDO: Caríssimo Tônico, tenho a honra de colocar-me à sua disposição. *(Em tom de zombaria)*.

TONICO: Ao seu dispor. *(Cumprimentando Ferdinando)*.

CONSTÂNCIA: Você dormiu bem a noite passada?

TONICO: Sim, senhora.

ROSINA: O jantar lhe fez mal?

TONICO: Não, por que deveria? Não me fez mal algum.

FERDINANDO: Mas se lhe tivesse feito mal, ele não é um craque da medicina? Não seria capaz de se curar sozinho?

TONICO: Certamente saberia como me curar.

FERDINANDO: O que você receitaria a alguém que tivesse comido demais, e que sentisse dor de estômago?

ROSINA: Ele ainda não se formou, e não tem obrigação de saber essas coisas.

TONICO: Mas, meu bem, é claro que eu sei.

FERDINANDO: Ele sabe muito bem, e desculpe-me, mas você não está sendo justa com ele, não confiando nele. Responda-me, Tônico, o que receitaria em um caso desse?

TONICO: Eu receitaria um pouco de cássia, e de maná, e de *sena*, e um *cremor di tartaro*, e um pouco de sal da Inglaterra.

CONSTÂNCIA: Ou seja, uma coisa ou outra.

FERDINANDO: E tudo junto, se fosse necessário.

TONICO: E tudo junto, se fosse necessário.

FERDINANDO: Muito bem, viva o senhor doutorzinho.

ROSINA: Basta, vamos mudar de assunto.

CONSTÂNCIA: A que horas o senhor seu pai viajou? (*Para Tônico*).

TONICO: Quando ele partiu, eu ainda estava dormindo. Não sei que horas eram.

CONSTÂNCIA: Ninguém lhe disse a que horas ele viajou?

TONICO: Sim, me disseram, mas não me lembro.

FERDINANDO: (Inteligência rara!).

ROSINA: E quando você acha que ele vai voltar?

TONICO: Eu acho que vai voltar assim que tiver acabado de fazer o que tinha que fazer.

FERDINANDO: Sem dúvida. Falou muito bem. Não parece possível que, nessa idade, ele possa saber tanto assim.

ROSINA: Por favor, eu já disse e torno a repetir: Cuide de si mesmo, e não zombe de ninguém. (*Para Ferdinando*).

TONICO: O Ferdinando está zombando de mim? (*Para Ferdinando*).

CONSTÂNCIA: Você já tomou café da manhã? (*Para Tônico*).

TONICO: Ainda não, vim tomar o meu café da manhã aqui.

ROSINA: Eu esperei por você, assim poderemos tomá-lo juntos.

FERDINANDO: Mas quanta sorte o Tônico tem!

TONICO: Por quê?

FERDINANDO: Porque as mulheres suspiram por ele.

CONSTÂNCIA: Vamos parar com essa conversa? *(Para Ferdinando)*.

ROSINA: *(Tadinho do meu Tônico, não ligue para ele)*. *(Em voz baixa para Tônico)*.

TONICO: *(Quando nos casarmos, não quero ver esse sujeito na nossa casa)*. *(Em voz baixa para Rosina, e batendo os pés)*.

FERDINANDO: O que o senhor Tônico tem?

CONSTÂNCIA: Deixe-o em paz.

FERDINANDO: Mas eu gosto dele.

TONICO: Pois eu não quero que você goste de mim. *(Faz pouco caso do Ferdinando)*.

FERDINANDO: Simpático, amável, interessante!

## CENA IX

*Entra Tita.*

TITA: Chegou uma visita para a senhora. *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: Quem é?

TITA: A senhorita Vitória.

CONSTÂNCIA: Pode mandar entrar. É um prazer recebê-la. *(Para Tita)*.

TONICO: E o café da manhã?

ROSINA: Minha tia, tem problema se formos tomar o café da manhã?

CONSTÂNCIA: Acompanha a minha sobrinha e o senhor Tônico. Dá-lhes algo de bom, e fica lá com eles, não os deixes sozinhos.

TITA: Sim, senhora. *(Sai)*.

FERDINANDO: *(Mulher educada! Muito cuidadosa! Admirável cautela!)*. *(Com ironia)*.

ROSINA: Vamos. *(Para Tônico)*.

FERDINANDO: Tudo de bom para o senhor Tônico.

TONICO: Obrigado, amigo.

FERDINANDO: Faça um brinde para mim.

ROSINA: Já estou perdendo a paciência! *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: Vida longa para o Tônico.

TONICO: Eu também já estou perdendo a paciência! *(Para Ferdinando)*.

ROSINA: Vamos. *(Pega Tonico pelo braço, e o puxa de uma forma que dê para ver a falta de jeito de Tonico)*.

CENA X

*Constância e Ferdinando; em seguida, entra Vitória.*

CONSTÂNCIA: Mas, meu caro Ferdinando...

FERDINANDO: Mas, cara senhora Constância, quem pode, pode.

VITÓRIA: À sua disposição, senhora Constância. Desculpe-me se demorei tanto tempo para vir visitá-la.

CONSTÂNCIA: Imagine! Seja lá quando for, sua visita é uma honra. Por favor, fique à vontade. *(Sentam-se)*.

FERDINANDO: *(O que você acha? Acha que é um traje adequado?)*. *(Sentando-se, em voz baixa para Vitória)*.

VITÓRIA: *(Tudo de mau gosto; não sabe nem se vestir)*. *(Para Ferdinando)*.

CONSTÂNCIA: *(Que seja amaldiçoada! Ela está vestindo o *mariage* que está na moda)*. *(Ambas olham-se com o canto dos olhos e não falam nada)*.

FERDINANDO: *(De repente ficaram mudas, não falam mais nada)*. Senhoras, que tal o tempo?

VITÓRIA: Nada mal para a estação.

CONSTÂNCIA: *(Agora eu entendi porque ela veio aqui; para mostrar o vestido. Mas eu não vou lhe dar esse gostinho, não vou comentar nada)*.

FERDINANDO: A Vitória está magnífica, vestida com muito bom gosto.

VITÓRIA: Obrigada pelo elogio; é um vestidinho que está na moda.

CONSTÂNCIA: Você vai ficar muito tempo aqui no campo?

VITÓRIA: Até o final da vilegiatura.

FERDINANDO: Eu gostei demais da combinação das cores.

VITÓRIA: O segredo desse tipo de vestido é justamente a harmonia entre as cores.

CONSTÂNCIA: *(A harmonia entre as cores!)*. *(Imitando-a)*.

FERDINANDO: Isso sim é que é ter bom gosto.

CONSTÂNCIA: Eu acho que você também foi convidada pela Jacinta para o almoço.

VITÓRIA: Sim, fui, e a senhora, também vai?

CONSTÂNCIA: Não deveria?

VITÓRIA: E posso perguntar se a senhora vai a pé ou de carroça?

CONSTÂNCIA: Vou a pé. Sabe, eu não tenho carroça porque não sou tão rica; mas mesmo se tivesse, ir de carroça a um lugar tão perto, na minha opinião, é um esnobismo.

VITÓRIA: Não é um esnobismo, faz parte da etiqueta.

CONSTÂNCIA: Se quisermos falar de etiqueta...

FERDINANDO: Creio que seremos em muitos hoje de manhã.

VITÓRIA: Para mim, tanto faz, não me deixo influenciar. Escolhi este vestido informal.

FERDINANDO: Com esse vestido ela poderia ir a qualquer lugar.

CONSTÂNCIA: (Que desgraçado!).

FERDINANDO: Senhora Constância, o que acha? Esse não é um vestido magnífico e de bom gosto?

CONSTÂNCIA: Você não sabe que não se deve interromper as pessoas quando estão falando. A que horas planeja ir para a casa da Jacinta? (*Para Vitória*).

VITÓRIA: (Dá para perceber que ela está morrendo de inveja do meu vestido). Bem, eu ainda tenho que fazer duas visitinhas, e em seguida, vou para a casa da Jacinta. Se for cedo, jogaremos uma partidinha.

CONSTÂNCIA: Jogar, naquela casa se joga a qualquer hora. Se jogassem somente jogos de apostas baixas, tudo bem, mas jogam sempre o maldito *faraone*, que vai acabar sendo a ruína de alguém.

FERDINANDO: Que eu saiba até agora não aconteceu nada.

VITÓRIA: Se quiserem saber, este ano eu já perdi o suficiente, e além disso já fiz umas comprinhas. Eu gosto sempre de estar bem vestida. A cada estação gosto de mandar fazer um vestido novo. Cada um tem a sua paixão. A minha é a de vestir-me bem, e sempre na moda. Por exemplo, esse ano está na moda o *mariage*, e eu fui uma das primeiras a ter um. Aqui está.

CONSTÂNCIA: (Ela me deixa com vontade de vomitar. Não agüento mais).

FERDINANDO: A classe é, sem dúvida, o que distingue as pessoas.

VITÓRIA: O que a senhora, que é de bom gosto, acha desse vestido. Gostou?

CONSTÂNCIA: Cara Vitória, eu não queria dizer nada, porque sou uma mulher sincera, e não gosto de adular ninguém, e por outro lado, desprezar as coisas dos outros não é muito gentil. Mas se quer saber a verdade, eu não gostei nem um pouco.

VITÓRIA: Não gostou?

CONSTÂNCIA: Fico meio constrangida, pode ser que eu não tenha bom gosto, mas eu não gostei.

FERDINANDO: Como assim? Isso é uma coisa grave. Por que não gostou?

CONSTÂNCIA: E o que o senhor adulator achou de tão bonito e maravilhoso? Não passa de um vestido de seda simples, enfeitado com mais de uma cor, exatamente como se enfeitam os uniformes dos empregados. Com sua licença, eu não gostei, e não vejo motivo para elogios..

FERDINANDO: Cada um tem seu gosto.

VITÓRIA: Além do mais, senhora Constância, eu nunca vim me desfazer de seus vestidos. *(Levantam-se)*.

CONSTÂNCIA: Eu também não, perdoe-me...

FERDINANDO: Eu percebi que a senhorita Vitória quer ir embora. Se quiser, posso acompanhá-la.

VITÓRIA: Aceito, com prazer.

CONSTÂNCIA: Ela é quem sabe o que lhe convém.

VITÓRIA: Até logo.

CONSTÂNCIA: Até logo.

FERDINANDO: Senhora Constância, minhas reverências.

VITÓRIA: (Pior do que esse comportamento, impossível. Pobre, orgulhosa e ignorante).  
*(Sai)*.

FERDINANDO: (Seria um bom tema para um composição musical! A ambição e a inveja). *(Sai)*.

CONSTÂNCIA: Que dama! Que princesa! Cheia de dívidas e de vaidade sem motivo.  
*(Sai)*.

## SEGUNDO ATO

### CENA I

*Sala na casa do Felipe.  
Jacinta e Brígida.*

BRÍGIDA: Qual é o motivo, senhora patroa, por que está tão melancólica? Este ano parece que não está se divertindo na vilegiatura.

JACINTA: Maldita a hora e o momento que decidi vir.

BRÍGIDA: Mas por que isso?

JACINTA: Deixa-me em paz, não me perturbes inutilmente.

BRÍGIDA: Mas eu quero saber de qualquer jeito. A minha patroa nunca escondeu nada de mim, e espero que agora não me dará esse desgosto.

JACINTA: Brígida minha amiga, reconheço que fui louca, que sou louca, e que as minhas loucuras me fazem sofrer.

BRÍGIDA: Mas por quê? A senhora está arrependida de ter-se comprometido com o senhor Leonardo?

JACINTA: Não, não me arrependi. Leonardo tem suas qualidades e me ama afetuosamente. Também não é grosseiro para que eu tenha receio de ser maltratada. Eu me arrependo, e amargamente, de ter insistido, apesar de tudo, de querer conosco o senhor Guilherme, e de ter permitido que o meu pai o recebesse como hóspede em nossa casa.

BRÍGIDA: O senhor Leonardo se queixou?

JACINTA: Esqueça o senhor Leonardo, que ele não tem nada a ver com isto. Ele sofre até demais, e eu estou envergonhada por fazê-lo sofrer

BRÍGIDA: Então o que o senhor Guilherme lhe fez? Ele parece ser um jovem tão honesto e educado...

JACINTA: Ah, é verdade. E foi justamente a sua educação, a sua gentileza; um modo de comportar-se insinuante, doce, patético, artificial, que me encantou, oprimiu, venceu,

embora eu não quisesse. É isso mesmo, estou apaixonada, mais apaixonada do que qualquer outra mulher.

BRÍGIDA: O quê, senhora? Como é possível? A senhora sempre me disse que não se importava nem um pouco com ele.

JACINTA: É verdade, eu nunca pensei nele, sempre o tratei com indiferença, e ria comigo mesma das suas inúteis atenções em relação a mim. Mas aconteceu! Brígida amiga, o fato de passar muito tempo com ele, encontrando-o todo dia, todas as horas, aquelas intermináveis atenções, as palavras ditas na hora certa, sentarmos perto à mesa, e sentir que roçava a minha pele (acidentalmente ou de propósito), e em seguida, pedia desculpas, e depois, aceitar suas desculpas suspiradas, são ocasiões fatais, insídias horríveis, sei lá, e não tenho idéia até onde vai chegar.

BRÍGIDA: Mas a senhora não tem culpa. É culpa do patrão.

JACINTA: É verdade, eu também pensei em por a culpa no meu pai. Foi ele quem começou, mas eu deveria ter remediado, era minha obrigação; mas a maldita ambição de não querer que controlassem a minha vida, e de querer que fizessem minhas vontades, fizeram com que eu me submetesse à situação; a princípio, com indiferença, e a indiferença transformou-se em alegria, e a alegria em paixão.

BRÍGIDA: O senhor Leonardo não percebeu nada?

JACINTA: Acho que não. Eu faço de tudo para ele não perceber, mas juro que eu estou sofrendo com esta tortura. Ter que tratar o senhor Leonardo com o carinho de uma noiva, e ver que, por outro lado, aquele que conseguiu ganhar o meu coração suspira e sofre, é um inferno indescritível, que, mesmo que eu quisesse, não saberia explicar.

BRÍGIDA: Mas como essa história vai terminar?

JACINTA: Eu não tenho idéia, e isso me deixa com uma tremedeira interminável.

BRÍGIDA: Afinal, a senhora ainda não é casada.

JACINTA: E o que eu poderia fazer? Deixar de honrar a minha palavra? Romper um contrato? Eu já assinei. Meu pai também. Todos os parentes já estão a par, a cidade toda já está sabendo. O que diriam de mim? Mas isso não é nada. Se descobrissem que eu estou apaixonada por esse jovem, diriam que eu já estava apaixonada em Livorno, e que fiz de tudo para ter ele perto de mim por um capricho de amor e que tive a ousadia de assinar um contrato de matrimônio com o coração comprometido, e com a nova paixão ao meu lado? Trata-se de minha reputação. São coisas horríveis para se pensar.

BRÍGIDA: Céus! Eu sinto muito. Mas todo mundo não dizia que o senhor Guilherme sentia uma certo carinho pela senhora Vitória?

JACINTA: É tudo mentira. Ele faz de conta, finge, para esconder o seu amor por mim.

BRÍGIDA: Então o senhor Guilherme sabe que a senhora está apaixonada por ele.

JACINTA: Eu tentei esconder o máximo que eu pude, mas ele percebeu claramente, e além disso aquela velha louca da minha tia, velha maldosa, também percebeu, e ao invés de impedir e remediar, parece que gosta de ficar atizando o fogo, e ela tem uma grande responsabilidade por esta minha fraqueza.

BRÍGIDA: A propósito da velha, olhe ela aqui.

JACINTA: Apesar da idade, voltou a ser criança. Ela faz uma porção de besteiras, e gostaria que todos estivessem do seu lado.

BRÍGIDA: Temos que lhe dizer algo. Vamos avisá-la para não lisonjear mais o senhor Guilherme.

JACINTA: Não, pelo amor de Deus, não vamos lhe dizer nada, vamos deixar as coisas como estão, caso contrário seria ainda pior.

BRÍGIDA: (Já entendi. A minha patroa é uma doentinha que tem medo do remédio).

## CENA II

*Entra Sabrina.*

SABRINA: Sobrinha, você viu o Ferdinando?

JACINTA: Não, senhora, ainda não vi hoje de manhã.

SABRINA: E você, Brígida, viu?

BRÍGIDA: Vi sim, de manhã bem cedo; ele saiu e ainda não voltou.

SABRINA: Mas olha só que falta de consideração! Disse-me ontem à noite que era para eu esperá-lo hoje de manhã para tomar chocolate no meu quarto, e ainda não apareceu. Fica fora o dia inteiro; faz mil visitas, tem mil compromissos. Por mais que tentemos, cada vez menos temos esses homens ao nosso lado. São realmente ingratos.

BRÍGIDA: (Pobre jovenzinha! Estão lhe fazendo sofrer).

SABRINA: Já tomou o seu chocolate? *(Para Jacinta)*.

JACINTA: Não, senhora.

SABRINA: Por que você não veio ao meu quarto quando eu mandei chamá-la, que teríamos tomado o chocolate juntas?

JACINTA: Eu estava sem vontade hoje de manhã.

SABRINA: O Guilherme estava comigo. *(Sorrindo)*.

BRÍGIDA: (Que amor de velha).

SABRINA: Veio para me fazer uma visita. Eu tinha pedido o chocolate, e ele o bateu com as próprias mãos. Se você visse como ele sabe bater o chocolate bem! Tudo que aquele jovem faz, faz bem.

BRÍGIDA: (Já a senhora não se comporta muito mal).

SABRINA: O que você tem? Está doente?

JACINTA: Estou com um pouco de dor de cabeça.

SABRINA: Eu não sei o que tem a juventude de hoje. Toda hora tem dor de estômago, dor de cabeça e convulsões. Todas as jovens tem convulsões. Eu é que não queria ser uma de vocês, nem por todo o ouro do mundo.

JACINTA: A senhora tem razão. Tem uma ótima saúde.

SABRINA: Pelo menos, eu me divirto, e não fico aqui deprimida. Eu não venho para a vilegiatura para ficar em casa entediada. É uma pena que o Ferdinando não está aqui. Chamem-me um servidor, que eu quero mandar procurá-lo. *(Para Brígida)*.

JACINTA: Por favor, minha tia, não se exponha assim, não faça papel de ridícula.

SABRINA: O que você quer dizer com isso? Eu me exponho? Eu faço papel de ridícula? Não posso sentir estima, carinho por uma pessoa? Eu não sou viúva? Não sou livre? Não sou dona da minha vida?

JACINTA: Sim, é verdade. Mas na idade em que a senhora se encontra...

SABRINA: Que idade, que idade? Não sou mais uma juvenzinha, mas ainda sou uma mulher, e mais interessante e mais amável do que você.

JACINTA: Se eu fosse você, teria vergonha de dizer essas coisas.

SABRINA: Do que eu deveria me envergonhar? Uma mulher livre, seja viúva ou solteira, tem o direito de ter um amigo. Mas dois de um só vez não é correto. Acho que você entende o que eu quero dizer.

JACINTA: A senhora me surpreende falando desse jeito. Faça o que achar melhor. Eu não darei mais palpite na sua vida, e a senhora não dê mais palpite na minha. *(Sai)*.

### CENA III

*Sabrina e Brígida.*

SABRINA: Frívola, insolente! Como se eu não conhecesse os segredos dela!

BRÍGIDA: Por favor, escute-me. A senhora não se comporta bem. Se está sabendo de alguma coisa, deveria impedir, ou pelo menos, deveria evitar que as outras pessoas

soubessem. Não se trata de mesquinhas, mas de reputação. A senhora acha que estaria fazendo uma boa coisa, se causasse a ruína de sua sobrinha? Se a senhora vê que algo está acontecendo, não deveria permitir que continuasse, e além do mais, não deveria pôr mais lenha na fogueira, provocando a juventude, pois infelizmente o diabo é muito tentador; e o que aconteceu, aconteceu, e não tem necessidade de comentar, e não traga escândalos e conflitos à família.

SABRINA: Por favor, chame o senhor Ferdinando.

#### CENA IV

*Entra Ferdinando.*

FERDINANDO: Aqui estou, à sua disposição.

SABRINA: Onde você esteve até agora? *(Indignada)*.

FERDINANDO: Estive na farmácia. Estava sentindo um pouco de mal de estômago, e fiquei mastigando um pouco de erva medicinal.

SABRINA: Está se sentindo melhor agora? *(Com carinho)*.

FERDINANDO: Agora estou um pouco melhor.

SABRINA: Coitadinho! É por isso que você não veio tomar chocolate comigo? *(Como acima)*.

BRÍGIDA: (Não existe uma velha mais tonta, mais infantil!).

FERDINANDO: Eu fiquei muito triste por não ter podido vir. Mas eu sei que a senhora gosta de mim, e por isso vai me perdoar.

SABRINA: Saia daqui. *(Para Brígida)*.

BRÍGIDA: Pode deixar, senhora. Eu não vou interromper o seu romance. *(Sai)*.

#### CENA V

*Ferdinando e Sabrina.*

SABRINA: (Falem o que quiser, para mim basta que o meu Ferdinando goste de mim).

FERDINANDO: (Agora eu vou ter que pagar por todo o divertimento que tive hoje de manhã).

SABRINA: Meu querido Ferdinando.

FERDINANDO: Minha querida senhora Sabrina.

SABRINA: Pegue-me uma cadeira.

FERDINANDO: Imediatamente. Com prazer. *(Oferece-lhe uma cadeira)*.

SABRINA: E você, por que não se senta? *(Senta-se)*.

FERDINANDO: Eu fiquei sentado até agora.

SABRINA: Sente-se. Insisto.

FERDINANDO: É uma ordem?

SABRINA: Eu posso lhe dar uma ordem, e dou.

FERDINANDO: E eu tenho que obedecer, e obedeço. *(Vai buscar uma cadeira)*.

SABRINA: *(Que rapaz adorável!)*.

FERDINANDO: *(Quanto tempo vai durar essa chatice?)*. *(Traz a cadeira)*.

SABRINA: *(Quanto ele gosta de mim!)*.

FERDINANDO: Fiz o que a senhora mandou. *(Senta-se)*.

SABRINA: Aproxime-se.

FERDINANDO: Sim, senhora. *(Aproxima-se um pouco)*.

SABRINA: Vamos, aproxime-se mais.

FERDINANDO: Senhora... eu tomei aquelas ervas...

SABRINA: Ah, danadinho! Então eu me aproximo. *(Aproxima-se)*.

FERDINANDO: *(Que um raio a parta)*.

SABRINA: Querido rapaz, tome cuidado com a sua saúde. Ontem à noite você se excedeu um pouco. Chega: hoje no almoço você vai se sentar à mesa perto de mim. Vou lhe orientar; você vai comer o que eu disser.

FERDINANDO: Até a hora do almoço ainda tem tempo. Pode ser que eu já esteja melhor, e que coma bem.

SABRINA: Não, tesouro. Eu quero que você se contenha.

FERDINANDO: Que horas são agora?

SABRINA: Olhe, dez horas; observe. Você não tem o seu relógio? *(Mostrando o seu)*.

FERDINANDO: Eu tinha um.... não sei o que aconteceu.... não trabalhava bem; tive que deixá-lo em Livorno.

SABRINA: Por que o deixou? Um cavalheiro sem relógio, especialmente aqui no campo, não fica bem.

FERDINANDO: É verdade, se soubesse como remediar... Fico envergonhado por não ter o meu. Voltaria para Livorno somente para pegá-lo.

SABRINA: Se o meu tivesse corrente de homem, eu poderia emprestá-lo com prazer.

FERDINANDO: Será fácil encontrar uma corrente de aço: em Montenero tem.

SABRINA: Sim, é mesmo. Mas e eu, ficaria sem?

FERDINANDO: O que adianta? Acha que eu não sei que a senhora disse isso só para fazer troça de mim, por zombaria? Irei a Livorno...

SABRINA: Não, meu amor; eu disse do fundo do coração. Fique com o meu, tesouro. Mas é só um empréstimo, viu?

FERDINANDO: Claro, não tem problema. (Ela nunca mais vai tê-lo de volta).

SABRINA: Está vendo como eu gosto de você?

FERDINANDO: Querida Sabrina, saiba que é correspondida.

SABRINA: E se você continuar a gostar de mim, vai conseguir de mim tudo que quiser.

FERDINANDO: Eu não gosto de você por interesse. Gosto porque você merece, porque você é encantadora, é adorável.

SABRINA: Meu coração, fique com o relógio, é seu. (*Chorando*).

FERDINANDO: (Ai, se eu pudesse rir nesse momento, eu riria bem alto).

SABRINA: Ouça, meu querido, eu recebi dez mil escudos de dote. Não tive filhos com o meu primeiro marido. O dinheiro ficou comigo, eu investi tudo e faço o que quiser com ele. Se você gostar sempre de mim, eu sou um pouco mais velha do que você, e um dia, este dinheiro será seu.

FERDINANDO: E a senhora não quer se casar novamente?

SABRINA: Espertinho! Por que você acha que eu gosto de você? Você me considera uma boba? Se eu não tivesse a intenção de me casar, não estaria fazendo tudo isto para você.

FERDINANDO: Querida Sabrina, isso para mim seria uma sorte enorme.

SABRINA: Tesouro, é só você querer. Isto é uma coisa fácil de se fazer.

FERDINANDO: E você tem mesmo dez mil escudos de dote?

SABRINA: Sim, e nesses seis anos que eu estou viúva, acumulei também o rendimento desse dinheiro.

FERDINANDO: E você pode dispor desse dinheiro como quiser?

SABRINA: Faço o que quiser.

FERDINANDO: O que significa que se a senhora quisesse poderia me fazer uma pequena doação.

SABRINA: Doação? Você está me pedindo uma doação? Por acaso eu não estou em condições de me casar sem ter que fazer uma doação?

FERDINANDO: Mas a senhora não disse que um dia o seu dote poderá ser meu?

SABRINA: Sim, mas depois da minha morte.

FERDINANDO: Qual é a diferença entre fazê-la antes ou depois?

SABRINA: E se eu tiver filhos?

FERDINANDO: (Olhem que velha louca! Ainda tem esperanças de ter filhos).

SABRINA: Diga-me uma coisa, mocinho, é assim que você gosta de mim sem interesse?

FERDINANDO: Mas eu não estou falando por interesse, mas sim porque se eu fosse dono desse dinheiro, eu poderia abrir um pequeno negócio em Livorno, e assim fazê-lo render o dobro. Eu ficaria feliz e a minha consorte ficaria felicíssima.

SABRINA: Não, pilantra, você não gosta de mim. (*Chora*).

FERDINANDO: Que desgraça. Se não acredita que eu a amo, eu vou fazer uma loucura, vou me deixar levar pelo desespero.

SABRINA: Não, querido, não se desespere, eu acredito e lhe desejo tudo de bom!

FERDINANDO: Eu sinto um amor tão grande por você, que nem cabe dentro de mim.

SABRINA: Eu acredito em você, mas não me fale mais de doação. Não lhe basta a doação do meu coração?

FERDINANDO: (Vamos ver se com o tempo ela não cai na minha conversa).

## CENA VI

*Entra Felipe.*

FELIPE: E agora, Ferdinando? Vamos jogar uma partidinha de *picchetto*?

SABRINA: O senhor tem que vir nos aborrecer com o seu *picchetto*?

FELIPE: Não estou falando com a senhora. Estou falando com o Ferdinando.

SABRINA: O Ferdinando não quer jogar.

FERDINANDO: (Nem sei mais qual aborrecimento é pior).

FELIPE: Você quer ou não quer jogar? (*Para Ferdinando*).

FERDINANDO: Com licença.

FELIPE: Aonde vai?

FERDINANDO: Com licença. (*Vai embora correndo*).

SABRINA: Deixe-o ir. Ele tomou umas ervas para o estômago.

FELIPE: Come como um touro, e depois fica com dor de estômago.

SABRINA: Não, não é verdade. É muito sensível, e um pouquinho a mais já lhe faz mal.

FELIPE: Onde ele tomou essas ervas?

SABRINA: Com o farmacêutico.

FELIPE: Tudo mentira. Assim que ele saiu daqui, eu é quem fui à farmácia. Jogamos dama até agora, e ele não apareceu, não é possível que tenha estado lá.

SABRINA: O senhor é cego, e não o viu.

FELIPE: Eu vejo melhor do que a senhora.

SABRINA: O senhor Ferdinando não é capaz de mentir.

FELIPE: Sabe quando ele diz a verdade? Quando ele fala para todo o mundo que a senhora é uma velha louca. *(Sai)*.

SABRINA: Mentiroso. Velho catarrento, maligno! Eu sei muito bem porque ele fala essas coisas, sei porque ele persegue o Ferdinando. O fato é que eu gosto dele, e quero me casar com ele, mesmo que tenha que ficar contra todos. *(Sai)*.

## CENA VII

*Jacinta; em seguida, Guilherme.*

JACINTA: Ai pobre de mim, O Guilherme vai ser a minha ruína. Não sei aonde eu posso ir para me salvar. Segue-me em todos os lugares. Não me deixa em paz nem um momento.

GUILHERME: Jacinta, por que foge de mim?

JACINTA: Eu não fujo, mas me preocupo comigo mesma, e ando pelo meu caminho.

GUILHERME: É verdade, e eu sou audacioso ao ponto de segui-la. Qualquer outra que não tivesse a sua bondade, já teria me mandado embora pela minha audácia. Mas você é tão gentil que me agüenta. Você sabe o motivo da minha audácia, e me compreende.

JACINTA: (Eu não sei o que as suas palavras têm. Parecem um encantamento, uma feitiçaria).

GUILHERME: Se eu acreditasse que a minha presença realmente a incomoda, ou que eu pudesse prejudicá-la, estaria disposto, apesar de tudo, a ir embora agora; mas analisando a mim mesmo, não parece que eu esteja me comportando tão mal assim, ao ponto de causar algum problema, ou de alterar a sua tranqüilidade.

JACINTA: (Infelizmente ele me fez mais mal do que imagina).

GUILHERME: Por favor, diga-me o que pensa do que eu acabei de falar.

JACINTA: Este ano não temos do que nos queixar. O tempo bom nos permite aproveitar bem a vilegiatura.

GUILHERME: Isso não tem nenhuma relação com o que eu disse.

JACINTA: O que você achou do jantar de ontem à noite?

GUILHERME: Para mim é tudo indiferente, com exceção da honra de presenciar a sua graça.

JACINTA: Eu não sei se o almoço de hoje poderá se igualar ao bom gosto do tratamento que tivemos ontem á noite.

GUILHERME: Na sua casa todos são muito bem tratados. Aqui se vive uma verdadeira felicidade, e se eu me queixo a culpa é minha, não é culpa de nenhuma outra pessoa.

JACINTA: (Pode alguém ser mais rebelde do que ele?)

GUILHERME: Jacinta, desculpe-me se a importuno. Você permite que eu diga uma coisa?

JACINTA: Parece-me que o senhor disse tudo o que quis até agora. (*Alterando-se um pouco*).

GUILHERME: Não se altere. Ficarei calado, se assim o quiser.

JACINTA: (O que será que ele queria me dizer?).

GUILHERME: Eu estou me sentindo mais infeliz do que nunca. Percebo que as minhas palavras a entediam. Não vou incomodá-la mais.

JACINTA: E o que o senhor queria me dizer?

GUILHERME: Você permite que eu fale?

JACINTA: Se tem algo a dizer, diga.

GUILHERME: Eu sei o meu dever, não tema que eu me exceda, e que abuse de sua bondade. Vou lhe dizer somente que eu a amo; mas se o meu amor pode lhe causar o menor problema, aos seus interesses, ou à sua paz, estou pronto a me sacrificar para agradá-la.

JACINTA: (Quem pode contestar uma proposta tão generosa como essa?).

GUILHERME: Eu disse algo tão grave assim que não merece a sua resposta?

JACINTA: Uma moça comprometida com outro não deve responder a uma confissão como essa.

GUILHERME: Pelo contrário, uma moça comprometida pode e deve responder com liberdade.

JACINTA: Parece-me que estou ouvindo alguém se aproximar.

GUILHERME: Tem visitas. Responda-me em poucas palavras.

JACINTA: É a senhora Constância com a sua sobrinha.

GUILHERME: Eu vou importuná-la enquanto não me responder.

JACINTA: (Eu estou tão confusa, que não sei como receber essas mulheres. Vou ter que me esforçar para que não percebam).

## CENA VIII

*Entram Constância, Rosina e Tónico.*

GUILHERME: *(Retira-se para o lado).*

CONSTÂNCIA: À sua disposição, senhorita Jacinta.

JACINTA: Para servi-la, senhora Constância.

ROSINA: À sua inteira disposição.

JACINTA: Para servi-la, senhorita Rosina.

TONICO: Ao seu dispor.

JACINTA: Para servi-lo, senhor Tónico.

CONSTÂNCIA: Viemos incomodá-la.

JACINTA: Pelo contrário, para me dar prazer. Sinto muito se não serei à sua altura.

CONSTÂNCIA: Imagine! Não é a primeira vez que tenho a honra de ser sua hóspede.

JACINTA: Servidor. Traga cadeiras. *(Os servidores trazem as cadeiras).* *(Por que o senhor não se aproxima?). (Em voz baixa, para Guilherme).*

GUILHERME: *(Estou me sentindo mal).* *(Para Jacinta).*

JACINTA: Fique à vontade. *(Sentam-se).* Por favor, Guilherme, aqui tem uma cadeira vazia próximo à senhorita.

GUILHERME: *(Aquele cadeira não é para mim).*

JACINTA: *(Para quem é, então?).*

GUILHERME: *(Daqui a pouco virá alguém que tem mais motivos do que eu para sentar-se aí).*

JACINTA: *(Se começar a me criar problemas, vou lhe dar aquela resposta que não tive coragem de dar).*

GUILHERME: *(Eu obedecerei o que você mandar).* *(Sentam-se).*

CONSTÂNCIA: *(Você viu? Ela também está vestindo o *mariage* que está na moda).* *(Para Rosina).*

ROSINA: *(É, essas duas ilustríssimas moças estão competindo entre si).*

JACINTA: O senhor Tónico está bem?

TONICO: Ao seu dispor.

JACINTA: E como está o seu pai?

TONICO: Ao seu dispor.

JACINTA: Ele foi para Marema, não é mesmo?

TONICO: Ao seu dispor.

JACINTA: (Que tonto!). (*Em voz baixa para Guilherme*).

GUILHERME: (Mas ele tem sorte no amor). (*Em voz baixa para Jacinta*).

CONSTÂNCIA: Você também mandou fazer o *mariage* que está na moda?

JACINTA: É um vestidinho bem simples.

CONSTÂNCIA: É verdade, é um vestido bonitinho. Mas eu fico contente que você saiba que, no fundo, é um vestidinho simples. Já a Vitória tem um que é mil vezes mais simples, e dá a entender que o seu vestido é opulento, luxuoso.

JACINTA: Querem se divertir? Querem jogar uma partidinha? A senhora Constância joga *ombre*?

CONSTÂNCIA: Sim, eu jogo.

JACINTA: E a senhorita Rosina?

ROSINA: Com prazer.

JACINTA: E o senhor Tonico?

TONICO: Ah, eu só sei jogar *bazzica*.

JACINTA: A senhorita Rosina joga *bazzica*?

ROSINA: Por que você quer que eu jogue *bazzica*?

JACINTA: Na verdade, eu só queria ser gentil. Queria que todos ficassem satisfeitos. Se você quisesse jogar uma partidinha com o Tonico...

ROSINA: Não é preciso.

CONSTÂNCIA: Percebe-se que a senhorita Jacinta é um pessoa bem educada, e nos entendemos bem. Mas se o Tonico não quiser jogar, não tem problema. Pode ficar nos vendo jogar *ombre*. Assim ele pode aprender. Ficará olhando para Rosina.

JACINTA: Senhora Constância, ela sabe melhor do que eu como é preciso contentar a todos quando dividimos os jogos.

CONSTÂNCIA: Sim, eu sei por experiência própria. Sei que todos tentam unir as pessoas que têm prazer em ficar juntas. Eu também presto atenção a esses detalhes. Mas o que tira a minha tranquilidade é que, às vezes, nasce entre essas pessoas alguma grosseria, seja por ciúme, ou por orgulho. Assim acabam se sentindo mal, sem que ninguém saiba o motivo. Uns têm dor de cabeça, outros têm dor de estômago, e acaba sendo difícil montar duas mesas de jogos. Alguma convidada talvez virá pedir para jogar com fulano. Já outra pedirá para não ser colocada na mesma mesa com fulana e beltrano, pois não quer a companhia deles. Paciência, se, pelo menos, todos fossem claros. Pior é quando temos que adivinhar o que querem. Temos que ficar atentos, e

pensar a cada amizade e inimizade. Tentar equilibrar as partidas entre quem sabe jogar. Escolher um certo jogo que agrada mais a uma certa pessoa. Unir quem vai embora cedo, e quem vai tarde, e, às vezes, procurar colocar o marido numa sala, e a mulher em outra.

JACINTA: É verdade, tem razão. Eu também tenho esse problema, são coisas que realmente acontecem. Parece que eu estou ouvindo uma carruagem. Devem ser a Vitória e o Leonardo. Faça-me um favor, Guilherme, vá ver se são eles.

GUILHERME: Você tinha razão. Essa cadeira não é para mim. *(Levanta-se)*.

JACINTA: Se não quiser, não precisa.

GUILHERME: Fique tranqüila. Sou um rapaz correto, e conheço a minha obrigação. *(Sai)*.

JACINTA: *(Eu receio que este dia vai ser cruel para mim)*.

CONSTÂNCIA: Diga-nos, Jacinta, é verdade que o Guilherme declarou-se para a senhorita Vitória?

JACINTA: É o que dizem

CONSTÂNCIA: Já que ela vai ser sua cunhada, você deveria saber.

JACINTA: Até agora, eu e ela, ainda não trocamos confidências.

CONSTÂNCIA: E o seu casamento vai ser realizado logo?

JACINTA: Não sei, ainda não sei dizer. E a senhora? Quando vai providenciar o casamento da senhorita Rosina?

CONSTÂNCIA: Quem sabe? Pode ser logo.

ROSINA: Imagine! Ninguém me quer.

TONICO: *(Ninguém?)*. *(Em voz baixa para Rosina, cutucando-a com força)*.

ROSINA: *(Fique quieto, infeliz)*. *(Em voz baixa para Tônico)*.

JACINTA: Parece que, se não me engano... *(Em direção a Tônico etc...)*.

CONSTÂNCIA: Acha mesmo, Jacinta? *(Suspirando de alegria)*.

ROSINA: Às vezes as aparências enganam.

JACINTA: O Tônico não é um rapaz capaz de se aproveitar de ninguém.

TONICO: É assim? *(Faz uma brincadeira com Rosina, rindo. Em seguida, levanta-se e passeia fazendo pouco caso)*.

JACINTA: *(Parece ser um bom rapaz)*. *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: *(Não é muito inteligente)*. *(Para Jacinta)*.

JACINTA: *(Não importa. Basta que ele tenha como mantê-la)*. *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: *(Ah, sim. Ele é filho único)*. *(Para Jacinta)*.

## CENA IX

*Entram Leonardo e Vitória de braço dado com Guilherme. Todos se levantam.*

JACINTA: À sua disposição, senhorita Vitória. *(Indo ao seu encontro).*

VITÓRIA: À sua disposição, minha querida senhorita Jacinta. *(Beijam-se).*

LEONARDO: Senhorita Jacinta, desculpe-me, se hoje eu me atrasei para vim vê-la. Eu tive que fazer algumas visitas, tive alguns problemas domésticos para resolver, que me mantiveram ocupado. Espero que perdoe a minha falta, e que por isso não me culpe de falta de consideração, ou de não amá-la o bastante.

JACINTA: Eu nunca lhe dei motivo para me julgar assim exigente. Quando puder vir, será um prazer; quando não puder, eu não vou obrigá-lo a vir.

LEONARDO: *(Não sei se interpretar como compreensão ou falta de interesse).*

JACINTA: Por favor, fiquem à vontade. *(Constância, Rosina e Tonico sentam-se em seus lugares).* Senhor Guilherme, tome seu lugar ao lado da senhorita Vitória.

GUILHERME: Às suas ordens. *(Senta-se ao lado de Vitória, Jacinta ao lado de Guilherme, e Leonardo ao lado de Jacinta).*

VITÓRIA: Hoje de manhã o senhor Guilherme não me honrou com a sua visita.

GUILHERME: Senhorita, na verdade, eu não pude.

VITÓRIA: Eu também soube que você passou a manhã toda em casa.

GUILHERME: Sim, é verdade, eu tive que escrever algumas cartas urgentes.

VITÓRIA: Na minha casa também tem tinta e papel.

GUILHERME: Eu não tomaria tamanha liberdade.

VITÓRIA: Está bem, querido, já entendi. *(Indignada).*

JACINTA: Vitória, não precisa ser tão exigente.

LEONARDO: Aprenda com a Jacinta. Ela é muito compreensível. Nunca reclama da falta de visitas.

JACINTA: Eu acredito que nenhum homem goste de ter que prestar contas o tempo todo.

LEONARDO: Não é bem assim. Tem também os que gostam de serem repreendidos e, às vezes, interpretam as broncas como demonstração de amor.

JACINTA: Ninguém pensa assim, e eu não gosto de exageros.

LEONARDO: Agora que eu já conheço o seu modo de pensar, não vou ficar mais desesperado para reencontrá-la.

JACINTA: Você é livre para agir como bem entender.

CONSTÂNCIA: (Começo a achar que não tem muito amor nos planos de casamento deles). *(Para Rosina)*.

ROSINA: (É verdade, vai ser um casamento muito mais de interesse do que de sentimento). *(Para Constância)*.

## CENA X

*Entra Sabrina, de braço dado com o Ferdinando.*

TONICO: (Olha a velha). *(Para Rosina)*.

ROSINA: (A velha). *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: (Com o seu namoradinho). *(Para Rosina)*.

SABRINA: À disposição de todos os senhores.

VITÓRIA: À sua disposição, senhora Sabrina.

CONSTÂNCIA: Minhas reverências à senhora Sabrina.

ROSINA: Como está a senhora Sabrina?

SABRINA: Muito bem, obrigada. Que bela companhia! Quem é aquele rapazinho? *(Apontando Tónico)*.

TONICO: Ao seu dispor, senhora Sabrina.

SABRINA: Muito prazer, querido. Quem é você?

ROSINA: A senhora não o conhece? É o filho do senhor doutor.

SABRINA: De qual doutor?

CONSTÂNCIA: Do médico; do nosso médico.

SABRINA: Ah, muito bem. Fico feliz por ele. É um rapazinho educado. É casado? *(Para Rosina)*.

ROSINA: Não, senhora.

SABRINA: Quantos anos você tem? *(Para Tónico)*.

TONICO: Dezesseis.

SABRINA: Por que não vem nos fazer uma visita?

ROSINA: Tem o que fazer.

CONSTÂNCIA: Tem que estudar.

ROSINA: Nunca vai a lugar nenhum.

SABRINA: Ah, já entendi. Muito bem, não vou dizer mais nada. Eu, então, quando se trata... não sei se me entenderam, não tenham medo, que não sou daquele tipo de mulher. Ferdinando.

FERDINANDO: Pois não.

SABRINA: Tesouro, o lenço.

FERDINANDO: Quer o branco?

SABRINA: Isso, o branco. Ontem à noite eu tomei um pouco de vento e agora estou com uma irritaçãozinha nesse olho.

FERDINANDO: Aqui está. *(Dá a Sabrina o lenço com um pouco de desprezo).*

SABRINA: O que foi? Está aborrecido? *(Para Ferdinando).*

FERDINANDO: (Não foi nada). *(Para Sabrina).*

SABRINA: (Ficou com raiva porque eu falei com aquele rapazinho?). *(Para Ferdinando).*

FERDINANDO: Não, nem um pouco. (Eu fico com raiva de ter que me rebaixar em público).

SABRINA: (Não, meu querido, não fique com ciúme, que não vou falar com mais ninguém). *(Para Ferdinando).*

FERDINANDO: (Por mim, pode falar até com o diabo, que não me importa).

SABRINA: (Fique com o lenço). *(Para Ferdinando).*

FERDINANDO: (O que me importa realmente são os dez mil escudos).

SABRINA: (Talvez não tudo, mas talvez uma parte eu vou ter que lhe dar).

JACINTA: E então, senhores. Querem se divertir? Querem jogar uma partidinha?

VITÓRIA: Por mim, eu faço o que os outros fazem.

CONSTÂNCIA: A senhorita Jacinta é quem escolhe.

SABRINA: Não contem comigo, que eu já joguei a minha parte. *(Para Jacinta).*

JACINTA: E o que a senhora tia quer jogar?

SABRINA: Quero jogar *tresette* na mesa com o senhor Ferdinando.

FERDINANDO: (Ai, coitado de mim! Estou frito). Senhora, esse é um jogo infinitamente entediante. *(Para Sabrina).*

SABRINA: Não, senhor, é um jogo maravilhoso. E além do mais, o que tem a ver? Você tem que jogar comigo.

FERDINANDO: (Eu vou ter que ter paciência).

SABRINA: Você ouviu? Eu já resolvi. *(Para Jacinta).*

JACINTA: Ótimo. A senhorita Vitória, a senhora Constância e o senhor Guilherme farão um jogo de *ombre* em três.

CONSTÂNCIA: (Ela podia muito bem ter me colocado em outro grupo que não fosse o mesmo da mocinha do *mariage*).

VITÓRIA: (Colocar-me junto com ela! Ela não sabe distribuir os grupos). (*Consigno mesma*).

GUILHERME: (Eu não sou digno de jogar com você?). (*Para Jacinta*).

JACINTA: (Surpreende-me que você ainda ouse falar). (*Para Guilherme*). O senhor Leonardo, a senhorita Rosina e eu vamos formar um outro grupinho de *ombre*.

ROSINA: Como quiser. (Pode ser que eu presencie uma bela situação). (*Consigno mesma*).

JACINTA: O senhor Leonardo está satisfeito?

LEONARDO: Para mim é indiferente.

JACINTA: Se quiser se juntar a algum outro grupinho, faça-o sem problemas.

LEONARDO: Observe bem como os grupinhos estão bem distribuídos.

JACINTA: Eu não posso saber com precisão a vontade de cada pessoa.

LEONARDO: O meu único desejo é agradá-la, mas me parece cada vez mais difícil.

JACINTA: É muito mais fácil do que você pensa. Servidor! (*Entram os servidores*).

GUILHERME: Monta três mesinhas de jogo. Duas para jogar *ombre*, e uma para *tresette*. (*Os servidores executam a ordem*).

VITÓRIA: Eu estou achando o senhor Guilherme um pouco melancólico. (*Para Guilherme*).

GUILHERME: Você não sabe? Eu sou assim por natureza.

VITÓRIA: Você ama pouco, Guilherme.

GUILHERME: Pelo contrário, amo mais do que você pensa.

VITÓRIA: (Ainda bem que me disse algo amável).

JACINTA: (Muito bem, Guilherme. Fico feliz que você ame a Vitória). (*Para Guilherme*).

GUILHERME: (Cada um interpreta as coisas ao seu modo). (*Para Jacinta*).

LEONARDO: (Jacinta, o que disse em voz baixa para o Guilherme?). (*Para Jacinta*).

JACINTA: (Eu tenho que dar satisfação de cada palavra que eu disser?). (*Para Leonardo*).

LEONARDO: (Eu tenho a impressão que aí tem intimidade demais). (*Para Jacinta*).

JACINTA: (Essas suas suspeitas ofensivas não são gentis). (*Para Leonardo*).

LEONARDO: (A minha situação é bastante desagradável). (*Consigno mesmo*).

JACINTA: Muito bem, senhores. Já está tudo preparado. Já está ficando tarde, e se está bem assim, já vamos nos sentar.

SABRINA: Eu já estou pronta. Vamos, Ferdinando.

FERDINANDO: Aqui estou para obedecê-la. (Uma vez só eu agüento). (*Consigno mesmo, e senta-se no grupinho de trás com Sabrina*).

VITÓRIA: Venha, Guilherme.

GUILHERME: Aqui estou ao seu dispor.

VITÓRIA: Fique à vontade, senhora Constância.

CONSTÂNCIA: (Ela quer ficar no meio para não estragar o vestido). (*Sentam-se à mesinha*).

JACINTA: Sente-se, senhorita Rosina...

ROSINA: Aqui estou. (Tônico, venha comigo). (*Para Tônico*).

TONICO: Aqui estou. (Eu queria que já fosse a hora do almoço). (*Todos sentam-se e começam a jogar*).

## CENA XI

*Entra Felipe.*

FELIPE: Bom dia, senhores. (*Todos saúdam sem se levantar*). E eu, não vou jogar? Todos jogam, e eu vou ficar sem jogar?

JACINTA: O senhor quer jogar, meu pai?

FELIPE: Parece que sim, né?

JACINTA: Servidor, traga uma outra mesinha. Jogue *bazzica* com o Tônico.

FELIPE: *Bazzica*?

JACINTA: É o único jogo que o Tônico sabe jogar.

FELIPE: E eu não posso jogar com outra pessoa? Não posso jogar *picchetto* com o Ferdinando?

SABRINA: O Ferdinando está ocupado.

FELIPE: Isso não tem cabimento.

ROSINA: Caro senhor Felipe, o senhor não quer jogar com o Tônico?

FELIPE: Está bem. Vamos jogar *bazzica*. (*Para Tônico*).

TONICO: Informo que eu não jogo mais de um soldo por partida.

FELIPE: Está bem, vamos; apostaremos um soldo. (*Vai em direção à mesinha*). Vai imediatamente à cozinha e diz ao cozinheiro que se apresse o máximo possível, e que, esteja cozido ou cru, ponha a mesa. (*Para um servidor, que parte*). (Imagine se eu quero ficar aqui uma hora jogando *bazzica* com esse tonto!). (*Senta-se à mesa de jogo com Tônico e jogam*).

VITÓRIA: Eu acho que, hoje de manhã, você poderia ter vindo, pelo menos, para saber como eu estava. (*Para Guilherme*).

GUILHERME: Mas eu não lhe disse que nem saí de casa?

VITÓRIA: É verdade; você fica em casa com muito prazer. Eu acho que é apegado demais a essa casa.

GUILHERME: Você não tem nenhum motivo para dizer isso.

CONSTÂNCIA: Meus senhores, vamos jogar ou não?

GUILHERME: A senhora Constância tem razão.

VITÓRIA: (*Eu estou quase jogando as cartas na mesa*).

JACINTA: (*Eu estou percebendo que a Vitória vai começar a criar problemas*).

LEONARDO: Por que não cuida do seu jogo, Jacinta?

ROSINA: É sua vez. Eu joguei *picche*.

JACINTA: Corto.

ROSINA: Corta? Mas se ela recusou o triunfo.

LEONARDO: Não quer que recuse? Ela não está prestando atenção no jogo.

JACINTA: Eu tenho as minhas obrigações. Tem alguém que se queixa, mas eu não sei do quê.

LEONARDO: (*Não vejo a hora que termine essa maldita vilegiatura*).

SABRINA: Eu fiz pontos, eu fiz um pontos.

VITÓRIA: A Jacinta não tira os olhos daqui. (*Para Guilherme*).

GUILHERME: A dona da casa tem que estar de olho em tudo.

VITÓRIA: Isso, isso. Sempre defendendo a Jacinta! *Triunfo*.

CONSTÂNCIA: Não, senhorita. Isso não é um *triunfo*.

VITÓRIA: E eu lá sei como é esse jogo?

CONSTÂNCIA: Para ser franca assim não se pode jogar. (*Em voz alta*).

JACINTA: O que houve, senhora Constância?

CONSTÂNCIA: Umas coisas...

VITÓRIA: Senhorita Jacinta, preste atenção no seu jogo. (*Rindo*).

JACINTA: Desculpe... tem gente que não está gostando.

TONICO: Bati, bati.

FELIPE: Isso, bateu, bateu. *(Com raiva)*.

JACINTA: Eu acho que a Vitória não nutre muita amizade por mim. *(Em voz baixa para Leonardo)*.

LEONARDO: Eu fico sem saber o que dizer, mas de qualquer forma, ela está para se casar. *(Em voz baixa para Jacinta)*.

JACINTA: Quando?

LEONARDO: Pode ser que se case em pouco tempo.

JACINTA: Acha mesmo que o Guilherme vai se casar com ela?

LEONARDO: Se o Guilherme não se casar com a minha irmã, não poderá mais freqüentar a sua casa.

JACINTA: Mesmo?

LEONARDO: Mesmo.

ROSINA: Por favor, responda. *(Para Jacinta)*.

VITÓRIA: *(Acho que estão falando de mim)*.

## CENA XII

*Entram os servidores.*

SERVIDOR: Senhores, está na mesa. *(Sai)*.

CONSTÂNCIA: *(Graças aos céus)*. *(Levanta-se)*.

SABRINA: Eu quero terminar esta partida.

FELIPE: Termine, que já vamos almoçar. *(Levanta-se)*.

FERDINANDO: Com licença, estou com fome. *(Levanta-se)*.

SABRINA: Muito bem; as ervas fizeram efeito. *(Levanta-se)*.

TONICO: Três soldos, senhor Felipe.

FELIPE: *(Demente!)*. Venham todos. Vamos.

JACINTA: Venham. Sem cerimônias.

VITÓRIA: Vou esperar que os outros se encaminhem primeiro.

ROSINA: Eu é que não vou na frente.

SABRINA: Vamos, deixem de cerimônia. Por favor, Ferdinando. *(Pede sua mão)*.

FERDINANDO: Às suas ordens. *(Dá-lhe o braço)*.

SABRINA: Com licença. *(Faz uma reverência)*.

FERDINANDO: Azar de quem tiver inveja. *(Sai com Sabrina)*.

JACINTA: Vamos, fique à vontade, Vitória.

VITÓRIA: Você se importa? *(Para Guilherme, pedindo a ele para acompanhá-la)*.

GUILHERME: Aqui estou. *(Dá-lhe o braço)*.

VITÓRIA: É preciso um pouco de sacrifício, um pouco de sofrimento. *(Sai com Guilherme)*.

GUILHERME: (É isso mesmo, eu sofro mais do que você pensa). *(Sai com Vitória)*.

JACINTA: Vamos, senhoras. *(Para Constância e Rosina)*.

CONSTÂNCIA: Vá na frente, Rosina.

ROSINA: Vamos, Tônico.

TONICO: (Estou morrendo de fome, quero comer muito). *(Sai com Rosina)*.

CONSTÂNCIA: Com licença. *(Para Jacinta, encaminhando-se)*.

FELIPE: Posso ter a honra de acompanhá-la? *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: Será um prazer. *(Para Felipe)*.

FELIPE: Se não se incomoda. *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: É uma honra. *(Para Felipe)*.

FELIPE: Eu também mereço, pobre de mim. *(Dá-lhe o braço)*.

CONSTÂNCIA: Pobre senhor Felipe! O senhor também merece. *(Sai com Felipe)*.

JACINTA: Vamos também? *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Quer que eu a acompanhe? *(Para Jacinta)*.

JACINTA: Você acha que eu mereço?

LEONARDO: Cruel!

JACINTA: Não vamos dar vexame, Leonardo.

LEONARDO: Eu a amo demais, Jacinta.

JACINTA: Não mereço tanto.

LEONARDO: E você me ama pouquíssimo.

JACINTA: Eu o amo o quanto eu sei e o quanto eu posso.

LEONARDO: Não me deixe desesperado.

JACINTA: Não vamos dar vexame, já disse. *(Pega-o com força e puxa-o)*.

LEONARDO: (Que infelicidade a minha!). *(Sai com Jacinta)*.

JACINTA: (Ah, o amor! Ah, o compromisso! Ah, maldita vilegiatura!). *(Sai com Leonardo)*.

## TERCEIRO ATO

### CENA I

*No bosque.  
Brígida e Paulinho.*

BRÍGIDA: Aqui, aqui, Paulinho. Vamos parar aqui para tomar um pouco de ar.

PAULINHO: Mas e se o patrão me procurar e não me encontrar...

BRÍGIDA: Neste momento todos estão na sala tomando café. Depois do café começarão a jogar. Fique um pouco comigo, se não lhe incomoda a minha companhia.

PAULINHO: Querida Brígida, a sua companhia me agrada muito.

BRÍGIDA: Eu estava mesmo querendo ficar meia hora com você sozinha.

PAULINHO: Temos que reconhecer, no campo é mais fácil encontrarmos momentos agradáveis, horas livres, lugares adequados para encontrar-nos a sós.

BRÍGIDA: Os patrões e as patroas fazem assim? Nós também faremos.

PAULINHO: Sim, é verdade, durante a vilegiatura nascem histórias que, na cidade, dificilmente aconteceriam.

BRÍGIDA: Com a minha patroa aconteceu uma coisa, que duvido que ela vai querer recordar.

PAULINHO: O que lhe aconteceu?

BRÍGIDA: Sinto muito, mas não posso falar. Além do mais, se eu lhe contasse, você escutaria coisas que lhe fariam arrepiar os cabelos.

PAULINHO: Dá para perceber que alguma coisa aconteceu. O meu patrão está muito agitado; a senhorita Jacinta está meio abobada. Como você sabe, eu estava perto deles servindo à mesa; e sei que os dois juntos não chegaram a comer trinta gramas de comida.

BRÍGIDA: E quem estava sentado do outro lado da minha patroa?

PAULINHO: O senhor Guilherme.

BRÍGIDA: Maldito senhor Guilherme, não pára de atrapalhar! Ele quer provocar a ruína dessa casa.

PAULINHO: Tem algum romance entre ele e a sua patroa?

BRÍGIDA: Não, não tem nada. E a senhorita Vitória onde estava?

PAULINHO: Ela também estava sentada ao lado do senhor Guilherme.

BRÍGIDA: Mas olha que cafajeste! Ficar bem no meio das duas.

PAULINHO: De vez em quando, com aquele seu jeito patético, dizia alguma palavra para a senhorita Jacinta, mas eu não consegui entender nada.

BRÍGIDA: E o senhor Leonardo percebeu?

PAULINHO: Acho que uma vez sim. Tanto é que quando me deu o seu prato para trocar, fez com tanto despeito, que esbarrou no ombro da senhora Jacinta, e manchou um pouco o vestido dela.

BRÍGIDA: Manchou o seu vestido novo? Ela deve ter ficado louca de raiva.

PAULINHO: Não, não, ela reagiu com muita naturalidade.

BRÍGIDA: É estranho; dá para perceber que tem alguma coisa mais importante para ela do que o vestido.

PAULINHO: O patrão até queria limpá-la, mas ela não quis.

BRÍGIDA: E olha que a limpeza é a sua grande fixação. Ah, pobre moça! Está totalmente fora de si.

PAULINHO: Eu aposto que a ocasião e a aproximação fizeram com que ela se apaixonasse pelo senhor Guilherme.

BRÍGIDA: O que é que você está dizendo? Você acha possível? Ela não está comprometida com o senhor Leonardo? Não tem um compromisso também entre o senhor Guilherme e a senhorita Vitória?

PAULINHO: Ah, eu acho que a minha patroa faz mal em se lisonjear. Ficou atormentando o tempo todo o senhor Guilherme à mesa, e ele nem se dava ao trabalho de responder, não lhe dava a mínima.

BRÍGIDA: E falava com a minha patroa?

PAULINHO: Sim, às vezes com a boca, às vezes com o cotovelo, e às vezes com o pé.

BRÍGIDA: Oh, desgraça! Se eu estivesse lá onde você estava, teria tido que me segurar para não dar com o prato na cabeça dele.

PAULINHO: Está vendo? Se não tivesse nada entre eles, você não se preocuparia com essas coisas.

BRÍGIDA: Basta, vamos falar de outras coisas. A velha deve ter ficado o tempo todo perto do cafajeste do Ferdinando.

PAULINHO: Claro! E ficava falando coisas carinhosas e amorosas, enquanto ele comia, ou melhor devorava; parecia que ele estava em jejum há quatro dias.

BRÍGIDA: E a minha pobre patroa não comia nada?

PAULINHO: E como ela podia comer, se estava angustiada entre o noivo e o amante?

BRÍGIDA: Vamos deixar de lado esses assuntos. Como se comportaram à mesa a senhora Constância e a senhorita Rosina?

PAULINHO: Para falar a verdade, não se comportaram mal; mas quem recitou bem o seu papel, quase tão bem quanto o senhor Ferdinando, foi aquela peça de rapaz, que é o senhor Tónico.

BRÍGIDA: Ele estava sentado ao lado da Rosina dele?

PAULINHO: O que você acha? E como aproveitaram! Ficaram sempre falando entre eles em voz baixa, o que me deixava até nauseado.

BRÍGIDA: Isso também vai dar em casamento.

PAULINHO: Pelo jeito sim.

BRÍGIDA: A relação deles também começou na vilegiatura; se a senhorita Rosina não tivesse vindo para cá, dificilmente se casaria em Livorno. Já eu, que venho aqui há tantos anos, ainda estou sozinha. Cheguei à conclusão que das duas uma: Ou não tenho nenhuma qualidade, ou sou mesmo uma infeliz sem sorte.

PAULINHO: A senhorita Brígida quer se casar?

BRÍGIDA: Eu também tenho o desejo de todas as moças que não querem se retirar do mundo.

PAULINHO: Quando se quer, acaba-se encontrando.

BRÍGIDA: Quanto a mim, até agora não encontrei a minha cara metade, mesmo sendo jovem. Não sou bonita, mas também não tenho nenhum defeito. Tenho tanta capacidade quanto qualquer outra. Em relação ao dote, entre dinheiro e bens, não me faltarão três ou quatrocentos escudos. Mas mesmo assim ninguém me procura, e ninguém me quer.

PAULINHO: Eu sinto muito, mas tenho que ir. Caso contrário, gostaria de lhe dizer uma coisa a esse respeito.

BRÍGIDA: Diga, diga, não me deixe com essa curiosidade.

PAULINHO: É uma pena que você desperdice a sua juventude assim.

BRÍGIDA: Você teria alguma proposta para me fazer?

PAULINHO: Eu teria... mas...

BRÍGIDA: Mas o quê?

PAULINHO: Não sei se você vai gostar.

BRÍGIDA: Se eu não puder me casar com um cavalheiro, um homem educado e gentil como você, preferia ficar sozinha.

PAULINHO: Senhorita Brígida, conversaremos.

BRÍGIDA: Hoje à noite, durante a conversação.

PAULINHO: Isso mesmo, assim teremos quanto tempo quisermos. Eu venho até você e nós viremos aqui neste bosque.

BRÍGIDA: O quê? Vir para o bosque à noite?

PAULINHO: Imagine! Eu falei brincando. Eu sou um cavalheiro, tenho respeito por você, e espero que tudo corra bem.

BRÍGIDA: Você me deixa feliz assim...

PAULINHO: Adeus, adeus. Até hoje à noite. *(Sai)*.

BRÍGIDA: Quem sabe se o campo não resultará em algo de bom para mim também? *(Sai)*.

## CENA II

JACINTA *(sozinha)*: Eu gostaria de respirar um pouco. Gostaria de um momento de tranqüilidade. Que jogue quem quiser jogar. Nada me interessa, nada me diverte, pelo contrário, tudo me entedia, tudo me aborrece. Bela vilegiatura essa para mim! Eu nunca teria pensado. Justo eu que ria das moças que se desesperavam por amor, acabei pior do que elas. Mas por quê? Eu fui mesmo uma louca! Por que deixar-se influenciar tão rápido, e tão facilmente ter dado a minha palavra a Leonardo, e ter permitido que fizessem o contrato de casamento? Aí está o problema. Tive pressa em ficar noiva, muito mais para dar uma satisfação à sociedade do que por vontade de ter um marido. Acreditei que, o pouco de amor que eu sentia por Leonardo, poderia bastar para um matrimônio convencional, e não pensei que eu seria capaz de me apaixonar tanto assim. Mas agora eu vou ter que remediar. Esta amizade não pode continuar assim. Eu dei a minha palavra a outro homem. Este sim é que vai ser meu marido, e queira ou não queira, vou ter que vencer esta paixão. Vai terminar esta vilegiatura indigna. Em Livorno o Guilherme não vai mais ficar atrás de mim. Vou evitar as situações onde posso encontrar-me com ele. Será possível que, com o tempo, eu não o acabo esquecendo? Mas neste meio tempo, como vai ser a minha vida aqui no campo? As coisas chegaram a um ponto, que temo não conseguir mais me esconder. Mil olhos estão me olhando; todos me observam. Leonardo já está desconfiando. Vitória tem medo de

mim. A velha é imprudente, e eu não consigo sempre dissimular. Oh, céus! Céus! Ajudem-me. Imploro e imploro de coração.

### CENA III

*Entra Guilherme.*

GUILHERME: Finalmente consegui encontrá-la.

JACINTA: O que você quer de mim? Até aqui vem me importunar?

GUILHERME: Vou embora, não tenha medo. Deixe somente que eu lhe diga uma coisa.

JACINTA: Apresse-se. *(Olhando em volta)*.

GUILHERME: Eu lhe suplico que me dê a resposta que lhe pedi hoje de manhã.

JACINTA: Eu não me lembro o que você me disse.

GUILHERME: Eu repito novamente a pergunta.

JACINTA: Não tem necessidade.

GUILHERME: Então você se lembra muito bem.

JACINTA: Vá embora, por favor, e me deixe em paz.

GUILHERME: Só uma palavrinha, e já vou.

JACINTA: *(Que feitiço, que encanto é esse?)*. E então?

GUILHERME: Você quer que eu viva ou que eu morra?

JACINTA: Isso é pergunta que me faça?

GUILHERME: Eu tenho que perguntá-la a quem tem autoridade para decidi-lo.

JACINTA: Você espera que eu falte com a minha palavra empenhada com o senhor Leonardo, e que me exponha a todo mundo?

GUILHERME: Eu não ousou esperar nada, somente suplico.

JACINTA: Você deveria ficar quieto.

GUILHERME: Não espere que eu fique quieto, sem uma resposta definitiva.

JACINTA: Muito bem, já que é para dizer, vamos dizer tudo. Reflita, senhor Guilherme, você e eu somos duas pessoas infelizes, e ambos exatamente pelo mesmo motivo. Se a nossa infelicidade servisse somente para nos fazer viver sofrendo, daria até para agüentar; mas o pior é que iremos perder o respeito, a estima, a honra. Eu não faço jus ao meu dever ficando aqui para escutá-lo; você não faz jus ao seu, perseguindo o

meu coração. Eu não cumpro a minha obrigação de filha, a obrigação de noiva, de moça sábia e educada; já o senhor não cumpre os deveres da amizade, sua obrigação como hóspede, da boa fé. Quais os nomes que as pessoas vão nos dar? Que papel vamos fazer no mundo? Pense por você mesmo, e pense por mim também. Se é verdade que me ama, não propicie a minha ruína. O seu caráter é tão cruel ao ponto de sacrificar, pela sua paixão, uma pobre infeliz que teve a fraqueza de se abrir às suas lisonjearias de amor? Você tem um coração tão mau ao ponto de enganar o meu pai, de trair Leonardo e desapontar a sua irmã? Mas qual a vantagem de tudo isso? Que prêmio você espera de um comportamento tão vergonhoso assim? Pois não espere que eu rompa o meu compromisso. Sim, eu confesso, amo você, e eu digo isto apesar da minha vergonha, do meu despeito, eu amo. Mas esta confissão é tudo que pode esperar de mim. Tenha certeza que eu farei o possível no futuro para esquecer você, ou para deixar-me consumir pela paixão, e morrer. De qualquer modo, nós vamos nos separar para sempre. Se você tiver a imprudência de insistir, vou ter a coragem de procurar os meios para fazê-lo se arrepender. Farei o meu dever, se você não fizer o seu. Você quis me obrigar a falar; falei. Queria saber o que eu sentia, agora já sabe. Você me perguntava se devia viver ou morrer, e eu respondo que não sei dizer o que será de mim mesma; mas que a honra é mais importante do que a própria vida.

GUILHERME: (Ai de mim! Não sei mais em que mundo vivo. Ela me deixou confusa a tal ponto que não sei mais o que responder).

JACINTA: (Ah, que esforço precisei fazer! Foi um verdadeiro sacrifício, um verdadeiro martírio!).

#### CENA IV

*Entra Leonardo.*

LEONARDO: Você aqui, Jacinta?

JACINTA: (Oh, céus!).

LEONARDO: Que assuntos secretos fizeram você se retirar aqui com o senhor Guilherme?

GUILHERME: (Ai, o precipício é inevitável).

JACINTA: (Aqui está em jogo a honra. É preciso coragem). (*Consigo mesma*). O assunto que eu trato com esse senhor deveria interessar mais a você do que a mim mesma. A honra que eu tenho em ser sua noiva, fazem com que eu me preocupe das

conveniências da sua família. Estão falando aqui em Montenero que tem um certo compromisso entre ele e a senhorita Vitória. Eu percebi que ela está lisonjeada, e que em público demonstrou a sua paixão. Essas coisas são muito delicadas, e determinam a fama de uma moça. Eu não sabia exatamente as intenções do senhor Guilherme. Eu tentei me certificar, e aqui está o que descobri. Ele sabe muito bem que um homem de honra não deve abusar da fraqueza de uma moça honesta. Conhece o seu dever, tem estima por ela e merece fazer parte de sua família, e se você conceder, eu peço a mão de Vitória por ele

GUILHERME: (Coitado de mim! Onde eu fui me meter!).

LEONARDO: Ele pede a sua mão através de você? *(Para Jacinta)*.

JACINTA: Sim, senhor, com a minha ajuda.

LEONARDO: Não tinha nenhuma outra pessoa no mundo? Tinha que ser com a sua ajuda?

JACINTA: Eu sou a pessoa que resolveu falar com ele. O senhor Guilherme sabe muito bem o que eu lhe falei. As minhas palavras devem ter impressionado um homem de honra, em um coração honesto e educado, e é justo que eu faça uma ação que será aplaudida.

LEONARDO: E o senhor Guilherme o que diz?

GUILHERME: (Tenho que ceder a paixão ao dever). Sim, meu amigo, se não lhe aborrece, gostaria de pedir a mão de sua irmã em casamento.

JACINTA: (Ah, o dever o convenceu).

LEONARDO: Senhor, hoje à noite vou lhe dar a resposta. *(Para Guilherme)*.

JACINTA: Qual é o problema em concedê-la neste momento?

LEONARDO: É justo que eu fale com a minha irmã.

JACINTA: Ela só pode ficar contente.

LEONARDO: Vamos, estão nos esperando para dar um passeio. *(Para Jacinta)*.

JACINTA: Estou pronta. Vamos.

LEONARDO: Você quer que eu tenha a honra de acompanhá-la?

JACINTA: Você me surpreende quando me diz essas coisas. Tem necessidade de fazer cerimônia? Se você não me der o braço, quem vai dar?

LEONARDO: Você veio aqui sem mim...

JACINTA: E agora eu quero voltar para casa com você. *(Pega-o pelo braço com força)*.  
(É difícil dissimular). *(Consigno mesma, encaminhando-se)*.

LEONARDO: (Ainda não estou tranqüilo o suficiente). *(Sai com Jacinta)*.

GUILHERME: Alguém já viu uma história mais insólita e dolorosa do que a minha?  
(Sai).

## CENA V

*Quarto na casa do Felipe.  
Felipe e Vitória.*

VITÓRIA: Por favor, senhor Felipe. eu gostaria de lhe dizer uma coisa aqui nesse quarto, para que ninguém nos ouça.

FELIPE: Sim, às suas ordens. Eu fico sempre como uma estátua na sala. Estão jogando *faraone*, mas eu não gosto daquele jogo.

VITÓRIA: Faça-me um favor. Onde está a Jacinta nesse momento?

FELIPE: Eu não tenho idéia. Não fico atrás da minha filha. Como se aqui no campo fosse possível ficar atrás de vocês moças.

VITÓRIA: E onde está o senhor Guilherme?

FELIPE: Pior ainda. Você quer que eu saiba onde vão todos os que estão hospedados na minha casa?

VITÓRIA: Acontece, senhor, que os dois desapareceram.

FELIPE: Os dois quem?

VITÓRIA: O senhor Guilherme e a senhorita Jacinta.

FELIPE: E o que importa? Ele deve estar num lugar e ela em outro.

VITÓRIA: E se eles estivessem juntos?

FELIPE: Ah, não! Em relação a isso, minha filha não é nenhuma assanhada.

VITÓRIA: Eu não estou dizendo nada. Mas sei bem que à mesa, onde estão jogando agora, não se fala em outra coisa; e vendo que os dois desapareceram...

FELIPE: Desapareceram?

VITÓRIA: Os dois sumiram, e ninguém sabe onde estão.

FELIPE: Céus! O que o senhor Leonardo diz?

VITÓRIA: Meu irmão foi procurá-los.

FELIPE: Se eu descobrir alguma coisa... Se eu perceber... Eu também estou indo... Mas olha aqui o senhor Leonardo, vamos ver o que vai nos contar.

CENA VI

*Entra Leonardo.*

LEONARDO: Senhor Felipe, o senhor permitiria que eu escrevesse uma carta?

FELIPE: Fique à vontade. Ali está o papel, a tinta e o tinteiro.

VITÓRIA: (Ele está meio nervoso. Deve ter novidades).

FELIPE: Diga-me uma coisa, Leonardo, sabe onde está minha filha?

LEONARDO: Sim, senhor. *(Acomodando-se à mesinha)*.

FELIPE: E onde está?

LEONARDO: Embaixo na sala. *(Como acima)*.

FELIPE: E onde ela esteve até agora?

LEONARDO: Tinha ido visitar a caseira que teve um pouco de febre na noite passada. *(Como acima)*.

FELIPE: E com quem ela foi?

LEONARDO: Sozinha.

FELIPE: Foi sozinha?

LEONARDO: Sim, senhor.

FELIPE: O senhor Guilherme não foi com ela?

LEONARDO: E por que deveria ir com ela? Ela não pode ir sozinha até a caseira? E se ela precisasse de companhia, eu não poderia acompanhá-la?

FELIPE: Ouviu, senhorita Vitória?

VITÓRIA: Você também ouviu o que diziam na sala. E você também estava fora de si. *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Imediatamente já pensam mal, e com muita facilidade julgam levemente. Fui eu quem a encontrou. Ela estava sozinha com a caseira, e eu mesmo acompanhei-a de volta para casa. (É o dever que me faz dizer estas coisas. Ninguém acreditaria o motivo pelo qual ela estava no bosque; nem mesmo eu estou totalmente convencido). *(Começando a escrever)*.

FELIPE: Ouviu, senhorita Vitória? Minha filha não seria capaz de...

VITÓRIA: E o senhor Guilherme já voltou? *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Voltou. *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: E aonde ele tinha ido? *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Não sei. *(Como acima)*.

VITÓRIA: Deve ter ido procurar o caseiro. *(Para Leonardo, irônica)*.

LEONARDO: Prudência, minha irmã, prudência. *(Como acima)*.

VITÓRIA: Eu tenho pouca, mas me parece que você tem demais. *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Deixe eu terminar esta carta.

VITÓRIA: Está escrevendo para Livorno?

LEONARDO: Eu escrevo para onde eu quiser. Senhor Felipe, peço-lhe uma gentileza: por favor, mande um de seus servidores para procurar o meu empregado, e diga-lhe que venha aqui imediatamente, e se não me encontrar mais aqui, que vá sem falta no final da tarde ao café.

FELIPE: Sim, jovem, o seu pedido é uma ordem. *(Senhorita Vitória, não pense mal de mim, da minha família e da minha casa. Basta! Para bom entendedor, poucas palavras bastam)*. *(Sai)*.

## CENA VII

*Leonardo, escrevendo, e Vitória.*

LEONARDO: *(Acho que esta é a melhor solução que eu podia encontrar)*. *(Consigo mesmo, e em seguida, escrevendo)*.

VITÓRIA: Diga-me, meu irmão, está contente do comportamento da senhorita Jacinta?

LEONARDO: Sim, senhora. *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: As aparências não deveriam deixá-lo muito feliz.

LEONARDO: Pois estou muito feliz. *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: E o do senhor Guilherme?

LEONARDO: Também. *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: Você acha que ele também se comporta bem?

LEONARDO: O Guilherme é um cavalheiro, um homem de honra. *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: Mas eu sei que todos...

LEONARDO: Deixe-me escrever, eterna perturbadora. *(Indignado)*.

VITÓRIA: Deixe que eu lhe diga uma coisa, e depois não vou mais lhe incomodar.

LEONARDO: O que você quer me dizer? *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: Ele não tinha dito que tinha uma certa simpatia por mim?

LEONARDO: Sim. *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: E como posso acreditar nisso?

LEONARDO: Acreditando. *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: Acreditando?

LEONARDO: (Ai, eu já estou me aborrecendo). *(Escrevendo)*.

VITÓRIA: Ele lhe disse alguma coisa?

LEONARDO: Disse. *(Como acima)*.

VITÓRIA: Disse?

LEONARDO: Sim, deixe-me terminar. *(Como acima)*.

VITÓRIA: E você não me diz nada?

LEONARDO: Vou lhe dizer tudo, se me deixar terminar esta carta.

VITÓRIA: Muito bem, termine-a. (Eu não sei mais no que acreditar. Pode até ser que eu tenha me enganado, que fosse o ciúme que me faz destorcer as coisas). Quando o Guilherme lhe disse isso? *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Fique quieta de uma vez. Tomara que a sua língua seque. (Uma carta falsa precisa ser muito bem estudada, e esta aqui está me atormentando). *(Relê devagar a carta)*.

VITÓRIA: (Não agüento, estou morrendo de curiosidade de saber). *(Consigo mesma)*.

LEONARDO: (Sim, assim está boa. Vai parecer natural. Basta que seja bem executado). *(Consigo mesmo)*.

## CENA VIII

*Entra Brígida.*

BRÍGIDA: Senhores, todos terminaram de jogar. Querem dar um passeio até o café, e querem saber se os senhores querem acompanhá-los.

LEONARDO: Vamos. *(Levanta-se)*.

VITÓRIA: E não vai me contar nada?

LEONARDO: Eu vou lhe contar tudo hoje à noite.

VITÓRIA: Dê-me, ao menos, uma pista.

LEONARDO: Este não é nem o momento nem o lugar.

VITÓRIA: Mas eu não resisto.

LEONARDO: Você é a moça mais inquieta desse mundo. *(Sai)*.

## CENA IX

*Vitória e Brígida.*

VITÓRIA: Diga-me, Brígida, onde a sua patroa esteve hoje depois do almoço?

BRÍGIDA: Como vou saber? Não sei de nada.

VITÓRIA: Como está a caseira?

BRÍGIDA: A caseira? Acho que está bem.

VITÓRIA: Não teve febre a noite passada?

BRÍGIDA: Febre, imagine! Ela até nos ajudou na cozinha com a almoço de hoje.

VITÓRIA: (É o que eu estava dizendo! Todos me enganam, todos zombam de mim, mas me dá pena do bobo do meu irmão).

BRÍGIDA: A senhora não vai ao café com os outros?

VITÓRIA: O senhor Guilherme e a senhorita Jacinta voltaram juntos?

BRÍGIDA: Ah, eu não sei de nada. Não me faça esse tipo de pergunta. A minha patroa é honesta e educada, e se tem jovens que não são muito sérios, não se pode colocar a culpa nas pessoas de bem e sábias. Se quiser ir, vá, se não quiser, eu fiz a minha obrigação. *(Sai)*.

VITÓRIA: Eu estou cada vez mais desconfiada. Basta, falta pouco para hoje à noite. Quero ouvir o que o Leonardo vai me dizer. Por enquanto vou ficar quieta, mas quando me deixarem falar, vão ouvir coisas que ninguém teve coragem de contar. *(Sai)*.

## CENA X

*Café e algumas casas no campo. Dois ou três bancos bem situados para que as pessoas que vão ao café possam se sentar.  
Tita e Beltrame, e o rapaz do café..*

BELTRAME: Tita, está com fome?

TITA: Ah, não vejo a hora de jantar.

BELTRAME: Hoje na hora do almoço, na casa do senhor Felipe, achamos que seria um banquete, mas acabamos ficando com fome.

TITA: Os pratos voltavam da cozinha limpinhos, não sobravam nem os ossos.

BELTRAME: E ficou alguma coisa para nós do pouco que sobrava?

TITA: Nada, levaram tudinho. O caseiro, a caseira, a jardineira, a lavadeira, os familiares, cada um quis a sua parte.

BELTRAME: Ainda bem que nós fomos precavidos e fizemos a nossa sopa.

TITA: Que sopa? Parecia a água que foi usada para lavar os pratos.

BELTRAME: O vinho também era péssimo.

TITA: Parece o que eles dão para acalmar os feridos.

BELTRAME: Se pelo menos tivesse um pouco de pão.

TITA: Quem queria pão tinha que pedir como se fosse uma esmola.

BELTRAME: Eu não desgrudei de um pedaço de carne, que, para dizer a verdade, era tão tenro que parecia manteiga.

TITA: E eu arranjei um frango, e por sorte consegui uma asa inteira, que eu mandei goela abaixo em duas mordidas.

BELTRAME: O prato de macarrão não estava mau.

TITA: Eu também gostei das almôndegas.

BELTRAME: Já o assado, se tivesse quente, não estaria mau.

TITA: Era vitela. Eu embrulhei um bom pedaço num papel para comer hoje à noite.

BELTRAME: E eu separei quatro porções de massa e um pedaço de parmesão.

TITA: Ah, mas se tivesse sido um almoço do jeito que eu estava esperando, teria dado para levar um guardanapo cheio de coisa.

BELTRAME: Isso se não tivesse muita gente olhando.

TITA: Basta dizer que se sobrava alguma coisa nos pratos, os servidores da casa já estavam prontos, com medo de que nós colocássemos o que sobrava nas nossas bolsas.

BELTRAME: Ah, eu não sou daqueles que levam essas bolsas de couro.

TITA: Eu também não chego a esses exageros. Se tem, eu como; se não tem, paciência.

BELTRAME: Um pouco mais, um pouco menos, o importante é sobreviver.

TITA: Olha ali o grupo dos convidados, vamos dar passagem.

BELTRAME: E a velha na frente de todos.

TITA: E como come aquela velhota!

BELTRAME: E o senhor Ferdinando?

TITA: E o seu querido senhor Tónico?

BELTRAME: Até parece! Você viu como ele se comportava bem com aquela garota?

TITA: Uh! Muito bem!

BELTRAME: Se der certo vai ser um grande casamento.

TITA: O apetite e a fome. *(Sai)*.

BELTRAME: A carência e a necessidade. *(Sai)*.

## CENA XI

*Todos surgem acompanhados como segue:*

*Sabrina e Ferdinando, Jacinta e Leonardo, Vitória e Guilherme, Rosina e Tónico, Constância e Felipe.*

*Todos sentam-se. Um garçon se apresenta, perguntando um a um o que queria pedir, e cada um faz o pedido abaixo.*

JACINTA: Um café.

LEONARDO: Um copo de água pura.

ROSINA: Uma bebida de cidra.

TONICO: Um chocolate.

VITÓRIA: Um café sem açúcar.

CONSTÂNCIA: Uma limonada.

FELIPE: Um pouco de água com uma fatia de fruta de cedro.

FERDINANDO: Um copo de tisana.

SABRINA: E para mim um xarope de fruta.

VITÓRIA: (Já que você sabe o que o meu irmão tem para me dizer, por que você mesmo não me diz?). *(Para Guilherme)*.

GUILHERME: (Sinto muito; ele é que tem que falar, e não posso tomar essa liberdade). *(Para Vitória)*.

VITÓRIA: (Se você gostasse de mim, seria um pouco mais gentil). *(Para Guilherme)*.

JACINTA: (Eu posso agüentar tudo, mas vê-lo com meus próprios olhos, me enlouquece). *(Consigno mesma, enquanto observa Guilherme)*.

LEONARDO: (Algum problema, Jacinta?).

JACINTA: Não dá para vir mais a esse café, onde temos que esperar meia hora por uma coisinha de nada.

LEONARDO: Precisa ter paciência. Você não percebeu que no nosso grupo tem dez pessoas, e cada um pediu algo diferente?

JACINTA: Então paciência. (Eu tenho tanta paciência, que já não estou mais agüentando). *(Consigno mesma, agitada)*.

ROSINA: (Você ouviu? A princesa quer ser servida na hora). *(Para Tónico)*.

TONICO: (Ih, eu esqueci de dizer que era para me trazer dois sonhos também). *(Para Rosina)*.

ROSINA: (Você já está com fome a esta hora?). *(Para Tónico)*.

TONICO: (Claro. Eu nem tomei meu lanchinho). *(Para Rosina)*.

FELIPE: (A senhora não tem nada para me contar, Constância?).

CONSTÂNCIA: (O que o senhor quer que eu conte?).

FELIPE: (Conte-me alguma coisa. É verdade que a sua sobrinha está de namoro com aquele tonto do Tônico?).

CONSTÂNCIA: (Não estou sabendo de nada. Para dizer a verdade, essas coisas interessam-me e não me interessam; afinal ela não é minha filha).

SABRINA: (Estou com impressão que o ar está ficando um pouco úmido. Não quero ficar resfriada). *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: (Coitadinha! Cubra a cabeça. Você não tem um capuzinho?).

SABRINA: (Não, não, espere). *(Tira do bolso uma sombrinha)*. (Segure essa sombrinha para mim). *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: (Ah, coitado de mim!). *(Consigo mesmo)*. (Eu vou ter que ficar meia hora com este trambolho?). *(Para Sabrina)*.

SABRINA: (Quando a gente gosta de alguém, nada incomoda, nada pesa). *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: (Então a senhora não gosta de mim). *(Para Sabrina)*.

SABRINA: (Por quê?). *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: (Porque lhe pesa fazer-me uma miserável doação). *(Para Sabrina)*.

SABRINA: (Você ainda me tormenta com esse assunto?). *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: (Ou faz a doação ou lhe abandono). *(Para Sabrina)*.

SABRINA: (Ingrato!). *(Chorando, e enxugando os olhos)*.

*(Chegam os garçons com os pedidos, e confundem-se, errando os pedidos)*.

TONICO: O chocolate é para mim.

ROSINA: E o sorbet para mim.

CONSTÂNCIA: Ei, cadê a minha limonada?

SABRINA: E a meu xarope de fruta?

LEONARDO: E o meu copo de água?

VITÓRIA: E o meu café?

JACINTA: O café! *(Dão o café para Jacinta)*. Imbecis! Eu não pedi meu café sem açúcar.

FERDINANDO: Vai demorar a minha tisana?

FELIPE: Que rapaz! Vocês já sabem a lição! Vocês já sabem que eu sou sempre o último a ser servido? Se todos já foram servidos, façam-me a gentileza de trazer a bebida de cidra que eu tinha pedido.

## CENA XII

*Entra Paulinho.*

PAULINHO: *(Faz com que o patrão o veja).*

LEONARDO: Já estou indo. *(Para Paulinho e se levanta).* Peço desculpas. Eu tenho que falar uma coisa para o meu empregado. *(Para Jacinta e se afasta).*

JACINTA: Fique à vontade. *(Para Leonardo).* (Eu daria tudo para ouvir o que o Guilherme e a Vitória estão dizendo). *(Consigno mesma).*

FERDINANDO: Com licença. *(Para Sabrina e se levanta).*

SABRINA: Aonde vai? *(Para Ferdinando).*

FERDINANDO: Já volto. *(Vai sentar-se onde estava Leonardo).*

SABRINA: (Cafajeste! Gosta de mim e me faz mil despeitos). *(Consigno mesma).*

FERDINANDO: Finalmente, não agüentava mais. *(Para Jacinta).*

JACINTA: Eu me maravilho de como o senhor tem coragem de zombar da minha tia. É velha, é simples, mas é uma mulher de respeito. *(Para Ferdinando).*

FERDINANDO: Mas, senhorita, eu... *(Para Jacinta).*

JACINTA: É melhor você ficar calado.

FERDINANDO: E então, senhorita Rosina, está se divertindo?

ROSINA: Deixe-me em paz, que eu não tenho nada para conversar com o senhor.

FERDINANDO: (Já entendi. Aqui não tem nada para mim). Aqui estou de novo com a senhora, querida jóia. *(Senta-se ao lado de Sabrina).*

SABRINA: Você mereceria que eu não lhe desse mais bola. Mas não tenho coragem para isso. *(Para Ferdinando).*

LEONARDO: (Isso mesmo, procure alguém que copie a carta, ou copie você mesmo, e tente imitar a letra. Lacre, enderece a mim; e depois, quando estivermos na casa do senhor Felipe, na hora de iniciar a conversação, venha me trazer a carta, como se tivesse sido expedida para mim de Livorno, e procure um homem que, com as suas instruções, possa representar esse papel. Prepare-se você também, de acordo com o conteúdo da própria carta. Faça tudo com atenção, não esquecendo a importância disso tudo para mim). *(Para Paulinho).*

PAULINHO: Farei tudo como está mandando. *(Sai)*.

JACINTA: (A cena está demorando demais, não posso mais tolerar. Estou de acordo e desejo que o Guilherme se decida a casar-se com Vitória; mas não tenho coragem de ver com os meus próprios olhos). *(Consigno mesma, levantando-se)*.

GUILHERME: (Jacinta está sofrendo. E nem desconfia a aflição que eu estou sentindo). *(Consigno mesmo)*.

LEONARDO: Aqui estou. Você me parece muito agitada. *(Para Jacinta)*.

JACINTA: Esse seu jeito, decididamente, me ofende.

LEONARDO: Vamos para casa, se quiser.

VITÓRIA: Sim, vamos, vamos. (Não vejo a hora de saber tudo. Esse cara-de-pau não parece querer me contar nada). *(Levanta-se e todos se levantam)*.

SABRINA: Deixem-me ir na frente. Os senhores sabem que a minha vista não é muito boa. (Vamos; não quero que quem estiver na nossa frente, ouça o que nós falamos). *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: (Sim, vamos, que falaremos sobre a doação). *(Para Sabrina)*.

SABRINA: (Seu maldito!). *(Pega-o pelo mão com despeito, e saem)*.

JACINTA: Podem ir, se quiserem.

VITÓRIA: Não, não, fique à vontade. Manteremos a mesma ordem com que viemos. *(Para Jacinta)*.

LEONARDO: Vamos, sem cerimônias. *(Dá a mão para Jacinta)*.

JACINTA: (Oh, céus! Parece que eu estou indo para a forca). *(Consigno mesma, e parte com Leonardo)*.

VITÓRIA: (Ah, eu estou esperando más notícias, senhor Guilherme).

GUILHERME: (E por quê, senhorita?).

VITÓRIA: (Eu o estou achando melancólico demais).

GUILHERME: (O meu temperamento é este). *(Sai com Vitória)*.

CONSTÂNCIA: (Rosina, o que você acha?). *(Para Rosina)*.

ROSINA: (Vejo nuvens no horizonte). *(Para Constância)*. (Oh, querido Tonico, vamos). *(Sai com Tonico)*.

CONSTÂNCIA: Vamos, senhor Felipe?

FELIPE: Sim, aqui estou. Como todos sabem; fico sempre por último. *(Sai com Constância)*.

### CENA XIII

*Sala na casa do Felipe, com castiçais, etc.  
Brígida e Servidores.*

BRÍGIDA: Rápido, preparem as velas. Eu os vi chegando pelas janelas. *(Os servidores preparam)*. (Eu espero que o Paulinho também venha. Nestes sete ou oito dias que faltam para terminar a vilegiatura, espero conseguir resolver esta minha história. Ah, eu só queria ver se no meio de tantos casamentos, o meu fosse realizado antes de todos os outros). Escute, se o Paulinho, o empregado do senhor Leonardo vier, avise-me. *(Para um servidor)*. Eu vou ter que ficar aqui para ajudar todas as senhoras a tirarem as suas mantilhas. Ah, eles já chegaram.

### CENA XIV

*Chegam os pares anteriormente mencionados. Brígida retira a mantilha das mulheres, e os servidores pegam os chapéus.*

SABRINA: Ai, ai, estou um pouco cansada. *(Senta-se)*. Venha aqui. *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: Estou aqui, estou aqui. (Já vi que vai demorar. Amanhã quero uma definição). *(Senta-se próximo a ela)*.

JACINTA: Se quiserem se sentar, aqui tem umas cadeiras. *(Todos se sentam, e não sobra nenhuma cadeira para Felipe)*.

FELIPE: E para mim não tem cadeira?

BRÍGIDA: Vou pegar, vou pegar, senhor patrão. *(Vai pegar uma cadeira)*.

FELIPE: Isso, uma cadeira para mim também, se não é pedir muito.

BRÍGIDA: Aqui está. *(Traz uma cadeira para ele)*.

FELIPE: (Ah, no ano que vem quero ser eu o patrão na minha casa). *(Senta-se)*.

VITÓRIA *(Levanta-se)*: Meu irmão, só uma palavrinha, por favor.

LEONARDO: (Já sei. Ela está louca de curiosidade). *(Levanta-se)*.

VITÓRIA: E então, o que você tem para me contar? *(Em particular)*.

LEONARDO: (Eu vou lhe dizer tudo em poucas palavras. O senhor Guilherme pediu-me a sua mão em casamento).

VITÓRIA: (É mesmo?). *(Olha sorrindo em direção a Guilherme)*.

GUILHERME: *(Percebe que Vitória está olhando para ele, e vira para o outro lado para não vê-la)*.

LEONARDO: (Agora cabe a você decidir).

VITÓRIA: (Por mim, se você estiver feliz, eu estou felicíssima).

LEONARDO: Por favor, senhor Guilherme. (*Chama-o*).

GUILHERME: Pois não! (Vai começar o sacrifício).

JACINTA: (*Mostra ansiedade ao ouvir*).

LEONARDO: A minha irmã ficou sabendo com prazer a simpatia que nutre por ela, e está pronta a aceitar.

GUILHERME: Ótimo.

VITÓRIA: Ótimo? Não tem mais nada a dizer além de *ótimo*?

GUILHERME: E o que a senhorita quer que eu diga?

VITÓRIA: Eu não compreendo o seu temperamento. Nunca se sabe, se está contrariado ou se está contente.

GUILHERME: Aceite-me como eu sou.

VITÓRIA: (Pode ser que quando se tornar meu marido, ele desperte).

LEONARDO: Senhor Felipe, senhor Ferdinando, façam-me um favor.

FELIPE: Com prazer. (*Levanta-se e se aproxima*).

FERDINANDO: Ao seu dispor. (*Levanta-se e se aproxima*).

LEONARDO: Peço-lhes a gentileza de serem testemunhas da promessa de casamento entre o senhor Guilherme e Vitória, minha irmã.

JACINTA: (O mal está feito). (*Cai sentada aborrecida*).

FELIPE: Muito bem!

FERDINANDO: Fico feliz por vocês.

SABRINA: (Está vendo? É assim que se faz). (*Para Ferdinando*).

FERDINANDO: Doação e fazemos a mesma coisa. (*Para Sabrina*).

SABRINA: Maldita doação. (*Vai se sentar*).

LEONARDO: Neste momento faremos o acordo, e os senhores poderão assinar como testemunhas.

FELIPE: Sim, senhor.

FERDINANDO: Se quiserem que eu escreva, já escrevi acordos semelhantes, termino em um momento.

VITÓRIA: Seria um prazer para nós.

LEONARDO: Sim, escreva.

FERDINANDO: Imediatamente. (Eu também quero participar deste casamento). (*Sai*).

VITÓRIA: E você não tem nada a dizer? (*Para Guilherme*).

GUILHERME: Estou de acordo com tudo. Que mais eu deveria dizer?

VITÓRIA: Parece que você está fazendo por obrigação, e não por amor.

GUILHERME: Pelo contrário, eu estou fazendo justamente porque o amor me obriga a fazê-lo.

VITÓRIA: (Ainda bem. Pelo menos uma vez confessou que gosta de mim). Vamos, vamos nos sentar. *(Para Guilherme. Cada um se dirige para o seu lugar).*

CONSTÂNCIA: Meus parabéns, senhorita Vitória.

VITÓRIA: Obrigada.

ROSINA: Parabéns. *(Para Vitória).*

VITÓRIA: Muito obrigada.

ROSINA: (Está vendo? Eles já se decidiram). *(Para Tônico).*

TONICO: (Nós também vamos nos decidir). *(Sorrindo, para Rosina).*

## CENA XV

*Entra Paulinho.*

PAULINHO: Senhor. *(Para Leonardo).*

LEONARDO: O que foi?

PAULINHO: Um mensageiro, mandado especialmente de Livorno, trouxe essa carta urgente para o senhor.

LEONARDO: Vamos ver o que é. Dê-me a carta. *(Levanta-se e abre a carta).* É do senhor Fulgêncio. *(Em direção a Felipe).*

FELIPE: O nosso grande amigo. O que diz?

LEONARDO: Puxa vida! Uma notícia que me deixa preocupado. Ouça o que escreveu. *Querido amigo. Escrevo-lhe com pressa, e mandarei um mensageiro especialmente para avisá-lo que seu tio Bernardino, em virtude de um problema no peito, em três dias adoeceu muito, e os médicos lhe dão poucas horas de vida. Mandei chamar o escrivão; pense a uma solução para retornar porque trata-se do seu futuro, e eu o aconselho a voltar imediatamente para Livorno.*

FELIPE: Minha nossa! Eu também o aconselho de não perder mais tempo. Dizem que o senhor vai herdar mais de mil escudos.

VITÓRIA: Sim, claro, imediatamente. Eu também vou.

LEONARDO: Eu sinto muito por ter que deixar o grupo.

VITÓRIA: O Guilherme deveria vir conosco.

GUILHERME: (A minha situação piora cada vez mais).

JACINTA: (É melhor para mim mesmo. Eu estou me sentindo péssima, estou quase morrendo. Mais cedo ou mais tarde tudo vai ter que terminar).

LEONARDO: Paulinho, vai agora ao correio, e encomenda quatro cavalos, e deixa pronta a carroça, que vamos para Livorno com ela. Somos em quatro, o senhor Guilherme, a minha irmã, eu e você. Não precisamos nem preparar os baús.

PAULINHO: Às suas ordens.

BRÍGIDA: (Paulinho).

BRÍGIDA: (Meu bem).

BRÍGIDA: (Vai embora?).

PAULINHO: (Sim, mas voltarei para pegar as coisas).

BRÍGIDA: (Por favor, não se esqueça de mim).

PAULINHO: (Não se preocupe. Dou a minha palavra). *(Sai)*.

BRÍGIDA: (Coitada de mim! Na melhor parte eu tenho que ter esse desgosto). *(Sai)*.

FELIPE: Quando tiver chegado em Livorno, escreva. Se vocês forem voltar, nós esperamos aqui. Se não, nós também voltaremos logo. *(Para Leonardo)*.

VITÓRIA: Não vamos perder tempo. Jacinta, desculpe pelo incômodo. Seja sempre minha amiga; nos veremos em Livorno.

JACINTA: Sim, meu bem, até a próxima. *(Beijam-se)*.

GUILHERME: (Minhas pernas estão tremendo, eu estou sem ar).

LEONARDO: E não quer esperar até que o contrato esteja pronto? *(Para Vitória)*.

VITÓRIA: Sim, claro, temos que assinar. Ei, senhor Ferdinando, já terminou? *(Em voz alta, em direção aos bastidores)*.

#### CENA FINAL

*Entra Ferdinando.*

FERDINANDO: Estou aqui, estou aqui. Quais são as novidades? Vocês vão embora? Vão nos deixar?

VITÓRIA: Já redigiu o contrato?

FERDINANDO: Sim, tudo pronto.

GUILHERME: Desculpem-me. Não é melhor fazê-lo em Livorno? Não seria melhor que fosse redigido por um escrivão?

FERDINANDO: Mas já está redigido.

GUILHERME: Seria preciso ler, seria preciso assinar. Leonardo, é melhor não perder tempo. É melhor voltar imediatamente, e podemos redigir o contrato em Livorno. Aqui estou, vou com vocês. Não vou deixá-los sozinho.

LEONARDO: Você tem razão. Vamos, faremos tudo em Livorno.

GUILHERME: (Assim eu fico mais tranquilo. Pode acontecer alguma coisa).

LEONARDO: Jacinta, volte logo, mantenha o seu carinho por mim. (*Toca-lhe a mão*). Senhor Felipe, adeus. (*Beija-o*). Até logo a todos. (Em Livorno tudo será diferente). (*Sai*).

VITÓRIA: Mais uma vez, Jacinta, até logo. Senhor Felipe, obrigado por tudo! Vamos. (*Pega Guilherme pela mão*).

CONSTÂNCIA: Boa viagem.

ROSINA: Boa viagem.

SABRINA: Boa viagem.

GUILHERME: Calma. (*Para Vitória, com um pouco de desprezo*). Senhor Felipe, desculpe, e muito obrigado por tudo.

FELIPE: Adeus. Até a próxima em Livorno.

GUILHERME: Jacinta... sinto muito... (*Confuso*).

JACINTA: Boa viagem. (Não agüento mais).

VITÓRIA: O que você tem? Está chorando? (*Para Guilherme*).

GUILHERME: Vamos. (*Determinado*).

VITÓRIA: Isso, vamos! (*Sai com Guilherme*).

FERDINANDO: Senhora Sabrina.

SABRINA: O que você quer.

FERDINANDO: Pegue, vou lhe fazer um presente.

SABRINA: O que você vai me dar?

FERDINANDO: Um contrato de casamento.

SABRINA: Para mim?

FERDINANDO: Para dizer a verdade não. Porque no seu tem que constar a doação.

SABRINA: Basta, isso é uma insolência, e eu já estou cansado. Você já ganhou muito, e deveria dar-se por satisfeito. Ingrato, parasita, muquirana. (*Sai*).

FERDINANDO: A velha está furiosa. A doação está correndo risco, e a comédia para mim já terminou. (*Sai*).

CONSTÂNCIA: Senhorita Jacinta, não vamos mais incomodar.

JACINTA: Vão embora?

FELIPE: Não querem jogar conosco?

CONSTÂNCIA: Eu estou com pressa de chegar em casa.

JACINTA: Fique à vontade para fazer o que achar melhor.

CONSTÂNCIA: (Vamos, já que o Tônico está disposto, não vamos deixá-lo escapar).  
(*Para Rosina*).

ROSINA: Muito obrigada por tudo. Até logo. (*Para Jacinta, e sai*).

TONICO: Obrigado. Até logo. (*Para Jacinta, e parte*).

FELIPE: Vamos, quero acompanhá-la a casa. (*Para Constância*).

CONSTÂNCIA: Que gentileza! (Não vamos nos deixar intimidar por esse velho). (*Sai*).

FELIPE: (Já que não tem outro jeito, vou jogar uma partidinha de *bazzica* com aquele tonto). (*Sai*).

JACINTA: Graças a Deus, estou sozinha. Posso desabafar o meu sofrimento, e confessar a minha fraqueza... Caros senhores, aqui o poeta com todo o esforço da fantasia tinha preparado um longo desespero, um conflito de sentimentos, uma mistura de heroísmo e afeto. Eu achei melhor omiti-lo para não entediá-los mais. Imaginem uma mulher que sente os estímulos da honra, e encontra-se aflita pela mais cruel paixão. Imaginem essa mulher criticando a si mesma por não ter preservado o seu coração como deveria; encontrando como desculpa o acaso, a ocasião e a sua amada vilegiatura. A comédia não parece ter terminado; mas terminou, uma vez que o tema das Aventuras se completou. Se ainda permanece algo para ser esclarecido, será provavelmente assunto para uma terceira comédia, que, por sua vez, teremos a honra de representar, agradecendo-lhes, por enquanto, por terem já prestigiado as duas que apresentamos.

FIM DA COMÉDIA

## O retorno da vilegiatura

Comédia em três atos  
(1761)

### Personagens

Felipe  
Jacinta  
Leonardo  
Vitória  
Guilherme  
Constância  
Rosina  
Tonico  
Bernardino, *tio de Leonardo*  
Fulgêncio  
Ferdinando  
Brígida  
Paulinho  
Kiko  
Servidores

*Esta comédia, como a primeira, é representada, parte na casa de Felipe, e parte na casa de Leonardo.*

## Do autor para o seu leitor

Não acho que os autores antigos, nem tampouco os modernos, tenham se divertido muito em compor mais de uma comédia sobre o mesmo tema. Tenho conhecimento apenas do *Le menteur* e *La suite du menteur*, duas comédias que Corneille, parcialmente traduziu, e parcialmente imitou, do espanhol Lope de Vega. Mas tomo a liberdade de dizer que a *Continuação do Mentiroso* não tem nada a ver com a comédia que a precede. É verdade que *Damon*, o Mentiroso, e *Cliton*, seu servidor, são exatamente as mesmas personagens seja em numa como na outra comédia, que na segunda é mencionada alguma aventura da primeira, mas o tema é bastante diferente, e a personagem do próprio Mentiroso é modificada: porque na primeira comédia *Damon* mente por defeito, e na segunda mente por generosidade, e praticamente por uma necessidade indispensável. Então, eu não tive a intenção de imitar ninguém, no momento em que comecei a esboçar uma segunda comédia em continuação à primeira e uma terceira em continuação às outras duas. A primeira vez que isto tinha me acontecido foi depois do sucesso de *A moça honrada*, comédia veneziana, à qual eu dei prosseguimento com *A boa esposa*. *Pamela* e *Pamela casada* são duas comédias que têm a mesma continuação. Entusiasmado pelo sucesso de duas comédias consecutivas, eu fiz o mesmo com três. Tive um bom êxito com *As três persas*, tanto que o público esperava e solicitava uma quarta continuação; e cada vez mais encorajado pelo bom resultado, eu escrevi com a mesma ligação as três comédias aqui presentes; entretanto, com a diferença que eu tinha imaginado as outras continuações uma após a outra, e estas as três de uma só vez.

Qual é a dificuldade (alguém poderá perguntar) em compor três comédias sobre o mesmo tema? Estas que você está oferecendo ao público são, na verdade, uma só comédia, dividida em nove atos. *Calisto e Melibea* é uma comédia espanhola em quinze atos; não é nenhuma surpresa que você tenha escrito essa aí em nove. Eu responderia a quem dissesse isto, que *Calisto e Melibea* não poderia ser representada, e também não poderia ser dividida em três representações; uma vez que a trama desta comédia, irregular e escandalosa, não é passível de nenhuma divisão. Cada uma das minhas três comédias tem início e tem conclusão, de forma que se alguém vir a segunda, sem tiver

visto a primeira, ficará satisfeito, encontrando uma comédia inteligível, com princípio e fim, e o mesmo pode-se dizer da terceira.

É verdade que no final da segunda, é prometida uma terceira, e eu deixei de propósito algo sem conclusão para continuar a ação na seguinte; mas com dez linhas a mais, teria sido possível concluir a ação sem nenhum problema. Eu me reservei a possibilidade de deixar o campo livre para uma terceira comédia, a qual serviria de conclusão para as duas precedentes, para provar a loucura das vilegiaturas sem moderação. Nela estão presentes todas as personagens da primeira e da segunda, com exceção de Sabrina, que permanece em Montenero, mas não é esquecida completamente, pois chega uma sua carta justamente para lembrá-la.

Esta continuação das personagens, dos interesses e das paixões não deveria parecer indiferente e de pouca dificuldade para quem já possui alguma experiência com este tipo de composição teatral.

Resta-me dizer algo sobre Bernardino, personagem introduzida nesta nova comédia. Qualquer personagem que aparece somente em uma cena, se não é um servidor, um tabelião, um mensageiro, ou qualquer coisa semelhante, parece tratar-se de uma personagem inútil ou mal-introduzida. O leitor perceberá que não é inútil, e compreenderá facilmente que alguém odioso como Bernardino só poderá ser aturado e entendido em uma única cena; pois tornar-se-ia enfadonho e insuportável se fosse visto uma segunda vez.

## PRIMEIRO ATO

### CENA I

*Quarto na casa do Leonardo.  
Leonardo; em seguida, Kiko.*

LEONARDO: Já faz três dias que eu voltei para Livorno, e a Jacinta e o senhor Felipe ainda não apareceram. Prometeram-me que se eu não voltasse imediatamente para Montenero, estariam de volta logo, e não vêm, e não me escrevem, e eu já escrevi para eles, e não me respondem. Eles devem ter recebido a minha carta ontem. Hoje eu deveria ter a resposta. Mas o tempo passou e não tive nenhuma. Se não escrevem, é porque provavelmente virão.

KIKO: Senhor.

LEONARDO: O que foi?

KIKO: Estão procurando pelo senhor.

LEONARDO: Quem?

KIKO: Um jovem que tem um recibo na mão. Acho que é o jovem da farmácia.

LEONARDO: E por que não diz que eu não estou?

KIKO: Eu já disse ontem e antes de ontem, como o senhor me instruiu; mas como ele volta três ou quatro vezes por dia, é melhor que o senhor o receba, e livre-se dele como achar melhor.

LEONARDO: Vai e dize que eu dei ordem a Paulinho para pagar a conta. Que deve chegar a qualquer momento de Montenero, e assim que chegará, pagará.

KIKO: Sim, senhor. *(Sai).*

LEONARDO: Ah, as minhas coisas vão de mal a pior. Esse ano a vilegiatura me custou ainda mais do que o normal.

KIKO: Senhor, o homem da cera está aqui.

LEONARDO: Mas, seu besta, por que não dizes que eu não estou?

KIKO: Eu disse a mesma coisa de sempre; vou ver se ele está em casa, não sei se está, e ele disse: se não estiver, tenho ordens para esperá-lo aqui até ele voltar.

LEONARDO: Isso é uma impertinência. Fala para deixar a conta, que vou mandar alguém ir a loja pagar.

KIKO: Muito bem. *(Sai)*.

LEONARDO: Parece que esses daí não têm mais nada para fazer; parece que não têm nem pão para comer. Estão sempre com o arco apontado para ferir o coração dos cavalheiros que não têm com o quê pagar.

KIKO: Esse aqui também foi embora meio contrariado, mas pelo menos foi embora. Aqui está a conta. *(Dá a conta para Leonardo)*.

LEONARDO: Malditas todas as contas. *(Rasga a conta)*.

KIKO: *(Conta rasgada, dívida perdoada)*.

LEONARDO: Vai até a casa do senhor Felipe, para ver se, por acaso, já chegaram.

KIKO: Às suas ordens. *(Sai)*.

LEONARDO: Eu estou muito impaciente. Em primeiro lugar pelo amor que eu sinto por aquela ingrata, por aquela bárbara da Jacinta; e em segundo lugar, no estado em que me encontro, a única saída poderia ser o seu dote.

KIKO: Senhor...

LEONARDO: Mexe-te, por que não vais aonde eu mandei?

KIKO: Tem outra novidade, senhor.

LEONARDO: O que foi?

KIKO: Olhe só; uma intimação.

LEONARDO: Eu não sei nada de intimações. Eu não aceito as intimações; que as mandem ao meu procurador.

KIKO: O procurador não está na cidade.

LEONARDO: E para onde ele foi?

KIKO: Para a vilegiatura.

LEONARDO: Puxa vida! O meu procurador também está em vilegiatura? Ele também abandona, em favor do divertimento, os seus interesses e os dos seus clientes! Eu o pago, lhe dou-lhe um salário, deixo de pagar outras pessoas para pagá-lo, contando que ele me dê assistência, que ele me defenda; e quando é preciso não está aqui, não se encontra, está em vilegiatura? Uma intimação para mim? Onde está o mensageiro que a trouxe?

KIKO: Ah, o mensageiro já se foi. Entregou-a para mim, escreveu o meu nome no seu registro, e se foi imediatamente.

LEONARDO: Eu não sei o que fazer com isso, vou esperar que volte o procurador. Vamos, rápido. Vai ver se já voltaram.

KIKO: Já estou indo. *(Sai)*.

LEONARDO: Sempre problemas, intimações e recursos. Mas o que posso fazer se não tenho dinheiro? Eles querem me atormentar, querem me obrigar a algo que não posso fazer. Se eles tiverem um pouco de paciência, eu os pago. Se eu tiver em condições de pagá-los, pagarei a todos.

KIKO: Senhor, quando eu estava descendo as escadas eu encontrei justamente o servidor do senhor Felipe, que estava vindo para informar ao senhor e à senhorita Vitória que já voltaram para Livorno.

LEONARDO: Mande-o até aqui.

KIKO: Já foi embora. Mostrou-me uma lista de trinta e sete casas, onde ele tem que informar a chegada da família antes do meio-dia.

LEONARDO: Traga-me o chapéu e a espada.

KIKO: Sim, senhor. *(Sai)*.

LEONARDO: Eu não vejo a hora de rever a Jacinta. Como será que ela vai me receber em Livorno, depois das coisas que aconteceram no campo? Já o Guilherme adia sempre o contrato com a minha irmã. Eu estou extremamente agitado, mas o que me aflige mais são as contas e os credores que me atormentam.

KIKO: Aqui estão. *(Entrega-lhe o chapéu e a espada)*.

LEONARDO: Olha se tem alguém na sala, nas escadas ou no jardim.

KIKO: Sim, senhor. *(Sai)*.

LEONARDO: Eu estou sempre com medo de encontrar alguém que me faça morrer de vergonha. Será melhor, para ir até a casa do senhor Felipe, que eu aumente o caminho, para não passar pelas lojas dos credores.

KIKO: Tem duas pessoas esperando pelo senhor.

LEONARDO: Esperando por mim? E sabem que eu estou em casa?

KIKO: Sabem porque aquele tonto do Berto lhes disse que o senhor estava.

LEONARDO: E quem são esses aí?

KIKO: O costureiro e o sapateiro.

LEONARDO: Dispensa-os; manda-os embora.

KIKO: E o que eu falo para eles?

LEONARDO: Fala o que você quiser.

KIKO: O senhor não pode dar, pelo menos, uma parte do dinheiro para eles?

LEONARDO: Manda todos embora, já disse.

KIKO: Senhor, é impossível. Eles já me aprontaram antes. São capazes de ficar aqui até à noite.

LEONARDO: Tens as chaves da portinha secreta?

KIKO: Estão na porta, senhor.

LEONARDO: Muito bem, eu vou sair por lá.

KIKO: Tome cuidado porque a escada é escura e íngreme.

LEONARDO: Não importa, eu quero sair por lá.

KIKO: Deve estar cheia de teias de aranha, o senhor vai sujar a roupa.

LEONARDO: Dos males o menor; não importa. *(Faz menção de sair)*.

KIKO: E o senhor quer que eles fiquem lá esperando pelo senhor?

LEONARDO: Eles que esperem até que o diabo os carregue. *(Sai)*.

## CENA II

*Entra Vitória.*

KIKO: Aqui estão os saborosos frutos da vilegiatura.

VITÓRIA: Onde está o meu irmão?

KIKO: Não está em casa, saiu. *(Em voz baixa)*.

VITÓRIA: Por que estás falando que ele saiu em voz baixa?

KIKO: Para que certas pessoas que estão na sala não ouçam.

VITÓRIA: Se estão na sala, devem tê-lo visto sair.

KIKO: Não, senhora, ela saiu pela porta secreta.

VITÓRIA: Isso está me parecendo uma besteira, uma falta de educação. Tem visitas na sala, e sai sem recebê-las, e sem ao menos se despedir? Se são pessoas educadas, eu as recebo.

KIKO: A senhora quer recebê-las?

VITÓRIA: Sim, quem são?

KIKO: O costureiro e o sapateiro.

VITÓRIA: De quem?

KIKO: Do patrão.

VITÓRIA: E o que eles querem?

KIKO: Nada além de serem pagos por seus serviços.

VITÓRIA: E por que o meu irmão não os pagou?

KIKO: Eu acho que, no momento, ele não se encontra em condições de fazê-lo.

VITÓRIA: (Pobre de nós!). Toma cuidado, não digas a ninguém; faz com que isso não se saiba. Tenta mandar embora aquela gente de forma gentil, para que eles não se queixem e que não estraguem a reputação desta casa. Meu irmão não consegue entender que quando se tem uma dívida, tem que honrar ou orar.

KIKO: (A minha patroa fala muito bem. Mas ela também não age como fala).

VITÓRIA: E aonde foi o senhor Leonardo?

KIKO: Foi visitar a senhorita Jacinta.

VITÓRIA: Ela já voltou?

KIKO: Sim, senhora.

VITÓRIA: Quando?

KIKO: Hoje de manhã.

VITÓRIA: E não me mandou dizer nada? (*Indignada*).

KIKO: Sim, senhora. Mandou o servidor com um recado para o patrão e para a senhora.

VITÓRIA: E por que não me disseste?

KIKO: Perdoe-me. Estou meio tonto. Se a senhora soubesse quanta confusão houve aqui hoje de manhã.

VITÓRIA: Eu estava achando estranho que tivesses deixado de cumprir o teu dever.

KIKO: Estou ouvindo barulho na sala. Com licença.

VITÓRIA: Manda embora esses caras-de-pau.

KIKO: (Ah, já entendi! Os pobres trabalhadores quando lutam por seus direitos, são caras-de-pau). (*Sai*).

VITÓRIA: Seria bom que eu lhe fizesse uma visita. Sendo ela a que voltou por último, seria bom que eu fosse a primeira a cumprimentá-la. Eu irei, mas irei por obrigação. Eu nunca fui com a cara dela; mas agora então, depois das coisas que aconteceram na vilegiatura, quando eu começo a pensar, fico com raiva. O Guilherme ainda não quis assinar o contrato. Quase não aparece, eu estou muito nervosa.

KIKO: Senhora, o senhor Fulgêncio está aí. Perguntou pelo patrão; eu lhe disse que não está, e ele disse que quer esperá-lo. Se a senhora quiser recebê-lo...

VITÓRIA: Sim, mande-o entrar. Os outros já foram embora?

KIKO: Estão conversando com o senhor Fulgêncio. (*Sai*).

VITÓRIA: Eu vou gostar de conversar com esse velho. Foi ele quem nos fez perder a melhor parte do prazer de estar no campo.

CENA III

*Entra Fulgêncio.*

FULGÊNCIO: (Coitada dessa família! Chegou ao fundo do poço!)

VITÓRIA: Com efeito, senhor Fulgêncio.

FULGÊNCIO: Ao seu dispor, senhorita Vitória.

VITÓRIA: O que deu no senhor de escrever para o meu irmão que o nosso tio estava morrendo para nos fazer voltar para Livorno de repente?

FULGÊNCIO: Desde que vocês partiram, eu não escrevi nem uma linha para o seu irmão; e o seu tio está muito bem de saúde, e eu não tenho a mínima idéia do que a senhorita está dizendo.

VITÓRIA: Mas eu mesma vi a carta.

FULGÊNCIO: Que carta a senhorita viu?

VITÓRIA: A que o senhor escreveu.

FULGÊNCIO: Para quem?

VITÓRIA: Para o meu irmão.

FULGÊNCIO: Eu estou achando que você sonhou.

VITÓRIA: Como sonhei, se nós voltamos correndo para Livorno para chegar a tempo antes da morte do tio?

FULGÊNCIO: E quem lhes disse esse absurdo?

VITÓRIA: A sua carta.

FULGÊNCIO: Puxa vida! Você vai me fazer perder a paciência. Já disse que não escrevi a carta, que não poderia ter escrito essas coisas e que não escrevi. (*Indignada*).

VITÓRIA: Então, o que é toda essa história?

FULGÊNCIO: O que pode ser? Eu já lhe digo: histórias, invenções, criações absurdas.

VITÓRIA: Da parte de quem?

FULGÊNCIO: Do seu irmão.

VITÓRIA: Como assim, do meu irmão?

FULGÊNCIO: É isso mesmo, do seu irmão, que até agora viveu a vida mais louca, mais desorganizada do mundo. Alguém tinha me dito que os seus negócios iam mal; mas eu não pensava que ele chegaria a tanto. Eu me arrependo de ter me envolvido nesse seu negócio de casamento; de ter elogiado, com as minhas palavras, na presença do senhor Felipe um homem que não merece a filha dele.

VITÓRIA: Senhor Fulgêncio, o senhor é muito educado, estou muito agradecida pelos elogios que nos fez, e pela boa intenção que tem de arruinar o meu irmão.

FULGÊNCIO: Ele se arruinou sozinho. Eu vim para fazer o bem; desde que, no entanto, o bem de um não provoque danos ou a desonra do outro.

VITÓRIA: Se o senhor tivesse vindo para fazer o bem, pelo menos tentaria livrar, nesse momento, a nossa casa daqueles insolentes, que por alguns trocados, estão comprometendo a nossa reputação.

FULGÊNCIO: Até aqui eu pude fazê-lo e fiz. Graças a mim todos foram embora. Não lhes dei nenhuma garantia, porque não sou louco nem nada; mas com as palavras certas eu consegui fazer com que fossem embora, e suspendessem a resolução que tinham decidido tomar. Mas, minha filha, se vocês não podem pagá-los, pelo menos não os insultem, não lhe diga insolências. Quando seu irmão precisou deles, por acaso, maltratou-os, insultou-os? Ou então com carícias, com palavras doces, com jeitinho, tentou agradá-los, lisonjeá-los, para ser atendido e bem atendido? E agora que eles vêm aqui pela quinta, sexta ou sétima vez para pedir os seus pagamentos, e perdem os seus dias para serem pagos com tanto sacrifício, o irmão se esconde e a irmã os insulta? É uma injustiça, é uma ingratidão, é uma tirania.

VITÓRIA: Eu não preciso desses seus sermões.

FULGÊNCIO: É, eu sei, é como se eu falasse aos surdos.

VITÓRIA: Use seus sermões com o meu irmão, que precisa mais do que eu.

FULGÊNCIO: E onde está o seu irmão?

VITÓRIA: Foi visitar a senhorita Jacinta.

FULGÊNCIO: Eles também já voltaram? Fico contente...

VITÓRIA: Pois não vá se meter a ir a casa deles para fazer escândalos absurdos.

FULGÊNCIO: Eu vou fazer o que eu achar que devo fazer.

VITÓRIA: Não se atreva a desfazer um contrato de casamento, que não se podem fazer essas coisas.

FULGÊNCIO: Ei, minha senhora... desculpe-me... Sabe o que realmente não se pode fazer? Gastar mais do que os próprios recursos; contrair dívidas para se divertir; e cansar e desprezar os credores. *(Sai)*.

CENA IV

*Entra Ferdinando.*

VITÓRIA: Não se pode dizer que ele não esteja dizendo a verdade. Mas quando toca no ponto fraco, dói.

FERDINANDO: Quem está aí? Tem alguém em casa? (*Vindo de dentro*).

VITÓRIA: Ah, é o Ferdinando. Vou tentar saber as novidades através dele. Venha, venha, senhor, eu estou aqui.

FERDINANDO: Minhas reverências à senhorita Vitória.

VITÓRIA: Ao seu dispor. Bem-vindo.

FERDINANDO: Muito obrigado. Mas eu não pensava que teria que voltar tão rápido.

VITÓRIA: Você deve ter vindo com o senhor Felipe e com a Jacinta.

FERDINANDO: Sim, fizemos uma viagem tão agradável, que se tivesse durado duas horas a mais, eu teria ficado com febre.

VITÓRIA: E por quê?

FERDINANDO: Porque a senhorita Jacinta suspirava o tempo todo. O senhor Felipe dormiu de Montenero até Livorno. A empregada estava deprimida, e eu senti um tédio infinito.

VITÓRIA: E por que a senhorita Jacinta suspirava?

FERDINANDO: Ela estava com, com... umas idéias estranhas na cabeça, muitas, demais, que até eu fico envergonhada por ela.

VITÓRIA: Mas que loucuras são essas?

FERDINANDO: Vamos mudar de assunto. Você soube da novidade?

VITÓRIA: Sobre quem?

FERDINANDO: Sobre o Tónico.

VITÓRIA: O filho do doutor?

FERDINANDO: Sim, o seu pai voltou. Soube que ele queria se casar com aquela moça. Mandou-o embora de casa, e ele não tinha onde comer nem onde dormir. A senhora Constância, que não queria pagar um tostão pelo casamento da sobrinha, só o recebeu depois de muita insistência. No final, não pôde mais negar. Colocou-o para dormir com o criado, dá-lhe o que comer; mas não dá para enganar, o moço é um bom garfo. Elas disseram que queriam vir para Livorno hoje, e pretendem trazer Tónico consigo, e

entrar com um processo contra o pai para que ajude na sua alimentação, e para que ele se case com a moça, e depois torná-lo doutor na universidade dos tontos.

VITÓRIA: A história é divertida, mas não é coisa que me interessa. Eu gostaria que você me falasse da melancolia da senhorita Jacinta.

FERDINANDO: Sinto muito, mas eu não tenho o costume de me intrometer nos problemas dos outros.

VITÓRIA: Já se intrometeu o suficiente para me deixar apreensiva, e é sua obrigação tirar essa minha desconfiança.

FERDINANDO: E do que consiste essa sua desconfiança?

VITÓRIA: Do que eu desconfiei, antes até de vir embora de Montenero.

FERDINANDO: Eu não sei o que você pensou naquele momento, e também não sei o que está pensando agora.

VITÓRIA: Se ela está suspirando é porque tem algo que a incomoda.

FERDINANDO: Certamente.

VITÓRIA: Não acho que ela está suspirando pelo meu irmão.

FERDINANDO: Ah, mas eu nunca pensei que ela estivesse suspirando por ele.

VITÓRIA: E por quem seria?

FERDINANDO: Quem é que sabe? Não poderia ser por mim? (*Rindo*).

VITÓRIA: Ah, não, por você é que não é; deve estar suspirando por um outro.

FERDINANDO: A propósito; eu perdi a namorada. A senhora Sabrina não me quer mais. Depois que eu lhe falei de doação, ela se enfureceu, ficou indignada, e nem quis mais me ver; pelo contrário, olha só se não é engraçado: com medo de ter que vir comigo, não quis vir para Livorno. Ficou lá em Montenero, e eu acho que está com vergonha de ter se comportado como uma mocinha e não quer mais vir para a cidade, para não ser ridicularizada por todo mundo.

VITÓRIA: E o senhor é o responsável por essa obra tão boa assim.

FERDINANDO: Eu só quis me divertir, e divertir também as rodas de conversas.

VITÓRIA: Orgulhe-se de ter feito a coisa certa. (*Irônica*).

FERDINANDO: Eu não acho que fiz nada que mereça ser criticado. Eu acho que seria muito pior se eu estivesse fazendo jogo duplo com duas moças, e fingisse amar uma delas, para encobrir a minha paixão pela outra.

VITÓRIA: O que o senhor quer dizer com isso?

FERDINANDO: Que vista a carapuça quem achar que serviu.

VITÓRIA: As suas palavras são horríveis, venenosas; palavras que me fazem mal ao coração.

FERDINANDO: E o que você tem a ver com o que eu disse? Não foi para você que eu disse.

VITÓRIA: E por que a Jacinta suspirava?

FERDINANDO: Pergunte para ela.

VITÓRIA: E quem está jogando duplo?

FERDINANDO: Pergunte para ele.

VITÓRIA: E quem é esse ele?

FERDINANDO: Ele! Sujeito e objeto. Nominativo *hic*, ele, genitivo *huius*, dele. Parece que a senhorita Vitória está de mau humor hoje de manhã. Se me concede a honra de me deixar despedir, vou ao café, onde os curiosos esperam-me para saber as aventuras de Montenero. Eu vou ter que ficar duas semanas contando tudo. Tenho que divertir toda Livorno. Tenho que fazer rir meio mundo. *(Sai)*.

VITÓRIA: Que língua endiabrada! Poderia ser pior? Colocou-me mil pulgas atrás da orelha. Já faz tempo que eu estou suspeitando, com dúvidas, com o coração batendo forte. E ele acabou de me arruinar. Eu estou com problemas em casa, os negócios vão mal, estou com o coração em pedaços. Coitada de mim! Estou pagando pelo prazer da vilegiatura. Teria sido melhor se eu nem tivesse ido! *(Sai)*.

## CENA V

*Quarto na casa do Felipe.  
Jacinta e Brígida.*

BRÍGIDA: Vamos, vamos, minha patroa, não pense tanto assim. Divirta-se, alegre-se. Tome cuidado, a melancolia tem graves conseqüências.

JACINTA: Eu não acho que eu estou melancólica, pelo contrário, estou até contente, que não me trocava por uma rainha. Depois que eu não vi mais aquele lá, parece que eu renasci. Eu estou tão bem, que nunca me senti melhor.

BRÍGIDA: Desculpe-me, não quero cometer um erro; quando a senhora fala ele, está falando de quem?

JACINTA: Que boba você é que não me entende? Não sabe que quando eu falo ele, estou falando do Guilherme.

BRÍGIDA: (Eu estava com medo que ela estivesse falando do noivo).

JACINTA: Não tenho razão de falar dele com desprezo, com asco, com antipatia? Ele podia fazer algo pior do que o que ele fez? Arruinar-me daquele jeito? Deixar-me tão apaixonada assim? Que vida miserável não conheci por culpa dele? Que espasmos, que receios ele não me fez provar? Eu não tive nem mesmo uma hora de divertimento. Ele começou a me perseguir desde o primeiro dia. Ah, com aquele talento ele se insinuou na minha alma, no meu coração! Que palavras exageradas! Que olhares lânguidos traidores! Que atenções estudadas! E como ele sabia encontrar os momentos para estar comigo a sós, e como sabia encontrar termos suaves, e com que gentileza os pronunciava! *(Apaixonada)*.

BRÍGIDA: (Ah, dá para ver que ela não pensa mais nele). *(Irônica)*.

JACINTA: Chega, graças aos céus já consegui me libertar. Parece até que eu tive uma doença, e que agora estou perfeitamente curada.

BRÍGIDA: Desculpe-me, mas me parece que aqui não se vê muita cura.

JACINTA: Não se engane. Estou bem, ótima, como eu estava antes. Agora todos os meus pensamentos estão ocupados com os preparativos para o meu casamento. No que se refere ao que meu pai terá que fazer, eu já pensei no que vou lhe pedir. Já no que diz respeito ao noivo, eu não quero absolutamente que ele consulte a sua irmã. Não quero que ela tenha a incumbência de colocar em ordem o meu vestuário; primeiro porque não seria adequado, porque ainda é moça, e além do mais porque tem mau gosto. É mal vestida, e tenho certeza que para mim teria ainda mais mau gosto. São esses os pensamentos que agora passam pela minha cabeça; eu não penso em mais nada além de roupas, acessórios, rendas de Flandres, bordados, enxoval, sapatos, toucas, leques. É isto que me interessa no momento, e não penso em mais nada. *(Forçando-se para mostrar audácia)*.

BRÍGIDA: E entre tantos pensamentos não lhe passa pela cabeça um pouco de amor, um pouco de carinho pelo noivo?

JACINTA: Eu espero de poder amá-lo, um dia, com ternura. Eu ouvi falar de muitos que se casaram por amor, rapidamente se entediaram e se arrependeram; e de outros que o fizeram por compromisso, por simples resignação, e mesmo com pouco amor, depois acabaram se apaixonando com o tempo, e viveram bem até a morte.

BRÍGIDA: Uma coisa é certa, a senhora não vai correr o perigo de se entediar por tê-lo amado demais até agora. Eu peço aos céus que a virtude da união reserve algo de bom para o futuro.

JACINTA: Sim, é assim que deve ser, e assim será. Eu tomo o senhor Leonardo como um marido que me foi destinado pelos céus, que me foi dado pelo meu pai. Eu sei que tenho que amá-lo e respeitá-lo. Quanto ao respeito, farei a minha obrigação; e quanto ao amor, farei tudo o que puder.

BRÍGIDA: Desculpe-me, mas a senhora propondo-se de querer respeitá-lo, não fará nem mais nem menos do que ele espera.

JACINTA: Sim, mas o respeito tem que ser recíproco. Se eu tenho respeito por ele, ele tem que ter por mim também. Portanto, não tem motivo para me tratar mal, e para me considerar sua escrava.

BRÍGIDA: (Já entendi; quer respeitar o marido, mas vai querer fazer tudo ao seu modo).

JACINTA: Já faz tempo que aquele temerário do Guilherme não tenta me fazer uma visita.

BRÍGIDA: Se ele viesse, imagino que a senhora não iria querer recebê-lo.

JACINTA: E por que não deveria recebê-lo? Por que eu deveria ser covarde, com medo dele? Eu não sou patroa de mim mesma? Eu não tenho virtude suficiente para vê-lo e tratá-lo com indiferença? Eu fui fraca, é verdade; mas nesses três dias que não nos vimos, já consegui fazer um exame de consciência, e de fortalecer o espírito e o coração. Eu preciso criar coragem para me encontrar com ele, como eu tenho que me encontrar com outras pessoas. Ele vai ser o marido da minha cunhada. Vamos ter que estar juntos algumas vezes; poucas ou muitas. O que o mundo diria, se eu desaparecesse da sua vista? Não, não, devo começar logo a me habituar a tratá-lo como se eu nunca o tivesse nem amado nem conhecido; e sou capaz disso, e você mesma vai ver com que capacidade, com que espírito, eu vou ter coragem para fazê-lo.

BRÍGIDA: E se o senhor Leonardo não quisesse que a senhora tivesse contato com ele?

JACINTA: O senhor Leonardo seria um louco. Por que não iria querer que eu tivesse contato com o seu cunhado?

BRÍGIDA: A senhora não sabe o quanto o ciúme é frágil.

JACINTA: O senhor Leonardo sabe que eu não quero saber de ciúme.

BRÍGIDA: Mas vamos ser francas, ele teve motivo para ter.

JACINTA: O que passou, passou. Já teve a satisfação que o Guilherme deu a palavra de se casar com a sua irmã, e vai se casar com ela, e isso já deveria ser suficiente para ele. Afinal, Guilherme é um jovem honesto e educado, e eu sou uma moça honrada; e seria um absurdo pensar de outra forma.

BRÍGIDA: (Ela pode falar o que quiser, eu não me deixo persuadir que a ferida já tenha sarado).

## CENA VI

*Entra o servidor.*

SERVIDOR: Senhora, o senhor Guilherme está aqui e gostaria de cumprimentá-la.

BRÍGIDA: (Vamos ver a sua força de vontade).

JACINTA: (Ai! O que é esse fogo que, de repente, está se acendendo?).

BRÍGIDA: (Ah, como fica vermelha a coitadinha!).

JACINTA: (É preciso coragem. Vamos superar esta paixão indigna). Faça-o entrar, é bem-vindo.

SERVIDOR: *(Sai)*.

BRÍGIDA: Força, minha patroa.

JACINTA: Por que força? Por acaso você está insultando a minha força de vontade? Eu tenho que ter medo de alguma coisa? (Aqui está ele. Oh, céus! Estou tremendo inteirinha, a paixão está me traindo, e não consigo reencontrar a virtude). Brígida, uma súbita dor de estômago me obriga a retirar-me! Recebe o senhor Guilherme em meu lugar, e pede-lhe que me perdoe... (Ah, eu seria capaz de me matar com as minhas próprias mãos). *(Sai)*.

## CENA VII

*Brígida; em seguida, Guilherme.*

BRÍGIDA: Grande virtude, grande coragem! Ah, coitadinha! Ela também é mulher, de carne e osso, como as outras.

GUILHERME: Onde está a senhorita Jacinta?

BRÍGIDA: Perdoe-me, senhor, ela me mandou pedir desculpas.

GUILHERME: Mas o servidor disse que ela estava aqui.

BRÍGIDA: E realmente estava, mas o senhor seu pai a chamou. (Se eu disser que está com dor de estômago, não vai acreditar, é uma desculpa ruim).

GUILHERME: Eu vou esperar até que ela possa me atender.

BRÍGIDA: Desculpe-me, mas o que o senhor quer com ela?

GUILHERME: Eu tenho que te dar satisfações? Quero fazer a minha obrigação, cumprimentá-la, dar-lhe as boas-vindas pelo seu retorno. É isso o que eu quero, e assim satisfiz a sua curiosidade.

BRÍGIDA: Bem, senhor. Eu apresentarei à patroa as suas saudações, e assim será como se ela tivesse recebido pessoalmente.

GUILHERME: Eu não tenho a permissão para vê-la?

BRÍGIDA: Não vai faltar oportunidade. Ela ainda está cansada da viagem.

GUILHERME: Isso é um insulto para mim. Eu sou um homem honrado, e não creio que mereça isso.

BRÍGIDA: Meu caro senhor, interprete como quiser, eu não sei mais o que dizer. (Vou tentar eu mesma acabar com essa amizade, se posso).

GUILHERME: Diga à senhorita Jacinta que eu sou o noivo da senhorita Vitória.

BRÍGIDA: Acho que ela já sabe, não é preciso dizê-lo.

GUILHERME: E se não fosse essa nova situação, eu não teria vindo importuná-la.

BRÍGIDA: Graças a essa nova situação, o senhor terá a oportunidade de vê-la e revê-la, e de lhe dizer tudo o que quiser.

GUILHERME: Então a senhora não quer falar nada para ela?

BRÍGIDA: De jeito nenhum, com a sua gentil permissão.

GUILHERME: O senhor Felipe está em casa?

BRÍGIDA: Eu não sei, não senhor.

GUILHERME: Como assim, não sabe, se acabou de me dizer que ele chamou a senhorita Jacinta?

BRÍGIDA: E se eu lhe disse que chamou a senhorita Jacinta, por que me pergunta se ele está em casa?

GUILHERME: Para dizer a verdade, tu estás muito estranha.

BRÍGIDA: Desculpe-me... eu também tenho minhas preocupações... (Por um lado ele tem razão; o zelo acaba me levando longe demais).

## CENA VIII

*Entra Leonardo.*

LEONARDO: (O quê? O Guilherme aqui assim que a Jacinta chegou?).

BRÍGIDA: (Aqui está o senhor Leonardo. E esse diabo do Guilherme ainda não se decidiu a ir embora).

LEONARDO: Onde está a senhorita Jacinta? *(Para Brígida)*.

BRÍGIDA: Está lá com o senhor seu pai. *(Para Leonardo)*.

GUILHERME: Amigo. *(Cumprimentando Leonardo)*.

LEONARDO: Seu criado. *(Para Guilherme, bruscamente)*. Pergunte-lhe se eu posso lhe prestar as minhas reverências. *(Para Brígida)*.

BRÍGIDA: Sim, senhor, às suas ordens. Perdão: O Paulinho ainda não voltou?

LEONARDO: Não, ainda não voltou.

BRÍGIDA: E quando vai voltar, por favor?

LEONARDO: Você vai ou não vai?

BRÍGIDA: Já estou indo. (Ora! Eu, como eles, também tenho meus interesses). *(Sai)*.

LEONARDO: Você é muito gentil em vir cumprimentar a senhorita Jacinta.

GUILHERME: É minha obrigação.

LEONARDO: Você não é tão atencioso, nem tão gentil com a sua noiva.

GUILHERME: Diga-me, por favor, onde eu falhei.

LEONARDO: Não me faça falar.

GUILHERME: Se você não falar, vai ser impossível eu saber.

LEONARDO: Você viu a senhorita Jacinta?

GUILHERME: Não senhor. Eu queria cumprimentá-la, mas ainda não me deixaram. Já para você o acesso não será negado; e nesse caso, eu lhe peço que me ajude, faça que eu possa cumprir o meu dever com ela.

LEONARDO: Caro Guilherme, quando você está pensando em marcar o casamento com a minha irmã?

GUILHERME: Querido amigo, eu não acredito que um casamento entre duas pessoas educadas tenha que ser realizado sem as devidas conveniências.

LEONARDO: Mas por que, por enquanto, continua adiando ao invés de redigir o contrato de casamento?

GUILHERME: Podemos fazê-lo quando você quiser.

LEONARDO: Vamos fazê-lo hoje.

GUILHERME: Muito bem...

LEONARDO: Por favor, vá ao tabelião e informe-o.

GUILHERME: Bem, vou avisá-lo.

LEONARDO: Mas vá logo, se quiser encontrá-lo em casa.

GUILHERME: Sim, já estou indo. Peço-lhe que avise a senhorita Jacinta; diga-lhe que eu tinha vindo por uma questão de respeito. (É melhor dissimular. Não me dou por satisfeito se eu não lhe falar pelo menos uma vez). *(Sai)*.

## CENA IX

*Entra Brígida.*

LEONARDO: Esse aí tem um caráter que ainda não consegui decifrar. Dá-me motivos para suspeitar, e depois, às vezes, ele me faz arrepender das minhas suspeitas. A necessidade que ele tem de ver a Jacinta, parece um pouco exagerada; mas se ele fosse culpado de alguma paixão, não se atreveria a falar comigo como fala, e propor-se a acelerar o casamento com a minha irmã.

BRÍGIDA: Senhor, a minha patroa manda-lhe reverências, agradece-lhe por sua atenção, e suplica-lhe o seu perdão se hoje de manhã não poderá receber as suas gentilezas, porque não está muito bem, e precisa descansar.

LEONARDO: Ela está de cama?

BRÍGIDA: Não exatamente, mas está deitada no canapé. Ela está com dor de cabeça, e não pode ouvir ninguém falar.

LEONARDO: E eu não posso vê-la, cumprimentá-la, e ouvir pessoalmente dela que não está bem?

BRÍGIDA: O que ela me disse, é o que eu estou lhe dizendo.

LEONARDO: Bem, diga-lhe que eu sinto muito pelo seu mal-estar, cuja causa eu imagino, e que da minha parte tentarei contribuir à sua saúde. *(Com indignação)*.

BRÍGIDA: O senhor não vai pensar que...

LEONARDO: Vai, e fala-lhe o que eu disse. *(Como acima)*.

BRÍGIDA: (Tem razão, para dizer a verdade, ele tem razão. Ela está totalmente cega, e a sua grande virtude já se foi). *(Sai)*.

## CENA X

*Leonardo; em seguida, entra um servidor.*

LEONARDO: Sim, eu mereço isso, e mereço até coisa pior. Eu deveria ter percebido antes que ela não sente por mim nem amor, nem estima, nem gratidão. As minhas

atenções não servem para nada; a minha esperança é em vão, e azar meu se eu me casar com ela. Então eu tenho que perdê-la? Devo deixá-la em liberdade, para que depois, com a minha humilhação, e com a desonra da minha família, eu a veja casando-se com o Guilherme, e aquele indigno zombar de mim, e do compromisso que contraiu com a minha irmã? Não, eles que não esperem por isso. Vou conseguir esquecer essa ingrata, mas não aceitarei esse insulto. Encontrarei uma maneira para me vingar. Vou me vingar de qualquer jeito, mesmo correndo o risco de me perder, de me arruinar. Estou sem dinheiro, é verdade, mas ainda tenho o suficiente para fazer o que eu quero. Vou mostrar para todo mundo que tenho personalidade, que tenho sentimento de honra. Sim, pérfida, sim, amigo traidor, vou me vingar, vocês me pagam.

SERVIDOR: Senhor, um dos seus empregados lhe trouxe esta carta.

LEONARDO: E onde ele está?

SERVIDOR: Perguntou-me se o senhor estava em casa. Eu disse que sim. Deu-me a carta e foi embora.

LEONARDO: Está bem assim. *(Lê a carta em voz baixa)*.

SERVIDOR: *(Esse senhor está muito bravo. Mas a patroa também está furiosa. Eles foram para o campo com alegria, e voltaram com o diabo no corpo)*. *(Sai)*.

## CENA XI

LEONARDO *(sozinho)*: Pobre de mim! O que estou sentindo! Que carta é essa que o Paulinho me escreveu? Os meus bens no campo foram confiscados? Os móveis da minha propriedade confiscados? Até mesmo a roupa de cama, os talheres, e a prataria que me emprestaram? O Paulinho foi preso na campo por ordem da justiça? Esta foi a minha última ruína, a minha reputação está perdida. A vilegiatura de Montenero ainda está cheia de gente. O que vão dizer de mim os companheiros da vilegiatura? O que não vão fazer com o meu nome? O que adiantou eu ter vivido com tanta opulência e com tanto luxo, se agora vão descobrir a minha miséria, e a minha ambição vai ser condenada? Ah, esse golpe me nocauteou, me derrubou. Jacinta e Guilherme, eles também vão zombar de mim. Que vingança eu posso arquitetar contra eles? Quem é o meu maior inimigo além de mim mesmo? Eu sou o louco, o tonto, o meu maior inimigo. *(Sai)*.

## SEGUNDO ATO

### CENA I

*Quarto do Leonardo.*

LEONARDO (*sozinho*): Eu não sei o que fazer. Eu penso, e os meus tristes pensamentos, ao invés de me sugerirem o remédio, empurram-me para o desespero. Eu não sei como posso sobreviver em Livorno, e não tenho o modo nem a coragem de me afastar. O que a senhora Jacinta vai dizer de mim? Como eu poderei exigir do senhor Felipe a sua filha e os oito mil escudos de dote no estado miserável em que eu me encontro? Pobre de mim! Entre todas as minhas desgraças o amor não pára de me perturbar. Oh, céus! Ali está o senhor Fulgêncio. Eu me envergonho somente em vê-lo; lembro-me de seus sermões, de seus conselhos, e tenho consciência de ter abusado.

### CENA II

*Entra Fulgêncio.*

FULGÊNCIO: (Aqui está o louco, o pródigo, o exagerado).

LEONARDO: Minhas reverências, caríssimo senhor Fulgêncio.

FULGÊNCIO: Seu criado. (*Fazendo pose*). Divertiu-se bem no campo?

LEONARDO: Caro senhor, não me fale mais em campo. Eu peguei um ódio tão grande, que não iria mais para a vilegiatura nem por todo o ouro do mundo.

FULGÊNCIO: Sim, a decisão é boa. O problema é que foi tomada tarde demais.

LEONARDO: Antes tarde do que nunca.

FULGÊNCIO: Basta que ainda tenha tempo, e que a decisão não nasça da impotência, ao invés da vontade de fazer o bem. (*Em tom severo*).

LEONARDO: Eu não acho que estou num precipício tão grande...

FULGÊNCIO: E o que está faltando para que esteja mais arruinado do que está? Quer me vender gato por lebre? O senhor me surpreende. Surpreende-me que o senhor tenha a coragem de constranger um cavalheiro da minha estirpe a pedir-lhe a mão de uma

moça em casamento. O senhor já sabia o seu estado, e isso se chama uma traição, uma negociação muito da boa. Mas no que me diz respeito, vou tratar de remediar: contarei a verdade para o senhor Felipe; e ele que faça o que achar melhor, lavarei minhas mãos, e faço um pedido solene para que não me coloque mais em situações embaraçosas.

LEONARDO: Ah, senhor Fulgêncio, pelo amor de Deus, não me deixe ainda mais desesperado. Já que o senhor conhece a minha situação, tenha piedade de mim. Estou em meio a circunstâncias trágicas, que não me sobrou nem um lugar onde eu possa me refugiar, vou ser obrigado a me deixar levar pela mais desesperada resolução. Sem nada, sem crédito, sem amigos, sem assistência, a vida não me oferece nada além de vergonha e de sofrimento. Ajude-me, senhor Fulgêncio, ajude-me; estou à beira do precipício, não permita que a minha estirpe termine em tragédia, como em um espetáculo.

FULGÊNCIO: Se você fosse meu filho, eu ia lhe dar uma surra até quebrar os seus ossos. É isso que gente como você sabe dizer: estou desesperado, quero me enforcar, quero me afogar. Eu não deveria me envolver nessa história porque não tenho nada a ver com você. Mas eu sou um homem, sinto a humanidade, tenho compaixão por todos; você merece ser abandonado, mas não tenho coragem de abandoná-lo.

LEONARDO: Ah, que o céu o proteja. Salve um homem, salve uma desolada família. Libere-me da vergonha, da miséria, da multidão de credores.

FULGÊNCIO: Mas o que você acha? Que eu queira arruinar a mim mesmo para ajudar você? Que eu queira pagar os seus débitos para que você contraia outros novos?

LEONARDO: Não, senhor Fulgêncio, não vou contrair novas dívidas.

FULGÊNCIO: Pois a minha confiança em você é igual a zero.

LEONARDO: E no que consistem as demonstrações que o senhor fez até agora?

FULGÊNCIO: Consistem em querer me empenhar por você com muito jeitinho junto ao seu tio Bernardino, com boas intenções para convencer quem tem mais condições do que eu, e maior obrigação de socorrê-lo nas suas desgraças. E se por você eu emprego meu tempo, os passos, as palavras e os conselhos, já estou fazendo mais do que seria a minha obrigação.

LEONARDO: Senhor, eu estou nas suas mãos, mas com o meu tio eu não vou conseguir nada.

FULGÊNCIO: E por que não vai conseguir nada.

LEONARDO: Porque ele é sórdido, avarento, e não me daria nem um centavo, e além disso tem uns modos tão insultantes, que não dá para tolerar.

FULGÊNCIO: Seja como for, é preciso dar esse passo, esse vai ser o início para ir em frente. Se o seu tio não lhe ajuda, o que você quer que eu faça?

LEONARDO: É verdade, não posso negar; tudo o que o senhor está dizendo é a pura verdade.

FULGÊNCIO: Então venha comigo.

LEONARDO: Está bem, vou com o senhor, mas sem nenhuma vontade. *(Está para sair)*.

### CENA III

*Vitória entra com um vestido de festa.*

VITÓRIA: Uma palavrinha, Leonardo.

LEONARDO: Rápido, porque eu não tenho tempo a perder.

VITÓRIA: Queria saber se você não quer vir comigo à casa da Jacinta.

LEONARDO: Eu iria com prazer, mas nesse momento, não posso. Vá você. Depois relate-me como ela está, se recebeu você bem, o que diz sobre mim, e como está se comportando em relação ao nosso casamento.

VITÓRIA: Você ainda não a viu?

LEONARDO: Não, ainda não consegui.

FULGÊNCIO: *(Vamos, Leonardo)*.

LEONARDO: Estou pronto. *(Para Fulgêncio)*.

VITÓRIA: Caro irmão, se você começar a diminuir suas atenções, sabe como ela é, você pode começar a perder as esperanças.

LEONARDO: Senhor Fulgêncio, acho que meia hora antes ou meia hora depois dá no mesmo.

FULGÊNCIO: *(O seu tio almoça cedo, e depois do almoço sempre costuma dormir)*.  
*(Para Leonardo)*.

LEONARDO: *(Então não vamos perder tempo)*. *(Para Fulgêncio)*.

VITÓRIA: Se ela me perguntar de você, se ela se queixar que você não mostra interesse em vê-la, o que eu lhe digo para desculpá-lo.

LEONARDO: *(Não podemos adiar e ir à casa do meu tio para depois do almoço?)*.  
*(Para Fulgêncio)*.

FULGÊNCIO: *(Você quer ver a sua casa cheia de credores novamente?)*.

LEONARDO: (De jeito nenhum! Seria um novo desespero para mim).

FULGÊNCIO: (Vamos, livre-se dessa ansiedade).

VITÓRIA: Surpreende-me, meu irmão, que depois de tudo o que aconteceu no campo, você se comporta com frieza em uma situação que deveria ser de extremo interesse para você.

LEONARDO: (Ah, é verdade: A Vitória não está errada. A indiferença é uma coisa perigosa. Jacinta não mostra muito amor por mim, e qualquer coisa poderia servir de pretexto para ela).

FULGÊNCIO: (Ou você vem ou o abandono). *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: (Um momento, por gentileza). *(Para Fulgêncio)*.

VITÓRIA: (Ei, lembre-se daquela visita que a Jacinta fez à caseira de Montenero). *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: (Ah, que comentário malicioso!). Senhor Fulgêncio, o senhor não poderia ir sozinho à casa do tio Bernardino, e conversar com ele, e ver se...

FULGÊNCIO: Já entendi! Bom dia, meu senhor. *(Faz menção de sair)*.

LEONARDO: Não, espere, vou com o senhor. (Onde quer que eu olhe, só vejo tempestades, rochas, precipícios). Vá, diga a Jacinta... não sei que decisão tomar... diga-lhe o que achar melhor. Vamos. *(Para Fulgêncio)*. Eu estou fora de mim; já nem sei o que quero. Só aumentam os meus medos, as minhas angústias, os meus cruéis desesperos. *(Sai com Fulgêncio)*.

#### CENA IV

*Vitória; em seguida, Guilherme e Ferdinando.*

VITÓRIA: Esse velho é muito insolente. Mas no estado em que nos encontramos, temos que aceitar que o meu irmão precisa dele, e temos que agüentá-lo. Ah, o senhor Guilherme! Já era hora dele vir me fazer uma visita. Mas ele veio junto com o grosseiro do Ferdinando. Parece que o Guilherme está fazendo de propósito. Parece que ele está fugindo do encontro de ficar comigo sozinha. Isso é demonstração de pouco amor. As minhas suspeitas aumentam cada vez mais.

FERDINANDO: (Querido amigo, eu tenho meus negócios: eu não posso ficar muito tempo). *(Para Guilherme)*.

GUILHERME: (Desculpe. A visita vai ser breve. Eu preciso falar com você). *(Para Ferdinando)*. (Já que eu tenho que vir contra a minha vontade, a companhia de uma terceira pessoa me dá um certo alívio). *(Consigno mesmo)*.

VITÓRIA: (Esses dois estão cheios de segredos).

FERDINANDO: Minhas saudações à senhorita Vitória.

VITÓRIA: Senhor, qual o motivo de eu ter a honra da sua visita? *(Para Ferdinando)*.

Eu vim na companhia do meu amigo.

VITÓRIA: O Guilherme tem medo de vir sozinho?

GUILHERME: Desculpe-me, senhorita. Enquanto eu tiver a honra de ser seu noivo, acredito que a sua virtude exige este respeito.

FERDINANDO: Mas, queridos amigos, quando vai ser esse casamento?

VITÓRIA: Quando o senhor Guilherme determinar.

GUILHERME: Você sabe melhor do que eu que um casamento não pode ser feito de qualquer jeito.

FERDINANDO: Vocês já fizeram o contrato?

VITÓRIA: Não, ele ainda não encontrou o tempo para executar essa tarefa difícil que se faz em um momento, e que deveria ter sido feito na nossa chegada em Livorno.

GUILHERME: Eu ainda não consegui falar com o tabelião.

FERDINANDO: E, por acaso, precisa de tabelião? Esse tipo de contrato pode ser feito em âmbito privado. Eu tinha me oferecido para fazê-lo em Montenero, e posso fazê-lo aqui, se quiserem.

VITÓRIA: Se o senhor Guilherme estiver de acordo.

GUILHERME: Na verdade, o senhor Leonardo me encarregou de entrar em contato com o tabelião. Eu já falei com ele, e combinamos que ele virá aqui hoje à noite. Não me parece justo que lhe façamos esta desfeita, e que, de um momento para o outro, tenha essa urgência de antecipar.

VITÓRIA: Está bem então, se vai ser feito hoje à noite...

FERDINANDO: Eu acho que a senhorita Vitória já sabia que hoje deveríamos fazer esse contrato.

VITÓRIA: Por que você acha que eu já sabia?

FERDINANDO: Porque ela se vestiu de noiva.

VITÓRIA: Não, você se engana. eu me vesti um pouquinho melhor para fazer uma visita à senhorita Jacinta.

GUILHERME: Você quer ir agora à casa dela?

VITÓRIA: Sim, claro. Já que eu tenho este compromisso, quero cumpri-lo imediatamente.

GUILHERME: Vai sozinha?

VITÓRIA: Eu queria que o meu irmão me acompanhasse; mas os seus negócios lhe impediram.

GUILHERME: Eu posso acompanhá-la, se quiser.

VITÓRIA: Ah, Guilherme, fico agradecida pela sua bondade; esta é a primeira vez que você é assim gentil comigo. Não, não, obrigada, não quero lhe incomodar. *(Ironicamente)*.

FERDINANDO: *(Está começando o meu divertimento)*.

GUILHERME: Desculpe-me, senhorita. Eu acredito que irmos juntos é positivo. Eu também estou devendo uma visita ao senhor Felipe e à senhorita Jacinta; e se lhe acompanho, não há motivo para ficar chateada.

VITÓRIA: Não me esqueço da sua sábia reflexão. Enquanto não será meu marido, não é bom que nos vejam juntos por aí.

FERDINANDO: Muito bem; falou com prudência. Vá atrás do tabelião. Eu vou ter a honra de acompanhá-la à casa da senhorita Jacinta.

VITÓRIA: Não seria nada mau se quando eu voltar, daqui no máximo uma hora, você se encontrasse aqui com o tabelião. *(Para Guilherme)*.

GUILHERME: E você vai querer ir com o Ferdinando?

VITÓRIA: Sim, irei com ele, para não ir sozinha.

GUILHERME: Com ele você vai e comigo não?

FERDINANDO: Eu estou me oferecendo para agradar aos dois.

VITÓRIA: Com ele ninguém pode me criticar. *(Para Guilherme)*.

GUILHERME: Sim, já entendi. A minha timidez a aborrece. O nosso amigo Ferdinando é espirituoso e brilhante. Começou bem cedo a dar a entender que eu vou ser um marido pouco feliz. Vamos falar com franqueza, se eu não lhe agrado, você é livre para tomar uma decisão.

VITÓRIA: Se eu não lhe sentisse amor, não me preocuparia pela sua frieza, e não insistiria tanto para preparar o contrato.

GUILHERME: Diz que me ama, mas na minha frente, prefere um outro?

FERDINANDO: Ei, amigo, por acaso, tem ciúme de mim?

VITÓRIA: Não posso acreditar que lhe passe esses pensamentos pela mente. *(Para Guilherme)*.

GUILHERME: Eu não penso sem razão; e me deixo persuadir pelo que vejo.

VITÓRIA: Guilherme, fale com sinceridade.

GUILHERME: Eu não posso lhe falar de melhor modo do que este. Digo-lhe que esta é uma afronta que me faz, e que eu não pensei que merecesse.

VITÓRIA: (Então ele me ama mais do que eu suponha).

FERDINANDO: Se eu estiver sobrando, vou embora imediatamente.

GUILHERME: Não, não, por favor, fique; e acompanhe a senhorita Vitória.

VITÓRIA: Não, caro Guilherme, não leve a mal. Peço desculpas se lhe ofendi. Eu o amo com a maior ternura do mundo. Hei de ser sua esposa, e quero depender somente de você. Vou com você à casa da senhorita Jacinta. E se preferir, não irei.

GUILHERME: O dever nos obriga a ambos da mesma forma a esse compromisso.

VITÓRIA: Então vamos imediatamente. Desculpe-me, Ferdinando, se eu dispenso a sua gentileza.

FERDINANDO: Fique à vontade. Para mim é indiferente.

GUILHERME: O Ferdinando fará a gentileza de vir conosco.

VITÓRIA: Mas não é preciso.

GUILHERME: Sim, é preciso em virtude daquela honestidade, daquele respeito, que eu propus, e que você aprovou.

FERDINANDO: Então quer dizer que eu vou ficar de vela.

VITÓRIA: Ah, Guilherme, se é verdade que me ama...

GUILHERME: Vamos, rápido, antes que seja a hora do almoço.

VITÓRIA: Estou pronta, ao seu dispor.

GUILHERME: Amigo, acompanhe a senhorita Vitória. *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: Quer que eu lhe dê o braço? *(Para Guilherme)*.

GUILHERME: Sim, faça-nos esse prazer.

VITÓRIA: E por que não você?

GUILHERME: Eu sei bem quais são as regras, senhorita. Basta-me que eu não seja mal tratado.

VITÓRIA: Mas, eu realmente...

GUILHERME: Um pouco de resignação; deixe-se acompanhar.

VITÓRIA: Obedeço. *(Começo a ficar mais feliz)*. *(Dá sua mão a Ferdinando)*.

FERDINANDO: *(Para dizer a verdade, eles me obrigam a cada coisa... Basta, o meu consolo é que na comemoração do casamento, os meus talheres vão estar esperando por mim)*. *Sai com Vitória*.

GUILHERME: (Quanto tive que fingir e quanto trabalho, para aproveitar a oportunidade de rever Jacinta). *(Sai)*.

## CENA V

*Quarto na casa do Bernardino.*

*Bernardino, com roupa de ficar em casa à moda antiga, e Pasqual, servidor; em seguida, Fulgêncio.*

BERNARDINO: Quem é que está me procurando? Quem está perguntando de mim? *(Para Pasqual)*.

PASQUAL: É o senhor Fulgêncio que lhe deseja fazer uma visita.

BERNARDINO: Deixa-o entrar, ele é de casa.

FULGÊNCIO: Minhas saudações ao senhor Bernardino.

BERNARDINO: Bom dia, meu caro amigo. O que tem feito? Está bem? Já faz tempo que não o vejo.

FULGÊNCIO: Graças a Deus estou bem, dentro dos limites, para um homem com idade avançada que começa a sentir os males da velhice.

BERNARDINO: Faça como eu faço, não ligue. Temos sempre uma doença para enfrentar; mas quem não dá importância, sofre menos. Eu como quando estou com fome, durmo quando tenho sono, divirto-me quando estou com vontade. E não ligo, simplesmente não ligo. E por que eu deveria ligar? Ha, ha, ha, é sempre a mesma coisa! Não se deve ligar. *(Rindo)*.

FULGÊNCIO: Que o céu o proteja: você tem um ótimo humor. Felizes daqueles que sabem levar as coisas como você.

BERNARDINO: É sempre a mesma coisa. Não se deve ligar. *(Rindo)*.

FULGÊNCIO: Eu vim incomodá-lo por um assunto que não pode ser subestimado.

BERNARDINO: Caro senhor Fulgêncio, aqui estou, às suas ordens.

FULGÊNCIO: Amigo, eu tenho que lhe falar do Leonardo, seu sobrinho.

BERNARDINO: Do senhor marquesinho? O que tem feito o senhor marquesinho? Como tem se comportado o senhor marquesinho?

FULGÊNCIO: Para dizer a verdade, não tem sido muito responsável.

BERNARDINO: Não tem sido responsável? Ah, não acredito! Parece-me que é mais responsável do que nós, que fazemos sacrifício para viver com dificuldade; e ele

aproveita a vida, dilapida o patrimônio, diverte-se, está sempre alegre; e você acha que ele não tem responsabilidade?

FULGÊNCIO: Eu percebo que o senhor fala com ironia, e que no fundo, detesta-o, condenando-o desse jeito.

BERNARDINO: Ah, eu não me atrevo a julgar a conduta do ilustríssimo senhor marquesinho Leonardo. Tenho respeito demais por ele, pelo seu talento, pelas suas belas roupas enfeitadas. *(Irônico)*.

FULGÊNCIO: Querido amigo, por gentileza, vamos falar um pouco a sério.

BERNARDINO: Claro, por que não, vamos falar a sério.

FULGÊNCIO: O seu sobrinho está no chão

BERNARDINO: No chão? Por acaso caiu da carruagem? Os cavalos, por acaso, soltaram-se da carruagem?

FULGÊNCIO: O senhor ri, mas a situação não está para risadas. O seu sobrinho tem tantas dívidas, que nem sabe para onde fugir.

BERNARDINO: Bem, se não tem nenhum outro problema, não está mal. Não é ele quem vai suspirar pelas suas dívidas, mas sim, os seus credores.

FULGÊNCIO: E se não tiver mais nada, nem crédito, como ele fará para viver?

BERNARDINO: Ah, isso não é nada. Ele pode ir cada dia à casa de uma pessoa diferente que já comeu na casa dele, e assim nunca vai ficar sem comer.

FULGÊNCIO: O senhor continua com o mesmo tom, e parece que está zombando de mim.

BERNARDINO: Caro Fulgêncio, sabe muito bem quanta amizade, quanta estima eu tenho pelo senhor.

FULGÊNCIO: Se é verdade, escute-me como atenção, e responda-me de forma mais apropriada. Saiba que o seu sobrinho Leonardo tem uma boa ocasião para se casar.

BERNARDINO: Fico contente, fico satisfeito.

FULGÊNCIO: E com isso ganhará oito mil escudos de dote.

BERNARDINO: Fico contente, fico satisfeito.

FULGÊNCIO: Mas se não puder remediar as suas desgraças, não vai ficar com a moça, e não vai ficar com o dote.

BERNARDINO: Um homem como ele? Basta ele bater o pé no chão, e começa a sair dinheiro por todos os lados.

FULGÊNCIO: (Estou começando a perder a paciência. Bem que o Leonardo me disse). Eu estou dizendo que o seu sobrinho está arruinado. *(Indignado)*.

BERNARDINO: É mesmo? Se o senhor está dizendo, eu acredito. (*Fingindo seriedade*).

FULGÊNCIO: Mas poderia se remediar facilmente.

BERNARDINO: Ótimo, vai conseguir remediar.

FULGÊNCIO: Mas precisa do senhor.

BERNARDINO: Ah, não é possível.

FULGÊNCIO: Ele conta com o senhor.

BERNARDINO: Ah, o senhor marquesinho! Não pode ser.

FULGÊNCIO: Pois é assim, como eu estou dizendo, conta com a sua bondade, com o seu amor. E se ele não tivesse medo que o senhor o recebesse mal, eu poderia trazê-lo aqui pessoalmente para fazer um ato de submissão, e para lhe pedir perdão.

BERNARDINO: Perdão? E o que ele tem para me pedir perdão? O que ele me fez para pedir perdão? Ah, o senhor não está falando sério: eu não mereço essas atenções; eu não estou acostumado com essas cerimônias. Somos amigos, somos parentes. O senhor Leonardo? Ah, o senhor Leonardo que me desculpe, mas não tem que fazer cerimônia comigo.

FULGÊNCIO: Se ele vier até aqui, o senhor vai recebê-lo com gentileza?

BERNARDINO: E por que não deveria recebê-lo com gentileza?

FULGÊNCIO: Então, se o senhor permitir, vou fazê-lo entrar.

BERNARDINO: À vontade, quando quiser, à vontade.

FULGÊNCIO: Já que é assim, eu vou chamá-lo agora, e vou fazê-lo entrar.

BERNARDINO: E onde está o senhor Leonardo?

FULGÊNCIO: Está lá na sala esperando.

BERNARDINO: Esperando na sala? (*Com uma certa surpresa*).

FULGÊNCIO: Vou fazê-lo entrar, se o senhor quiser.

BERNARDINO: Sim, fique à vontade, faça-o entrar.

FULGÊNCIO: (Ouvindo-o, pode ser que mude de idéia. Quanto a mim já estou entediado com esta história). (*Sai*).

## CENA VI

*Bernardino; em seguida Fulgêncio e Leonardo; mais tarde, Pasqual.*

BERNARDINO: Ah, esse velho! Trouxe-o consigo. Ele preparou o terreno, e em seguida apresenta as armas de reserva para o golpe de mestre.

FULGÊNCIO: Aqui está o Leonardo.

LEONARDO: Ah, desculpe-me, senhor tio.

BERNARDINO: Oh, senhor sobrinho, as minhas reverências; como tem passado? Está bem? Como tem passado a sua ilustre irmã? O que tem feito a minha estimadíssima sobrinha? Divertiram-se no campo? Voltaram com boa saúde? Estão se divertindo? Ah, que bom, fico muitíssimo contente.

LEONARDO: Senhor, eu não mereço ser recebido pelo senhor com tanto afeto, como as suas cordiais palavras demonstram; tenho motivos para acreditar que com excessiva bondade o senhor queira mascarar as críticas que eu mereceria.

BERNARDINO: Hein? O que está dizendo? Que jovem brilhante! Que modos ao falar! Que belo discurso! *(Para Fulgêncio)*.

FULGÊNCIO: Vamos parar com esses inúteis comentários. O senhor sabe muito bem o que eu lhe disse. Ele tem uma extrema necessidade da sua bondade, e conta realmente com o senhor.

BERNARDINO: Que eu possa... não que eu possa... se pelo menos eu pudesse...

LEONARDO: Ah, senhor meu tio... *(Com o chapéu na mão)*.

BERNARDINO: Coloque o chapéu.

LEONARDO: Infelizmente o meu comportamento inadequado...

BERNARDINO: Coloque o seu chapéu na cabeça.

LEONARDO: Deixou-me nesta situação precária.

BERNARDINO: Por favor. *(Coloca o chapéu na cabeça de Leonardo)*.

LEONARDO: E se o senhor não me socorrer...

BERNARDINO: Que horas são? *(Para Fulgêncio)*.

LEONARDO: Então, senhor meu tio amado... *(Tira o chapéu da cabeça)*.

BERNARDINO: À sua inteira disposição. *(Tira o seu gorro)*.

LEONARDO: Não me dê as costas.

BERNARDINO: Ah, eu não faria uma coisa feia dessa nem por todo o ouro do mundo. *(Com o gorro na mão)*.

LEONARDO: A minha única fraqueza foi a vilegiatura demasiadamente ostensiva.  
*(Está com o chapéu na mão).*

BERNARDINO: Com licença. *(Recoloca o seu gorro).* Vocês eram muitos este ano?  
Puderam se divertir?

LEONARDO: Tudo loucura, senhor: eu admito, estou percebendo, e me arrependo do fundo do coração.

BERNARDINO: É verdade que você está noivo?

LEONARDO: Estes são os planos, e oito mil escudos de dote poderiam me recuperar. Mas se achar melhor, não me livre de nenhuma dívida...

BERNARDINO: É, oito mil escudos são uma boa quantia.

FULGÊNCIO: A noiva é filha do senhor Felipe Ganganelli.

BERNARDINO: Ah, eu sei quem é; um grande cavalheiro, um amante da vilegiatura, homem alegre, de bom humor. A estirpe é ótima. Fico contente por isso.

LEONARDO: Mas se eu não conseguir remediar pelo menos uma parte das minhas desgraças...

BERNARDINO: Por favor, dê minhas lembranças ao senhor Felipe.

LEONARDO: Senhor, se eu não conseguir remediar as minhas desgraças...

BERNARDINO: E diga-lhe que fico feliz pelo casamento.

LEONARDO: O senhor não está me ouvindo.

BERNARDINO: Então o senhor é o noivo, fico feliz por isso.

LEONARDO: E o senhor não vai querer me socorrer?...

BERNARDINO: E como é o nome da noiva?

LEONARDO: O senhor tem coragem de me abandonar?

BERNARDINO: Oh, que felicidade saber que o meu sobrinho está noivo.

LEONARDO: Muito obrigado pela sua afetada felicidade, e não tenha dúvidas que não virei mais incomodá-lo.

BERNARDINO: Seu humilde criado.

LEONARDO: *(Eu não lhe disse? Eu fico me roendo de raiva; não posso mais agüentar).*  
*(Para Fulgêncio, e sai).*

BERNARDINO: As minhas reverências para o meu sobrinho.

FULGÊNCIO: Seu criado. *(Para Bernardino, com indignação).*

BERNARDINO: Bom dia, meu caro senhor Fulgêncio.

FULGÊNCIO: Se eu soubesse que seria assim, não teria vindo incomodá-lo.

BERNARDINO: A casa é sua, de dia, à noite, a qualquer hora.

FULGÊNCIO: O senhor é pior que um cachorro.

BERNARDINO: Muito bem; viva o senhor Fulgêncio.

FULGÊNCIO: (Eu poderia esganá-lo com as minhas próprias mãos). *(Sai)*.

BERNARDINO: Pasqual?

PASQUALE: Senhor.

BERNARDINO: À mesa. *(Sai)*.

## CENA VII

*Quarto na casa do Felipe.*

*Jacinta e Brígida; em seguida, o servidor.*

BRÍGIDA: Não, senhora, nem precisa dizer: vou dizer, vou fazer, tem que ser assim, quero fazer assim. Em certos encontros não somos donas de nós mesmas.

JACINTA: Você vai ver; no próximo encontro não vai mais acontecer o que aconteceu.

BRÍGIDA: Vou rezar para que seja assim, mas eu duvido.

JACINTA: E eu tenho certeza absoluta.

BRÍGIDA: E de onde a senhora tira tanta segurança.

JACINTA: Ouça, tenho que dizer que os céus querem me ajudar. Na agitação em que eu estava, peguei um livro para me distrair. Peguei um qualquer, mas não poderia ter-me caído nas mãos um livro mais adequado; chama-se: *Remédios para as doenças do espírito*. Entre outras coisas, aprendi isso: *Quando uma pessoa encontra-se tomada por um pensamento perturbador, tem que introduzir na sua mente um pensamento contrário*. Diz que o nosso cérebro é cheio de infinitas células, onde são elaboradas e mantidas estas células do prazer, e que a razão ensina à vontade a fechar esta e abrir aquela. Por exemplo, se no meu cérebro abre-se a celulinha que me faz pensar no Guilherme, tenho que recorrer à razão, e a razão tem que guiar a vontade e abrir umas caixinhas onde estão os pensamentos do dever, da honestidade, da boa fama; ou então se estas não se encontram facilmente, já basta concentrar-se naquelas das coisas mais indiferentes, como seria o caso de vestidos, trabalhos manuais, jogos de cartas, loterias, conversações, refeições, passeios e de coisas semelhantes; e se a razão é resistente, e se a vontade não está pronta, acionar a máquina, movimentar-se com violência, morder os lábios, rir com vontade, até que a fantasia se ilumine, a célula do pensamento readquirido, e se abra a da razão conveniente e as boas intenções nos são apresentadas.

BRÍGIDA: É uma pena que eu não sei ler; gostaria que a senhora me permitisse que eu também lesse um pouco desse livro.

JACINTA: Você também tem pensamentos perturbadores?

BRÍGIDA: Um, senhora, que não me deixa em paz, nem mesmo enquanto eu estou dormindo.

JACINTA: Diga-me qual é, que pode ser que eu lhe ensine qual célula você deve abrir para mandá-lo embora.

BRÍGIDA: Acontece, minha senhora, que eu estou muito apaixonada pelo Paulinho, pois ele me deu esperanças de se casar comigo; e agora está em Montenero a serviço para o seu patrão, e não se sabe quando poderá voltar.

JACINTA: Ah, Brígida, esse seu pensamento não é assim ruim e nem pode ser nocivo, ao ponto que você tenha que se preocupar em afastá-lo. O romance não é ruim nem para você nem para ele. Não vejo obstáculos para o seu casamento; basta somente que, sem fechar a célula do amor, você abra a da esperança.

BRÍGIDA: Para dizer a verdade, creio que as duas estão bem abertas.

SERVIDOR: Senhora, estão aqui para visitá-la a senhorita Vitória, o senhor Ferdinando e o senhor Guilherme.

JACINTA: (Ai de mim!). Sim, sim, faça-os entrar. Que fiquem à vontade.

SERVIDOR (*Sai*).

BRÍGIDA: Aqui está a prova, senhora patroa.

JACINTA: Sim, eu fico contente de ter essa ocasião.

BRÍGIDA: Lembre-se da lição.

JACINTA: Eu já coloquei em prática imediatamente. Assim que percebi que tinha um pensamento perturbador, já o tirei da mente pensando no senhor Ferdinando, que é uma pessoa divertida, que vai me fazer rir infinitamente.

BRÍGIDA: Ria, acione a máquina e divirta-se.

## CENA VIII

*Entram Vitória, Guilherme e Ferdinando.*

VITÓRIA: Olá, minha cara Jacinta.

JACINTA: Bem-vinda, bem-vinda. Fiquem à vontade. Rápido, cadeiras. (*Com muita alegria*).

FERDINANDO: A senhorita Jacinta está bem?

JACINTA: Sim, muito bem. Nunca estive melhor.

GUILHERME: Fico contente que esteja bem.

JACINTA: Obrigada, obrigada. Rápido, as cadeiras. Dê-me uma aqui, uma cadeira aqui.  
*(Pega uma cadeira com força).*

BRÍGIDA: *(Ela precisa acionar a máquina).*

JACINTA: Vamos, sentem-se, por favor. Quais são as novidades de Livorno? *(Com alegria).*

VITÓRIA: Que eu saiba, não aconteceu nada de especial.

JACINTA: O senhor Ferdinando aqui presente, que sabe de tudo, que está em todos os lugares, vai nos contar as novidades da cidade.

FERDINANDO: Mas, se eu voltei hoje de manhã com a senhorita; o que quer que eu saiba para lhes contar? Talvez o Guilherme saiba de alguma coisa.

GUILHERME: Tem uma novidade, mas não posso contá-la aqui.

JACINTA: Vamos, conte alguma coisa alegre. *(Para Ferdinando, batendo com força em seu braço).*

FERDINANDO: Mas eu não sei o que dizer.

VITÓRIA: Já que não podemos saber tudo, vamos ouvir pelo menos uma parte do que o senhor Guilherme queria contar.

JACINTA: Vamos, vamos, conte-nos você alguma coisa. *(Para Ferdinando, batendo-lhe como já mencionado acima).*

BRÍGIDA: *(Agora aciona a máquina do senhor Ferdinando).*

FERDINANDO: Senhorita, por acaso quer quebrar o meu braço?

JACINTA: Coitadinho! Pobre delicadinho! Eu o machuquei?

GUILHERME: Um pouco de piedade, senhorita, um pouco de piedade.

JACINTA: *(Maldito!).* Mas olhem como o Ferdinando é engraçado, fazendo-me rir, morrer de rir, e quando eu rio com vontade, fico sem ar.

VITÓRIA: E por que está tão alegre hoje, Jacinta?

JACINTA: Sei lá. Eu estou sentindo uma leveza, uma alegria genuína, que nunca senti antes.

FERDINANDO: Deve ter um motivo.

GUILHERME: Provavelmente deve ser o seu casamento, que está cada vez mais próximo.

JACINTA: (Tomara que fique com a língua seca!). O seu vestido é muito bonito, Vitoriazinha.

VITÓRIA: É um vestidinho de nada.

FERDINANDO: Ela também começa a parecer uma noiva.

JACINTA: É novo?

VITÓRIA: Para dizer a verdade, é do ano passado.

JACINTA: Mesmo assim está na moda.

VITÓRIA: É, eu mandei dar uma reformadinha.

JACINTA: Foi o monsieur de la Réjouissance quem fez?

VITÓRIA: Sim, o mesmo que fez o meu *mariage*.

FERDINANDO: A propósito de *mariage*, minhas senhoras, quando serão os casamentos?

JACINTA: (*Dá um empurrão em Ferdinando*). Péssimo hábito que você tem de querer sempre interromper quando outras pessoas estão conversando.

FERDINANDO: Você tirou esta manhã para me perseguir.

JACINTA: É, eu vou persegui-lo. Quero vingar aquela pobre velha da minha tia, que o senhor maltratou tanto.

FERDINANDO: E que mal eu fiz para a senhora Sabrina?

JACINTA: O que lhe fez? Tudo de pior que poderia fazer. (*Durante essa conversa, Jacinta olha sempre para Guilherme*). Você percebeu a fraqueza dela. Você a conquistou, e fez com que ela ficasse perdidamente apaixonada. E um homem de honra não deveria fazer essas coisas; um cavalheiro não deveria deixar apaixonada uma pessoa velha, ou jovem que seja, quando o amor não pode ter um desfecho honesto; e quando sabe que pode ser prejudicial aos interesses, ou à boa fama de uma mulher, seja viúva ou solteira, deve desistir, retirar-se, e não deve continuar a pressioná-la, a perturbá-la com visitas, com ações importunas, com simulações. São coisas bárbaras, perigosas, desumanas.

FERDINANDO: (*Vira-se para olhar Guilherme*).

JACINTA: Estou falando com você, com você. Não adianta virar o rosto. A minha intenção é falar com você. (*Para Ferdinando*).

FERDINANDO: (A brincadeira está ficando séria, está se tornando uma impertinência).

VITÓRIA: (A Jacinta alterou-se muito. Por um lado ela tem razão, mas criticou-o um pouco demais).

GUILHERME: (Coitado do Ferdinando! Ele não percebe a quem se destinam as palavras de Jacinta. Acabou entrando nessa história por culpa minha).

FERDINANDO: (Não quero me expor a mais tortura). Com licença, senhoras. *(Levanta-se)*.

JACINTA: Aonde vai?

FERDINANDO: Deixá-los em paz, sem minha presença.

JACINTA: Ei, vamos, não exagere, fique aqui. *(Alegre)*.

VITÓRIA: Coitado do cavalheiro, você o criticou demais.

JACINTA: Deixe disso, sente-se aqui. Eu estava brincando. *(Obriga-o a sentar-se)*. Coitado do senhor Ferdinando, levou a sério?

FERDINANDO: Senhorita, quando a brincadeira começa a ferir...

JACINTA: Ah, olha quem está lá, meu pai. Agora a nossa conversa será mais adequada. Mesmo sendo velho, e o céu que o proteja, pode alegrar todo o mundo. É mil vezes mais alegre do que eu. *(Com alegria)*.

VITÓRIA: (Hoje a Jacinta está que é só alegria). *(Em voz baixa para Guilherme)*.

GUILHERME: (É verdade). *(Em voz baixa para Vitória)*. (Pois eu acho que ela está morrendo de raiva. Mas se eu estou sofrendo, ela também está, ao menos um pouco). *(Consigo mesmo)*.

## CENA IX

*Entra Felipe; em seguida, o servidor.*

FELIPE: Seu criado, senhores.

VITÓRIA: Olá, senhor Felipe.

FELIPE: Vieram almoçar conosco?

VITÓRIA: Ah, não senhor, quanto a mim, vim porque estava devendo uma visita.

JACINTA: (Podia muito bem ter vindo sem ele).

FELIPE: Se quiserem almoçar conosco, será um prazer. Ficarei muito feliz. Vamos fazer de conta que estamos na vilegiatura.

VITÓRIA: Da minha parte agradeço. Estou esperando visitas hoje, e é necessário que eu esteja em casa.

FELIPE: E como está o Leonardo? *(Para Vitória)*.

VITÓRIA: Está bem. Ainda não encontrou com ele?

FELIPE: Até agora, ainda não tivemos a honra, e estou com vontade de revê-lo. O seu tio ainda está vivo ou morreu?

VITÓRIA: Está vivo, está vivo: regrediu, ainda não está com vontade de morrer.

FELIPE: Mas olhem só. E os médicos já o tinham considerado fora de jogo. Fico feliz com isso, pobre homem! Diga ao Leonardo que faça a gentileza de vir nos fazer uma visita, que temos que conversar. Precisamos acertar os detalhes do seu casamento com a minha filha.

JACINTA: (Outra vez! Parece que não se pode falar nada, sem falar de casamento).

VITÓRIA: Vou lhe dar o recado, e acho que ele ficará entusiasmado.

GUILHERME: O Leonardo se faz sempre rogar. Não faz jus ao merecimento da senhorita Jacinta.

JACINTA: (Mas o que as suas indignas palavras têm, que chegam a me fazer suar?).  
(*Pega o lenço e se enxuga*).

SERVIDOR: Senhores, a senhora Constância manda as suas saudações, e quer comunicar-lhes que acabou de voltar de Livorno com a sua sobrinha. (*Sai*).

JACINTA: Ah, que bom, tenho um enorme prazer em sabê-lo. O doutorzinho também deve ter vindo. Vamos ouvir as novidades desse grande casamento. Eu faço questão de saber cada detalhe sobre o querido Tônico. (*Com alegria forçada*).

FERDINANDO: Grandes casamentos! Grandes festas! Aqui estão as noivas; a senhorita Rosina, a senhorita Vitória e a senhorita Jacinta.

JACINTA: (Ai, que raiva, tomara que ele tenha um troço!). Ah, eu quero ir imediatamente até eles. Eu estou morrendo de curiosidade de saber cada detalhe. Vocês também vão, Vitória? (*Levantando-se*).

VITÓRIA: Eu vou. Mas não agora.

FELIPE: Está na hora do almoço. Que necessidade têm de ir agora?

JACINTA: É verdade, vou depois do almoço. Tenho que me vestir, tenho que arrumar o cabelo. Tenho que me arrumar...

VITÓRIA: Jacinta, vamos embora para deixá-la à vontade. (*Levanta-se*).

JACINTA: Até logo, Vitoriazinha.

VITÓRIA: Aceite a minha humilde despedida, senhor Felipe.

FELIPE: É uma honra revê-la. Lembre-se de dizer ao Leonardo...

JACINTA: O senhor tem essa mania de falar mil vezes a mesma coisa. Acha que todos têm tão pouca memória quanto o senhor? (*Para Felipe, com irritação*).

FELIPE: Está bem, está bem. Não precisa me criticar tanto. (*Para Jacinta*).

VITÓRIA: Até mais. *(Indo embora)*.

JACINTA: Adeus.

GUILHERME: Seu escravo. *(Despede-se de Felipe e Jacinta)*.

FELIPE: Adeus, senhor Guilherme.

GUILHERME: Despeço-me da senhorita Jacinta *(Indo embora)*.

JACINTA: Até logo, senhor Guilherme. *(Para Guilherme)*. Vamos nos divertir com o senhor doutorzinho. *(Para Ferdinando)*.

FERDINANDO: Muito. Até logo. *(Saindo)*.

FELIPE: Às suas ordens. *(Para Ferdinando)*.

JACINTA: Às suas ordens. *(Para Ferdinando; os três saem)*.

FELIPE: Se quiser se arrumar, vá logo, que eu estou com fome e quero ir almoçar. *(Sai)*.

## CENA X

*Jacinta; em seguida, Brígida.*

JACINTA: Eu estou fora de mim. Nem sei mais onde estou.

BRÍGIDA: Senhora patroa, como vai a máquina?

JACINTA: Fica quieta, por favor. Não venhas com as tuas piadinhas provocar o meu sofrimento.

BRÍGIDA: Senhora, eu tenho algo para lhe dizer, mas não quero que aumente o seu sofrimento.

JACINTA: E o que queres me contar?

BRÍGIDA: Se não ficar calma, eu não vou contar.

JACINTA: Tenha piedade de mim, que eu estou digna de pena. Conte-me, que eu vou lhe ouvir sem desprezo.

BRÍGIDA: Quando a senhorita Vitória estava descendo as escadas, acompanhada pelo senhor Ferdinando...

JACINTA: Não era o senhor Guilherme? Era o senhor Ferdinando quem a acompanhava?

BRÍGIDA: Sim, senhora, o senhor Ferdinando estava de braço dado com ela.

JACINTA: *(Eu sempre falei que o Guilherme não a suportava)*.

BRÍGIDA: Então, quando eles estavam descendo, o senhor Guilherme ficou um pouco para trás. Chamou-me falando baixinho...

JACINTA: E o que aquele inconseqüente queria te dizer?

BRÍGIDA: Se ficar brava, não vou contar mais nada.

JACINTA: Não, não estou brava. Estou te ouvindo calmamente. O que ele disse?

BRÍGIDA: Estava com uma carta na mão...

JACINTA: Para quem?

BRÍGIDA: Para a senhora.

JACINTA: Uma carta para mim? E foste louca de pegar?

BRÍGIDA: Não, não senhora, não peguei. (Se eu falar que peguei, vai me matar).

JACINTA: (Uma carta para mim? O que ele teria coragem de me escrever?).

BRÍGIDA: (Eu não queira pegá-la; ele que me forçou).

JACINTA: (Por outro lado seria muitíssimo interessante saber o que ele tem pensado).

BRÍGIDA: (Vou tentar jogá-la no fogo).

JACINTA: Ele não lhe disse nada quando queria te dar a carta?

BRÍGIDA: Nadinha, senhora.

JACINTA: Como ele te mostrou que queria te dar uma carta?

BRÍGIDA: Ele me chamou. Eu vi que ele estava com a carta na mão.

JACINTA: E como soubeste que aquela carta era para mim?

BRÍGIDA: Ele me disse.

JACINTA: Então ele falou contigo.

BRÍGIDA: Não demora muito para falar essas duas palavras.

JACINTA: E por que recusaste a pegar a carta?

BRÍGIDA: Porque ele é um impertinente que não quer parar de importuná-la.

JACINTA: Que desgraça a minha, que tu decidas fazer sempre a coisa pior. Estou com uma curiosidade imensa. Eu pagaria tudo o que tenho para ver aquela carta que tu te recusaste a pegar.

BRÍGIDA: Mas senhora, eu...

JACINTA: Queres sempre dar uma de independente, política, doutora.

BRÍGIDA: Ah, eu lhe conheço, a senhora está falando assim para saber se eu peguei ou não peguei.

JACINTA: Brígida, pegaste a carta? (*Com candor*).

BRÍGIDA: E se eu tivesse pegado, a senhora iria me bater?

JACINTA: Não, querida, eu iria te agradecer, bendizer e iria te dar um presente que te deixaria muito contente.

BRÍGIDA: (Eu não sei se posso confiar).

JACINTA: Brígida, pegaste a carta? *(Com candor)*.

BRÍGIDA: Para dizer a verdade, com medo que ele desse a carta para outra pessoa, achei melhor pegá-la.

JACINTA: Ah, dá essa carta. Não me mates de curiosidade.

BRÍGIDA: Aqui está. Eu fiz mal em pegá-la?

JACINTA: Não, bendita Brígida. Deixa-me vê-la.

BRÍGIDA: Tome.

JACINTA: Ai, céus! O meu coração está tremendo, a minha mão está tremendo. Ai, essa carta poderia ser a minha ruína.

BRÍGIDA: Faça o que eu digo, senhora. Queime e não leia essa carta.

JACINTA: Vai embora, deixa-me sozinha.

BRÍGIDA: Ah, não, sinto muito, mas não vou lhe deixar sozinha.

JACINTA: Vai embora, já disse, não me inquietes. *(Indignada)*.

BRÍGIDA: Sim, senhora, como quiser. *(Já entendi tudo. O meu presente vai se transformar em injúrias, em broncas; já sabia)*. *(Sai)*.

## CENA XI

JACINTA *(sozinha)*: Ele não está satisfeito em me atormentar com visitas, ainda quer me ofender com cartas. Mas diga o quiser, é sempre a mesma coisa. Já está tudo decidido. Vou lhe responder em um modo que vai fazê-lo ficar com vergonha, desistir e desesperar-se. Se ele se esqueceu do que eu tive a coragem de dizer-lhe no bosquinho de Montenero, poderei, escrevendo, refrescar-lhe a memória. Vejamos o que ele tem coragem de me escrever. *(Abre a carta e senta-se)*. *Madaminha. Eu vim esta manhã para cumprimentá-la. Não me foi permitido. A sua empregada tratou-me muito mal...* Brígida, às vezes, é uma moça audaciosa, petulante. Por que tratar mal as pessoas? Se eu não queria receber o senhor Guilherme, não era por isso que ela podia tomar a liberdade de responder-lhe com impertinência.

*Chegou o seu futuro marido, aquele que terá a felicidade de possuir a sua mão e o seu coração...* Ai, não sei, o coração, eu não sei não. *E ele também de forma não menos brusca e insultante, obrigou-me a me afastar...* Como? Na minha casa? Começa a agir como dono? Já quer mandar antes do tempo? Ah, isso não, eu não vou permitir. Mas pobre Leonardo, ele não tem os seus motivos para suspeitar? Amando-me como ele me ama, os seus excessos não são compreensíveis? Uma vez que será o meu marido, ele

não acaba vendo com antipatia quem lhe faz sombra, quem o deixa inquieto, quem o incomoda? Sim, Leonardo tem razão. Guilherme está errado. *Não sei quando vou ter a sorte de revê-la.* Quisesse o céu que eu não a visse nunca mais! *É por isso que tomei a liberdade de escrever esta humilde carta por dois motivos. O primeiro é para deixar claro que não faltei às minhas obrigações...* Não se pode dizer que ele não seja educado e cortês. *E assegurar-lhe que, por minha causa, a senhorita não sofrerá mais, pois prometo-lhe pela minha honra que, mesmo que eu tenha que morrer, evitarei qualquer encontro que possa incomodá-la.* Essa resignação virtuosa tem um certo mérito que não é indiferente. Ah, se eu tivesse conhecido antes o valor do seu bom coração... Mas não tem mais remédio. É o que quer o minha imagem, o meu compromisso, o meu inimigo destino.

*A segunda razão que me leva a importuná-la com esta carta, esteja certa que não vem de uma alma má, mas de um coração sincero e leal. Dizem publicamente, e todos sabem ao certo, que o senhor Lenarrdo encontra-se em grande dificuldade e ruína financeira, que ele não poderá, de forma alguma, sustentar os gastos de um casamento, nem mesmo o seu pai vai querer vê-la arruinada.* Oh, céus! Que golpe é esse? Que perturbação nos negócios? Que notícia inesperada!

*Continue a amar aquele que será o seu marido. Mas se não for assim, se mesmo não tendo culpa, a senhorita não se encontrar mais compromissada, permita que lhe diga que ainda estou livre, que ainda não assinei o contrato, e que não vou assinar, enquanto não lhe vir casada. Não ouse dizer mais nada. Tenha piedade de mim, e serei sempre, com o maior respeito, e com a mais sincera resignação, seu humilde escarvo...*

Ah, não era preciso mais nada para me deixar na maior inquietude do mundo. Posso acreditar nesta folha? Mas ele não ousaria inventar uma falsidade que se pode verificar facilmente; e se Leonardo está em ruínas, tenho, por isso, liberdade de deixá-lo? Isso vai depender do meu pai. E se meu pai fosse fraco ao ponto de sacrificar-me, eu seria obrigada a consentir à minha ruína? Não, não seria obrigada. Toda razão me desligaria de tal compromisso. E se eu estivesse desligada do vínculo de tal matrimônio, teria a liberdade de dar a minha mão ao Guilherme? O que diz o coração? E a razão, o que diz? Ah! A razão e o coração falam-me com duas linguagens distintas. Isso estimula-me a ficar lisonjeada, aquela minha alma aos mais diferentes gostos, aos mais virtuosos reflexos. O que me conteve-me até agora a não cancelar um compromisso que não é indissolúvel, e preferir a um marido, assim pouco amado, um sujeito amado aos meus olhos? Nada mais que o meu decoro, o medo justificado de ser criticada; nenhuma triste

aventura do infeliz Leonardo esconderia a minha fraqueza. O fato de eu mesma ter providenciado o matrimônio entre a Vitória e o Guilherme, impede-me absolutamente que eu mesma seja a origem de sua ruptura. Guilherme com essa carta está tentando a minha virtude. É preciso resistir a qualquer custo. É preciso deixar Leonardo, se ele não me merece; mas não se pode privar a sua irmã do seu noivo. É preciso pensar, é preciso morrer. Mas é preciso vencer, e triunfar. *(Sai)*.

## TERCEIRO ATO

### CENA I

*Quarto na casa do Felipe.  
Fulgêncio, Leonardo e um servidor.*

FULGÊNCIO: Quanto tempo faz que o senhor Felipe foi almoçar? *(Para o servidor)*.

SERVIDOR: Já faz um tempinho, senhor. Já coloquei as frutas na mesa e não vai demorar para eles terminarem. Se o senhor quiser que eu avise...

FULGÊNCIO: Não, não. Deixa-o terminar de comer. Eu sei que a mesa é a sua paixão, e ele não gosta nada de ser incomodado. Não lhe digas nada por enquanto, mas quando já tiver se levantado, diga-lhe, então, que estou aqui.

SERVIDOR: Às suas ordens. *(Sai)*.

LEONARDO: Queria Deus que o senhor Felipe não saiba dos meus problemas, das minhas desgraças.

FULGÊNCIO: Faz poucas horas que ele chegou à cidade. Não saiu de casa, provavelmente não deve saber de nada.

LEONARDO: Eu estou tão perdido e cheio de vergonha, que não ousou apresentar-me a ninguém. Aquele sórdido do meu tio terminou de humilhar-me, de mortificar-me.

FULGÊNCIO: Que o avarento morra de câncer.

LEONARDO: Eu não tinha lhe dito, senhor Fulgêncio? Eu não lhe preveni do que se podia esperar daquele coração desumano?

FULGÊNCIO: Eu nunca pensei que pudesse ser verdade. Não poderia ter dito: Não tenho dinheiro, não posso dá-lo, não quero saber de nada. Eu não gostei da maneira insolente e imprópria com a qual nos tratou; aquela zombaria contínua, aquela cara-de-pau.

LEONARDO: Eu fui ao encontro desse desgosto pelo senhor, e eu o suportei pela amizade que lhe tenho.

FULGÊNCIO: Eu nem sei o que dizer. Eu sinto muitíssimo; mas por outro lado, tínhamos que fazer essa tentativa, e eu fico contente que a fizemos. Se não deu certo, paciência. Eu não vou

abandoná-lo. Eu sempre me interessei pelos seus problemas. Eu prometi que iria ajudar, e vou. Fique tranqüilo, sereno, que vou lhe ajudar.

LEONARDO: Ah, sim. O céu não abandona ninguém. Para mim, o seu terno coração e a sua generosa bondade são como uma providência divina.

FULGÊNCIO: Vamos fazer agora esta segunda tentativa com o senhor Felipe. Eu espero que tenhamos sucesso desta vez. Mas, caso contrário, não se desanime, não vou deixá-lo certamente morrer.

LEONARDO: O seu projeto não poderia ser melhor concebido, e o temperamento gentil do senhor Felipe nos leva a esperar um êxito positivo. Prevejo, ao contrário, que será difícil persuadir Jacinta a deixar Livorno, e vir comigo para longe da sua cidade.

FULGÊNCIO: Uma vez que não haverá maiores objeções para realizar o casamento, ela, por amor, ou por obrigação, será obrigada a vir com você.

LEONARDO: É verdade, mas eu gostaria que ela viesse com amor; e tenho muito receio da sua resistência.

FULGÊNCIO: A senhorita Jacinta é realmente um pouco caprichosa e obstinadinha. Eu percebi quando ela quis porque quis consigo aquele ganimedes. Diga-me, como é que foi afinal a temporada no campo?

LEONARDO: Nem sei o que dizer. As minhas inquietações, os meus aborrecimentos não foram poucos. No final, o Guilherme prometeu casar com a minha irmã.

FULGÊNCIO: Ah, sim, eu fiquei sabendo, um outro fruto da vilegiatura. Se der certo, será um milagre. (Ah, liberdade, liberdade! Ah, como as moças se casam hoje!).

LEONARDO: Olhe lá o senhor Felipe.

FULGÊNCIO: Retire-se, se quiser. Deixe que eu introduza o assunto.

LEONARDO: Vou ficar esperando o seu êxito com extrema impaciência. *(Sai)*.

## CENA II

*Fulgêncio; em seguida, Felipe.*

FULGÊNCIO: Ah, justo eu que sou o maior inimigo de quem mete o nariz onde não é chamado, encontro-me dentro desta história sem querer. Mas eu entrei para fazer o bem, e vou ver se consigo realmente fazer o bem.

FELIPE: Ah, olhe aqui o meu querido Fulgêncio.

FULGÊNCIO: Bem-vindo de volta a Livorno, Felipe.

FELIPE: Bem-vindo à minha casa, caro amigo.

FULGÊNCIO: O senhor pôde se divertir no campo?

FELIPE: Muito; estivemos em ótima companhia. Comemos bem: ótima vitela, galinhas maravilhosas, diversas aves, perdizes. Eu organizei banquetes realmente muito solenes.

FULGÊNCIO: Fico contente que o senhor pôde se divertir. Agora que voltou...

FELIPE: Aquele louco do Ferdinando nos fez morrer de rir.

FULGÊNCIO: Ah sim, no campo sempre tem que ter alguém que providencie o divertimento.

FELIPE: Ele estava com a idéia fixa de deixar desesperada aquela pobre tola da minha irmã. Ouça se ele não é um maldito...

FULGÊNCIO: Você vai me contar tudo com calma; permita que agora eu lhe diga...

FELIPE: Não, não, ouça, se quiser rir...

FULGÊNCIO: Agora eu não estou com muita vontade de rir. Eu preciso lhe falar.

FELIPE: Aqui estou, diga-me o que quiser.

FULGÊNCIO: Felipe, agora que você voltou para a cidade...

FELIPE: Você conhece o médico de Montenero?

FULGÊNCIO: Conheço.

FELIPE: E o filho dele, conhece?

FULGÊNCIO: Não, não conheço.

FELIPE: Ah, que figura! Que cabeça desmiolada! Que tipo engraçado! Coisas que deixam a boca até doendo de tanto rir.

FULGÊNCIO: Não vai faltar o tempo para me contar. Vai ser um prazer ouvir essa história...

FELIPE: E eu é que tive que jogar *bazzica* com aquele bobo.

FULGÊNCIO: Amigo, se não quiser me escutar, diga-me claramente. Vou embora.

FELIPE: Oh, imagine! Se eu quero escutá-lo? Puxa vida! O meu querido amigo Fulgêncio eu escutaria até mesmo se viesse à meia-noite.

FULGÊNCIO: Muito bem. Agora que você voltou a Livorno, quer concluir o casamento da sua filha?

FELIPE: Já pensei sobre isso e vou pensar mais.

FULGÊNCIO: Você já esteve com o Leonardo?

FELIPE: Não, ainda não. Sei que já esteve aqui, mas ainda não o encontrei. Sabe, eu sou sempre o último, e também vou ser o último desta vez.

FULGÊNCIO: (Pelo jeito, parece que ele não está sabendo dos problemas do Leonardo).

FELIPE: Em Montenero eu era sempre o último em tudo. Até mesmo nos cafés os garçons serviam todo mundo, e eu por último.

FULGÊNCIO: Bem, neste assunto, o senhor vai ser o primeiro.

FELIPE: Ah, já sei porque eu vou ser o primeiro. Porque tenho que dispor dos oito mil escudos para o dote.

FULGÊNCIO: Diga-me, em segredo, cá entre nós; esses oito mil escudos já estão preparados?

FELIPE: Para falar com sinceridade, no momento eu não poderia dispor nem de oito mil soldos.

FULGÊNCIO: E como você está pensando em fazer?

FELIPE: Não tenho idéia. Eu tenho uns fundos, tenho um certo capital; você acha que eu não vou poder arranjar esse dinheiro?

FULGÊNCIO: Sim, com juros, daria para arranjar.

FELIPE: Então, eu vou ter que arranjar o dinheiro com juros.

FULGÊNCIO: E vai ter que pagar quatro por cento.

FELIPE: É, vou ter que pagar quatro por cento de juros.

FULGÊNCIO: Você percebe que quatro por cento sobre um capital de oito mil escudos, no final de um ano correspondem a trezentos e vinte escudos a menos?

FELIPE: Puxa vida! Trezentos e vinte escudos a menos?

FULGÊNCIO: Mas mesmo assim esse matrimônio tem que ser feito. O contrato já foi feito. Você prometeu o dote.

FELIPE: Mas eu sou um homem que faz e promete porque me fazem fazer e prometer. Quando você veio aqui para falar comigo, por que não me fez, naquela ocasião, essas contas que está fazendo agora? Desculpe-me, mas eu acho que tenho motivos para me queixar de você. Se fosse o bom amigo que diz ser...

FULGÊNCIO: Mas eu sou um bom amigo. E um conselho meu vai deixar tudo em ordem, e vai fazê-lo resolver tudo com honra. Eu quero que case a sua filha sem precisar de um paulo, sem depender de ninguém. E com a certeza que ela estará bem, e que o seu dote não seja prejudicado.

FELIPE: Se me mostrar essa solução, eu vou estimá-lo como o primeiro homem, como a primeira mente deste mundo.

FULGÊNCIO: Diga-me uma coisa: o senhor não tem uns investimentos em Gênova?

FELIPE: Sim, eu tenho alguma coisa que um tio meu deixou. Mas eu não sei dizer exatamente o quê. Quem toma conta é o antigo administrador dele. Em seis anos mandou-me somente duas cestas de macarrão.

FULGÊNCIO: Eu estive em Gênova quando o seu tio ainda estava vivo e depois da morte dele, e sei o que existe e o que não existe. O administrador está ficando com tudo, e uma vez

que pela sua falta de zelo não está lucrando nada com isso, faça assim: conceda como dote à sua filha os bens que você tem em Gênova. Eu farei de modo que o Leonardo os aceite, e que fique satisfeito com essa situação. Ele vai viver em Gênova com a sua consorte, manuseando *uxorio nomine* aqueles bens, não vai poder consumá-los nem liquidá-los, porque estarão hipotecados ao dote; e para falar com toda franqueza, não está rendendo nada para você, e para ele, neste caso, com um pouco de administração, podem render o dobro do que lhe renderiam aqueles oito mil escudos em Livorno. E então, que tal?

FELIPE: Bem, muito bem, eu os concedo a Felipe com prazer. Que eles vivam em Gênova; e aproveitem desse investimento em paz, renda o que render, não me importa. Faça tudo como você achar melhor, coloco-me em suas mãos.

FULGÊNCIO: Não é preciso mais nada. Deixe que eu resolva tudo.

FELIPE: Hum, diga-me uma coisa; não seria possível obrigar o Leonardo a mandar-me algumas cestas de macarrão?

FULGÊNCIO: Sim, ele lhe mandará quanta massa o senhor quiser, frutas cristalizadas de Gênova e romãs de Portugal.

FELIPE: Ah, eu adoro romãs. Ah, eu adoro frutas cristalizadas. Está combinado.

FULGÊNCIO: Tudo combinado.

FELIPE: Combinadíssimo.

FULGÊNCIO: E a sua filha, será que ela vai ficar satisfeita?

FELIPE: É aí que mora o perigo.

FULGÊNCIO: Mas você não acha que ela deveria fazer o que o senhor diz?

FELIPE: Não estou acostumado assim.

FULGÊNCIO: Desta vez vai ter que fazer.

FELIPE: Então eu farei.

FULGÊNCIO: É a única possibilidade.

FELIPE: Vou fazer, prometo, vou fazer.

FULGÊNCIO: Quando você vai falar com ela?

FELIPE: Agora, nesse momento. Vou imediatamente: espere-me com a resposta. (*Faz menção de partir*). Não seria melhor se eu fizesse ela vir aqui, e que você falasse com ela?

FULGÊNCIO: Por que o senhor não quer falar?

FELIPE: Depois de você, eu também falo.

FULGÊNCIO: Vá, ande, e faça com que ela venha aqui, se preferir.

FELIPE: Já, imediatamente. (Quanto serei feliz se der tudo certo! Se eu ficar sozinho, se eu não diminuir os meus rendimentos, quero viver como um nobre). (*Sai*).

### CENA III

*Fulgêncio; em seguida, Leonardo.*

FULGÊNCIO: Até agora está indo tudo bem. Basta que aquela cabeça-dura da sua filha não estrague tudo.

LEONARDO: Senhor Fulgêncio, acho que as coisas se resolveram.

FULGÊNCIO: Você ouviu?

LEONARDO: Ouvi tudo. Eu peço aos céus que a Jacinta aceite esta nova situação.

FULGÊNCIO: Vamos saber daqui a pouco. Afinal, se o pai não for um idiota, a filha vai ter que se resignar.

LEONARDO: Eu estava pensando em outra coisa, senhor Fulgêncio. Como eu vou fazer com as dívidas de Livorno? Eu vou deixar a cidade às escondidas? Vou ter que passar por esse vexame?

FULGÊNCIO: Já pensei nisso também. Assim que o novo contrato for estabelecido com o senhor Felipe, você vai fazer uma procuração para mim. Vai colocar os seus bens em minhas mãos, e eu vou ser seu avalista: pagarei os credores, e com o tempo vou lhe devolver os seus bens livres, líquidos, e bem administrados.

LEONARDO: Oh, céus! Eu não sei como lhe agradecer.

FULGÊNCIO: Agradeça ao seu tio Bernardino.

LEONARDO: E por que eu deveria agradecer àquele sórdido?

FULGÊNCIO: Porque eu sempre quis ajudar você; mas foi por culpa dele que eu me empenhei ao ponto que eu sacrificaria até o meu patrimônio se fosse preciso.

### CENA IV

*Entra Felipe.*

FELIPE: Já sabe da novidade?... Ah, seja bem-vindo, Leonardo.

LEONARDO: Minhas saudações, Felipe.

FULGÊNCIO: O que tem de novo? *(Para Felipe)*.

FELIPE: A minha filha saiu, e me disseram que tinha ido fazer uma visita à senhora Constância.

LEONARDO: Ah, que pena!

FELIPE: O senhor Fulgêncio não lhe contou nada? *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Sim, senhor. Ele me disse alguma coisa.

FELIPE: E então, está satisfeito? *(Para Leonardo)*.

LEONARDO: Satisfeitíssimo.

FELIPE: Graças aos céus, todos ficaremos satisfeitos.

LEONARDO: Mas e a Jacinta?

FELIPE: Vamos à casa da senhora Constância para encontrá-la.

FULGÊNCIO: Podemos esperar que ela volte.

LEONARDO: A minha irmã também tinha que ir. Pode ser que elas estejam lá juntas.

FELIPE: Não seria má idéia se nós também fôssemos.

LEONARDO: É verdade. Nós estamos devendo uma visita à senhora Constância.

FELIPE: E aproveitamos para falar com a Jacinta.

FULGÊNCIO: Mas na casa dos outros não dá para falar com liberdade.

FELIPE: Se não pudermos falar, eu faço ela vir embora.

LEONARDO: O que o senhor acha, senhor Fulgêncio?

FULGÊNCIO: Eu acho que uma hora a mais, uma hora a menos...

FELIPE: Pois eu acho que temos que ir agora mesmo. *(Indignado)*.

LEONARDO: Vamos para não deixá-lo nervoso. *(Sai)*.

FULGÊNCIO: Você é bem obstinado, Felipe! *(Sai)*.

FELIPE: Eu sou um homem. Sei o que faço, sei o que digo. Por política, por obrigação, não me deixo passar para trás por ninguém neste mundo. *(Sai)*.

## CENA V

*Aposento na casa da Constância.  
Constância e Rosina.*

CONSTÂNCIA: Rosina, arrume-se, que vamos fazer algumas visitas.

ROSINA: E aonde nós temos que ir tão cedo assim? Acabamos de chegar.

CONSTÂNCIA: Quero ir à casa da senhorita Jacinta e à casa da senhorita Vitória.

ROSINA: Desculpe-me, senhora tia, uma vez que nós viemos de Livorno depois delas, elas é que têm que vir nos visitar antes.

CONSTÂNCIA: É justamente isso que eu não quero que aconteça. Se elas vierem aqui, como você quer que eu as receba? Você não está vendo que casa é esta? Não tem um aposento adequado, tudo velho, tudo antigo, tudo em desordem.

ROSINA: Para dizer a verdade, tem uma grande diferença entre esta casa vagabunda e a bela propriedade do campo.

CONSTÂNCIA: A diferença é que a propriedade do campo eu decorei ao meu gosto, e esta casa foi decorada segundo o gosto avacalhado do meu marido.

ROSINA: Ah, o meu tio não liga para isso. Ele está acostumado a lidar com pequenos comerciantes e não dá muita importância à elegância.

CONSTÂNCIA: Eu não suporto esse tipo de coisa; de agora em diante quero ficar no campo dez meses por ano. Pelo menos lá eu sou respeitada.

ROSINA: O senhor doutor não poderá mais fazer-lhe companhia.

CONSTÂNCIA: Na verdade eu sinto por ter perdido a amizade do doutor. Eu fiz este sacrifício por amor a você. Eu gosto muito de você, gostaria de vê-la casada, você não tinha dote e eu não podia lhe dar; e se esse rapaz não tivesse aparecido, eu receio que você teria esperado muito.

ROSINA: Eu me casei, é verdade; mas este meu casamento até agora tem me dado pouco consolo. Não tenho aliança, não tenho vestido de casamento, não tenho nada para mostrar; o que a senhora quer que as pessoas digam?

CONSTÂNCIA: Com o tempo você vai ter tudo isso. Por enquanto, não tem necessidade de dizer que você se casou. Tudo foi realizado em segredo, e ninguém deve saber. Quando o doutor for obrigado a dar a pensão para o filho, então todos vão ficar sabendo do casamento.

ROSINA: Isso se o Tónico não contar justamente a quem não vai ficar contente com tudo isso.

CONSTÂNCIA: Basta avisá-lo. Onde está o Tónico que não foi visto até agora?

ROSINA: Está por aí trocando de roupa.

CONSTÂNCIA: Trocando de roupa? E o que ele vai vestir?

ROSINA: Ele disse que já que está na cidade quer se vestir de forma elegante.

CONSTÂNCIA: E o que ele quer vestir, se ele não tem mais nada neste mundo além daquela velharia que ele vestia em Montenero?

ROSINA: Ele me disse que trouxe uma roupa do seu pai.

CONSTÂNCIA: O seu pai é um palmo mais alto do que ele.

ROSINA: Ah, o Tónico não é tão baixo assim.

CONSTÂNCIA: Será preciso que ele vá imediatamente a Pisa, e que comece a estudar.

ROSINA: Que vá imediatamente a Pisa?

CONSTÂNCIA: Você quer que ele perca tempo?

ROSINA: Não, mas tão rápido assim?

CONSTÂNCIA: Quanto tempo você acha que ele deveria esperar?

ROSINA: Pelo menos um mês.

CONSTÂNCIA: Basta; um pouco mais, um pouco menos.

ROSINA: Ali está ele, já está vestido.

## CENA VI

*Tonico, com uma roupa comprida demais para ele, com uma peruca comprida com três pontas e um chapéu com pluma à antiga; e em seguida, um servidor.*

TONICO: Aqui estou!. Estou bem assim?

CONSTÂNCIA: Ah, que figura! Eu não disse que ele ia parecer uma caricatura? *(Para Rosina)*.

ROSINA: Está um pouco comprido para ele, mas não está mal.

CONSTÂNCIA: Ei, vá trocar de roupa. Parece que você está usando um roupão.

TONICO: A senhora quer que eu saia por aí com agasalho de viagem?

CONSTÂNCIA: Você não tem a sua roupa de sempre?

TONICO: Não, senhora.

CONSTÂNCIA: O que você fez com ela?

TONICO: Eu dei para o servidor para que ele me ajudasse a pegar esta roupa do meu pai.

CONSTÂNCIA: Bela troca que você fez!

TONICO: É uma roupa bonita, toda cheia de detalhes. Está um pouco comprida, mas não tem problema. Ah, não está bem? Ah, o que você acha, Rosina? Ah!

ROSINA: Está precisando de um ajuste na cintura.

TONICO: A senhora faz este ajuste para mim, tia? *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: Cale a boca, desgraçado. Não me chame de tia; por enquanto não se deve contar que vocês se casaram. Não conte a ninguém, e tenha juízo, e não deixe ninguém descobrir.

TONICO: Ah, eu não conto.

ROSINA: E você tem que exercitar o seu cérebro.

TONICO: O que quer dizer exercitar o cérebro?

ROSINA: Tomar juízo, estudar, aprender bem a profissão de médico.

TONICO: Ah, quanto a estudar, eu vou estudar quanto a senhora quiser. Basta que a senhora não me deixe faltar a minha comida, que me leve para passear, e que me deixe jogar *bazzica*.

CONSTÂNCIA: Ai, pobre idiota!

TONICO: Que estória é essa de idiota?

CONSTÂNCIA: Se você não tiver cérebro...

TONICO: Eu não quero ser humilhado...

SERVIDOR: Senhora... *(Para Constância)*.

TONICO: Eu sou um homem casado, e não quero ser humilhado.

CONSTÂNCIA: Quietos.

ROSINA: Quietos.

SERVIDOR: O senhor Tônico é casado?

CONSTÂNCIA: Ele não sabe o que diz. E não te intrometas no que não te diz respeito. *(Para o servidor)*.

SERVIDOR: Perdão. A senhorita Jacinta está aqui perto, e está vindo para cumprimentá-la.

CONSTÂNCIA: (Pobre de mim!). A Jacinta! *(Para Rosina)*.

ROSINA: O que a senhora quer fazer? Vai ter que recebê-la. *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: Ela sabe que eu estou em casa? *(Para o servidor)*.

SERVIDOR: Deve saber. Mandou o seu servidor, e ele já está sabendo.

CONSTÂNCIA: (Paciência, vou ter que recebê-la). Dize que ela será bem-vinda... Ouve, diga-lhe que não repare, que eu cheguei agora do campo, e a casa está meio desarrumada. Ouve, vai até o bar para trazer um pouco de café. Ei, ouve; se o meu marido chegar, diz para ele que não apareça aqui do jeito que ele costuma ficar na loja: ou ele se veste bem, ou aceite ficar no seu quarto.

SERVIDOR: (Ah, quanta maldita prepotência!). *(Sai)*.

CONSTÂNCIA: E você, vá embora daqui. Não se deixe ver vestido como uma caricatura. *(Para Tônico)*.

TONICO: Está me mandando embora para que eu não beba o café; mas eu quero ficar.

CONSTÂNCIA: Vá embora, já disse, se você me fizer perder a paciência, eu o ponho para fora de casa como se fosse um delinquente.

TONICO: Eu sou um homem casado.

CONSTÂNCIA: Rosina, eu vou perder a paciência.

ROSINA: Vá, vá, querido, vá para lá, que eu lhe levo o café pessoalmente.

TONICO: Sou um homem casado, sou um homem casado... *(Sai)*.

## CENA VII

*Constância, Rosina; em seguida, Jacinta.*

CONSTÂNCIA: Escute, se ele continuar agindo assim, eu não posso suportá-lo de jeito nenhum. *(Para Rosina)*.

ROSINA: Tenha paciência com ele, é ainda muito jovem.

CONSTÂNCIA: Ah, sim, feche os olhos para o que ele apronta.

ROSINA: Mas, tia, sendo meu marido, eu tenho que fechar os olhos para os erros dele. Afinal, foi a senhora quem me comprometeu com ele, e eu aceitei para seguir o seu conselho.

CONSTÂNCIA: Olhe a Jacinta chegando. *(Tenho que aceitar, eu mereço até coisa pior)*.

ROSINA: Se ele é assim limitado, é perda de tempo criticá-lo.

JACINTA: Sua criada, Jacinta.

CONSTÂNCIA: Criada humilde.

ROSINA: Criada devota.

JACINTA: Minhas reverências, Rosina.

CONSTÂNCIA: A senhorita Jacinta quis se incomodar.

JACINTA: Imagine, eu só vim pagar a minha dívida.

CONSTÂNCIA: Eu sinto imensamente que a senhorita me encontre aqui com a casa tão desarrumada que me deixa até envergonhada.

JACINTA: Oh, mas está tudo muito bem. Não é preciso fazer cerimônia comigo.

CONSTÂNCIA: Faz pouco tempo que eu me transferi aqui, e em seguida viajei para o campo, e todas as coisas ainda estão fora do lugar. Por favor, fique à vontade. Não repare se a cadeira não é apropriada.

JACINTA: Pelo contrário, é perfeita. *(Tanta opulência no campo, e fica aqui neste chiqueiro)*.  
*(Consigno mesma)*.

ROSINA: *(A senhora viu só? Ela está toda chique)*. *(Para Constância)*.

CONSTÂNCIA: *(Bem, quanto a isso tudo bem, se ela veio me visitar, não deveria vir malvestida)*.

JACINTA: Que novidades trazem da minha tia?

ROSINA: Ah, a senhora Sabrina está muito aflita. Eu fui lhe fazer uma visita antes de partir, e ela me deu uma carta para o Ferdinando.

JACINTA: Ah, eu morro de curiosidade de saber o que ela lhe escreveu.

ROSINA: Eu acho que o Ferdinando não vai se importar em mostrá-la.

JACINTA: (Eu estou tentando me divertir de várias formas, mas estou com um espinho no coração que não me dá paz).

CONSTÂNCIA: Jacinta, como está o Leonardo?

JACINTA: Está bem.

ROSINA: E a Vitória?

JACINTA: Muito bem.

CONSTÂNCIA: E o Guilherme?

JACINTA: É verdade que o Tônico veio para Livorno com vocês?

CONSTÂNCIA: Sim, é verdade, veio para ficar alguns dias.

ROSINA: Porque deve passar por Pisa.

CONSTÂNCIA: Para estudar.

ROSINA: Para receber o título de doutor.

JACINTA: Ah, sim, veio para ir a Pisa, e as línguas maldosas diziam que ele tinha casado com Rosina.

ROSINA: As más línguas diziam isso?

JACINTA: Eu sempre disse que você não faria essa besteira.

ROSINA: Você acha mesmo que seria uma besteira?

CONSTÂNCIA: Mas conte-nos, o seu casamento vai ser realizado logo?

JACINTA: Ainda não sei. Depende do meu pai.

ROSINA: E o casamento da Vitória com o Guilherme?

JACINTA: Mas por que vocês também voltaram antes do tempo este ano?

CONSTÂNCIA: Não tinha mais ninguém no campo. O Leonardo e a Vitória estragaram todo o divertimento.

ROSINA: E quando a Vitória vai se casar? *(Para Jacinta)*.

JACINTA: Não sei, senhora, pergunte a ela.

ROSINA: Pelo que eu posso perceber, você também acha o casamento da Vitória uma besteira. *(Para Jacinta)*.

JACINTA: Com licença. Não vou mais incomodar. *(Levanta-se)*.

CONSTÂNCIA: Fique à vontade, espere que já vamos tomar o café.

JACINTA: Não, muito obrigada.

CONSTÂNCIA: Já ficou pronto. Faça-me essa gentileza.

JACINTA: Para não recusar a sua gentileza. *(Todos se sentam. O café é trazido)*. (Fazem de propósito para me atormentar).

CONSTÂNCIA: Sirva-se. *(Dá o café à Jacinta)*.

ROSINA: Com licença. *(Quer levar o café para o Tónico; ela o dá ao servidor, e volta logo).*

Visitas, minha tia, temos outras visitas.

CONSTÂNCIA: E quem é?

ROSINA: A Vitória, o Ferdinando e o Guilherme.

JACINTA: *(Oh, coitada de mim!).*

ROSINA: Tome cuidado, você derrubou o café.

JACINTA: *(Maldito seja quem me obrigou a ficar). (Limpa-se).*

ROSINA: Quer um pouco de água fresca?

JACINTA: Ah, não se incomode! *(Com despeito).*

ROSINA: Chegaram.

## CENA VIII

*Entram Vitória e Guilherme.*

VITÓRIA: Às suas ordens.

CONSTÂNCIA: Sua criada.

ROSINA: Criada.

GUILHERME: Seu criado.

VITÓRIA: Você também está aqui, Jacinta?

ROSINA: Para nos prestigiar com a sua visita.

JACINTA: *(Antes eu tivesse quebrado um osso da canela para não poder vir).*

CONSTÂNCIA: Fiquem à vontade. Eu já pedi desculpas à Jacinta; ainda não tive de decorar a casa; por favor, sentem-se onde acharem melhor.

GUILHERME: Desculpe-me, senhora Constância, se eu também vim incomodá-la. A Vitória me encontrou na rua, por acaso, e me obrigou a acompanhá-la.

JACINTA: *(Já entendi, esse pérfido! Já entendi).*

ROSINA: Pelo contrário, é um prazer; e eu devo essa gentileza à Vitória.

JACINTA: Vitória, o Ferdinando não estava com você?

VITÓRIA: Sim, ele almoçou na nossa casa. O Guilherme não gosta muito de me acompanhar, e eu, para não vir sozinha, aproveitei a companhia do Ferdinando.

JACINTA: E como ele lhe deixou sozinha com o Guilherme?

GUILHERME: Ele veio até a porta deste aposento.

VITÓRIA: Ela está falando comigo, e você quer responder? *(Para Guilherme)*. Mas, Jacinta, o que lhe importa se o Ferdinando veio ou não?

JACINTA: Importa-me porque estas senhoras têm uma carta da senhora Sabrina para ele.

ROSINA: Sim, é verdade. Aqui está; eu tenho que entregá-la em mãos.

CONSTÂNCIA: Eu também, estando aqui, vi o Ferdinando na sala, não tenho idéia de onde ele ficou.

ROSINA: Deve estar nesta casa, em outro aposento. Eu é que não vou procurá-lo.

CONSTÂNCIA: *(Não quero que ele zombe do que aquele tonto do Tónico disser)*.

GUILHERME: Então a senhora Sabrina escreveu uma carta para o Ferdinando?

ROSINA: Isso mesmo e entregou para mim.

GUILHERME: É justo que o Ferdinando responda.

ROSINA: Vai responder se tiver vontade.

GUILHERME: As boas maneiras dizem que quando se recebe uma carta deve-se responder. *(Olhando para Jacinta)*.

JACINTA: Precisa ver se a carta merece uma resposta.

GUILHERME: Qualquer carta obriga as pessoas educadas a responder; mas ainda se é uma carta sincera, escrita com sinceridade e com amor.

JACINTA: O amor não é sempre respeitoso, e a honestidade, às vezes, se confunde com o interesse.

VITÓRIA: Pelo que eu ouvi, o Ferdinando e a Jacinta estão bem informados sobre o conteúdo daquela carta.

GUILHERME: Todos sabem a respeito da paixão da senhora Sabrina.

JACINTA: E todos sabem que é uma paixão que não merece ser levada a sério.

VITÓRIA: Eu também gostaria de saber o que está escrito nessa carta. Olhem o Ferdinando aí.

## CENA IX

*Entram Ferdinando e Tónico; em seguida, o servidor.*

FERDINANDO: Venha aqui, meu tesouro, minha doçura, meu gentilíssimo Tónico.

VITÓRIA: *(Começou!)*.

CONSTÂNCIA: *(Eu não disse!)*.

ROSINA: *(Mas que impertinente esse Ferdinando!)*.

TONICO: Seu criado.

CONSTÂNCIA: Vá embora daqui. *(Para Tónico).*

FERDINANDO: Deixe-o estar, senhora, e respeite-o, que é um homem casado.

CONSTÂNCIA: Quem foi que lhe disse que é casado?

FERDINANDO: Ele mesmo disse.

CONSTÂNCIA: Não é absolutamente verdade. *(Para Ferdinando).*

FERDINANDO: Não é absolutamente verdade? *(Para Tónico).*

TONICO: Não é absolutamente verdade. *(Para Ferdinando, envergonhado).*

FERDINANDO: Ah, se não é verdade, eu fico contente, então. Se você não se casou com a Rosina, saiba que eu tenho a intenção de fazê-lo, e que você não vai tê-la, e eu é quem vou me casar com ela.

TONICO: Cuco cuco! *(Imita um cuco, zombando dele).*

FERDINANDO: Cuco cuco? O que significa esse cuco cuco?

TONICO: Mas será possível? Significa que a Rosina...

ROSINA: Cale a boca. Diga para o Ferdinando que ele que vá se casar com a senhora Sabrina. Olhe a carta que ela mandou para ele.

FERDINANDO: Uma carta da minha querida Sabrina?

ROSINA: Sim, senhor, ela me entregou hoje de manhã.

FERDINANDO: Ah, que amor a minha jóia! Vou ler a carta com o maior prazer do mundo.

VITÓRIA: Nós também queremos ouvir o que está escrito.

CONSTÂNCIA: Claro, nós também queremos.

GUILHERME: Lembre-se que se deve responder às cartas. *(Para Ferdinando).*

JACINTA: Quando merecem uma resposta. *(Para Ferdinando).*

FERDINANDO: Muito bem, já sei.

VITÓRIA: Leia em voz alta, assim todos ouvem.

FERDINANDO: Prometo que não deixarei de ler nem mesmo uma vírgula. *(Abre a carta).*

SERVIDOR: Senhora, o senhor Felipe, o senhor Leonardo e o senhor Fulgêncio estão aqui para uma visita. *(Para Constância).*

CONSTÂNCIA: Diga-lhes que são bem-vindos, que fiquem à vontade. Traga umas cadeiras para cá. *(Para o servidor).*

SERVIDOR: *(Se tivesse; mas não tem para todos).* *(Sai).*

VITÓRIA: Que pena essa interrupção. Eu queria tanto ouvir o que está escrito nessa carta. Dê para mim, você não vai ler sem nós. *(Tira a carta da mão do Ferdinando).*

CENA X

*Entram Felipe, Leonardo e Fulgêncio.*

FELIPE: Seu criado. *(Todos se levantam).*

TONICO: Bem-vindo, senhor Felipe.

FELIPE: Olha só a figura aí.

TONICO: Quer jogar *bazzica*?

FELIPE: Ei, não me aborreça. Jacinta, peça licença à anfitriã, eu preciso dar uma palavrinha com você.

CONSTÂNCIA: Fiquem à vontade.

LEONARDO: Desculpe-me, senhor Felipe. Nós viemos aqui para fazer uma visita para a senhora Constância. Não vai faltar tempo para o senhor falar com a Jacinta. *(Para Felipe).*

FELIPE: Mas quando eu tenho alguma coisa na cabeça, fico impaciente. A senhora Constância é boa, e vai compreender.

CONSTÂNCIA: Insisto, senhores, fiquem à vontade.

JACINTA: (O que será que o meu pai tem para me dizer? Estou morrendo de curiosidade).

FELIPE: Se a senhora nos der uma sala, eu vou dizer duas palavrinhas para a minha filha, e em seguida voltamos aqui para desfrutar da amável companhia da senhora Constância. *(Para Constância).*

JACINTA: Se a senhora nos fizesse este prazer... *(Para Constância).*

CONSTÂNCIA: Os senhores vão me desculpar, os aposentos ainda estão tumultuados. Se quiserem, podem se acomodar aqui na sala.

FELIPE: Sim, sim, está bom para nós; vamos, vamos. Com licença. (Ah, quando eu tenho algo para fazer tem que ser logo!). *(Sai).*

JACINTA: Com licença. Já volto. (Eu estou com o coração a mil). *(Sai).*

FULGÊNCIO: (Ah, o que você acha?). *(Para Leonardo).*

LEONARDO: (Não sei não). *(Para Fulgêncio).* (Ah, o Guilherme vai ser a minha ruína). *(Sai).*

FULGÊNCIO: (Se fosse a minha filha e não fizesse como eu digo, poderia até morrer). *(Sai).*

TONICO: (Eu quero ir até a cozinha para ouvir o que estão dizendo).

CENA XI

*Vitória, Guilherme, Constância, Rosina e Ferdinando.*

GUILHERME: (Eu acho que daqui a pouco eu vou ouvir a minha sentença. Mas quem sabe se não vai ser a meu favor?).

FERDINANDO: Vai saber agora quanto tempo eles vão ficar nessa conversação; e eu que estou morrendo de vontade de ler aquela carta.

VITÓRIA: Tudo bem, se quiser ler, leia. Nós ouvimos agora, e não vai faltar tempo de lê-la para a Jacinta.

CONSTÂNCIA: Para dizer a verdade, eu também estou louca para ouvir.

ROSINA: Coitada dela! Quando me deu a carta, estava chorando.

FERDINANDO: Puxa vida! Isso está parecendo árabe.

VITÓRIA: Guilherme, está dormindo?

GUILHERME: Não, não estou.

VITÓRIA: (Eu não sei como vai ser com este homem. Ele é uma calma só, e um sou um fogo).

FERDINANDO: Agora eu comecei a entender alguma coisa.

VITÓRIA: Leia tudo e não dê o golpe de deixar nenhum belo sentimento de fora.

FERDINANDO: Com a maior honra do mundo. Ouçam: *Cruel!* (todos riem com moderação). *Você feriu o meu coração; você foi o primeiro que teve a glória de me ver chorando por amor. Se você soubesse, se eu pudesse lhe dizer tudo, talvez eu iria fazê-lo chorar de compaixão. Ah! a modéstia não me permite dizê-lo com antecedência. Desde que você partiu, não comi, não bebi, não pude dormir. Coitada de mim! Eu me olhei no espelho, e quase não me reconheço mais. As minhas bochechas estão perdendo a cor, e o choro demorado enfraquece a minha vista, que vejo a folha na qual estou escrevendo com dificuldade. Ah! Ferdinando, você é meu coração, minha esperança, minha beleza.* (Todos riem). Por acaso vocês estão rindo porque ele me chamou de beleza?

VITÓRIA: A coitada enxerga mal.

ROSINA: Está com os olhos embaçados.

CONSTÂNCIA: Deve estar com os olhos lacrimejantes.

FERDINANDO: Ah, é? Ela conhece o meu mérito, e isto basta.

VITÓRIA: Vamos ouvir a conclusão da carta.

FERDINANDO: Vocês mereceriam que eu não lesse mais.

VITÓRIA: Deixe de bobagem, nós queremos ouvir o resto.

FERDINANDO: Onde eu estava? Onde eu parei?

VITÓRIA: Você está dormindo, Guilherme?

GUILHERME: Não.

FERDINANDO: Ah, achei. *Minha esperança, minha beleza, venha me consolar por piedade. Ah, sim, venha! Se você me ama, não serei ingrata; e se não for suficiente o coração que eu lhe dei, venha, meu querido, que eu lhe mostro e prometo...* Que diabos! O que ela escreveu aqui não dá para entender; está claro que a mão dela estava tremendo quando ela escreveu a carta. Agora, agora sim eu estou começando a entender. *Venha, meu querido, que eu lhe mostro e lhe prometo uma doação, a doação, uma grande doação, prometo-lhe a doação (outra vez), eu lhe prometo a doação de tudo o que eu tenho!*

*Sua fiel, apaixonada, e futura esposa*

*Sabina Borgna*

VITÓRIA: Muito bem!

CONSTÂNCIA: Meus parabéns.

ROSINA: Viva as belezas do Ferdinando.

VITÓRIA: Então, o que você resolveu fazer?

FERDINANDO: Uma heróica resolução. Vou tomar imediatamente a carruagem, e vou correndo consolar, socorrer a minha adorada Sabrina. Humilde criado dos senhores. *(Sai)*.

VITÓRIA: Ele vai consolar a doação.

CONSTÂNCIA: Pobre velha louca!

VITÓRIA: Está dormindo, Guilherme?

GUILHERME: Não.

VITÓRIA: Você não ri dessas coisas?

GUILHERME: Eu não estou com vontade de rir.

VITÓRIA: *(Ah, que antipático!)*.

ROSINA: Ah, voltaram: a reunião terminou.

GUILHERME: *(Estou ansioso para saber as novidades)*. *(Levanta-se)*.

VITÓRIA: Parece até que agora você acordou. *(Para Guilherme)*.

GUILHERME: Pois acredite em mim, eu não estava dormindo. *(Todos se levantam)*.

CENA XII

*Entram Jacinta, Felipe, Fulgêncio e Leonardo.*

FELIPE: Aqui estamos, desculpe-nos, senhora Constância.

CONSTÂNCIA: Bem-vindo, senhor Felipe.

VITÓRIA: Quais são as novidades, meu irmão? *(Com afetação)*.

LEONARDO: Ótimas, minha irmã; amanhã bem cedo parto para Gênova.

VITÓRIA: Para Gênova?

LEONARDO: Isso mesmo.

VITÓRIA: Sozinho ou acompanhado?

LEONARDO: Acompanhado.

VITÓRIA: Com quem, se é que eu posso perguntar...

LEONARDO: Com a Jacinta.

VITÓRIA: Imagino que antes de partir vocês vão se casar.

LEONARDO: Sem dúvida nenhuma.

VITÓRIA: E quanto a nós, Guilherme?

GUILHERME: A Jacinta vai para Gênova?

JACINTA: Sim, eu vou para Gênova; graças aos céus, ao meu pai, e ao amabilíssimo senhor Fulgêncio. Vocês devem estar surpresos que eu vá para Gênova, todos vocês estão se perguntando como, de um momento para o outro, eu tenha me deixado convencer por uma resolução assim radical. Confesso que me afastar da minha pátria, que abandonar a pessoa que eu amo mais do que eu mesma... estou falando do senhor, meu pai, meu pai que é tão carinhoso. Ah, abandonando um objeto assim tão querido, o meu coração se destaca do meu corpo, e é um milagre que eu não me deixe levar. Mas a minha situação me pede, a minha virtude assim o solicita, a honra aconselha-me a isso. Quem está me escutando, está me entendendo. Você, meu noivo, está me entendendo; você, que nas contingências nas quais nos encontramos, não poderia desejar um destino melhor. Partirei de uma pátria, que para mim é funesta, esquecerei os meus delírios, as minhas angústias, as minhas fraquezas... Sim, vou esquecer, faço questão de dizer, a ambição, a vaidade, o fanatismo das minhas ostensivas vilegiaturas. Se eu tivesse seguido a estrada que incautamente desenhei, sabe-se lá em que precipício eu teria caído? Pregando aos céus, é necessário mudar de comportamento. Aqui está o meu noivo, eis aquele que me foi destinado pelos deuses, e que meu pai me concedeu. Eu farei o meu dever, e que os outros façam os seus. Leonardo, amanhã temos que partir;

você tem que organizar os seus negócios. A mim também não faltarão compromissos, impedimentos. Sem perder muito tempo no que pode ser feito agora, na presença do meu pai, da anfitriã desta casa, de todos esses senhores, lhe dou a minha mão, e lhe peço a sua.

FELIPE: Então, o que o senhor acha? Ela vai me fazer chorar de emoção. *(Para Fulgêncio)*.

LEONARDO: Sim, minha adorada Jacinta, se seu pai consentir...

FELIPE: Felicíssimo, felicíssimo.

LEONARDO: Tem aqui a minha mão acompanhada do meu coração.

JACINTA: Sim, eu também... *(Ai di mim! A minha vista está ficando escura, não consigo mais ficar em pé)*.

LEONARDO: Oh, céus! Ficou pálida? Está tremendo? Oh, isso é uma sinal de pouco amor. Ah, se está se unindo a mim forçada...

JACINTA: Não, não estou me casando com você a força. Ninguém poderia usar de violência comigo, quando eu não estivesse, por mim mesma, persuadida. Desculpe a fraqueza do meu sexo, se não lhe parece que a modéstia seja digna de elogio. Não se pode passar da condição de solteira à de casada sem agitação, sem uma emoção interior de argúcia e de pensamentos. Afastar de repente um amor do peito para introduzir um novo, deixar o pai para seguir o marido, não pode deixar de agitar um coração mole, um coração sensível e enfraquecido. A razão me sacode. A minha virtude vem ao meu socorro, pegue a minha mão: sou sua noiva. *(Dá a sua mão para Leonardo)*.

LEONARDO: Claro, querida, eu sou seu, e você é minha. *(Dá a mão para Jacinta)*.

## ÚLTIMA CENA

*Entra Tónico.*

TONICO: Casamento, casamento, viva: o casamento foi realizado. *(Pulando)*.

CONSTÂNCIA: Bobo!

ROSINA: Vá lá! Sempre implicando com ele. *(Para Constância)*.

LEONARDO: Guilherme, antes de partir, gostaria de estabelecer melhor o seu compromisso com a minha irmã.

VITÓRIA: Eu espero que esse documento seja redigido hoje à noite.

JACINTA: Para que servem os documentos? Para que servem os contratos? Somente para ofuscar os ânimos e para inquietar. Se eu tivesse casado com o Leonardo no mesmo dia em que eu me comprometi com o documento, vários problemas que surgiram não teriam

acontecido. A Vitória tem o dote em depósito; que o Guilherme não se esqueça dos seus deveres, dê a sua mão a ela, e case-se.

VITÓRIA: Está dormindo, Guilherme?

GUILHERME: Não estou, não, não estou. Estou bem acordado para entender o que os outros disseram, e para saber dos meus deveres. Sou um homem honrado; se não fosse assim, não teria dado a minha palavra. Jacinta merece todo o louvor, merecem louvor os seus conselhos; eu sempre admirei as suas virtudes, e como última prova da minha estima, aqui estou, Vitória, pronto para oferecer-lhe a minha mão.

VITÓRIA: Pela estima que nutre por ela, não pelo amor que sente por mim?

JACINTA: A Vitória tem razão, e surpreende-me que você seja tão pouco disponível...

GUILHERME: Não se altere, por favor; eu sou mais razoável do que você pensa. Vitória, saiba que eu reconheço perfeitamente o seu mérito, serei um marido fiel, um respeitoso cônjuge.

VITÓRIA: Tudo, mas não um marido apaixonado.

LEONARDO: Vamos parar com essas afetações. Ou você lhe oferece a sua mão, ou lhe mando para um convento.

VITÓRIA: O meu irmão me faz rir. Guilherme, não à força como parece que você está fazendo, mas do fundo do meu coração, dou-lhe a minha mão.

GUILHERME: E eu vou aceitá-la como minha esposa.

VITÓRIA: Tenha pelo menos compaixão de mim. *(Para Guilherme, com ternura)*.

GUILHERME: *(Eu mereço mais compaixão do que ela)*.

TONICO: Casamento, casamento e mais casamento. *(Pulando)*.

FELIPE: Sim, casamento, casamento. E quando será o seu casamento? *(Para Tónico)*.

TONICO: Já foi, já realizamos o nosso casamento. É isso mesmo, quero contar para todos, eu me casei.

CONSTÂNCIA: Bobo, imprudente, sem juízo. *(Para Tónico)*.

ROSINA: Ele tem razão, não dá para esconder, todo mundo tem que saber, e eu fico feliz por ele ter dito.

JACINTA: Eu entendo a senhora Constância, se ela queria manter em segredo um casamento que pode ser criticado; e queiram os céus que esses dois cônjuges não se lamentem nem mesmo um dia, da comodidade que a vilegiatura em liberdade lhes proporcionou. Não tenho mais nada a dizer; eu é que sei o prazer que eu senti, e quanto eu aprecio o divertimento. Graças aos céus eu me casei; parto para Gênova, e parto disposta a não pensar em nada além das minhas obrigações. Eu desejo à minha cunhada a paz e a tranquilidade que eu aspiro para

mim mesma. Suplico ao meu querido pai que me ame sempre, mesmo estando distante; e se a minha audácia não for excessiva, pediria a ele que controlasse melhor os seus negócios, viajasse com juízo e gastasse com cuidado. Agradeço ao senhor Fulgêncio o bem que eu reconheço resultante da sua obra; e lhe asseguro, senhor, que nunca vou me esquecer do que fez em toda a minha vida. Faço a minha obrigação com a dona da casa; e desejo tudo de bom para a sua sobrinha. Minhas reverências para o Guilherme. (*Patética*). Vou para Gênova com o meu querido marido. (*Decidida*). Antes de ir embora, permitam-me dizer com respeito àqueles que estão me escutando e me honrando. Os senhores viram a *Fixação* pela vilegiatura. Desfrutaram as *Aventuras* dos viajantes, aceitem o *Retorno* do campo; e se tiverem motivo para rir do comportamento errado dos outros, consolem-se consigo mesmos da sua prudência, da sua moderação, e se não estiverem insatisfeitos conosco, dêem-nos uma gentil manifestação de sua satisfação.

FIM DA COMÉDIA

## BIBLIOGRAFIA

### Do autor:

GOLDONI, Carlo. *Arlequim, servidor de dois amos* (Trad. Elvira Rina Malerbi Ricci). São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. *Mirandolina*. São Paulo, Ediouro, 1991.

\_\_\_\_\_. *I capolavori* (3 volumes). Roma: Newton, 1993.

\_\_\_\_\_. *I rusteghi. Sior Todero brontolon*. Milão: Mondadori, 1993.

\_\_\_\_\_. *La trilogia della villeggiatura*. Milão: Mursia, 1997.

\_\_\_\_\_. *La trilogia della villeggiatura*. Milão: Rizzoli, 2000.

\_\_\_\_\_. *Memorie*. Turim: Einaudi, 1993.

\_\_\_\_\_. *Storia del mio teatro*. Milão: Rizzoli, 1993.

### Sobre o autor:

BERTANI, Odoardo. *Goldoni, una drammaturgia della vita*. Milão: Garzanti, 1993.

BOSISIO, P. *Carlo Gozzi e Goldoni. Una polemica letteraria con versi inediti e rari*. Florença: Olschki, 1979.

FERRONE, S. *Carlo Goldoni. Vita, opere, critica, messinscena*. Florença: Sansoni, 1992.

FIDO, Franco. *Da Venezia all'Europa. Prospettive sull'ultimo Goldoni*. Roma: Bulzoni, 1984.

\_\_\_\_\_. *Guida a Goldoni. Teatro e società nel Settecento*. Turim: Einaudi, 1977.

FOLENA, G. *L'italiano in Europa. Esperienze linguistiche del Settecento*. Turim: Einaudi, 1993.

GERON, G. *Carlo Goldoni cronista mondano*. Veneza: Filippi, 1972.

MESSINA, Nuccio (Org.). *Carlo Goldoni: vita, opera, attualità*. Roma: Viviani, 1993.

MOMIGLIANO, A. *Primi studi goldoniani*. Napoli: Perrella, 1922.

ORTOLANI, G. *Della vita e dell'arte di Carlo Goldoni*. Venezia: Istituto Veneto di Arti Grafiche, 1907.

PETRINI, Mario. *Le commedie popolari del Goldoni*. Padova: Liviana, 1976.

TURCHI, R. *La commedia italiana del Settecento*. Firenze: Sansoni, 1985.

TESSARI, R e RAGNI, S. *Da Goldoni a Ronconi*. Roma: Laterza, 1987.

TORRESANI, Sergio. *Invito alla lettura di Carlo Goldoni*. Milão: Mursia, 1994.

#### **Sobre Veneza:**

DANDOLO, G. *La caduta della Repubblica di Venezia e i suoi ultimi cinquant'anni*. Venezia, 1885.

RENDINA, C. *I dogi. Storia e segreti*. Roma: Newton, 1993.

VAUSSARD, M. *La vita quotidiana in Italia nel Settecento* (Trad. Maura Pizzorno). Milão: Fabbri, 1998.

#### **Sobre teatro:**

ARÊAS, V. *Iniciação à comédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BERRETTINI, C. *Duas farsas, o embrião do teatro de Molière*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CANDIDO, A. et alii. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

FO, D. *Manuale minimo dell'attore*. Turim: Einaudi, 1987.

GASSNER, J. *Mestres do Teatro I*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GUINSBURG, J. (Org.). *Pirandello: Do teatro no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MANGINI, C. *I teatri di Veneza*. Milão: Mursia, 1974.

PALLOTTINI, R. *Dramaturgia. A construção do personagem*. São Paulo: Ática, 1989.

SOURIAU, E. *As duzentas mil situações dramáticas*. São Paulo: Ática, 1993.

TESSARI, Roberto. *Teatro e spettacolo nel Settecento*. Bari: Laterza, 1995.